

apenas
por um
momento

AUTUMN DOUGHTON

cherish
BOOKS



apenas
por um
momento

AUTUMN DOUGHTON

Copyright 2013 © Autumm Doughton
Copyright 2020 © Cherish Books

Doughton, A.

Em seu momento (In this moment) / Cherish Books; Rio de Janeiro; 2020.

Edição Digital

1. Romance Contemporâneo 2. Literatura Estrangeiro 3. Ficção 4. Drama

Em seu momento © Copyright 2020 – Cherish Books

Texto revisado segundo novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

Tradução: Luciane Rangel

Preparação de Texto: Bianca Carvalho

Revisão: Elimar Souza

Capa: Gisele Souza

Diagramação: A.J. Ventura

*Para a minha família.
Porque, sejamos sinceros, tem vocês
e depois tem todo mundo.*

*Vocês são todos uns loucos. Real e verdadeiramente.
Mas são o meu tipo favorito de loucos, e eu gosto muito de vocês.*

SUMÁRIO

[Capa](#)

[Prólogo](#)

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16](#)

[Capítulo 17](#)

[Capítulo 18](#)

[Capítulo 19](#)

[Capítulo 20](#)

[Capítulo 21](#)

[Capítulo 22](#)

[Capítulo 23](#)

[Epílogo](#)



Prólogo

— Não pense, apenas faça.

O vento cortou o ar, fazendo cair a alça fina da minha blusa e chicoteando meus cabelos ao redor do meu rosto. Eu os juntei na nuca, em um coque bagunçado, e olhei para baixo. Seria uma longa queda.

— Vai ser rápido — ela me assegurou, segurando meu pulso e me puxando para mais perto da borda. Soltei o corrimão e me inclinei para a frente. As ondas azuis que se lançavam contra os postes de cimento do píer provocavam um estranho desconforto dentro do meu estômago.

Imaginei a água sugando meus pés em um movimento rápido, chocando-se contra as minhas narinas e fechando-se sobre a minha cabeça, e isso me fez estremecer.

— Você pode ir se quiser, mas não sei se eu... — Minha voz sumiu no ar da noite, como um esboço de fumaça fina.

Seu olhar estava nivelado ao meu, atraindo-me tão facilmente quanto uma mariposa para a luz. Eu já sabia quais palavras ela usaria, antes que saíssem de sua boca.

- Eu vou se você for.

Eu gemi e revirei os olhos em sinal de protesto.

- Isso não é justo.

Ela riu triunfantemente e me puxou para tão perto que eu podia sentir o calor de seu corpo e o ronco da respiração entrando e saindo de seu peito.

- *Faz parte das regras de qualquer boa amizade.*

— Ou chantagem.

Ela me ignorou e começou a contar os números lentamente.

- *Um, dois, três...*

Foi como se um par de asas surgisse atrás das minhas costelas, porque eu simplesmente apertei sua mão e pulei no vazio.



Aimee

Eu tinha esquecido como era. Aquele primeiro momento – aquele que me rasga como se eu não fosse nada além de um frágil pedaço de plástico seco e frágil, e derrama minhas tripas por todo o chão.

Eu tinha esquecido o jeito que me bate forte, o impacto vibrando contra o meu crânio, fazendo-me ranger meus dentes. Em um segundo eu estou respirando oxigênio e, no outro, minha traqueia se fecha e eu sou jogada para dentro do meu próprio corpo – ofegando e sufocando com a minha língua inchada enquanto afundo abaixo da superfície de seu reflexo.

Não deveria parecer tão estranho ouvir as nuances quentes de sua voz dentro da minha cabeça, ou ver o tom marrom dourado de seus olhos, ou pensar sobre o som de sua risada e a sensação sedosa de nossos pés se enredando enquanto dávamos pequenos chutes dentro da água, mas é.

Apenas por um momento, eu não consigo traduzir o que está acontecendo, e então eu entendo.

Eu esqueci como lembrar.

Engulo de volta a bílis que sobe pela minha garganta, aperto meus dedos contra minhas palmas suadas e me concentro em cada batida do meu coração. Um. Dois. Três. Estou enjoada, mas recuso-me a ter um ataque de pânico ou vomitar em meus sapatos. *Aqui não. Hoje não.*

Estou bem. Estou bem.

As palavras percorrem por todo o meu corpo, instalando-se no meu peito e sendo costuradas em minhas costelas.

Um. Dois. Três.

Estou bem.

Eu só preciso me orientar e afastar essa névoa. Apertando os olhos sob o brilho dourado do sol, saio da calçada e espero que, com a bagunça de estudantes passando, meu rosto pálido e em pânico permaneça invisível.

Meu pé direito tropeça em algo sólido e eu caio para trás, sacudo meus braços estendidos, em uma tentativa de me equilibrar, uma enxurrada de cabelos escuros grudam em meu brilho labial e...

O tsunami ao meu redor parece parar de repente quando algo se fecha em minha cintura e interrompe a minha queda.

— Ah — eu bufei. — Eu, eu...

Duas mãos de dedos largos estão espalmadas em minha barriga e há algo pressionando nas minhas costas. Ah, mas que perfeito. É um joelho.

— Você está bem? — uma voz profunda zumbe no meu ouvido.

Autoconsciente, relaxo meus dedos e ousa voltar os olhos para a minha esquerda. Estranhos olhos verdes profundos – como folhas submersas na água – estão piscando para mim. Com um sobressalto, percebo que aqueles olhos verdes estão presos a um rosto – um rosto absurdamente atraente.

Oh, meu Deus.

Olho para baixo rapidamente para confirmar o que eu já sei. Sim. Eu estou frouxamente esparramada nos braços desse cara, como uma espécie de donzela em perigo de um livro de histórias.

— Oi — ele diz, enquanto um sorriso lento e petulante se forma em seus lábios carnudos.

Horrorizada pela maneira como meu coração dispara em espasmos, afasto-me em um pulo – atrapalhando-me com a minha bolsa caída enquanto tento lidar com meus próprios pés.

— Uau. Eu sinto muito. Obrigada, eu-uhh...

— Vai demorar muito? — a pergunta ácida interrompe meu pedido de desculpas.

Com metade do corpo nos braços do cara e a outra metade na grama, estico o pescoço e vejo que quem falou foi uma linda garota que está sentada no chão com um caderno aberto no colo e o almoço estendido à sua frente. Noto, com desânimo, que alguns alunos pararam na calçada e estão

observando toda a cena com uma curiosidade descarada.

Ótimo. No meu esforço para permanecer invisível, eu me tornei a pessoa mais visível do campus, tropeçando nesse cara gato e literalmente caindo do salto (ou das sandálias), interrompendo o piquenique romântico dele. Um ponto para a Aimee.

Abro minha boca para pedir desculpas, mas meu herói fala primeiro:

— Onde está a educação, Kate?

Voltando-se para mim, o rosto do rapaz se transfigura em uma máscara de preocupação. Tenho que tentar conter o arrepio que atravessa a minha espinha enquanto seus olhos deslizam pelo meu corpo.

— Tem certeza de que você está bem? Você realmente virou o tornozelo quando caiu. Deixe-me ver.

Seus dedos roçam a pele da minha panturrilha e é como se as engrenagens em minha cabeça tomassem vida de uma só vez. Recupero o equilíbrio e murmuro:

— Eu estou bem, mas obrigada.

Viro-me de costas para ele, para que não possa ver para o rubor que vai da minha orelha direita até a o meu pescoço, limpo minhas mãos suadas no meu short e puxo meu longo cabelo por cima do meu ombro.

Ele sorri.

— Foi um prazer te pegar. Meus serviços estão sempre disponíveis para garotas bonitas como você.

Pisco duas vezes. Esse cara está realmente flertando comigo depois de eu ter caído em cima dele? E ele acabou de me chamar de *bonita*? Na frente da namorada? Será que é algum tipo de piada ou ele é mesmo tão arrogante?

Olho para o lado e vejo que ele está de pé agora, a cabeça inclinada para um lado, como se estivesse considerando alguma coisa. Ele é alto – definitivamente mais de um metro e oitenta e dois –, com um corpo que traz um rubor imediato às minhas bochechas. É o tipo de corpo que você normalmente vê na TV – pernas longas complementando com um torso largo, esculpido e braços bronzeados que testam a elasticidade das mangas das camisetas. E esse rosto. Deus, é um mosaico de planos angulares: sobrancelhas retas que caem para olhos intensamente verdes, um nariz estreito e um maxilar esculpido. Seu cabelo parece ser extremamente macio – tem um tom dourado como o sol, é desgrenhado e parece implorar para ser tocado.

Bonito não é a palavra certa para descrevê-lo. Parece muito branda e

comum, e esse cara é tudo menos comum.

Como se estivesse lendo meus pensamentos, ele troca o pé de apoio, e seu sorriso se alarga. É perfeito! As covinhas, os dentes... tudo. Ele mexe o braço para segurar a parte de trás do pescoço e, no processo, expõe um pedaço de seu abdômen nu. Uau. Eu tenho o súbito desejo de passar minhas mãos por seus ombros largos e poderosos, até seu cabelo e... *Senhor, eu preciso me controlar!*

Ainda sentada na grama, sua namorada – Kate, acho que foi assim que ele a chamou – está me encarando com clara hostilidade, e eu não posso dizer que a culpo. Tenho certeza de que outras garotas tentam roubar seu namorado o tempo todo. Justificadamente, a malícia deve ser sua resposta condicionada a toda e qualquer ameaça.

— Eu... uh, eu... — O que há de errado comigo? É como se todo o meu vocabulário tivesse sido completamente apagado do meu cérebro.

— Uma vez eu ouvi alguém dizer que um simples olá poderia levar a um milhão de coisas maravilhosas — diz ele, o ângulo do queixo se aprofundando. Seu lindo sorriso torna-se desigual e fica claro que esse cara está gostando muito do meu embaraço. — Qual é o seu nome? Acho que mereço saber.

Sério? Chamas lambem minhas bochechas e fazem cócegas nas minhas orelhas. Eu respiro e tento novamente:

— Obrigada pela ajuda, mas eu não acho que sou obrigada a te dizer o meu nome.

Ele ri.

— Você não vai me dizer seu nome?

— Algum problema nisso?

— Não. Não é um problema, só uma pena. — Ele franze a testa em falso desapontamento. Seu dedo indicador se movimenta entre nossos corpos. — Eu realmente gostei disso.

Desculpe? Quem diabos esse cara pensa que é? A namorada dele está pronta para cortar a minha garganta! Mesmo se eu estivesse interessada, não tenho vontade alguma de morrer.

Estou tentada a dizer tudo isso e colocá-lo em seu lugar. Na verdade, vou fazer isso. Que se dane a educação. Passo minha língua sobre meus dentes, abro minha boca e:

— Aimee?

Eu automaticamente me viro na direção de onde veio o som do meu

nome e vejo minha irmã em pé, a cerca de três metros de distância. Ela está sob a aba de um telhado, com a boca entreaberta e os olhos arregalados.

O cara começa a dizer algo mais para mim, mas paro de ouvir. Esquivando-me de alguns alunos, meu olhar se concentra no polegar de Mara, que está precariamente posicionado na tela do celular. Eu realmente não preciso que ela ligue para a nossa mãe agora.

— Não ligue para a mamãe — digo quando a alcanço.

— Mas... — Ela olha por cima do meu ombro e depois volta sua atenção para o meu rosto.

Ajeito a alça da minha bolsa e puxo a parte de baixo da minha camisa azul.

— Por favor — digo desesperadamente. — Não foi nada, ok?

Enfiando o celular no bolso de seu short de linho, Mara lança um olhar sombrio para mim, por cima do ombro, e começa a andar. Mantenho o ritmo ao lado dela.

Ela sacode a cabeça.

— Que. Diabos. Foi. Aquilo?

Deixei o ar assobiar através dos meus dentes.

— Eu sei...

A cabeça de Mara se projeta para frente, seus olhos azuis se mostram determinados enquanto continuamos a caminhar em direção à União dos Estudantes.

— Aimee, eu deixo você por exatamente trinta segundos para levar algo ao escritório do Tesoureiro, e você se joga...

— Eu tropecei!

— Ok, *tropeçou* no colo dele. De todos os milhares de alunos que poderia encontrar hoje, você encontra Cole Everly — diz ela, revirando os olhos. — Eu juro, você é um imã para desastres.

— Cole Everly?

— Sim. Cole Everly. Você sabe, o espécime perfeito de masculinidade que você acabou de atropelar.

Cole. Instintivamente, viro-me e olho para trás, mas o lugar onde caí já está deserto. Cole Everly – ou quem quer que seja – parece ter empacotado sua namorada e seguido em frente, depois de nosso esbarrão.

— Mara, isso não foi nada, de verdade. Eu acabei de perder o equilíbrio, e ele por acaso estava lá.

— Perdeu o seu equilíbrio? Aimee, eu assisti a coisa toda. Você

parecia ter visto um *poltergeist* e praticamente pulou no colo dele!

As imagens se repetem na minha cabeça e eu me encolho.

— Eu-eu...

— O que aconteceu?

Suspirando pesadamente, movo minha mão até a minha testa para limpar as minúsculas gotas de suor com meus dedos.

— Deus, está quente hoje, não está?

Mara revira os olhos novamente. Ela sabe que estou desviando do assunto.

— O que você esperava? Estamos na Flórida e é agosto. Pare de evitar minha pergunta. O que aconteceu?

— Mara... — eu digo devagar.

Minha irmã para de andar e vira a cabeça para procurar o que quer que tenha me desencorajado. Seu olhar finalmente se fixa em uma figura atarracada conversando casualmente com uma garota. Ele veste uma camiseta cinza com letras vermelhas de fraternidade e um boné de beisebol para trás que esconde seu cabelo escuro.

— Aquele é Caleb Oster, não é?

Minha respiração é frágil e trêmula. Sinto um pouco do pânico de antes deslocar-se pela minha espinha.

— Sim — eu respondo.

— Hummmm. — Mara ergue as sobrancelhas e dá um pequeno passo em minha direção. — Ele saiu com ela, não foi?

Engulo em seco.

— Tipo isso. Ele a levou para o baile de formatura. Ele queria que fosse mais do que isso, mas você sabe como ela age com os caras. Ela o decepcionou e acho que ele nunca mais falou com a gente depois do ocorrido.

— Faz sentido. Vocês duas eram unha e carne. — Mara protege os olhos contra o sol e encolhe os ombros com desdém. — Bem, Aimee, você sabia, quando se matriculou aqui, que acabaria vendo rostos familiares. Estamos a menos de trinta minutos de casa, por isso haverá pessoas que te conhecem. Pessoas que conheciam *ela*.

Meu rosto está quente. Esta não é uma discussão que tenho vontade de ter agora.

— Olha, esta foi a primeira vez, então me pegou de surpresa, ok? E, por favor, não diga nada à mamãe, porque você sabe que ela faz um grande alarde com cada uma das coisas que faço. Deus, ela considera um evento toda vez

que soluço ou espirro. Não consigo imaginar o que pensaria se descobrisse que andei pulando nas pessoas antes mesmo de começar as aulas.

Mara estremece com minha lamentável tentativa de piada e me pega pelo cotovelo.

— Vamos lá, devagar. Eu não direi nada a ela se você prometer não cair em mais ninguém.

— Justo.

— De qualquer forma — Mara enrugando a testa e aproximando a boca do meu ouvido —, eu acho que Caleb perdeu seu pequeno show. Ele parece preocupado demais com aquela garota para notar você.

Eu zombo porque Mara está certa. Caleb nem sequer olha para cima quando passamos por ele em direção à enorme União dos Estudantes.

O prédio tem cinco andares, cercado por uma fileira de palmeiras jovens e murto de crepe. Pilares de concreto sem corte reforçam os cantos e mergulham para formar uma parede baixa que circunda a calçada da frente. Além dos pilares, o exterior é composto principalmente por painéis de vidro espelhado azul-acinzentado que me lembram a água calma em um dia sem sol.

Mara lança um sorriso encorajador ao abrir uma das portas duplas, liberando uma rajada fria de ar-condicionado e o som abrasivo de estudantes se recuperando depois das férias de verão.

Ela me conduz através de um imponente átrio com teto de vidro, passando por uma grande livraria no campus e por uma série de *food trucks*. Contra a parede mais distante, avisto uma pequena cafeteria seccionada com mesas estreitas e confortáveis cadeiras de pelúcia.

— Minhas melhores amigas, Lindsey e Jenn — Mara sussurra em meu ouvido enquanto aponta duas garotas loiras sentadas em uma extremidade de uma mesa retangular. — Não aja...

Ela não termina a frase, mas não precisa. Eu já sei o que estava prestes a dizer. *Não aja como uma estranha, Aimee.*

Eu poderia ficar ofendida, mas considerando o que acabou de acontecer lá fora, não acho que isso seja inteiramente justo. É o primeiro ano de Mara, e sei que ela trabalhou duro para entrar na faculdade. Posso ficar de fora, mas minha irmã é o tipo de garota que participa das coisas. Ela está em uma irmandade. Vai a festas, assa biscoitos de aveia e se junta a clubes. Mara Spencer é uma garota com uma vida social e uma imagem. A última coisa que ela precisa é que eu, sua infeliz irmãzinha, estrague tudo para ela com

minha capacidade especial para o drama emocional.

Retornando seu olhar, puxo meu longo cabelo por sobre o meu ombro direito e murmuro baixinho:

— Eu vou ficar bem.

Mara pisca, e sua expressão se fecha.

— Lembre-se de que este é o primeiro dia de um novo começo. Foi o que você disse para mamãe e papai que seria. Foi o que você prometeu.

As palavras se assentam ao meu redor. Eu posso sentir o peso do significado delas.

Você prometeu.

Acho que realmente chamei de "novo começo". Não tenho certeza se foi sincero, mas depois de mais de um ano sem entender quem eu tinha me tornado ou o que eu esperava deles, sabia que era exatamente o tipo de declaração que meus pais e terapeuta queriam ouvir. E talvez fosse o que eu queria acreditar.

Respiro exageradamente e aceno com a cabeça. Pela minha irmã, eu posso fazer isso. Eu posso acalmar meu coração e fazer o papel da obediente irmã caçula para as duas garotas a quem ela vai me apresentar.

Lindsey e Jenn são exatamente o que eu esperei que as amigas de Mara fossem. Bonitas, populares, educadas. Com sorrisos perfeitos e brilhos labiais combinando, elas gritam como se me conhecer fosse a melhor coisa que poderia acontecer com qualquer um. É excessivo. Tal comportamento faz meu estômago revirar, mas quando Jenn – a mais loura das duas – me pergunta se eu vou acompanhá-las à feira de recrutamento para verificar sua mesa de irmandade, eu engulo meu desconforto e digo alegremente:

— Sim, claro que vou.

Claro.

Não deixo de perceber o sorriso de aprovação no rosto de Mara ou o jeito como os ombros dela relaxam.

Mantendo a fachada, sorrio de volta, ouço suas histórias e rio em todos os momentos apropriados, porque sei que é isso que todos querem – uma caloura normal da faculdade. Eles querem que eu seja como Mara. Querem que eu fale animadamente sobre produtos de cabelo e me empolgue com feiras de recrutamento, festas e cores de esmaltes. Ninguém quer saber sobre os pesadelos ou a correnteza das memórias que constantemente tentam me puxar para baixo. O mundo não quer ser forçado a ver minhas cicatrizes.



— Ali está a mesa da irmandade! — Mara grita, pegando minha mão e quase arrancando dos meus próprios pés. Ela me puxa em direção a um amplo pátio entre o ginásio de futebol e um conjunto de dormitórios de tijolos. O espaço é aberto e claro, repleto de verde e céu azul.

Olhando para a esquerda, Mara aponta uma grande fonte no centro e algumas mesas de piquenique, e assinto distraidamente – meus olhos saltando dos prédios desconhecidos para o aglomerado de rostos sem nome.

As aulas só começarão daqui a três dias, mas hoje há algum tipo de evento informativo no campus e as pessoas estão em todos os lugares – analisando clubes, fraternidades e irmandades antes da corrida grega na semana que vem. As mesas de recrutamento são montadas em grupos que partem da fonte em três grandes loops. Lindsey está tentando me explicar a dinâmica de cada grupo de alunos, mas não estou, de fato, prestando atenção. Estou focada em acompanhar minha irmã enquanto ela entra na multidão, arrastando-me atrás dela como se eu fosse uma bandeira tremulante.

Paramos em frente a uma cabine alta, decorada em rosa chamativo e verde. Mara, Lindsey e Jenn instantaneamente se tornam garotas histéricas. Solto a mão de Mara e me afasto desajeitadamente, tendo a estranha impressão de que não sei o que fazer. Quando olho por cima da cicatriz rosada no meu ombro, avisto uma ruiva, o que instintivamente me faz dar um passo para trás do grupo e me afastar.

Respiro profundamente.

Um. Dois. Três.

— Então você é a irmã mais nova de Mara? — pergunta uma menina, andando atrás de mim.

Ela é pequenina e tem mechas azuis cobalto nos cachos castanhos dos cabelos, além de uma argola de prata em uma de suas narinas. Seus jeans pretos têm pelo menos uma dúzia de buracos feitos propositalmente e sua camisa roxa foi cortada para que sua minúscula barriga fique exposta.

Olho para a mesa da irmandade, voltando-me em seguida para a garota. É a justaposição final, mais ou menos como olhar para coisas completamente opostas. Ela parece entender a expressão perplexa no meu rosto.

— Não pergunte — diz ela.

Ok!

- Então, você é irmã de Mara?
- Uh-huh.
- Ela mencionou você. Você é caloura, certo?
- Uh, sim — eu respondo, incerta.
- Já tem seu horário de aula?

Apesar do seu cabelo emo e da sua própria roupa, a garota é nota dez em socialização e começa a me fazer todo o tipo de perguntas sobre a faculdade. Eu tento me envolver, querendo aliviar a ansiedade acumulada no meu estômago, mas toda vez que tento abrir minha boca é como se eu fosse puxada para dentro de mim.

Levanto meu cabelo, agora úmido e pesado de suor, da parte de trás do meu pescoço, e fico na ponta dos pés para procurar no pátio por um pouco de sombra. Além da fonte, mal posso distinguir o contorno de uma tenda branca forrada de containers e estudantes vendendo água. Voltando para a menina, eu peço:

— Você pode dizer para a minha irmã que eu fui pegar uma água e já volto?

Um olhar estranho cintila no rosto dela e eu acho que ela vai me perguntar se tem algo errado, mas apenas acena com a cabeça e concorda.

— Claro — diz ela. — Te vejo no campus.

Deixando Mara e suas irmãs da fraternidade, sigo pelo canto leste do pátio, me espremendo para passar por um grupo de improvisação e um cara distribuindo panfletos anunciando a estação de rádio estudantil. É quando vejo a placa, plana e retangular, apoiada em um cavalete. Na parte superior, letras azuis grossas declaram: NADAR É VIDA.

— Você gostaria de se inscrever para apoiar a equipe de natação feminina em nosso revezamento anual Nadar é Vida? Estamos arrecadando dinheiro para causas de distrofia muscular.

Giro em direção ao som da voz, quase derrubando uma garota. *Deus. Qual o meu problema hoje?* Minhas mãos se apressam para segurá-la.

— Oh, sinto muito. Não, eu sou... oh, uh...

Meu estômago se revira, e eu tenho que pressionar meus dedos nas pálpebras para manter meu precário equilíbrio. A garota, que está de pé à minha frente, é alta, com pernas longas e musculosas, pele em um tom de caramelo profundo, cabelo preto indisciplinado e olhos castanhos familiares.

Noelle Melker é um ano mais velha que eu. Nós nadamos juntas no colegial e tivemos uma daquelas relações competitivas que se transformaram

em uma amizade discreta depois de muitas horas passadas juntas no ônibus da equipe.

Vejo quanto o choque a deixa boquiaberta.

— Oh, meu Deus! Aimee?

— Oi, Noelle. — Meu olhar vaga por toda parte, nervosamente. *Por favor, que eu não encontre mais ninguém!* — O que você está fazendo aqui?

Noelle está olhando para mim como se dez narizes tivessem brotado no meu rosto.

— O que estou fazendo aqui? A equipe de natação está fazendo uma campanha para arrecadar fundos, e eu perdi no palitinho, então estou presa na mesa de inscrição hoje.

— Oh — eu digo estupidamente. — Bem, é ótimo ver você. Já faz muito tempo, né?

— Eu acho que “muito tempo” é o eufemismo do século. — Ela bufa e balança a cabeça. — Foi como se você tivesse desaparecido da face da terra. Você desativou o número do seu celular e sua conta do Facebook logo depois de Ji... Depois que as aulas acabaram, e nenhum de nós voltou a ter notícias suas. Quero dizer, o que aconteceu?

Uma corrente de ar vaza dos meus pulmões e percebo que estou prendendo a respiração. Meus olhos se voltam para o chão.

— Você sabe o que aconteceu, Noelle.

Noelle faz um som estranho que vem do fundo de sua garganta.

— É claro que eu sei o que aconteceu, mas... — Ela aperta a testa e morde o lábio inferior enquanto tenta não olhar para a cicatriz no meu pescoço. — Onde você esteve todo esse tempo? Desculpe, eu simplesmente não consigo acreditar que você está aqui.

Eu engulo o nó que se forma na minha garganta.

— Honestamente? Se isso faz você se sentir melhor, eu meio que não consigo acreditar que estou aqui também.

— Tentei entrar em contato com você. Seus pais e sua irmã não contavam nada a ninguém. Em janeiro, alguns de nós estavam convencidos de que você tinha sido recrutada pela CIA para ser a mais nova agente ou algo assim.

Apesar da minha ansiedade, eu rio.

— Hum, não exatamente.

— O problema — diz ela, sacudindo o pulso e ampliando os olhos de chocolate com leite para mim — é que ninguém sabia onde você estava,

então fomos forçados a inventar fantasias ridículas sobre a sua vida.

— Eu odeio ser uma completa decepção, mas tenho certeza de que a realidade é menos excitante do que qualquer coisa que tenha sido criada pela sua imaginação. — Eu Dou de ombros. — Meus avós moram em Portland, e eu fui morar com eles no meu último ano.

— Ok — diz ela, piscando para mim. — Não que eu esteja reclamando ou algo assim, mas por que você decidiu voltar?

Eu penso em dizer a Noelle a verdade – todas as coisas complicadas sobre mim que ocupam espaço e preenchem os cantos escuros da minha mente. Eu poderia tentar descrever o quão solitária e triste eu estava em Portland. Poderia até tentar explicar como, apesar do quanto isso iria exigir de mim, sentia falta da água azul-esverdeada da Flórida. Ou como sonhei com o modo como a areia branca e fina parecia espremer-se entre os dedos dos pés. Se eu fosse mais forte, contaria a Noelle sobre aquela noite de junho, quando cheguei ao fundo do poço, e como acordei de manhã com a sorte de estar viva.

O que ela diria a respeito? Ela entenderia?

Suspirando e pegando as pontas do meu cabelo entre meus dedos, decido ficar com a mentira bem ensaiada que minha mãe inventou. *Se alguém perguntar, diga como você odiava o terrível clima do Oregon. Esta é a Flórida, o Estado da Flórida. Todo mundo vai entender.*

— Eu acho que eu não aguentava mais o tempo nublado e o frio.

Noelle ri, incrédula.

— Só por isso?

— Bem, não, não apenas por isso, mas é a versão abreviada, e o resto pode esperar enquanto você me conta como tem passado. Você está ótima, aliás.

— Garota, você é um doce — diz ela, batendo os cílios exageradamente.

Só então sinto uma presença às minhas costas. Eu me viro e meus olhos colidem com íris verdes manchadas, tão intensas e eletrizantes que o ar ao meu redor parece tremer e se remodelar. O reconhecimento só demora o tempo de um batimento cardíaco, e quando chega, vibra através de mim com tanta força que meus olhos entram e saem de foco, e eu tenho que travar minhas pernas para não tombar.

Cole

Droga. Ela está corando, e eu estou viciado. Bem desse jeito.

Tenho que admitir uma coisa. Adoro garotas que coram e se eu conheço garotas – e, de fato, conheço – esta é uma daquelas que coram o tempo todo.

Meus olhos se movem sobre a fina cicatriz em seu pescoço e caem no short escuro e na blusa azul, larga, cuja cor nem chega perto de fazer jus à dos seus olhos. Estou acostumado a garotas desfilando em blusas apertadas, com os seios pulando na minha cara, então sua roupa descontraída é uma boa mudança de ares. E ela não tem que provar nada com o que veste, porque sei que por baixo de todo esse tecido ela tem um corpo firme. Senti quando ela caiu no meu colo uma hora atrás.

Eu me aproximo um passo, atraído pelas linhas suaves de seu rosto. Ela torce uma mecha de seu cabelo escuro, longo e ondulado, por cima do ombro e respira pelo nariz. Seus claros olhos azuis se arregalam, e ela repete todas as reações.

Espera. Essa garota está me cheirando?

— Ivory — eu digo, divertido.

Ela parece confusa, então eu esclareço:

— Meu sabonete. Eu uso Ivory, caso você esteja querendo saber.

Jesus. Se você tivesse me perguntado cinco segundos atrás, eu não teria pensado que seria possível que sua pele ficasse ainda mais vermelha, mas estaria errado. Agora, ela está gaguejando e sua respiração tem um som engraçado que me faz lamentar a piada. Minha intenção não era deixá-la desconfortável. Só estou imaginando como seria ver essa garota sorrir – ser o responsável por fazê-la sorrir.

Com medo de que, se eu olhar para ela por muito tempo, ela vá fugir ou algo assim, tiro meus olhos do seu rosto.

— Noelle, você não vai me apresentar à sua amiga?

— Oh, não, você não! — Noelle se ajeita. Ela coloca a mão no quadril e se inclina para mim. — Eu conheço bem esse seu joguinho, Cole, e estou te avisando: vá usar o seu sorriso diabólico em outro lugar. Se acha que eu esqueci o que fez com Rachel e Deena, está enganado.

Eu me encolho. Claramente me esqueci de Rachel e Deena, porque não tenho ideia do que ela está falando. Gosto de pensar em Noelle como uma amiga, mas a julgar pelo olhar desagradável que ela está me lançando, nosso status de relacionamento é mais ambíguo do que eu pensava anteriormente.

Eu digo:

— Noelle, você entendeu tudo errado. Estou apenas sendo amigável.

Noelle não acredita, o que, vamos ser sinceros, só mostra o quanto ela é inteligente.

— Amigável é a minha bunda! — ela zomba. — Aimee é uma das minhas meninas, não é membro do seu esquadrão calcinhas molhadas, com o qual você está acostumado a brincar.

Aimee. Deixei o nome girar ao redor da minha cabeça, abrindo espaço para a imagem dela.

— Bem, se ela é sua amiga, você deveria estar feliz por eu estar sendo tão encantador.

Noelle balança a cabeça e coloca a mão no braço de Aimee.

— Nada disso. Eu já te avisei para não vir com essa merda pra cima de mim. Eu declaro que esta é uma zona proibida.

Eu sinto meu sorriso começar a se desfazer. Droga. Noelle não está exatamente me dando a recomendação que eu esperava. Esfrego a palma da mão sobre o meu rosto e sinto meus ombros se erguerem em direção aos meus ouvidos.

— O que é uma zona proibida? — pergunta uma voz baixinha.

Olho em sua direção. Aimee finalmente conseguiu coragem para se inserir na conversa. Sua boca está franzida, e seus olhos claros estão arregalados. Ela tem uma sarda na bochecha que está me matando.

Noelle lança a Aimee um olhar significativo.

— Isso significa que você está fora dos limites e que Cole tem que controlar as mãos e as suas tendências de garoto *vadio*.

Acho que ela deliberadamente exagera na palavra *vadio* em meu benefício.

— Ai! — Levo minha mão ao peito e jogo minha cabeça para trás em uma demonstração de mágoa. — E se eu tentar virar a página e automaticamente assumir que estou dando em cima da sua amiga, você vai ignorar e efetivamente impedir meu crescimento como ser humano?

— Sim, só acredito vendo — Noelle responde.

A coisa é que eu não estou brincando. Já senti isso antes – aquela reação inesperada que te acomete quando você vê uma determinada garota – mas isso é diferente. Algo sobre Aimee despertou meu interesse. É verdade que ela é gostosa. Com todo aquele cabelo escuro e aqueles olhos azuis, ela pega fogo. Mas não estou fazendo cena para levá-la para a cama. Só quero saber um pouco mais sobre ela. Chame isso de curiosidade natural.

Merda. Mesmo na minha cabeça, parece uma frase exagerada. Não sei por que estou insistindo tanto nisso. Com reação ou sem reação, geralmente não sou do tipo que sai perseguindo alguém. Eu sou um cara do tipo "sorria-e-deixe-que-as-garotas-venham-até-você".

E talvez seja isso o que está acontecendo aqui. Posso sentir o desafio na minha frente e o estou desejando, em minha típica reação de homem das cavernas. Aimee não parece completamente imune a mim, mas ela definitivamente não me olha como se ela quisesse me comer também. Já faz um tempo desde que encontrei alguém que representasse um desafio, e afirmo que sou um cara naturalmente atraído por uma boa briga. Dentro e fora do campo.

Noelle se aproxima e coloca uma das mãos no meu peito. Ela me dá um leve empurrão, mas meus pés estão bem plantados, então eu não recuo nem um centímetro.

Ela olha diretamente nos meus olhos.

— Aimee e eu não temos tempo para debater o seu status de homem-vadio agora — diz ela. — Não nos vemos há muito tempo e estamos tentando nos reaproximar, então por que você não vai perturbar outra pessoa?

Ignorando a mão de Noelle no meu peito, viro-me para Aimee e pergunto:

— Então você e Noelle são velhas amigas?

Noelle não parece se importar que a pergunta não tenha sido dirigida a ela, respondendo antes que Aimee possa até mesmo abrir a boca.

— Sim, somos velhas amigas. Ela é ano mais nova do que eu e nós nadamos juntas no ensino médio. Satisfeito, Cole? — Ela balança as mãos em um gesto para me afastar. — Agora vá embora, bonito.

Eu pisco, meus olhos se estreitando nas íris azuis de Aimee.

— Você é nadadora?

— Hum... eu era, mas não mais. — Aimee acena com a cabeça de forma lenta e cruza os braços protetoramente na frente de seu peito. Eu acho que ela parece muito pequena e frágil para ser nadadora. Talvez tenha

adoecido e por isso que teve que parar.

— Ela foi Campeã Estadual na modalidade 200 jardas e nas 100 jardas de nado borboleta em seu primeiro ano — Noelle me diz com um sorriso satisfeito.

Isso me surpreende e parece fazer minha mente explodir. Campeã estadual? Significa que ela era boa. Muito boa.

— Se você era Campeã estadual, por que desistiu? — pergunto.

As duas meninas compartilham um olhar, e eu percebo a forma como a testa de Aimee comprime e como ela, inconscientemente, toca a cicatriz em seu pescoço.

— Outras coisas surgiram e foi muita pressão — diz ela.

— Hum. — Eu paro. — Se você estudava no colégio com Noelle, então deve conhecer Daniel Kearns, porque ele também estudou lá.

Ela ergue um pouco o queixo, e seus olhos azuis se agitam.

— Daniel? Você conhece Daniel Kearns?

Eu dou uma risada.

— Sim, claro que conheço o Daniel. Ele é um dos meus colegas de quarto e estamos sempre juntos. — Meu olhar se move sobre Noelle para a calçada atrás de mim, onde Daniel parou para verificar uma das mesas. — Ele estava bem atrás de mim. Eu deveria...

Aimee me interrompe abruptamente, seus olhos, agora em pânico, voltando-se para o rosto de Noelle.

— Eu não entendo. Pensei que ele tinha conseguido uma bolsa de estudos em Michigan. — Ela cerra os dedos e puxa o ar com força.

Ela parece pronta para fugir de sua própria pele e uma sensação terrível desliza sobre meus ombros. Será que essa garota tem algum tipo de história com Daniel? Será que namoraram?

As feições de Noelle se contorcem em uma careta.

— Eu não sei o que dizer, Aimee. Eu teria te avisado, mas assumi que você já soubesse. Daniel foi transferido para cá no outono passado depois de, bem, você sabe. A mãe dele estava passando um momento especialmente difícil, e ele queria estar mais perto de casa.

Eu não sei o que diabos está acontecendo, mas posso dizer que há algo de muito errado. O rosto de Aimee parece triste, e seus olhos estão começando a brilhar como se ela estivesse prestes a chorar. Toco seu braço suavemente e sua pele quente se espasma sob as pontas dos meus dedos.

— Você está bem?

Ela não me dá uma resposta. Em um movimento fluido, deixa sua mão cair, se afasta de nós e sai pelo pátio. Noelle e eu ficamos nos olhando e observando-a em seu rastro.



Capítulo 2

Aimee

Felizmente, não tive mais problemas com pessoas do meu passado. Mara me lembra todas as manhãs que a universidade é enorme. As chances são pequenas, ela diz, e eu estou começando a acreditar nisso.

É o segundo dia de aula. Até agora gosto de todos os meus professores e o material do curso parece levemente interessante. Estou até considerando candidatar-me a um cargo como assistente de escritório no Departamento de Inglês. Isso, percebo com uma vaga surpresa, é algo promissor – para começar a acreditar que a vida pode voltar a ser boa.

Com uma hora livre antes da minha próxima aula começar, viro à esquerda em frente ao prédio do Liberal Arts e encontro um pedaço de grama vazio para me sentar. Acima de mim, as palmeiras finas me protegem dos raios do sol. Suas folhas balançam na brisa leve da manhã e se espalham pelo céu como uma teia de veias verdes.

O professor da minha aula de Alfabetização de Mídia enviou a grade do curso por e-mail ontem, então eu tiro meu livro da mochila e começo a ler, fazendo anotações entre as mordidas do donut que trouxe comigo para o campus.

Eu nem sempre fui a aluna diligente que sou agora. Nos primeiros três anos do ensino médio eu estava muito ocupada querendo me divertir ao invés

de me preocupar com redações e tarefas de leitura. Evidentemente, minha melhor amiga geralmente era o catalisador para aqueles bons momentos. Eu quase posso ouvir a voz dela, me empurrando até a janela do quarto aberta, enquanto eu reclamava, sonolenta, que era uma da manhã.

Nós vamos dormir quando estivermos mortas, Aimee.

Estremecendo, lembro a mim mesma que passei o último ano cultivando uma nova personalidade, e essa versão da Aimee Spencer não chama atenção. Ela nunca perde aula, sempre faz a lista de tarefas, e ela lê muito.

O que ela diria de mim agora? O pensamento é tão confuso que eu quase rio em voz alta.

Depois de uns sólidos trinta minutos de leitura, engulo o último pedaço de rosquinha e reviro o bolso da frente da minha bolsa até meus dedos encontrarem o fio embolado dos meus fones de ouvido. Eu os coloco em meus ouvidos e vasculho minha playlist até encontrar o que estou procurando – uma banda indie suave que descobri quando estava em Portland. Inclino-me para trás até que o cheiro almiscarado de terra enche minhas narinas e pequenas lâminas de grama quebradiça fazem cócegas na pele dos meus ombros.

Com a música na minha cabeça e o cabelo voando por toda parte, sigo com os olhos o padrão de raios de sol que se movem entre as folhas de palmeiras. Observo até que o brilho crie em minha visão um borrão branco e provoque uma dor na parte de trás dos meus olhos, forçando-me a fechá-los.

É estranho que meu cérebro evoque a imagem do rosto de Cole Everly? Eu só falei com ele por cinco minutos quase uma semana atrás, mas como uma adolescente de treze anos, não consigo parar de pensar nele. Catalogar seus atributos físicos se tornou uma distração costumeira quando eu quero preencher minha mente com algo.

Talvez seja isso que eu ganho por passar um ano inteiro evitando todo e qualquer rapaz. Agora meus hormônios suprimidos estão se enfurecendo como em uma vingança em ebulição.

Hmmmm Cole...

São definitivamente aqueles olhos. Claro, ele inteiro é lindo, mas eu nunca vi olhos como os dele – verdes e dourados de uma só vez. Eles piscam em seu rosto como duas luas de uma floresta brilhante. E lembro que o nariz dele é ligeiramente torto, e isso, de alguma forma, torna o seu rosto ainda melhor. Mais interessante.

Sentindo o movimento, meus cílios se abrem e eu vejo uma figura, iluminada por trás e pairando acima de mim. Encharcado em partes iguais de luz e sombra, leva alguns segundos para que as linhas de seu corpo se solidifiquem e para que os ângulos de seu rosto entrem em foco. Quando o fazem, meu coração se agita com uma tontura selvagem e meu corpo trava.

É como se o universo estivesse brincando comigo. Eu sou uma confusão de membros congelados e olhos arregalados – cada átomo do meu ser parece estar preso no mesmo lugar. Depois de muito tempo, eu consigo me recompor, respirando fundo e tirando os fones dos meus ouvidos.

— Oi — ele diz simplesmente.

Eu sei que estou olhando para ele como uma idiota, mas não posso evitar, posso? Exatamente como em meus devaneios, Cole Everly está sorrindo para mim.

— Está tudo bem? — Ele se senta no chão ao meu lado, dobrando suas longas pernas uma sobre a outra e colocando seus braços sobre seus joelhos, cheio de confiança.

— Acho que sim.

Completamente desorientada, deixo meus olhos vagarem dos cabelos soltos bagunçados até os chinelos de couro marrom que envolvem seus dedos longos e estreitos.

Eu me levanto do chão com meus cotovelos, sentindo o peso do meu cabelo quando ele cai sobre os meus ombros.

— Seu terceiro dedo do pé é mais longo que o segundo.

Ele ri e o som ressoa pelo meu corpo, decidindo permanecer em minha mente por algum tempo.

— De todas as coisas que pensei que você diria, mencionar meus dedos estranhos nunca passou pela minha cabeça.

— Desculpe te desapontar — eu respondo, olhando para baixo, para onde minhas unhas estão se afundando na lama.

— Não é isso. — Cole fecha os olhos como se procurasse algo dentro de si mesmo. — É só que eu queria... — Ele desliza os dedos pelo cabelo e exala audivelmente. — Eu fiquei preocupado com você no outro dia e a Noelle também. Você se apavorou com a nossa conversa e eu não sabia o que tinha feito de errado. — Ele sorri timidamente. — Estava seguindo para o meu treino da manhã e vi você aqui. Acho que quis me certificar de que estava tudo bem.

Meu coração dispara. *Ótimo*. Outra pessoa que pensa que sou louca e

decidiu ficar com pena de mim – a garota despedaçada que obviamente não consegue se manter inteira. Eu me sinto frágil sob a intensidade do seu olhar e me incomodo com a mecha de cabelo enrolada no meu pulso.

— Obrigada pela preocupação, mas por que você ficaria preocupado comigo? Nem me conhece. Nem sabe meu nome inteiro.

Sua risada é rápida e infantil.

— Sei, sim. *Aimee Spencer*.

Isso me deixa frustrada, e Cole percebe. Seu sorriso fica mais largo e as covinhas fazem uma aparição. Ótimo. Ele tinha que ter covinhas, não tinha?

— Dê-me um pouco de crédito — diz ele, levantando as sobrancelhas.
— Você realmente acha que eu não faria uma pesquisa?

Eu empurro para o meu colo os fones que estão pendurados no meu ombro.

— Eu não tenho ideia de porquê você se incomodaria — digo a ele honestamente. — Mas se você fez sua pesquisa e é, de fato, o colega de quarto de Daniel Kearns, como você disse que era, então tenho certeza de que já sabe por que eu fugi no outro dia. Daniel e eu... — Eu paro e olho para baixo brevemente. — Nós não falamos mais.

O sorriso de Cole falha, mas ele ainda insiste.

— Então é uma sorte que eu não seja o Daniel. — Ele toma impulso para trás, ficando na mesma posição que eu, apoiado em seus cotovelos. — Então, por que você não começa a me contar sobre você, Aimee Spencer?

— Não há nada para dizer — eu declaro suavemente.

Fechando os olhos, ele inclina a cabeça para que seu rosto fique voltado para o sol.

— Agora é que eu não acredito. Que tal contar sobre sua família? Comece com as coisas fáceis e vamos evoluindo para religião, política e o tipo de método para controle de natalidade que você está usando.

Eu abro minha boca, mas não há palavras, apenas pensamentos pendurados na minha língua. Não tenho certeza se devo rir ou chutá-lo em algum lugar bem doloroso.

Cole olha para mim.

— Estou esperando.

— Você está falando sério?

— Tão sério quanto um infarto.

— Controle de natalidade, religião e política estão fora de cogitação.

Ele sorri, e meu coração dá cambalhotas.

— Então me dê o básico.

Respiro de forma instável.

— Minha família consiste apenas na minha irmã mais velha e meus pais. Meu pai é administrador de investimentos, e minha mãe joga bridge às terças-feiras, vai para a reunião do clube do livro às quintas e se preocupa comigo em todos os momentos livres.

Seus olhos estão fechados, mas ele balança a cabeça como se estivesse me ouvindo. Eu espero que ele diga alguma coisa, mas depois de um longo silêncio, que faz meu cérebro dar voltas erráticas, eu desmorono e pergunto:

— Então, hummm... e sua família?

— Eu tenho uma irmã de treze anos — diz ele, mantendo o rosto inclinado para o sol. — Meu pai é um péssimo advogado, morando no meio do nada, no Nebraska, e minha mãe está fora de cena. Ela esvaziou a conta bancária e fugiu com outro cara há cerca de três anos.

Seu tom é tão casual que é óbvio que ele está brincando. Sigo no mesmo caminho.

— Oh, então ela escapou no meio da noite com seu professor de tênis?

Cole vira a cabeça e olha para mim com sérios olhos verdes.

— Não, ela não queria ser tão clichê, então, partiu em uma tarde de domingo com o instrutor de golfe. Ela mora em algum lugar ao norte e liga ocasionalmente, mas não falo com ela desde que foi embora.

Meu Deus! Eu sou a maior vadia da história do universo? Sem pensar, estendo a mão para Cole. Instantaneamente, seus dedos se entrelaçam nos meus — capturando-me, prendendo-me no lugar e enviando um zumbido de eletricidade pelo meu braço. Meus olhos se voltam para ele, e o mundo estremece abaixo de nós. Eu noto o movimento rígido de sua garganta enquanto ele engole, e uma mecha de cabelo cai em seus olhos. Sua boca se abre como se ele tivesse algo a dizer. Eu me aproximo um pouco e...

— Hey Cole!

Nós olhamos na mesma direção. Uma garota de pernas longas, com cabelos castanhos claros e lábios manchados de rosa, está acenando para nós da calçada. O olhar ansioso em seu rosto é como um veneno se espalhando pelas minhas entranhas. Arranco minha mão da dele e a enfio por baixo do meu corpo.

Cole respira fundo e acena com a cabeça uma vez para a garota antes de olhar para mim com um olhar impassível.

— Vai ter um evento hoje à noite — diz ele com pressa.

Eu hesito.

— Que tipo de evento?

Mastigando o interior de sua bochecha, Cole explica:

— Um tipo de festa. O time de atletismo organiza todos os anos no início das aulas, como uma maneira de relaxarmos antes que os estudos fiquem mais pesados e fiquemos muito ocupados.

Não há como eu ir a uma festa organizada por um bando de idiotas, mas eu pergunto:

— E onde será essa festa?

— Em um lugar chamado Dirty Ernie's.

— Dirty Ernie's? Parece *interessante*.

Eu vejo Cole relaxar e sorrir, e tudo dentro de mim parece se revolver. Ele se levanta de modo que eu tenho que arquear meu pescoço e olhar muito para cima.

— Você vem? Eu sei que Daniel não vai estar lá, então não vai poder usar isso como desculpa.

Eu me surpreendo com a minha ousadia.

— E se eu tiver outros planos?

As narinas de Cole se alargam levemente.

— Você tem planos para esta noite, Aimee?

— Não.

Um canto de sua boca se curva, e ele ri.

— Bom. Porque eu vou te contar um pequeno segredo, mas gostaria que você o mantivesse entre nós.

— O quê?

Cole enfia as mãos nos bolsos e contrai a mandíbula como se estivesse pensando em cada palavra antes de dizê-las.

— Eu ficaria mais incomodado do que seria prudente se você dissesse que tem planos.

Meus pensamentos estão se movendo tão rápido que mal posso segui-los. *Ele quer dizer o que eu acho que quer dizer?*

— A festa começa às nove, Aimee Spencer — diz ele. Então ele se vai, correndo atrás daquela garota, e eu fico olhando para ele tentando não notar o quão sensacional e redonda é a sua bunda.



Enquanto espero a minha próxima aula começar, me perco em pensamentos. Considerando que o mais próximo que cheguei de participar de uma festa no ano passado em Portland foi tropeçar no meio de um flash mob na esquina da Fourth com a Madison, não acho que esteja pronta para algo assim. Depois de tantos meses mantendo-me em uma bolha, percebo que é mais difícil me desfazer dela do que eu pensava que seria.

Um recomeço.

O objetivo de voltar para a Flórida era voltar a viver, e sei que, se for honesta comigo mesma, estou apenas no meio do caminho. Minhas aulas estão indo bem, mas além de Mara, alguns professores e agora Cole, eu mal conversei com ninguém desde que cheguei aqui.

Um barulho me arranca dos meus pensamentos. No assento ao meu lado, uma garota está olhando para mim.

— Oi — ela diz alegremente.

— Oi?

Eu percebo que a conheço. É a garota de cabelos azuis da irmandade de Mara.

— Não nos apresentamos corretamente da última vez. Eu sou Jodi — ela me diz, jogando a cabeça para o lado.

— Aimee — eu digo e tomo a mão pequena e pálida que ela estende para mim. Ela tem um aperto muito forte para alguém tão pequeno.

Jodi abre um sorriso que se estende pelo rosto como água sobre areia seca e expõe uma pequena fenda entre os dois dentes da frente.

— Eu sei o seu nome. Você não é apenas a irmã mais nova de Mara, mas nós fazemos duas matérias juntas.

— Fazemos?

Jodi ri – é uma risada leve e rouca e me lembra a de outra garota.

— Sim. Você quer se formar em Biblioteconomia? Porque com certeza não se parece com uma bibliotecária.

Olho para o meu short cáqui e blusa branca simples. Se não pareço com uma bibliotecária, a Jodi certamente também não. Com esse piercing no nariz, o top de malha e a saia de linho solta que ela usa hoje, acho que ficaria mais à vontade em frente a uma roda de cerâmica do que sentada ao meu lado esperando uma palestra sobre acesso a arquivos.

— Hum, eu não sei ainda. Tecnicamente estou indecisa, mas é, definitivamente, uma possibilidade. Ou talvez inglês. — Balanço a cabeça.
— Eu sou bibliófila.

— Idem. — Jodi encosta o queixo pontudo no peito. — Olhe — ela diz com firmeza —, eu tenho um pouco do que você pode chamar de 'premonição', e está bem claro para mim, desde a feira de recrutamento, que você e eu vamos nos tornar amigas, então eu acho que nós duas devemos apenas deixar rolar.

Premonição? Eu não tenho certeza do que dizer sobre isso. Não sei dizer se essa garota é louca ou está falando sério. Seja como for, fico intrigada. Apoio meu cotovelo no braço da cadeira e me inclino para trás.

— Okaaay...

Isso é todo o incentivo de que Jodi precisa. Ela me conta sobre seu ex-namorado idiota que apareceu em seu apartamento na noite passada e declarou seu amor eterno por ela, fala de sua mãe certinha, que Jodi chama de perturbada, e sobre a infecção estomacal que ela teve durante o verão, além de pensamentos sobre se os gatos devem ou não ter as garras cortadas.

Jodi é uma estudante de segundo ano. Também é uma sagitariana que gosta de répteis e acha que o Facebook é uma ferramenta de destruição social criada por Satanás. Ela me diz que apenas se tornou membro da irmandade de Mara porque este é um legado, e sua mãe deixou claro que ou ela se enturmava ou enfrentaria a ira de milhares de deuses raivosos.

— Eles me mantêm por causa do legado, mas eu não participo a menos que seja forçada. Só fui à feira na semana passada para afugentar o resto das meninas — ela me diz com uma risada conspiratória. — Você deveria ter visto o jeito horrorizado que elas olharam para as minhas roupas quando eu apareci na sua preciosa mesa purpurinada. Impagável.

No momento em que a aula termina, minha cabeça está girando e sinto um pouco de falta de ar. Jodi está subindo dois degraus atrás de mim no corredor – ainda falando e aparentemente sem saber o quão fora de prática eu sou em toda essa coisa de amizade. De alguma forma, ela até conseguiu colocar as mãos no meu celular.

— Ok, eu adicionei meu número aos seus contatos para que você tenha meu telefone — ela diz enquanto devolve meu telefone. — Eu vou procurar os ingressos para aquele show no sábado e te conto a respeito. Você quer ir comer agora?

Eu nem me lembro de ter concordado em ir a um show com ela, mas minha função cerebral coerente é quase nula neste momento, então apenas aceno com a cabeça.

— Ótimo. Comida chinesa não é realmente a minha favorita, mas é o

mais próximo. Teve uma vez comi oito rolinhos primavera de uma só vez e fiquei muito enjoada. Ugh, você não vai querer os detalhes. Imagine Hiroshima contida neste estômago — ela diz e agita sua mão dramaticamente sobre sua barriga. — De qualquer forma, no último final de semana, eu descobri um pequeno restaurante indiano na Rua Connell, se você estiver disposta a ir. Eles têm uma pakora de vegetais que é — sem brincadeira — de matar.

— Parece ótimo — eu respondo com falso entusiasmo. A verdade é que não tenho ideia do que seja uma pakora.

— Minha próxima aula é aqui — diz Jodi, apontando por cima do ombro e dando um passo na direção oposta. — Só lembre de me mandar uma mensagem quando você chegar ao bar hoje à noite.

O bar?

Franzo o cenho e a chamo.

— Espera! O que tem esta noite?

Jodi para e se vira para mim.

— Lembra daquela festa que eu te falei? — Ela pisca e agita as mãos com desdém. — Eu sei, eu sei! Parece que vai ser uma coisa horrível com um bando de atletas idiotas, mas eu fui no ano passado e juro que foi muito divertido. Você vai gostar. Nós vamos dançar a noite toda!

— Desculpe — murmuro, tentando mentalmente voltar atrás em nossa conversa. *Dançar?* — Acho que não prestei muita atenção. Onde será esta festa?

— Em um lugarzinho chamado Dirty Ernie's. Basta procurar o endereço e me encontrar lá por volta das dez. — Ela se inclina para trás em seus calcanhares e gira, dizendo outra vez, em uma voz cantada: — E não se esqueça de me mandar uma mensagem!



Eu não vou. Não existe qualquer chance disso.

A única coisa que quero fazer é me enfiar em um par de calças de yoga, comer um saco de pipoca de micro-ondas no jantar e passar pelo menos quatro horas grudada no sofá assistindo a reality shows ruins. Eu acho que vou mandar uma mensagem para Jodi daqui a pouco e explicar que tive um imprevisto. De qualquer forma, já que ela tem a tal premonição,

provavelmente já deve saber que vou recuar.

São cerca de cinco da tarde quando chego na casa da cidade. Mara está ao telefone, e a expressão de culpa em seu rosto, junto à forma com que ela se sobressalta quando fecho a porta da frente, a entregam imediatamente.

Reviro meus olhos e mostro minha língua para ela. Este é o nosso código de irmãs para dizer: *‘Eu sei que você está falando de mim’*.

— É a mamãe. — Ela tampa o microfone do celular com as mãos.

Para me preparar, fecho os olhos e respiro pelo nariz três vezes. É uma técnica que meu terapeuta sugeriu para utilizar em situações estressantes.

Sentindo-me ligeiramente acalmada, levo o telefone ao ouvido e pigarreio, mas antes mesmo de conseguir uma saudação, minha mãe já está seguindo seu ritual cotidiano com *estou preocupada com seu comportamento*. Ela é sempre assim. Juro que toda vez que conversamos, meus pelos se arrepiam e começo a andar em círculos e morder meu lábio inferior.

— Não, isso não é verdade — eu digo, passando novamente a mão pelo cabelo e lançando a Mara o meu olhar de *‘eu-vou-te-matar’*. Pelo menos ela tem a decência de encarar o chão, envergonhada, porque está claro que anda relatando cada detalhe das minhas atividades antissociais para nossa mãe.

— Eu estou bem e não, não preciso que você marque uma consulta para mim — defendo-me. Puxo a parte de baixo da minha regata e respiro fundo. — Vou sair com uma amiga hoje à noite e, acredite ou não, ela é uma das irmãs da irmandade de Mara.

Então é assim que eu acabo sentada no banco do passageiro do carro de Mara, com um par de jeans apertado e mais maquiagem do que usei em mais de um ano.

— Você tem certeza de que vai ficar bem até que Jodi chegue aqui? — Mara pergunta enquanto ela vira o carro na direção de um pequeno lote de cascalho. Ela está me deixando em seu caminho para encontrar suas irmãs da irmandade.

— Estou bem.

— Você tem certeza? Porque pode sair comigo, se quiser.

Um nó parece se formar em meu estômago, mas respiro fundo e abro a porta.

— Não, pode ir fazer as suas coisas. Eu estou bem.

— Espere — diz ela, aproximando-se. — Você está com um pouco de frizz.

Mara passa os dedos pelos cabelos que eu trancei e pendurei sobre o

ombro.

— Obrigada, mamãe — brinco.

Ela sorri.

— Seja bem-vinda. E você pode avisar a Jodi que se ela perder mais de três reuniões da irmandade, vai ganhar uma multa? Não começou muito bem este ano.

— Avisarei. — Mostro para minha irmã um sorriso vacilante e saio do carro para a noite úmida e amena. O ar pesado da Flórida se agarra à minha pele como uma camada lisa de loção que nunca parece secar.

O Dirty Ernie's é um pequeno prédio com fachada de tijolos que fica entre uma loja de discos hipster e uma cafeteria artística que eu prometo conferir em outro momento. Deslizo a alça da minha bolsa por sobre a minha cabeça para que ela atravesse meu peito e eu siga o meu caminho, passando por alguns grupos de pessoas que estão na calçada fumando. Um segurança verifica minha identificação na porta e envolve meu pulso com uma pulseira de plástico verde neon que informa a todos que não sou uma convidada VIP.

No interior, o bar está praticamente do jeito que eu temia que estivesse – lotado e barulhento. Coloco-me na ponta dos pés, procurando entre o mar de cabeças por uma específica, de mechas azuis, quando sou empurrada por trás.

— Oh, merda! — Um cara vira a parte superior de seu corpo para me encarar. Ele ergue as sobrancelhas escuras e agarra meu braço nu com dedos ásperos e calejados. — Eu não vi você, querida. Desculpa aí.

Eu fujo de seu toque e me afasto, passando corpos ainda em busca de Jodi. Passo por um conjunto de portas de vidro que levam à varanda de trás. Está quente e úmido, mas há ventiladores grandes posicionados em postes altos que margeiam o espaço, onde a música e o público são menos intensos, então pelo menos eu consigo respirar propriamente. Mando uma mensagem rápida para Jodi, encontro um lugar vazio perto dos fundos do bar e peço ao garçom um refrigerante e uma porção de batatas fritas.

Puxo minha carteira para fora do bolso com zíper da bolsa contra o meu peito, e busco em meio aos meus cartões até encontrar o de débito, que era o que eu estava procurando. Estou prestes a entregá-lo quando uma mão desconhecida chega por cima do meu ombro e empurra dinheiro pela superfície lisa do bar.

— Deixe isso de lado, querida. Tudo o que você pedir é por minha conta.

Eu me viro na banquetta e olho para cima e para dentro de um par de olhos castanhos escuros em forma de amêndoas. Ainda levo um momento para processar que é mesmo o cara que esbarrou em mim pela porta da frente. Ele está invadindo o meu espaço, e um leve sorriso brinca nos cantos da sua boca.

Antes que eu possa fazer um protesto, ele coloca um dedo firmemente contra meus lábios e sussurra:

— Shhh. Considere isso um pedido de desculpas por quase derrubar você lá atrás.

Afasto meu rosto dos dedos dele.

— Obrigada, mas, não. Estou bem.

— Eu sei que você está bem, baby.

Ai, credo. A agulha da minha bússola está a mil por hora.

Ele se inclina, e sua respiração é quente e úmida contra a minha bochecha. Ele cheira azedo – como uma mistura pútrida de cerveja e queijo velho. Eu o empurro para longe, estremecendo e raspando minhas unhas ao longo do balcão do bar.

— Vamos lá — ele pressiona.

— Uhhh... agradeço o gesto, mas não é necessário.

Ele dá um passo para frente, conseguindo posicionar seu corpo ainda mais perto do meu.

— Bem, isso pode te chocar, mas te pagar uma bebida é apenas uma maneira de conhecê-la e esperançosamente convencê-la a ir para a pista de dança comigo. — Ele pisca sedutoramente. — Eu sou Brady, a propósito.

A maioria da população feminina provavelmente acharia Brady fofo com seus olhos castanhos brilhantes e o sorriso sedutor. Ele está usando uma tática bem masculina, obviamente, algo como: *quero-tirar-sua-calcinha*. Isso simplesmente não funciona comigo. Eu posso estar fora de prática no quesito namoro, mas ainda me lembro de como ler o sexo oposto e eu não estou a fim de passar apenas uma noite com Brady.

Olho de volta para o interior do bar, onde posso ver o contorno dos corpos que se remexem com a música, que martela através dos alto-falantes em ritmo acelerado. Ainda não há sinal de Jodi e está ficando cada vez mais óbvio que Dirty Ernie não é o meu lugar. Não há um algum tempo. Eu só quero meu refrigerante e minhas batatas fritas, então cairei fora daqui.

— Desculpe, mas não estou interessada em dançar com você ou com qualquer outra pessoa hoje à noite — digo em um tom cortante, esperando

que soe educado, mas ainda com um claro tom de rejeição.

— Ok, ok — diz ele, olhando para o meu peito com um interesse tão evidente que meu estômago se revira. — Eu posso ver que você é uma pequena bomba e isso vai ser divertido. Agora — ele continua, enquanto seu dedo indicador trilha um caminho viscoso pelo meu braço —, se você não está interessada em dançar comigo, por que não me diz o que você quer? Temos que começar de algum lugar, querida.

Tentando ignorar a conotação sexual que ouço em suas palavras e a onda de ansiedade que corre pelas minhas veias, eu rigidamente giro o meu corpo.

— Estou ficando cada vez menos interessada nessa conversa, Brady. Isso esclarece as coisas para você?

— Inferno! — Brady brinca enquanto passa os dedos pelo meu cabelo trançado. — Você está me matando aqui! Pelo menos me diga seu nome.

Eu abro minha boca, pretendendo despejar um nome falso para fazer esse cara me deixar em paz, quando sinto um aperto firme em minha nuca. Sobressalto-me com o contato e com o choque inesperado de calor que desce pelas minhas costas.

Cole

Minha mão direita está fechada em punho. Porra, porra, porra!

— Afaste-se, cara. Eu acho que ela já disse que não está interessada. Agora você está apenas jogando com a sua sorte e a minha magnanimidade — digo, me adiantando e ajeitando meus ombros em posição defensiva.

Eu sei como ser ameaçador quando a situação exige, e esta é uma delas. Brady deveria estar pateticamente de joelhos, agradecendo a Deus por eu ainda não ter esfregado sua cara no chão. Vi o olhar assustado no rosto de Aimee e ouvi exatamente o que ela disse, o que fez uma onda de sangue quente correr por todo o meu corpo. Talvez seja uma reação exagerada, mas estou furioso.

Brady apenas ri de mim.

— Que diabos isso significa? Magnana, o quê?

Eu sinto Aimee tremer debaixo da minha mão esquerda e isso me irrita ainda mais. Engolindo em seco, ergo um olhar de aço para Brady.

— Sério, seu pedaço de merda, você precisa dar o fora agora.

Brady se inclina para a esquerda, e eu posso ver que ele bebeu mais do que eu pensava inicialmente.

— Cara... Cole, eu juro que eu não tinha ideia de que a garota estava aqui com você. — Ele suprime com uma risada e bate no meu ombro. — Você nunca traz garotas para esse tipo de coisa. Acho que você quer espaço para brincar um pouco, não é?

Meus olhos se encontram com os de Aimee. Ela pisca nervosamente e abre a boca.

— Não é bem assim...

Eu a corto, aplicando uma leve pressão em seu pescoço, porque ela não precisa esclarecer porcaria de situação nenhuma. Se fizer isso, ele entenderá como um convite e voltará a olhá-la, imaginando como seria atraí-la para um canto escuro. Brady Samuels é um tarado. Ele é como um garoto de quatorze anos correndo solto em uma loja pornô.

— Acontece que você não sabe de nada, Brady, e é por isso que estou apenas avisando que ela não está disponível. Entendeu? — Meu quadril roça o braço de Aimee enquanto eu me movo para o espaço ao lado dela.

Brady balança a cabeça, e eu posso dizer que ele não será mais um problema. Ele sai em direção ao bar e não olha para trás. Estou supondo que ele vai encontrar os caras da equipe e perguntar o que está acontecendo comigo hoje à noite. Isso é bom. Deixe-os tentarem analisar a situação, porque com certeza não consigo entender.

Respirando pesadamente, volto para o bar e vejo que Aimee fechou os olhos. Isso me dá a chance de estudá-la – de absorvê-la –, algo que eu quis fazer desde a primeira vez em que a vi. Tudo a respeito dessa garota parece ridiculamente delicado. Até mesmo a cicatriz rosa que cruza sua pálida pele parece ter sido desenhada em seu corpo com um pincel fino.

Meus olhos seguem lentamente o contorno de sua pequena boca, a inclinação de seu nariz e as bochechas antes de passar para a pele fina de suas pálpebras. Ela tem cílios escuros e insanos que ampliam seus olhos claros como se ela fosse algum tipo boneca ou personagem de anime. E essa sarda...

— Você está bem? — eu pergunto, afastando meus pensamentos. Droga. Minha voz soa tão áspera quanto eu acho que soa?

Ela não responde imediatamente, e eu me preocupo que Brady

realmente a tenha chateado. Eu pressiono dois dedos sob o queixo dela e gentilmente ergo o seu rosto até seus olhos encontrarem os meus.

— Eu prometo que ele não vai incomodá-la novamente, Aimee. Tenho certeza disso.

— Não é isso — diz ela, tomando o lábio inferior entre os dentes. Ela pisca rapidamente e temo que esteja prestes a chorar. O que diabos vou fazer se ela começar a chorar? Eu não sou um cara que sabe o que é preciso para ser reconfortante.

Ela se afasta de mim e abraça o próprio corpo.

— Eu estou completamente envergonhada e lamentando que você tenha que fingir que estamos juntos. Que piada — ela diz com uma careta. — Esse cara é um dos seus amigos?

— Eu não o chamaria de amigo. Ele está no time de atletismo comigo, sim, e eu tenho que aguentar suas merdas com frequência, mas não é por escolha própria — asseguro a ela.

Eu flexiono meu queixo e passo minhas mãos pelos meus cabelos. Qual é a dessa garota que parece bagunçar todas as minhas emoções?

— E, Aimee, você não tem nada para se desculpar. Brady deveria ter te deixado em paz na primeira vez em que você disse que não estava interessada.

— Não foi nada, apenas um flerte inofensivo. Eu deixei que ele me comprasse a bebida e as batatas fritas, então acho que não posso ficar muito brava com isso.

Meus olhos se dirigem para o copo em sua mão. Emito um som baixo de desaprovação que vem do fundo da minha garganta. Por que ela deixou aquele babaca comprar alguma coisa para ela?

— Você realmente não deveria aceitar coisas de caras aleatórios que se aproximam de você em bares — eu digo. — Ele poderia ter colocado algo em sua bebida. Não é seguro.

A expressão no rosto dela me paralisa. Merda. Ela reage como se eu tivesse acabado de atropelar um filhote, e eu quero dar um chute nas minhas próprias bolas, porque lembro quem é essa garota e pelo que ela passou.

— É só um refrigerante e, confie em mim, eu sou sempre cuidadosa. Nunca saiu da minha vista e, de qualquer maneira — ela diz e balança a cabeça levemente —, foi um pedido de desculpas.

Eu respiro fundo e suavizo minha voz.

— Pelo quê? — pergunto.

Ela dá de ombros.

— Ele esbarrou em mim quando cheguei aqui.

Eu não quero que ela pense que sou um idiota como Brady, mas quero aliviar o clima e acabei de encontrar minha deixa. Apoio meus cotovelos na beira do bar.

— Por que você não disse isso? Então, pode ir me comprando uma Jack Daniels, com muito gelo.

— O q-quê? — ela gagueja, e sua boca se contorce. Não é um sorriso de verdade, mas é quase isso, então vou aceitar.

Eu endireito minha coluna e ergo as sobrancelhas.

— Bem, você caiu sobre mim no outro dia, então eu acho que, pela sua própria lógica, isso me dá direito a uma bebida grátis.

Aimee revira os olhos e balança a cabeça, mas ela deve estar brincando, porque ergue a mão para chamar a atenção do barman.

Suavemente, empurro o braço dela de volta para o seu colo.

— Espera. Eu mudei de ideia.

Ela levanta as sobrancelhas.

— Oh, sim?

— Sim, eu não quero essa bebida ainda — digo, inclinando-me e sentindo o doce cheiro de seu xampu. Eu não sei o que é, mas isso me faz pensar em biscoitos recém assados e longas tardes na praia.

— Quando você gostaria desta tal bebida de desculpas? — ela pergunta, inclinando o rosto para o meu. Ela está tão perto que posso sentir o calor de sua respiração se movendo pelas rachaduras em meus lábios. Sua pele é macia, perfeita, e sua boca tem um tom delicioso de rosa.

Eu movo um braço e pego as costas de sua mão.

— Eu estava pensando que você poderia me comprar a bebida em nosso encontro.

Seus olhos azuis se arregalam, e meu estômago revira. Eu não sei o que é, mas há algo naqueles olhos azuis tão claros e cristalinos que podem ser vistos a quilômetros de distância.

— Nosso *encontro*? Você está brincando?

Eu não sei. Eu estou brincando? Acho que não. Só porque não convido uma garota para sair há anos não significa que não posso fazer isso, certo?

— Não, eu não estou brincando — digo e parece mais uma verdade do que uma mentira.

As palavras de Aimee são cuidadosas, decididas.

— Eu não vou a encontros.

Eu tiro alguns fios soltos do rosto e me inclino para mais perto de seu ouvido. Ela realmente tem um cheiro incrível. Absolutamente surpreendente.

— Eu também não, então, se você não contar a ninguém, eu não conto — sussurro.

Sua testa enrugada e posso dizer que ela está pensando a respeito. O que é, provavelmente, um bom sinal. Pelo menos ela não me recusou, como eu esperava. E então eu quase rio porque aqui estou, feliz porque uma garota que mal conheço está pensando em dizer sim para um encontro comigo. *Oh, o jogo virou!*

Aimee olha para seus próprios dedos pressionados contra o balcão do bar.

— Eu... é... apenas...

— Por favor, não pense demais nisso.

Isso faz com que os olhos dela se voltem para os meus, e eu posso ver uma mudança neles. A diferença é pequena, mas reparo, e isso faz com que tudo no meu peito se revire. Posso apostar que ela está se perguntando sobre mim da mesma maneira que estou querendo saber sobre ela.

Ela começa a falar, mas seu olhar se concentra em algo sobre meu ombro e seu corpo inteiro endurece. Que diabos? Eu olho para trás e vejo Daniel na entrada dos fundos, conversando com Chad Moody.

Merda.

Eu pensei que ele tinha um encontro com aquela garota da sala de Colson. Talvez tenha dado errado, ou talvez ele a tenha trazido aqui, ou talvez ele tenha descoberto que ela é a cadela furiosa que parece ser e a levou para casa mais cedo.

Quando eu viro a cabeça para trás, Aimee está ofegando como se não encontrasse ar suficiente em seus pulmões.

— Eu pensei que você tinha dito que ele não estaria aqui esta noite.

Agarro suas duas mãos, mas ela já está se afastando e eu apenas consigo segurar o tecido de sua camisa como se fosse um babaca.

— Espera. Aimee, por favor espera! Você ainda nem comeu as suas batatas fritas.

Ela não espera. Claro que não.



Capítulo 3

Aimee

Eu a sinto antes que ela abra a porta do meu quarto.
— Aimee? — sua voz é hesitante. — Você está bem?
— Sim — eu choramingo na escuridão.

A porta se abre, e um feixe de luz pálida me encontra. Mara entra no meu quarto e senta na cama. Sua mão toca a forma do meu pé através do edredom e ela coloca a palma da mão em meus dedos.

— Você está chorando?

Eu abro um meio-sorriso.

— Sim... eu vi Daniel Kearns hoje à noite.

Silêncio.

— Você quer que eu ligue para a mamãe?

— Não.

Mais silêncio. Mara pigarreia.

— Você quer falar sobre... ela?

Eu quero falar sobre ela?

Eu nem saberia por onde começar.

— Não.

Depois de alguns minutos de silêncio, minha irmã se deita ao meu lado e entrelaça seu braço ao meu.

— Eu queria poder fazer algo por você — diz ela suavemente.

— Mas você não pode — eu respondo. — Ninguém pode.



Às vezes é mais fácil pensar nela de forma fragmentada.

Ela amava Lemonheads. Costumava mergulhava suas batatas fritas em molho ranch. Quando tínhamos quatorze anos, ela desenhou um bigode no rosto com um Sharpie preto, usou um sombreiro na festa de Natal de seus pais e passou toda a noite falando com sotaque. Em geral, ela falava demais, ria quando ficava nervosa com alguma coisa e nunca perdia a oportunidade de cantar no karaokê.

Ela decidiu que queria ser veterinária quando seu gato engoliu um níquel e teve que fazer uma cirurgia para removê-lo. Nós tínhamos onze anos.

Suas unhas eram uma bagunça. Ela as roía o tempo todo, mas ainda as pintaria com esmalte de glitter antes de uma grande competição, porque jurava que isso lhe trazia boa sorte na água. Em ocasiões especiais, ela costumava exagerar no departamento de perfumes.

Os filmes da Pixar sempre a faziam chorar. Ela era alérgica a vieiras. Tinha uma marca de nascença no formato do Estado de Idaho na parte inferior das costas.

Essas são as coisas que você não costuma ler em um obituário – as memórias e os detalhes de uma pessoa que compõem uma vida inteira.

Minha melhor amiga, Jillian, tinha dezesseis anos quando morreu. Se ela tivesse vivido por mais nove dias, teria chegado aos dezessete.

Eu tento não imaginá-la naquele último dia – usando a blusa azul com as flores roxas claras bordadas em volta da gola e aquele short que ela fez de seu jeans favorito –, mas às vezes eu não consigo evitar e a memória fica dentro minha cabeça e do meu coração, e é tudo que posso fazer para continuar respirando. Eu me pergunto sobre todos os tipos de coisas e quero chorar, gritar até minha garganta doer e arrancar todo o meu cabelo. Mas, principalmente, quero voltar para aquela noite para que possa pegar a mão dela e amarrar seus dedos nos meus, fundindo-os.

— Espere — ela dirá para mim. — Eu não quero que você me solte.



— Então, eu disse: “você tem que seguir em frente, porque, como eu já falei cem vezes, já terminamos e não há volta”. E ele começou a choramingar, fungando e implorando, aquele bebezão — Jodi diz, revirando os olhos dramaticamente. — Eu só não sei como tornar as coisas mais claras para o cara sem matá-lo completamente.

Eu aceno com a cabeça enquanto rasgo o topo do saquinho de adoçante e despejo o conteúdo em pó no meu copo de café de isopor. É quarta-feira, e Jodi e eu estamos tomando café na União dos Estudantes antes da nossa última aula do dia. Até agora eu a vi obcecada por comida indiana e música ao vivo, e até por Twizzlers, mas nunca a vi apaixonada por cafeína. Pensar nisso é intimidante, e eu me pergunto se eu deveria ter um tranquilizante na mão. Apenas para o caso de precisar.

— Então, o que aconteceu depois disso?

Eu sigo Jodi enquanto ela passa pelas mesas lotadas até chegarmos a um canto ensolarado onde há um conjunto de cadeiras grandes e um sofá. Ela se joga em uma delas e abre a tampa do copo de café.

— Bem — diz ela, soprando em seu café e me olhando de soslaio. — Depois de dois orgasmos decentes e um balde de Moo Shu Pork, ele foi para casa. Eu não tenho notícias dele desde então, mas Jason é como um relógio. Mesmo que eu continue dizendo para ele me deixar em paz, o pobre coitado não consegue sobreviver por dez dias sem aparecer na minha porta me implorando para aceitá-lo de volta.

— Espere. — Eu pisco lentamente, me remexendo no sofá. — Você fez sexo com ele? Depois que falou ao seu ex-namorado tudo sobre seguir em frente, você fez sexo com ele?

— E comemos comida chinesa — Jodi confirma com um aceno de cabeça. Hoje suas mechas azuis estão enroladas em pequenas tranças e afastadas do rosto. Seus olhos estão fortemente alinhados com delineador escuro e ela trocou a argola de prata de sua narina por uma dourada.

— Eu não entendo. Pensei que você quisesse...

— Eu disse que culinária chinesa não é a minha *favorita*, mas vez ou outra eu como de boa.

— Não é sobre isso que eu estou falando, e você sabe disso — eu digo e lanço lhe um olhar exasperado.

Em menos de uma semana, Jodi e eu nos tornamos amigas. Ela ficou aborrecida comigo quando eu a abandonei na semana passada no Dirty Ernie, mas disse que superaria se eu lhe comprasse uma casquinha de sorvete depois

do show que a gente ia no sábado. Só por segurança, comprei um sundae com uma montanha de chantilly e três cerejas por cima.

Eu a encaro com determinação.

— Eu não entendo por que você fez sexo com ele se quer que ele te deixe em paz. Talvez eu seja louca, mas isso não parece algo de bom senso.

— Oh. — Jodi se inclina com um sorriso travesso em seus lábios. — Bem, o Jason é muito idiota para fazer um bom papel como namorado, mas o seu *rolinho primavera* é... bem, digamos que é dos grandes. Então, de vez em quando, faço uma exceção aos termos do contrato de "estritamente amigos".

Eu sinto meu rosto corar.

— E isso não é confuso? As linhas não ficam borradas?

Jodi descansa a cabeça contra a parede acima da cadeira e suspira.

— Bem, sim, é confuso, Aimee, mas uma garota tem que fazer o que uma garota tem que fazer. E Jason pode ser muito persuasivo quando quer ser. Ele faz uma parada com a língua que é incrível!

Eu levanto a minha mão para impedi-la.

— Eu realmente não preciso ouvir sobre o que Jason pode fazer com sua língua. É sério.

O sorriso de Jodi se amplia.

— Aimee Spencer, você está corando? Esta conversa te embaraça? E se eu te contasse... não sei... que Jason tem um nome para o pênis dele? E é muito descritivo.

— Shhhh — eu murmuro, meus olhos examinando as mesas próximas.

Jodi estala a língua.

— Eu posso ver que você não é fã da palavra pênis. Que tal se eu dissesse... mamilo? Ou orgasmo? Penetração? — sua voz está perigosamente alta, e as pessoas ao nosso redor estão começando a olhar. — Escroto?

— Jodiiiiii!

— Aimeeeeeee! — ela imita o meu tom chorão e, em seguida, explode em sua alegre e característica risada. Para alguém tão incrivelmente pequena, a garota sabe fazer barulho. — Eu queria que você pudesse ver seu próprio rosto. Você está assim. — Ela amassa a testa e contorce sua boca em uma carranca.

Eu reviro meus olhos e tomo um gole do meu café. Não é que eu seja puritana. Não sou. É só que eu não falo com outra pessoa sobre esse tipo de coisa há muito tempo e parece estranho.

— Então — diz ela, recuperando o fôlego e deixando cair os olhos. — E quanto a você? Algum romance secreto para divulgar?

— Não. Nada de garotos para mim.

Jodi estreita o olhar.

— Meninas, então?

— Não. Nada de meninas também. — Eu rio e torço meu cabelo em volta do meu dedo. — Eu já te disse. Decidi há mais de um ano não namorar porque queria me concentrar na faculdade e manter a cabeça limpa.

O problema de Jodi é que eu gosto dela. Estar perto dela me faz sentir quase normal. Posso fingir que sou o que todo mundo quer que eu seja — apenas uma caloura de faculdade fazendo uma nova amiga. Quero lhe contar coisas sobre o meu passado — sobre Jillian e porque eu sou do jeito que sou —, mas não tenho certeza de quanta honestidade seria demais. Até agora ela não perguntou sobre a cicatriz no meu pescoço, ou porque eu não dirijo, ou porque minha mãe me manda mensagens praticamente toda hora para me checar.

— Eu esperava que fosse uma piada de mau gosto, porque isso é possivelmente a coisa mais triste que já ouvi. Que caloura de faculdade não namora e quer se concentrar nos estudos? — Jodi inclina a cabeça para mim. — É herpes?

Demoro um segundo para registrar que ela está me perguntando se eu tenho ou não herpes.

— Oh, meu Deus — eu digo e balanço a cabeça. — Não, eu não tenho herpes!

— Bem, isso é um alívio. — Ela torce a boca para o lado. — Aimee, você já... você sabe... namorou antes, certo?

É verdade que eu mal lembro do último cara com quem saí, mas isso não significa que eu sou Amish ou estou prestes a me tornar uma freira.

Limpo a garganta e digo:

— Houve alguns *rolinhos primavera*. — Bem, *um* rolinho primavera, na verdade. — Só não recentemente.

Jodi bate palmas.

— Graças a Deus! Se você fosse confessar que era uma caloura de faculdade com seu status de virgem ainda intacto, eu ia perder a cabeça aqui.

— Eu não sou virgem. — *Não tecnicamente*. Enfio uma mecha de cabelo atrás das orelhas, levanto o queixo e digo: — Estou familiarizada com pênis, escroto e todo tipo de penetração.

— Vou guardar essas informações importantes para um dia chuvoso. Nunca se sabe quando um conhecimento como esse virá a calhar — uma nova voz diz atrás de mim.

Meu coração chuta meu peito selvagemmente. *Eu conheço essa voz...* eu giro e Cole está lá – em pé ao lado do sofá, com a cabeça inclinada para um lado e aquele sorriso com a covinha cada vez mais familiar em seu rosto. Minha mente repete toda a minha conversa com Jodi. *Estou familiarizada com pênis, escrotos e todo tipo de penetração.*

Aff!

Um rápido olhar na direção de Jodi prova que ela não vai ajudar em nada. Sua mandíbula está praticamente descansando em seu colo.

— Isso foi completamente fora de contexto — murmuro. Eu sei que cada centímetro de pele de mim adquiriu um tom de vermelho flamejante.

É óbvio que Cole registra minha mortificação, mas em vez de me dar espaço para respirar, ele se aproxima e seu sorriso só fica mais amplo.

— É claro que foi — ele responde casualmente, lançando a mochila no chão aos meus pés. Quando ele se senta no sofá ao meu lado, meu coração dispara e minha pele se arrepia. — E eu certamente não pretendia impedir uma conversa tão fascinante – especialmente uma sobre penetração e pênis –, mas vi você sentada aqui e queria que soubesse que faremos uma festa na minha casa sexta-feira à noite. Você deveria vir. — Ele se vira para Jodi. — Você deveria vir também.

— Parece ótimo — gagueja Jodi, balançando a cabeça e piscando como se tivesse acabado de acordar. Eu reviro meus olhos, mas acho que é exatamente a mesma reação que tive na primeira vez em que Cole falou comigo. — Eu sou Jodi.

— Oi, Jodi. Eu sou o Cole.

— Oh, eu sei quem você é — diz Jodi com um sorriso sugestivo.

Cole inclina a cabeça.

— Isso é uma coisa boa ou ruim?

Jodi encolhe os ombros e tamborila os dedos no tampo da mesa.

— Bem, eu não ouvi muitas queixas...

— Ugh — eu gemo. — Por favor, não alimente o ego dele.

— Por que não? Meu ego está sempre com fome. — Cole ri e estala os dedos. — Agora, Jodi, posso confiar que você vai levar Aimee para a festa na sexta à noite? Porque eu sei que ela vai inventar uma desculpa, mas essa garota definitivamente precisa se divertir. Você não concorda?

Deus. Jodi balança aquela cabeça azul e bate os cílios vigorosamente — um sinal claro de que ela é vítima de uma névoa cerebral induzida pelos olhos verdes quase mágicos de Cole. Eu entendo. Estou bem familiarizada com os sintomas.

Eu tusso.

— Na verdade, eu não vou conseguir ir para a sua festa — digo, tentando ignorar o fato de que a perna de Cole está tocando a minha e que toda vez que eu sinto o cheiro dele todos os tipos de pensamentos loucos e desleixados dançam na minha cabeça.

— Está vendo o que eu quero dizer? — Cole pergunta e compartilha um olhar cúmplice com Jodi. — Eu falei que ela teria uma desculpa.

— Não é uma desculpa — eu defendo. — Uma desculpa seria dizer que tenho que lavar o cabelo ou que o meu peixinho de estimação está doente e que preciso ficar em casa para cuidar dele. Por acaso tenho planos reais na sexta à noite.

Os cantos dos lábios de Cole caem e sua testa enrugando enquanto ele analisa meu rosto. Momentaneamente me pergunto se é possível que ele esteja realmente desapontado por eu não conseguir ir para a festa dele. Então, quase antes de ter certeza de que vi algo real e sólido em sua expressão, o familiar sorriso fácil retorna ao seu lugar.

— Planos reais? — pergunta ele.

— Sim — respondo quando passo os dedos sobre a tampa do meu copo de café. — Meus pais vão levar minha irmã e eu para jantar na sexta-feira. Nós vamos sair para comemorar o aniversário do meu pai.

Ele ergue uma sobrancelha.

— Então seus pais são grandes na cena rave, não é?

A pergunta me pega de surpresa.

— O quê? Meus pais? — Ele assente. — Não, eles não estão na cena rave. Carl e Elise Spencer são os típicos yuppies de clubes de campo. Duvido que minha mãe saiba o que é uma rave.

— Hmmm... — Ele sorri e se apoia no cotovelo. — Eles são aspirantes a vampiros? Você sabe que eles têm esses cultos agora, onde as pessoas pensam que são mortos-vivos e bebem sangue, dormem em caixões e fazem todo tipo de coisas estranhas.

— Você é louco ou algo assim? — Ambas as minhas mãos estão erguidas, e eu estou prestes a rir de forma confusa. — Não, meus pais não são aspirantes a vampiros. Eles são completamente normais. *Dolorosamente*

normais, de fato. — Esta é a verdade.

Cole endireita sua postura e mostra suas covinhas.

— Então, tenho certeza de que sua mãe e seu pai vão te levar para jantar fora por volta das sete e, mesmo que comam sobremesa e tomem café, terá tempo suficiente para vir. Mencionei que as festas na minha casa tendem a durar a noite toda?

— Umm... Ocorreu a você que eu poderia não sentir vontade de ir à sua festa? — Olho para Jodi em busca de apoio, mas não adianta. Eu a perdi completamente. Ela recuou na cadeira, assistindo Cole com uma expressão extasiada em seu rosto.

Traidora.

— Claro que me ocorreu, mas não acho que seja isso que está te afastando. — Cole abaixa a voz e se inclina para que só eu possa ouvir o que ele diz a seguir. — Você tem que falar com Daniel algum dia, Aimee. E eu prometo a você que essa conversa é pior em sua cabeça do que na vida real.

Antes que eu possa responder ou processar o quão incrível é o seu cheiro, ele está se levantando e pegando sua mochila do chão.

— Senhoritas — ele diz, fazendo um gesto que não sei decifrar se é uma onda ou uma despedida. — Espero ver vocês lá. Se não, então eu vou te sequestrar em algum momento. Tenho que ir ou vou chegar atrasado no campo, então, por favor, voltem para sua discussão fascinante sobre pênis. — Seus olhos verdes deslizam, divertidos, entre mim e Jodi.

— Sim... hum, se divirta correndo, ou o que quer que seja — murmuro.

Ele balança a cabeça uma vez e depois se afasta. Não posso deixar de observá-lo quando ele passa pelas mesas e pela porta de vidro marcada pelos dedos dos alunos da União. Seus ombros. Sua bunda. Sim... hum, uau.

Não sei como uma pessoa que mal conhece pode ocupar tanto espaço na minha cabeça, mas esta é a verdade. Não importa o quanto eu tente, não consigo parar de pensar nele.

Depois de quase um minuto, Jodi quebra o pesado silêncio.

— Pelo amor de tudo que é sagrado, *Aimee Spencer*! — Ela diz meu nome baixo e rápido, soando mais como uma mãe do que como uma amiga. — Como, no mundo, você não me disse que está rolando algo entre você e Cole Everly?

Cole

O apito soa e a reação é instantânea. A partir de agora é instinto. Quando eu comecei, imaginei que era como se as tiras da gravidade tivessem sido cortadas com um machado. Um. Dois. Meus músculos tensos se soltam, impulsionando meu corpo para frente no espaço em um único movimento.

Sem pensamentos.

Sem preocupações.

Eu não sou nada além de ritmo e movimento.

Um. Dois. Três. Quatro. Cinco. Seis. Sete. Respirar.

Um. Dois. Três. Quatro. Cinco. Seis. Sete. Respirar.

Bombeio meus braços e empurro meus quadris para baixo, imprimindo toda a força de cada extensão de perna. Meus membros e pulmões trabalham em conjunto, destruindo a realidade transformando-a nesse padrão constante de movimento e respiração. É confortável. É o que eu sei. Posso sentir em todos os poros do meu corpo.

Sem pensamentos.

Sem preocupações.

Na pista, sob o sol ardente do verão, há apenas este momento e o que se segue.

Um. Dois. Três. Quatro. Cinco. Seis. Sete. Respirar.

A contagem bate no meu peito e pulsa através de mim como sangue nas minhas veias, impulsionando meus músculos com mais força, mais rápido.

Eu posso sentir Nate de um lado e Brady do outro, se aproximando, ganhando velocidade. Impulsiono minhas pernas ainda mais, ignorando a sensação de queimação que começa nas minhas coxas e se lança para todo o meu corpo. Mais rápido.

Um. Dois. Três. Quatro. Cinco. Seis. Sete. Respirar.

Sem preocupações.

Estou à frente novamente.

Um. Dois. Um impulso final. Três. Quatro. E eu cruzo a linha

Respiro repentinamente, como se estivesse em busca de ar depois de ficar debaixo d'água por muito tempo. Tudo fica mais lento quando meus calcanhares se prendem ao chão e meus braços se soltam. Faço uma pausa e me inclino para apoiar minhas mãos nos meus joelhos. Através do suor que escorre da minha testa, percebo um pouco de verde. Empurro meu tronco para cima e aspiro mais ar no meu peito dolorido. O treinador está dizendo

algo para mim, mas meus olhos correm para o painel digital e passo minha mão pelo meu rosto.

Eu pisco. Nada mau.

Um. Dois. Três. Respirar.

Sem preocupações.

Sem pensamentos.

Mais tarde, com uma toalha enrolada na cintura e a música de Nate atingindo meu crânio, inclino minhas costas nuas contra a parede de concreto e deixo as palavras dos meus colegas de equipe entrarem em contato com minha pele. Quentin está falando sobre uma garota que conheceu no último sábado.

— No começo eu fiquei a fim da amiga dela, porque os seios eram inacreditáveis. Mas então esta gostosa, toda elegante e perfeitinha, com um cardigã cor-de-rosa, sussurra no meu ouvido que ela quer me atacar ali mesmo no bar e ... — Ele estende as mãos e sorri. — Eu sou só humano.

Os outros caras dão risadas.

— Falando de seios inacreditáveis — diz Brady e volta o olhar para mim. — Eu vi Kate na casa de Ashton na noite passada e ela perguntou sobre você.

Bato minha cabeça na parede uma vez e me levanto, pegando minha camisa e moletom. Eu não quero falar sobre Kate Dutton.

— Tenho certeza que ela perguntou.

— Você ainda está com ela? — ele indaga, inclinando a cabeça em minha direção. — Porque se não, então eu tenho que admitir que estou interessado.

Claro que ele está. Brady é governado por apenas uma coisa: seu pau.

— Você se importa se eu chamá-la para sair? — ele me pergunta.

Eu me afasto enquanto deslizo a fina camisa branca de algodão por sobre a minha cabeça e tiro a toalha úmida.

— Ela é toda sua — eu digo. — Só tome cuidado porque ela pode ficar um pouco pegajosa.

Quentin bateu no meu ombro.

— Ei, cara, eu não me preocuparia muito com isso. Eu acho que Brady tem algumas partes às quais ele estaria mais do que disposto a permitir que ela se apegasse.

Eu ignoro as risadas e o resto da conversa. Não estou no clima para isso hoje. Só quero terminar de me vestir, arrumar minhas coisas e dar o fora daqui.

Antes que eu possa fazer a minha fuga, o treinador entra e quer nos dar

um discurso áspero sobre condicionamento, dormir o suficiente e largar o álcool. *Sim, com certeza, treinador.*

No momento em que saio do prédio, o céu é um hematoma roxo-preto devorando a pele tingida de pêssego do horizonte. Eu verifico meu telefone. Uma chamada perdida e uma mensagem de voz de um número que eu não salvei, mas que reconheço como o celular da minha mãe. Apago a mensagem sem ouvi-la.

A situação é essa: eu não falo com a mulher que me deu à luz desde que ela nos deixou há três anos. De vez em quando, ela parece ter uma crise de consciência e me liga ou deixa uma mensagem falando um monte de merda como se ela sentisse minha falta e quisesse acertar as coisas entre nós. *Acertar as coisas? O caralho!*

Solto um suspiro amargo e volto meu foco para o telefone. Há uma mensagem de texto da Kate me perguntando se ela deixou ou não seu short na minha casa na semana passada, e outra da minha irmã, Sophie. Eu ignoro a de Kate e respondo a Sophie. Ela deve estar colada no telefone porque responde imediatamente.

Eu rio e começo a digitar quando ouço meu nome ser chamado. Olho para cima e vejo Daniel correndo em minha direção com sua bolsa de ginástica e uma toalha úmida na mão.

— Esqueci de perguntar se rola uma carona para casa. Meu carro está com defeito de novo e eu o deixei na oficina esta manhã — ele grita, jogando o cabelo molhado para trás e colocando a toalha sobre o ombro.

Enfio meu celular no bolso da frente e aponto para a caminhonete com o polegar.

— Sim. Suba.

Três minutos depois, Daniel conseguiu interromper minha música e me disse seis vezes que minha caminhonete cheira pior do que as meias sujas no fundo de sua cesta de lavanderia.

Aumento o volume no aparelho de som. Minha caminhonete é uma porcaria, mas me leva de um lugar para outro, então quem está reclamando? Estou com um orçamento limitado e, como não consigo conciliar um trabalho junto com a equipe de atletismo e o estudo, aproveito o que posso ter.

— Bem — eu digo a ele —, você pode procurar uma carona diferente da próxima vez que ficar preso depois do treino.

— Ou você pode simplesmente limpar este lixo — Daniel dispara de volta. Ele pega uma lata de refrigerante vazia do chão e a joga no espaço

estreito atrás do assento. — Eu sinceramente não sei como você consegue levar as garotas para casa com você nessa coisa. Isso é uma imundice.

— Olha, eu não tive nenhum problema até agora. E este é um aviso: eu e minha caminhonete suja estamos prestes a ficar ofendidos, e você precisa começar a se perguntar o que vai fazer na sexta-feira para levar dois barris para casa sem a minha ajuda.

— Justo. Eu vou calar a boca sobre isso. — Daniel ri e balança a cabeça. — Acho que esqueci que você não precisa se preocupar em impressionar as garotas para que elas durmam com você. Neste ponto, eu tenho certeza de que O Maravilhoso Cole Everly poderia deitar e rolar em merda de cachorro e aparecer em uma bicicleta usando nada além de um tutu rosa e asas de fada, que Kate Dutton e todas as outras garotas bonitas dentro de um raio de dezesseis quilômetros ainda fariam uma fila para terem um pedaço de você.

Eu involuntariamente aperto o volante e cerro meus dentes. Não sei por que estou aborrecido, mas estou.

— Obrigado por me fazer parecer um verdadeiro babaca, cara. Eu aprecio isso... — Deixo minha voz sumir. — De qualquer forma, já disse a você e aos outros caras que terminei com a Kate. A garota tem me mandado mensagens de texto e me ligado quase todos os dias como se ela fosse... como se fosse... — Balanço minha cabeça, sem palavras.

Daniel olha para mim com as duas sobrancelhas erguidas.

— Oh, você quer dizer que ela está agindo como se gostasse de você? Que está te ligando como se quisesse um relacionamento contigo depois de você ter trepado com ela nos últimos seis meses? Estou chocado!

Ignoro seu tom zombeteiro e dou de ombros.

— Eu simplesmente não estou interessado nela desse jeito e acho que fui bem sincero com ela sobre isso. Disse a ela desde o começo que não sou o tipo de cara que se prende a um relacionamento. Então, se Kate agora quer mudar as regras do jogo, ela vai ter que se encontrar um jogador diferente.

— E isso não tem nada a ver com Aimee Spencer?

Meus olhos encontram os dele brevemente antes de voltarem para a estrada. O som do nome dela ainda está ricocheteando em meu peito como uma bala.

— Do que você está falando? O que diabos Aimee Spencer tem a ver com qualquer coisa que eu acabei de dizer?

Daniel encolhe os ombros. Ele inclina a cabeça para a janela do lado do passageiro e brinca com os controles da janela.

— Noelle Melker me disse que Aimee está de volta de seja lá pra onde ela fugiu no ano passado. — Ele para de falar e tosse duas vezes. — Então eu vi você com ela no Dirty Ernie, e vocês dois pareciam bem íntimos. Eu só pensei que algo poderia estar acontecendo algo entre vocês e que este seria o motivo de você estar colocando Kate para escanteio.

Eu bufo.

— Não tem nada acontecendo.

Não digo a ele que convidei Aimee e sua amiga para a festa em nossa casa na sexta-feira nem que passei pelo menos uma hora no domingo perseguindo-a online como um psicopata.

Examinei alguns artigos sobre o acidente, mas o que mais me chamou a atenção foram as fotos de Aimee de quando ela nadava competitivamente. Era estranho – como olhar para fotos de uma pessoa totalmente diferente. Seu cabelo era mais curto e seu corpo era mais torneado com os músculos de uma nadadora, mas isso não foi o que me chamou a atenção. Em quase todas as fotos, Aimee sorria. Uma porra de um sorriso de verdade. E o sorriso dela era exatamente como eu imaginei que seria – tão largo e bonito que deixaria o sol envergonhado. Ele causou um mal-estar no meu estômago e me manteve paralisado ao ponto em que precisei fechar meu laptop e sair para correr apenas para tentar pensar em outra coisa.

Eu posso sentir Daniel me observando do banco do passageiro. Olho para ele.

— Não tem nada acontecendo com Aimee — repito.

— Eu não me importaria se houvesse alguma coisa — diz ele e, em seguida, respira fundo e passa a língua sobre o lábio inferior. — Não vou mentir e dizer que não é meio estranho para mim que ela esteja estudando aqui agora. Aimee era... — Ele faz uma pausa e, de alguma forma, o som do motor da caminhonete parece mais alto do que há dois segundos. — Ela era... Cole, você não sabe disso, mas ela e minha irmã eram como a mesma pessoa. Elas compartilhavam e trocavam tudo – roupas, garotos... tudo. Eu nunca conheci amigas assim. Elas eram tão próximas que tinha uma piada comum na minha família: que Aimee e Jillian eram o oposto de gêmeos siameses. Eram como uma única cabeça controlando dois corpos.

Daniel nunca fala sobre sua irmãzinha. Tudo o que sei são os fragmentos de informação que encontrei online sobre sua vida na escola secundária e os artigos sobre sua morte. E, claro, sei que ele desistiu de sua bolsa de estudos no Estado de Michigan para se transferir para cá, para poder estar mais perto

de seus pais de luto.

Ele continua falando:

— É difícil explicar o que aconteceu com ela e minha mãe depois do acidente. Foi ruim. Meus pais estavam perdendo a cabeça com essa dor irreal, então como a polícia não conseguiu descobrir muito, minha mãe precisou de algo ou alguém para colocar a culpa. Infelizmente, esse alguém acabou sendo Aimee.

Meu peito se contrai. Eu penso em Aimee e em como ela parece desesperadamente triste e frágil. Não sei por que eu não consigo tirar essa garota da minha cabeça, mas é como se o rosto dela, com aquele olhar distante, estivesse preso ao meu crânio como um prego em concreto endurecido. Merda. Eu preciso me controlar.

Ajeito-me no banco e cerro meus punhos sobre o volante escorregadio.

— Você deveria falar com ela.

Daniel olha para longe, sua respiração embaçando o vidro da janela.

— É, eu sei que deveria. Eu deveria fazer um monte de coisas, Cole.



Capítulo 4

Cole

Eu não espero que ela apareça.

Ela tem cem razões para ficar longe e nenhuma para aparecer, então eu realmente não acho que ela vá entrar pela porta. Ainda assim, me vejo checando a hora no meu celular com mais frequência do que o normal. Às onze, estou mais do que irritado, sem nenhuma razão sólida, e praticamente todo mundo na porra da festa começou a me ignorar. Quentin foi a última pessoa a falar comigo e tudo o que ele fez foi perguntar se eu estava de TPM.

Bem. Este é meu alerta.

É o lembrete de que eu preciso. É por isso que eu não namoro. Flores, romance e sentimentos não fazem parte da minha vida por uma boa razão. Essa besteira sempre leva ao desapontamento no final. Que se foda tudo isso.

Eu já vi acontecer muitas vezes com alguns dos meus amigos idiotas. Eles enfiam uma garota que não dá a mínima para eles em seus cérebros e pronto! Não conseguem enxergar e nem pensar direito. Por quê? Ninguém vale toda essa porcaria. Não quando há muitas mulheres com corpos maravilhosos e cheias de tesão prontas para aparecer e preencher o vazio a qualquer momento.

Claro, essa não é a linha que as pessoas querem que você siga. Todos querem acreditar em relacionamentos amorosos e monogâmicos e em coisas

que não existem na vida real.

No ano passado, quando Nate estava perdendo a cabeça para aquela garota que conhecemos no Stubby's, eu avisei que ele estava agindo de forma estúpida. Ele me disse que eu não tinha coração, que era amargo e acabaria triste e sozinho. Um mês depois, quando estava chorando e com a cabeça fodida para as corridas, eu estava transando com a melhor amiga da garota e no meio da melhor série de vitórias da minha vida. Lição primordial: ter um coração de pedra e ser amargo pode não ser tão ruim.

Meu pai é o maior dos otários. Ele ficou com minha mãe por vinte anos e, durante todo o tempo em que estiveram casados, ignorou o fato de que ela não dava a mínima para ele ou para os próprios filhos. Agarrava-se à ideia de que éramos a família americana perfeita e completa, com direito a casa de dois andares e a cerca branca. Ele continuou assim, cantarolando e assobiando e recusando-se a reconhecer todos os sinais reveladores de que vivia em uma enorme mentira.

Ele deu sua alma à minha mãe, e um dia ela acordou e decidiu que não a queria mais, então foi embora. E não foi como nos filmes. Não houve bilhete ou explicação cheia de lágrimas sob chuva torrencial. A única coisa que ela deixou para trás foi um roupão velho e uma coleção de romances em brochura.

Aquela mulher largou sua própria família às traças e nunca olhou para trás. E agora meu pai é apenas uma casca quebrada. Ele segue caminhando, mas parou de viver há três anos. Agora, ele simplesmente existe.

Essa merda não é para mim. De jeito nenhum.

Eu tomo um gole de cerveja quente do copo de plástico vermelho que está na minha mão e fecho os olhos. Sinto que estou exagerando. Eu provavelmente deveria me levantar e sair para tomar um pouco de ar ou esquecer a angústia e ir para a cama. Posso até acordar na primeira vez em que o alarme disparar, em vez de apertar o botão soneca três vezes. O treinador vai surtar de alegria se eu chegar ao campo na hora certa no sábado de manhã. Essa ideia me faz sorrir.

— Por que você está tão feliz, Cole?

Abro meus olhos. Há uma linda garota ao meu lado, com o braço pendurado no encosto do sofá e as pernas dobradas sob a bunda. Ela tem lindos olhos cinzentos e cabelos loiros curtos. Eu a conheço de algum lugar. Merda. Acho que fiquei com ela no ano passado depois de uma festa. Melanie ou Melissa, ou algo assim. Tenho certeza de que está na Zeta. Ou

talvez seja na Theta.

— Hã?

Seu sorriso estampado oscila um pouco.

— Você estava sorrindo e parecendo feliz. Só fiquei curiosa pelo motivo. Eu quase rio da ironia. O que sinto agora é o extremo oposto de feliz.

— Oh, você sabe — murmuro evasivamente e tomo outro gole da minha cerveja.

Melanie ou Melissa inclina a cabeça para o lado e morde a bochecha.

— Então, você se lembra de mim?

Droga. Essa garota está pedindo. Deixo meus olhos caírem em seus seios e sinto uma leve pontada de interesse.

— Claro que lembro de você. É ahhh...

— Megan — ela diz timidamente, se aproximando e alcançando meu queixo. Eu não mostro resistência e isso parece encorajá-la. Ela traz seus lábios úmidos ao meu ouvido, e eu sinto o roçar de suas unhas enquanto sua mão esquerda se arrasta sob a parte inferior da minha camisa. — Bem, é muito bom ouvir isso, porque eu certamente lembro de você, Cole.

Aimee

— Sou eu ou você está pronta para mergulhar em querosene e acender um fósforo? — pergunto, acenando rigidamente enquanto vejo as luzes traseiras do sedã preto dos meus pais desaparecerem na curva da rua.

— Talvez a 'vontade de cortar meu próprio pescoço' passe mais perto do que eu sinto agora — responde Mara. Ela deixa seu sorriso falso se transformar em uma carranca. Então coloca os braços atrás do pescoço e se vira para a porta da frente da nossa casa com um suspiro.

Eu a sigo, passando pela pequena cozinha e vou até a sala de estar. Mara arranca suas sapatilhas pretas e se lança no sofá verde-claro. Fecha os olhos enquanto deixa cair os braços no colo com um baque.

Eu afundo ao lado dela e alcanço o controle remoto que descansa sobre a mesa ao lado. Ligando a TV, pergunto:

— Você quer assistir a um filme? Acho que tem um novo com Ryan

Gosling.

Os olhos de Mara se abrem. Ela afasta o cabelo castanho da testa e diz:

— Aimee, não consigo pensar em Ryan Gosling agora.

— Vamos, Mara — eu brinco. — Você está respirando, então você pode pensar em Ryan Gosling.

— Você pode falar sério por um minuto? Eu quero conversar sobre o que aconteceu no jantar. Quero... — Ela faz um som frustrado. — Eu simplesmente não posso acreditar no que ela fez!

— Mara, não se preocupe com isso — eu digo.

Mas minha irmã não parece pronta para parar. Ela respira profundamente e reclama:

— Sinto muito por ela ter ido tão longe com você. Eu deveria tê-la interrompido mais cedo.

Ela está se referindo à nossa mãe.

— Eles só ...— Deixei a minha voz morrer, sem saber exatamente o que dizer. Lidar com Carl e Elise Spencer é sempre um assunto delicado. Meus pais não são pessoas ruins, eles simplesmente não gostam de lidar com qualquer coisa perturbadora ou complicada. E por mais de um ano, *eu* fui o perfeito significado de *perturbador e complicado*.

Mara se aproxima de mim e descansa sua bochecha na curva do meu ombro.

— Ela só não sabe quando parar, não é?

Eu resmungo. Isso é um eufemismo.

Mara levanta a cabeça e me olha seriamente.

— Acho que a nossa mãe perdeu a cabeça desta vez.

— Não, ela acha que eu perdi a minha — respondo. A julgar pela expressão azeda no rosto de Mara, ela não vê qualquer graça na minha piada. Reviro meus olhos e continuo falando: — Olha, não é tão ruim quanto parece. Ela está muito preocupada comigo, e papai concorda com tudo o que ela disser, porque não quer se indispor com ela.

As mãos da minha irmã chegam ao seu rosto. Dá para ver o quanto ela está frustrada e irritada.

— Mas querer que você largue a faculdade e passe o ano inteiro em casa? Isso não faz absolutamente nenhum sentido para mim.

Mamãe ligou no começo da semana e apresentou a ideia de todos nós jantararmos hoje à noite para comemorarmos o aniversário do papai. O que ela deixou de mencionar foi que era uma emboscada.

Sua voz filtra meu cérebro.

Ficamos sabendo que você ainda não marcou uma consulta com o novo terapeuta.

Você viu Daniel Kearns na semana passada?

Você já tentou a maquiagem que eu comprei para cobrir a cicatriz?

Sua nova amiga tem cabelo azul?

Do jeito que ela falava, pensei que estava pronta para me trancar em alguma instituição para lidar com minha "instabilidade emocional", então eu fiquei quase aliviada quando tudo o que sugeriu foi que eu tirasse o ano de folga e voltasse para casa. *Talvez a faculdade seja muita pressão agora*, ela disse. Até tentou me seduzir com a conversa sobre uma viagem à Europa com ela e meu pai na primavera.

— Você tem que ter paciência com ela — eu digo. — Mamãe se convenceu de que eu vou cortar meus pulsos a qualquer momento e realmente acho que nada do que eu diga ou faça agora fará com que acredite no contrário. Cada coisinha dispara algum tipo de alarme nela. É como se tivesse decidido que, se eu estivesse mais perto dela fisicamente, ela seria capaz de controlar a situação e de alguma forma mágica fazer o tempo voltar para que eu seja novamente a pessoa que eu era antes.

Antes.

Eu não preciso esclarecer para Mara. Parece que minha vida inteira está dividida em duas partes: *antes e depois*.

Mamãe preferia o antes. Antes era sólido. A feliz, saudável e popular Aimee morava lá.

O depois é estranho. É tudo cicatrizes, terapeutas e lágrimas. E não faz diferença se eu tirar um A ou ficar fora de problemas. Para minha mãe, *depois* é uma pilha irregular de vários “e se”.

A mão de Mara se acomoda na dobra do meu cotovelo. Ela me olha nos olhos para que eu saiba que está falando sério.

— Fico feliz que você a compreenda. E, Aimee, lamento ter passado atualizações sobre você. Eu pensei que estava ajudando, mas depois desta noite, juro que não vou fazer mais isso.

Engulo em seco. Sim, fora doloroso ouvir minha mãe distorcer as coisas que só Mara poderia ter dito a ela, mas eu já sabia que elas vinham falando de mim, então não é como se eu estivesse chocada. E mesmo que minha irmã e eu não concordemos em tudo, sei que ela nunca me machucaria de propósito. Acaricio sua mão de forma tranquilizadora e digo:

— Eu sei que você não fez por mal, então vamos esquecer que esta noite aconteceu.

Mara sorri e me aperta.

— Amo você.

— Te amo mais.

Depois disso, nós caímos em um silêncio confortável. Eu não insisto mais no filme do Ryan Gosling. Em vez disso, optamos por um episódio antigo de Lei e Ordem. Nós duas já o vimos mais de uma vez, mas logo estamos gritando coisas para os personagens, rindo e comendo M&Ms do estoque que mantenho guardado ao lado do sofá.

Quando os créditos da série sobem, Mara vira a cabeça para mim e gira o dedo no ar.

— Estou cansada de ficar sentada — diz ela. — É noite de sexta-feira e acho que devemos sair.

Eu pego meu telefone e acendo a tela para ver as horas.

— É quase meia-noite, Mara.

— Sim. E daí?

— Para onde poderíamos ir? Você sabe que eu não tenho mais uma identidade falsa. — Eu me liberei dela há um ano.

Mara bufa.

— Isso não é problema. Eu conheço um cara.

Minhas sobrancelhas se erguem.

— Você conhece um cara? O que você é, membro de uma máfia ou algo assim?

Mara ri.

— Não. É pior que a máfia. Eu estou em uma irmandade. — Ela se levanta e estende a mão para mim. — Vamos. Eu acho que depois do jantar em família dos infernos, nós merecemos alguns drinks e diversão.

As palavras ditas por Cole no outro dia passam pela minha cabeça. Talvez eu realmente precise de mais diversão na minha vida.

Cole

A música neste lugar é uma merda. Estou suando em bicas. A cerveja é muito cara. E tenho certeza de que alguém acabou de vomitar no canto perto dos banheiros. Quanta elegância!

Eu giro o banco e apoio meus antebraços contra a borda do balcão laqueado. Ainda não consigo acreditar que concordei em sair tão tarde. Tenho treino de manhã e minha dor de cabeça está ficando pior a cada segundo, mas não estou pronto para encerrar a noite. Talvez uma parte de mim não queria ficar sentado naquele sofá por mais um segundo esperando para ver se Aimee iria aparecer. Então, quando Nate e Adam sugeriram que passássemos a festa para uma boate, aceitei a ideia e encorajei Megan a reunir suas amigas.

— Quer dançar? — Megan me pergunta pela terceira vez desde que chegamos aqui. Ela está esmagando seus peitos contra meu bíceps e ficando na ponta dos pés para que sua boca possa chegar ao meu ouvido.

— Não — eu resmungo e levanto a garrafa de cerveja que estou segurando para que ela veja que estou ocupado. — Estou bem.

Eu posso dizer pela expressão em seu rosto que essa não era a resposta que ela esperava. Estou agindo como um babaca, e Megan está insistindo por quase duas horas. Ela pode ser uma garota meio grudenta e insistente, mas na verdade não é uma má pessoa. Não é culpa dela eu estar de mau humor esta noite.

Deixo minha garrafa de cerveja de lado e levo a palma da minha mão às suas costas.

— Por que você não me faz um favor e vai salvar meu amigo Daniel ali? — eu sugiro, inclinando meu queixo na direção de Daniel, que foi encurralado no minuto em que entramos pela porta por uma garota maluca que dizia fazer algumas aulas com ele. — Meu garoto parece estar pronto para se afogar em sua bebida.

Os olhos cinzentos de Megan seguem os meus.

— Pode deixar. — Ela abre um enorme sorriso e corre as unhas bem cuidadas pelo meu braço antes de sair. Vou dizer uma coisa: a menina tem uma bela bunda.

Eu assisto, divertido, enquanto Megan bate seus cílios e usa suas amplas curvas para assustar a outra garota. Em dois minutos, ela está com o braço preso na cintura de Daniel e o leva para a pista de dança.

— Ela tem habilidades — murmuro e tomo outro gole da minha cerveja.

— Cole, cara — Nate grita por sobre a música. Ele surge ao meu lado e bate a garrafa de cerveja vazia no balcão. — Pronto para outra?

Eu inclino minha cabeça para um lado.

— Não, acho que vou embora. Vou pegar um táxi ou ver se consigo pegar uma carona de volta para casa com Adam.

— Que diabos, cara? A noite está só começando! — ele cantarola, jogando a cabeça para trás e uivando em direção ao teto.

— São quase duas da manhã. — Tomo um gole final da minha cerveja e sinalizo ao barman que estou pronto para fechar minha conta. — De qualquer forma, não estou mais a fim de ficar, e não esqueça que temos treino amanhã.

Nate ri, e seus dentes brancos brilham em contraste com sua pele escura.

— Eu nunca pensei que veria o dia em que seria você a me lembrar de um treino matinal. — Ele enfia o cotovelo em minhas costelas. — Antes de você ir, pelo menos me diga onde eu posso encontrar aquela belezinha que estava enroscada na sua perna mais cedo.

— Ahhh, eu tenho certeza de que o Daniel já está com a mão dele dentro da saia dela, mas você certamente é bem-vindo para verificar por si próprio.

Eu assino o recibo do cartão de crédito que o barman me entrega e saio do bar. É quando eu a vejo. Empoleirada em uma cadeira de uma mesa em um canto, com as pernas longas e esguias cruzadas e a cabeça apoiada em sua palma virada para cima. Ela está com outra garota de cabelos escuros. Esta se inclina e sussurra algo no ouvido de Aimee, e ambas sorriem.

Meus olhos traçam o contorno de seu corpo – a pele clara de seu ombro nu, a curva suave de seus seios, todo o caminho até o vale de sua cintura – e tudo dentro de mim se revira drasticamente. Meu coração começa a bombear sangue mais rápido, as porras dos poros ficam todos arrepiados, e eu sinto que a boate ficou um pouco mais quente. Droga. Preciso controlar meu pau e minha pulsação ou essa garota vai pensar que sou algum tipo de tarado. Já está se tornando aparente que precisarei ir para casa e tomar o banho mais frio da minha vida.

Antes que eu possa pensar muito ou me convencer disso, meus pés percorrem a distância que nos separa, e eu estou tamborilando com os dedos no canto da mesa, esperando que ela me note.

Quatro agonizantes segundos depois, Aimee levanta a cabeça e é como assistir a um filme inteiro de suas reações. Primeiro, suas pálpebras se alargam um pouco, seu queixo cai, e então um pequeno sorriso mal-intencionado surge em seus lábios. Eu tenho que enfiar minhas mãos no fundo dos meus bolsos para não estendê-las e passar meu polegar ao longo da pele rosada que reveste sua boca.

Eu digo a primeira coisa que aparece na minha cabeça.
— Pensei que você tinha dito que tinha planos com seus pais hoje à noite.
Com a cabeça meio inclinada e olhos desfocados, ela me estuda por um longo momento. Então vira o rosto para um lado e diz:
— E eu pensei que você tinha dito que eu deveria me divertir mais. Talvez esteja apenas seguindo seu conselho.

Aimee

Cole Everly

Deus.

Eu ignoro a onda de calafrios que percorre a minha pele e o furor do álcool que agita ferozmente o meu estômago. Ergo o pequeno copo de vidro e tomo outro gole do fino canudo vermelho. Engolindo em seco, enquanto a vodka queima minha garganta, endireito meus ombros e estreito meus olhos para Cole.

— Você está me seguindo por aí ou algo assim? — pergunto. — Você continua aparecendo em todos os lugares que eu vou, como um *stalker*. Eu estou começando a me perguntar se deveria ficar preocupada.

— Eu? Um *stalker*? — Ele ri e cruza os braços contra o peito. Eu me esforço para não olhar para os bíceps proeminentes que se esticam contra as mangas de sua camisa. *Não olhe. Não olhe.*

— Se a carapuça serviu... — continuo.

Ele ri.

— Acho que você é que pode estar me perseguindo, Aimee. Vim para cá com meus amigos, daí olhei e aqui estava você. Ou você está me perseguindo ou é uma coincidência bem louca — diz ele com um sorriso torto. — A terceira opção é que o destino está nos dando uma mão.

Deixo minha cabeça se inclinar para trás.

— Eu não acredito em destino. É estúpido.

Cole me observa por um longo momento enquanto pensa no que dizer. Mara usa a pausa em nossa conversa para aparecer e mostrar seu sorriso digno de um membro de irmandade. Ela estende a mão para Cole como se

estivessem sendo apresentados em um comício político e não sob um conjunto de luzes púrpuras estroboscópicas e pulsantes em uma boate barulhenta. Ele ri de algo que ela diz, e eu quero dar um soco no rosto dele. Ou talvez eu queira socar a cara da minha irmã. Não tenho certeza.

A música que toca é uma estranha mistura de pop sintético e rock de garagem. É alta e pesada, e as batidas reverberam no meu pescoço, como se cortassem a minha pele. Meus olhos começam a ficar confusos, então eu os fecho e apoio a cabeça no meu braço dobrado.

Eu não quero ouvir o que Mara está dizendo para Cole. Não quero ouvir o quanto eles têm em comum e como são divertidos, vivos e tudo o que eu não sou. Não quero olhar para sua boca carnuda ou me perguntar como seria correr meus dedos pelos fios de cabelos dourados que caem sobre seus olhos verdes. Não quero pensar nos meus pais, em Jilly, na escola ou naquela noite de junho, quando perdi tudo.

Por cinco minutos, quero esquecer essa meia-vida. Só quero afastar todos os fantasmas e me perder completamente nas batidas pesadas e na vodka que queima em minhas veias.

Mas quando abro meus olhos, estou de volta naquele carro com a água salgada e escura se derramando ao meu redor.

Você ouve esse som? É o som do mundo se despedaçando.

A água cobria meus sapatos e pesava em meus braços. Tudo estava confuso e escuro. Quanto tempo nós ficamos assim? Minutos? Horas? Apenas segundos? Eu tossi, engasgada com o medo e a bile subiu pela minha garganta.

— Socorro!

Minhas mãos se agitaram violentamente e bateram em algo sólido e viscoso.

Jilly...

Eu estava fraca. Gemi alto e tentei me mover. Era doloroso respirar.

— Jilly?

Seu corpo mole foi jogado para a frente sobre o volante. Sua cabeça estava voltada para mim, mas seu cabelo molhado e escuro cobria seu rosto, de modo que eu não conseguia ver seus olhos, apenas a ponta do nariz e o queixo. Sua mão direita estava rigidamente presa ao painel. Um ombro estava nu, onde a camisa azul se rasgara. Eu podia ver algo vermelho, mas não sabia se era o sangue dela ou o meu.

Agarrei a borda da janela aberta. O vidro rangia sob meus dedos.

Oh, meu Deus. Meu cérebro ganhou vida, e a névoa começou a se dissipar. Oh, meu Deus.

— Socorro! — Eu engasguei e comecei a puxar freneticamente o fecho do cinto de segurança contra o metal escorregadio, com dedos dormentes. — Jilly?

Esperei que ela levantasse a cabeça. Esperei que seus dedos se abrissem. A fivela do cinto de segurança cedeu, e eu ignorei a feroz dor do ferimento que rasgou meu braço e nadei para cima, através da água pesada e borbulhante, alcançando e...

A voz de Cole me puxa de volta para o presente. Seus dedos frios estão descansando na pele quente do meu pescoço, logo abaixo da minha orelha.

— Você está bem? — ele me pergunta.

Posso dizer pelo olhar tenso em seu rosto que não é a primeira vez que faz a pergunta. Eu fecho meus olhos novamente, mas as luzes são fortes demais. É como se eu pudesse senti-las através das minhas pálpebras.

— Droga. Você está completamente embriagada. Quanto bebeu esta noite?

Eu o empurro para longe, piscando e murmurando, sem ar.

Cole pega meu copo descartado e cheira. Ele parece irritado, e eu me encolho.

— Jesus Cristo, Aimee. Há vodka suficiente nessa bebida para me destruir e você pesa uns quarenta e cinco quilos.

Eu rio.

— O que você é, a polícia?

— Não seja idiota — ele dispara de volta. — O que diabos você estava pensando para beber assim?

Quando não respondo, ele começa a fazer perguntas a Mara sobre o que bebemos e como estamos planejando voltar para casa. Mergulho minha cabeça de volta no berço dos meus braços e respiro pelo nariz. O mundo desacelera ao meu redor – fica escuro, macio e estranhamente mole. Com um suspiro ofegante, fecho os olhos e sinto a mesa, a cadeira e o chão embaixo dos meus pés simplesmente desaparecerem.

Eu sou uma jangada.

Eu estou caindo.

Eu estou flutuando.

— *Eu não dirijo.*

Eu disse as palavras em voz alta ou na minha cabeça?

Horas passam. Ou talvez sejam segundos. Quem sabe? Quem ainda se importa?

Há um lampejo de luz ofuscante e percebo que estou sendo erguida. Cole desloca minha cabeça contra seu peito sólido e discretamente me orienta a não me mover muito. Estremeço, mas seus braços poderosos firmemente enganchados em mim. Ele está falando por cima da minha cabeça com um cara que eu não reconheço. Diz algo sobre um carro. Então afasta mechas de cabelo do meu rosto com o polegar, dizendo a Mara para pegar minha bolsa.

Hmmm... deixo meu corpo inteiro afundar no dele.

Que fique registrado que eu provavelmente morreria de vergonha por estar agindo de forma desastrosa, mas, acima de tudo, penso no quanto Cole cheira bem. Esfrego meu rosto em sua camisa. Acho que deixo escapar algum ruído porque ele pergunta:

— O que foi isso?

Eu sorrio.

— Hmmm... você cheira muito bem. Sabia disso?

Ele olha para mim com aqueles olhos verdes brilhantes, e eu não posso deixar de sorrir.

— Ah, é? Eu lhe disse antes que uso sabonete Ivory.

— Não, não é isso. Não é sabonete — murmuro, gesticulando e agitando minhas pálpebras. — Você cheira a... cloro — eu explico com um suspiro. — Tenho saudade. Eu amo o cheiro de cloro.

Ele ri e o som se move pela a minha pele como líquido.

— Estou treinando para um triatlo em Gainesville em algumas semanas, então nadei esta tarde. Talvez eu não tenha tomado um banho longo o suficiente?

— Eu gosto disso. Muito. — Cerro meus dedos no tecido de sua camisa. — E você é alto, não é? Eu não sabia que astros do atletismo eram tão altos.

Ele ri mais um pouco.

Encorajada, continuo estendendo a mão para beliscar a onda de músculos em seus ombros.

— E você tem músculos muito bons, Sr. Everly. Eu meio que quero mordê-los.

— Não que eu esteja reclamando de nada, mas, senhorita Spencer, acho que você está extremamente bêbada agora — ele responde, com um largo

sorriso em seu rosto. — Mas você é uma bêbada legal e muito lisonjeira, então algum dia vou cobrar essa proposta.

Minhas mãos se movem mais alto. Eu gentilmente passo as pontas dos meus dedos em seus lábios.

— Você tem que ter essas covinhas quando sorri? É... *demais para mim*.

— O que isso significa? Por que demais?

— Demais de tudo.— Reviro meus olhos e inclino a cabeça. — Isso significa que é perturbador. Significa que penso nas suas covinhas mais do que deveria.

Cole fecha os olhos e captura minha mão na dele. Ele inclina a cabeça para que eu sinta sua respiração quente e formigando contra o meu ouvido.

— Então, talvez a gente esteja em uma situação parecida. Porque eu acho que *tudo* em você é demais também.

Eu torço meu nariz, mas antes que possa pensar nas palavras para responder, Cole move o braço e me instrui a abaixar a cabeça.

Confusa, eu olho em volta.

Estofamento preto. Um para-brisa. Estou em um carro.

Mara está recostada no banco ao meu lado com as pernas cruzadas. Eu olho para fora da porta aberta. Os braços de Cole estão no teto do carro, e ele está olhando para mim.

— Estou em um carro — digo a ele.

Cole sorri e acena com a cabeça lentamente.

— Sim, você está no carro do meu amigo Adam. Estamos levando você para casa agora.

— Como você sabe onde eu moro? — Esta parece ser a pergunta certa a ser feita em uma situação como esta.

— Eu disse a eles — diz Mara e deixa seus olhos se fecharem. — Acho que deveríamos ter ficado longe daqueles drinques, Aimee.

Eu me lembro vagamente das doses de tequila, mas não tenho certeza de quantas daquelas nós tomamos.

— Hã. Eu geralmente não sou assim tão... não sei... *imprudente*.

Cole desliza ao meu lado e eu descanso minha cabeça em seu ombro. Ele é tão legal.

Uma porta do carro bate e uma nova pessoa diz meu nome. Ergo minhas pálpebras pesadas e vejo Daniel Kearns olhando para mim do banco da frente. Seu cabelo é mais escuro que o de Jilly e seu rosto é mais redondo, mas ele tem os olhos de caramelo e o nariz gigante de sua irmã.

— Daniel? É você? Você sabia... — Minha voz é tão rouca. Pensamentos desequilibrados giram na minha cabeça como um vento forte. — Você sabia que Jillian sempre quis fazer uma plástica no nariz?

Daniel parece perplexo, como se ele não soubesse se deveria rir ou chorar. Eu acho que me sinto da mesma maneira. *Vai ficar tudo bem.* O braço de Cole envolve meus ombros. Eu sinto a pressão dos dedos dele na minha pele nua.

— Aimee, você está bem? — Daniel me pergunta a um milhão de zilhões de trilhões de quilômetros de distância.

Lágrimas quentes pinicam a parte de trás dos meus olhos enquanto a onda familiar de tristeza me puxa para baixo. De repente, a pergunta está gritando na minha cabeça – aquela que por mais de um ano eu quis que alguém respondesse. Minha voz é fraca, feita de ar e hálito quente.

— Daniel, você acha que ela me odeia?

E talvez eu esteja sonhando com ele. Talvez eu devesse continuar dormindo para poder ouvir a voz dele na minha cabeça, como ondas suaves batendo nos meus dedos.

Não, Aimee. Nunca. Ela sempre vai amar você.



Capítulo 5

Aimee

Mudei-me para Portland porque queria viver em um mundo onde Jillian Kearns nunca existiu. Queria que o ar em meus pulmões fosse o ar que nunca tocou seus lábios. Parece cruel, mas eu queria parar de lembrar. O objetivo era me perder, então fugi.

Fugir, a saída mais fácil.

É o não ser encontrado quando as coisas ficam complicadas.

Meus avós, ambos mais velhos do que as idades reais e com dificuldades de audição, me deixaram em paz na maior parte do tempo. Ninguém na escola me incomodou. Passei o último ano como a aluna transferida, calada, que almoçava sozinha e nunca olhava diretamente nos olhos de alguém.

Em Portland, é normal que as pessoas sigam em seu próprio ritmo, por isso ninguém achou particularmente estranho que eu não fosse a jogos de futebol, ou me juntado ao clube de teatro, ou passasse tempo no shopping depois da aula. Ninguém me fez perguntas sobre o meu passado. Ninguém se importou o suficiente para tentar.

No quinto mês do meu exílio autoimposto da Flórida, eu falava, mas não estava dizendo nada. Existe uma diferença entre uma coisa e outra.

Até mesmo minha terapeuta ficou sem palavras que fizessem sentido, então caímos em uma rotina de conversas obrigatórias e promessas vazias sobre o meu futuro. Ela relatou aos meus pais que eu estava apresentando

progressos, e eu fiquei quieta e balancei a cabeça quando deveria.

Comecei a esquecer. Parei de sonhar com Jillian. Parei de falar com ela enquanto me preparava para a escola. Semanas passaram sem incidentes. A vida seguiu em frente.

Descobri que a normalidade pode ser como uma camada extra de roupa que você veste de manhã. Roupa íntima - check. Calças - check. Camiseta - check. Normalidade - check. Ninguém se preocupa, desde que você aparentemente não esteja nua.

E então, de repente, um ano se passou. Um *ano* desde que Jillian Kearns fez sua última piada estúpida. Ou me ligou só para me dizer que eu era sua vadia. Ou torceu o cabelo em um coque pontudo no topo da cabeça. Ou riu. Ou escovou os dentes. Ou apertou os olhos contra o sol.

Um ano desde que sua mãe gritara comigo no hospital. Um ano desde que eu saí do carro e deixei minha melhor amiga para trás para morrer.

Um ano.

São trezentos e sessenta e cinco dias. Cinquenta e duas semanas. Oito mil setecentas e sessenta e cinco horas.

Eu não fui para a aula naquele dia. Saí de casa no horário habitual da manhã, mas em vez de ir para o primeiro período de Artes da Linguagem, simplesmente andei. Passei do caminho, desci para o parque e depois continuei. Pensei em caminhar para outra cidade, ou para Washington, ou talvez para o Canadá, ou diretamente para o Oceano Pacífico.

Não me lembro muito do que veio depois disso. Não me lembro de chegar em casa, ou de procurar os comprimidos, ou engoli-los, ou de entrar no carro dos meus avós.

Mais tarde, meus pais e os médicos queriam que eu lhes contasse o que aconteceu – eles queriam que eu purgasse meus pensamentos. Queriam uma lousa limpa. Eu acho que eles decidiram que seria mais fácil construir uma nova pessoa a partir da mistura derramada no chão do que de mim.

Ainda posso ver o rosto de minha mãe: as sobrancelhas perpetuamente franzidas, a boca apertada.

Você quis fazer isso?

Diga-nos.

Nós não queremos perder você.

Isso era o que ela ficava dizendo... Nós não queremos perder você.

Ela não percebeu que eu já tinha sido perdida?



O som começa de longe. Apenas um burburinho invadindo meu sono.

Então fica mais perto. Mais alto, mais forte. O barulho entra na minha cabeça, me empurrando, vasculhando meus sonhos nebulosos e pressionando a parte de trás dos meus olhos.

Eu abro minha boca, mas minha língua fica inchada e seca. Eu levanto meu braço, mas ele cai de volta. Eu tento piscar, mas é como se meus cílios tivessem sido colados nas minhas bochechas com cimento de borracha.

Oh. Meu. Deus.

O que há de errado comigo? Minha cabeça está latejando dolorosamente como se tivesse sido golpeada pelo punho de um gigante. Minhas pernas parecem de borracha...

— Acorde, pequena Miss Sunshine!

O grito estridente rompe a membrana de tontura e força meus olhos a se abrirem. Meu quarto não é nada além de luz e barulhos agudos. Gemendo em voz alta, eu giro e desmorono profundamente sob a segurança das minhas cobertas.

— Levante-se e brilhe!

Mara. O que há de errado com ela?

Mara se joga no meu colchão e agarra meu braço. Aproximando-se, ela afasta o cabelo despenteado do meu rosto e enfia o dedo molhado no meu ouvido. Eu faço uma careta. Quero dizer a ela para sair, mas nada está funcionando corretamente e o som que sai da minha boca parece mais perto de um grunhido do que de uma palavra real.

— Laaahf!

Mara ri.

— Levante-se, mocinha. Ontem você me disse que estava planejando encontrar Jodi em uma hora.

Atordoadada, tento afastar a mão dela, mas minha irmã mais velha é insistente. Com um bufo alto, ela puxa minhas pernas até que a metade inferior do meu corpo esteja pendurada na beira da cama.

— Eu vou encontrar a Jodi às três da tarde — eu digo grosseiramente contra o travesseiro ao qual ainda estou agarrada.

Mara bufa e dá um tapa de brincadeira na minha bunda.

— Exatamente, irmãzinha. Isso é em uma hora.

Isto é o que finalmente me faz virar e me sentar. O quarto se inclina

precariamente para um lado e as paredes se movimentam, me fazendo sentir um embrulho no estômago.

— Ahhhhh! — Inclinando minha cabeça e esfregando minhas mãos para cima e para baixo no meu rosto, eu pergunto: — Já é mesmo tão tarde?

— Sim. Claro que sim — ela diz e se levanta. — Eu teria deixado você dormir mais tempo, mas tenho que ir até a casa da irmandade para ajudar as meninas a se prepararem para o jogo de futebol. Vamos fazer uma festa para a Sig Ep depois do jogo de hoje à noite. Você deveria vir! Eu poderia mandar uma das garotas mais novas vir te buscar...

Eu olho pela janela. Posso ver lascas de azul através das ripas nas persianas.

— Oh, Deus. Muita informação! — Eu esfrego meus olhos. — Como você pode estar tão alegre?

— Eu tenho poderes épicos de recuperação de ressaca, adquiridos ao longo dos meus dois anos anteriores de faculdade. — Mara ri. — E também tem o fato de eu não ter desmaiado quando chegamos em casa, então pude dissolver algumas aspirinas em cerca de 30 litros de água.

Água. Algo novo surge no meu cérebro.

— Ugh. O que diabos aconteceu ontem à noite?

— Vamos ver... — Ela faz uma pausa como se precisasse pensar sobre a minha pergunta. — Tequila, vodka e Cole Everly.

Pequenos pedaços de memória começam a piscar no meu cérebro, mas ainda é uma miscelânea incoerente de imagens. O rosto de Cole entra em foco e, em seguida, a sensação de seus braços em volta de mim, e o cheiro dele, do carro e... eu me encolho e caio de volta no meu colchão.

— Puta merda. A noite passada foi uma bagunça — eu digo, estremecendo. — Mara, é possível que eu tenha dito a Cole que queria mordê-lo.

Ela bufa.

Eu gemo e olho para a minha irmã.

— Daniel Kearns estava mesmo no carro conosco?

Mara assente devagar.

— Ele estava, e Cole te carregou e te colocou na cama. Foi muito fofo — diz ela. Ela dá alguns passos para trás e gesticula para a mesa ao lado da minha cama. — Oh, e Cole te deixou um bilhete.

Eu estendo a mão, tateando entre uma pilha de livros e meu despertador até meus dedos encontrarem o pequeno pedaço de papel. Escrito abaixo de

um número de telefone, que eu presumo ser o dele, estão apenas três palavras: *Beba muita água*.

Cole

Seis dias.

Ela não liga nem manda sinal de fumaça ou qualquer outra merda. Nem mesmo uma mensagem de texto.

Seis malditos dias.

No começo, fico preocupado.

Quando três dias se passam, fico chateado.

No quarto dia, estou resignado. O que isso importa, de qualquer maneira?

Corro mais que o normal. Pego pesado na musculação. Digo a mim mesmo para esquecer Aimee e, na maioria das vezes, funciona.

Mas, à noite, fico olhando para o teto do meu quarto, observando as pás do ventilador girando e girando. Penso no rosto dela, nos grandes olhos azuis de água salgada e nas sardas no rosto. E penso em sua boca.

Porra! Eu passo muito tempo pensando em sua boca. Eu me pergunto sobre os segredos que vivem entre seus lábios e sobre qual será o gosto dela. Depois que chego tão longe, é questão de tempo para lembrar o toque da respiração dela contra a pele do meu pescoço. Ou como minha mão afundou na curva de sua cintura enquanto eu a abaixava em sua cama.

Droga.

É brutal.

Na tarde de quinta-feira eu estou saindo da União com Daniel e lá está ela. Está quase no mesmo local onde a vi pela primeira vez, só que agora ela não cai sobre o meu colo.

Está com aquela garota de cabelos azuis, Jodi, suas pernas estão esticadas e a cabeça está inclinada para trás para pegar o sol. Seus longos cabelos castanhos estão derramados pela pele do pescoço e se acumulando na grama abaixo dela. Tudo naquela cena é tão dourado e claro que meu coração dá uma cambalhota errática e meus pés param de se mover.

—... que se eu puder manter a minha escápula voltada para baixo, posso

lançar muito mais longe — a voz de Daniel retorna aos meus ouvidos.

— Huh? — O que ele disse?

Ele para e gira ao redor.

— Prática. Jogando o disco. Pista e campo. Terra chamando Cole — diz ele e estala os dedos acentuadamente na frente do meu rosto.

— Uh, sim. Me desculpe, cara. — Eu pisco e sacudo a cabeça, mas é tarde demais. Daniel segue meu olhar e vê Aimee.

— Você está a fim dela — diz ele categoricamente.

Eu cerro meu maxilar com força.

Isso o faz rir.

— Quero dizer, você está muito a fim dela.

Não adianta negar. Eu *estou* a fim dela.

— E daí? — pergunto, minha voz baixa e abrasiva.

O sorriso de Daniel muda e seus olhos viajam de volta para onde Aimee está esparramada na grama.

— Estou surpreso que você esteja de olho em uma garota — diz ele. — Isso não é muito o seu estilo.

Ergo minhas mãos e aperto a parte de trás da minha cabeça. Mordo o interior da minha bochecha.

— Cara, eu não estou *de olho* em ninguém. Quem disse isso?

— Confie em mim. Você está de olho nela — diz Daniel, inclinando a cabeça para trás e rindo de mim. — Então, por que você não cria coragem e a convida para sair?

— Para sua informação, eu já a convidei — rebato.

— E ela disse não? — Ele arfa, incrédulo. — Aimee recusou você?

— Bem, não exatamente. — Deixo meus braços caírem e expiro através do meu nariz. — É complicado.

Daniel gesticula como se não estivesse convencido do que eu disse.

— Se você for atrás de uma garota como Aimee, as coisas vão ficar complicadas. Ela não vai se apaixonar por nenhuma de suas táticas normais ou se jogar aos seus pés e abrir as pernas como as garotas com as quais você está acostumado a lidar. Ela é diferente — ele diz e há um olhar em seu rosto como se ele estivesse escolhendo as palavras cuidadosamente. — E tenha em mente que aquela garota passou por muita coisa. Ela não precisa fazer parte de um dos seus joguinhos.

— Eu não estou jogando com ela — digo com firmeza. — Não sei o que estou fazendo, mas não é um jogo. Isso eu tenho certeza.

Daniel diz algo sobre estar atrasado para o treino, mas eu mal o ouço. Já estou na metade do caminho para aquela faixa ensolarada de grama – para a garota com o cabelo longo e escuro e com sardas na bochecha.

Quando eu me aproximo, os olhos de Aimee estão fechados e eu a ouço dizer:

— Isso é um pesadelo.

No começo eu acho que ela se refere a mim e meu estômago se revira. Mas então Jodi responde, mal tirando os olhos de seu telefone.

— Não, um pesadelo é fugir de um assassino em série perturbado que quer cortar suas orelhas e comer seu intestino com um garfo de plástico. Isso é apenas uma tarefa para a aula.

— Qual é a tarefa? — pergunto, casualmente anunciando minha chegada enquanto mergulho na grama ao lado de Aimee.

Posso dizer que Aimee está surpresa em me ver. Um rubor cálido se derrama em sua pele – provavelmente o constrangimento residual da última vez em que a vi, quando ela estava bêbada e chorando contra a minha camisa.

— Ei — diz ela, sem fôlego.

— Qual é a tarefa? — pergunto novamente.

Seus olhos azuis claros vasculham meu rosto. A perplexidade enruga sua testa e se arrasta para os contos da sua boca.

— Não é nada. Eu estava apenas reclamando de uma tarefa que tenho que fazer para uma das minhas aulas. Não é grande coisa.

Jodi se inclina para frente.

— O professor de Aimee informou à classe que todos têm que escrever um artigo para enviar ao jornal dos alunos. Ela está pirando porque não tem ideia do que escrever.

As manchas cor de rosa nas bochechas de Aimee se aprofundam. Ela sacode a cabeça e se senta. Uma mão se posiciona em seu peito defensivamente.

— Eu não estou pirando — diz ela e se vira para mim. — *Não estou.*

Os fracos reflexos de uma ideia surgem nos cantos do meu cérebro. Eu olho para Aimee, cujas mãos estão gesticulando, enquanto fala alguma coisa para Jodi – provavelmente algo sobre mim. Jodi tem as mãos espalmadas e uma expressão no rosto de que sabe de algo que eu fiz.

Eu limpo minha garganta para chamar sua atenção.

— Sobre o que deve ser esse artigo?

Aimee faz uma pausa e respira fundo antes de me responder.

— Pode ser sobre qualquer coisa que eu queira escrever: o preço de uma xícara de café na União, a queda do Comunismo, como armazenar bulbos de tulipa antes de plantá-los. Eu não sei. Ele disse que não importa qual será o tópico, mas de preferência algo que o jornal queira imprimir, seja lá o que isso signifique.

— O professor vai ponderar a nota de acordo com o nível de relevância do artigo — acrescenta Jodi.

Depois de outro longo silêncio, Aimee suspira e faz um adorável movimento de dar de ombros.

— Eu tenho algum tempo e tenho certeza de que vou pensar em algo decente.

— Você sempre pode escrever um artigo sobre mim — eu digo. — Tudo o que você precisa fazer é me pedir com jeitinho.

Aimee olha para mim com óbvio ceticismo. Suas narinas estão dilatadas e sua mandíbula está cerrada.

— E o que faz você pensar que o jornal estudantil quer um artigo sobre você? Só porque todas as garotas de sangue quente por aqui parecem querer dar uma espiada no que está dentro da sua cueca, isso não faz de você um tópico interessante.

Minhas sobrancelhas se erguem.

— *Toda garota de sangue quente* — repito alegremente. — Você se inclui nessa categoria?

Aimee engasga. Jodi ri.

— Você não precisa responder isso — continuo. — E eu não *acho* que o jornal queira um artigo sobre mim. Eu *sei*, porque eles estão me perseguindo por uma entrevista há pelo menos duas semanas.

Aimee morde o lábio inferior entre os dentes superiores e inferiores. Seus olhos azuis escurecem um tom.

— Sêrio?

Eu tento não sorrir com a surpresa em sua voz.

— Sêrio.

— Bem... — Ela franze o nariz e torce o cabelo por cima do ombro. — Que tipo de artigo você acha que eles querem?

— Ah, você sabe, a baboseira usual. Você poderia escrever sobre o que eu estou fazendo para treinar durante o período da temporada, ou poderia me perguntar como eu acho que a equipe vai se sair este ano, ou o que me motiva. Esse tipo de coisa.

Posso ver a dúvida em seus olhos. Ela está pensando, pesando suas opções. Finalmente, diz:

— Mas você quer algo em troca.

Sua voz soa dura como uma tábua. Não é nem uma pergunta. Eu inclino minha cabeça para o lado e ergo as sobrancelhas.

— Talvez.

— Eu já disse que não namoro — diz ela. Sua expressão está cheia de determinação. Estranhamente, isso me faz gostar dela um pouco mais.

— Eu devo ter perdido alguma coisa — digo com uma risada. — Por acaso eu te convidei para sair?

Aimee olha para suas próprias mãos, e um pequeno sorriso curva os cantos de sua boca.

— Não.

— Ótimo, então.

Seus olhos azuis se voltam para os meus.

— Desembucha. O que você quer de mim, Cole?

— É simples — eu digo com um encolher de ombros, tentando ignorar a maneira como meu nome soa saindo de sua boca. — Eu quero respostas.

— Respostas?

— Sim. — Ela está tão perto que eu posso ver uma pequena gota de suor escorrendo pelo seu pescoço e desaparecendo sob a borda de sua camisa cinza. Gostaria de secá-lo com minha língua. — Se você for escrever sobre mim, terá muitas perguntas. O negócio é que, para cada uma das perguntas que eu responder, quero que você responda a uma das minhas.

Nós nos olhamos fixamente. Pelo menos meio minuto se passa. Eu vejo a incerteza brilhando em seus olhos e quase digo a ela que estou brincando — que, é claro, ela pode escrever um artigo sobre mim e eu não vou fazê-la me contar nada sobre si mesma. Mas pouco antes de eu retirar a proposta, Aimee assente e me diz que fará isso.

Assinto de volta.

Merda. Há um sentimento dentro de mim como... nem sei o quê. É como se um balão se inflasse contra as minhas costelas. Eu não consigo parar de sorrir para ela.

— Uau — murmura Jodi, e percebo que esqueci que ela estava sentada aqui conosco o tempo todo. — Isso foi sexy.

Aimee se vira para a amiga. Linhas minúsculas ondulam em sua testa.

— O que você quer dizer?

Jodi faz um movimento com as mãos.

— Você e ele. Ele e você — ela diz, com os olhos vagando entre nós. — Vocês estão acima do nível do sexy, sexy de outro mundo, de tirar o fôlego.

Aimee parece pronta para morrer. Ela se encolhe e abaixa a cabeça para que seu cabelo proteja seu rosto.

— Jodi, eu já te disse que às vezes quero matar você? — ela cospe.

Minha risada é barulhenta.

— Jodi, *eu* já te disse que às vezes quero beijar você?



Capítulo 6

Aimee

Hoje cedo, Cole me pediu para encontrá-lo às sete no estacionamento ao lado do local onde a equipe de atletismo treina. Passei a maior parte da tarde debatendo se deveria ou não seguir adiante. Às seis e quarenta e cinco, finalmente me rendi e pedi uma carona a Mara.

— Tenha cuidado com ele — diz Mara, sua voz carregada de autoridade. — Ele tem uma reputação. Se você ouvisse algumas das histórias que Jenn me contou...

Honestamente, eu já ouvi "histórias" suficientes sobre Cole Everly da Jodi para me manter mentalmente ocupada pelos próximos cinquenta anos.

— Jenn o namorou ou algo assim? — Eu odeio o jeito como meu estômago se revira quando eu faço a pergunta.

Mara bate as unhas bem cuidadas no volante e diz:

— Não, mas ela tem informações privilegiadas sobre muitas fofocas de atletas, porque sua prima joga basquete na universidade. E as coisas sobre Cole são sempre animadas, se é que você me entende.

Eu estalo minha língua.

— Eu acho que entendi. Jogador, mulherengo, totalmente fora do meu alcance.

— Olha — ela diz calmamente. — Estou feliz que você esteja começando a viver, Aimee. Eu realmente estou. E Cole é gostoso, mas isso não é demais

para você?

Agora estou aborrecida

— Eu já disse a você que vou encontrar com Cole para ele me ajudar em um trabalho. Não vou ficar com ele, Mara. Nada nem parecido com isso, então você não precisa bancar a irmã mais velha super protetora, porque tudo está sob controle.

Ela faz uma pausa pensativa, e eu não tenho certeza se o que vejo em seu rosto é ceticismo ou decepção, ou possivelmente um pouco de ambos. Balanço a cabeça e saio do carro em direção às luzes laranja e rosa que dançam da noite. Quando me viro, uma brisa suave me atinge, jogando meu cabelo em volta do meu rosto e beijando a pele nua dos meus braços. Na minha frente, um prédio cinza que abriga uma bilheteria e vestiários se ergue do asfalto negro.

Afastando-se, Mara abaixa a janela, se inclina e acrescenta:

— Só não pense que não notei que você trocou de roupa quatro vezes. E que pôs rímel e batom!

Com um bufar, limpo a boca com as costas da mão e vejo minha irmã ir embora. Quando tenho certeza de que ela está fora de vista, sento-me em um estreito meio-fio de concreto entre uma lixeira cheia e um banco, e espero. Cole me disse que o treino geralmente acaba pouco antes das sete horas e que ele tomaria um banho rápido no vestiário e me encontraria depois. Tentando ficar invisível, abaixo minha cabeça enquanto os atletas lentamente saem da entrada leste do prédio para o estacionamento.

Eu o vejo antes que ele me veja.

Está vestindo uma camiseta amarela de mangas curtas e short preto esportivo solto que mostra o contorno de suas coxas conforme ele anda. A alça de uma bolsa de ginástica verde escura corta diagonalmente seu peito, enfatizando ainda mais a dureza desses músculos, solidificados por horas na pista e na sala de musculação. Sob luz minguante da noite, seus cabelos molhados parecem prateados e ele os empurra para trás de seu rosto para que eu tenha acesso ao efeito completo de suas feições. Mesmo de tão longe posso ver o surpreendente tom verde de seus olhos contra sua pele bronzeada e o formato esculpido de sua mandíbula não barbeada.

Talvez Jodi me desse uma bronca, mas tudo que consigo pensar é: U-A-U. Preciso olhar para o meu colo só para que possa controlar meu coração insano.

O que diabos há de errado comigo?

— Ei! — Cole grita. Ele para a cerca de um metro e meio e sorri para mim. — Você veio.

Obrigo-me a não olhar para seus lábios carnudos ou para a maneira como o tecido de seu short se agarra à sua pele úmida pelo banho. Engolindo em seco, eu digo:

— Eu lhe disse que estaria aqui.

— Ainda assim, tenho que admitir que estou surpreso — diz ele. Então se afasta e olha para longe – por cima de uma plantação de árvores recortadas pelo sol poente da noite. — Você está pronta para ir?

— Eu-ahh... para onde vamos?

— Para uma pizzeria na Second Street — ele responde.

Meus olhos se arregalam.

— Mas eu pensei que talvez pudéssemos fazer a entrevista aqui.

— *Aqui?* — Cole olha em volta, para o estacionamento já quase deserto, e faz uma careta. — Aimee, eu acabei de me matar no calor e estou morrendo de fome. Voto por fazemos essa coisa de entrevista onde eu possa me sentar em um ambiente confortável e enfiar fatias de pizza de alho na minha boca. Se não, vou ter que recorrer a comer as migalhas de biscoito que estão há uma semana no chão da minha caminhonete.

Eu não digo nada imediatamente, e ele continua:

— E, se isso vai fazer você se sentir melhor, não precisa nem comer pizza comigo. Pode beber água e ficar chupando alguns daqueles pacotinhos de açúcar enquanto eu me sento à sua frente e desfruto do melhor prato fundo do planeta.

Não posso evitar uma risada. Apoiando as palmas das minhas mãos em minhas calças jeans, eu me levanto.

— Bem, eu não quero que você coma migalhas mofadas, então mostre o caminho.



Cole pede que a garçonete traga duas pizzas de alho. Quando ele olha para cima e vê minhas sobrancelhas erguidas, abre um sorriso torto.

— O que foi?

Eu balanço minha cabeça e sorrio de volta.

— Nada — eu digo. — Respeito totalmente o quanto você está

determinado a ter mau hálito. É realmente refrescante.

Cole aperta um pouco os olhos verdes.

— Mau hálito definitivamente é o tipo de coisa com a qual eu estaria preocupado em um encontro real, mas já que você deixou claro que *isso* — diz ele, gesticulando entre nós — não é um encontro, eu pensei que estaria seguro. No entanto, se você mudou de ideia, ficarei mais do que feliz em abrir mão da segunda pizza. Tenho certeza de que você valeria a pena.

Minhas bochechas esquentam, e eu volto meus olhos na direção da mesa, na vã esperança de que Cole não perceba o quão afetada eu estou. Com os dedos desajeitados, alcanço minha enorme bolsa para encontrar a caneta e o bloco de papel que enfiei no bolso interno mais cedo.

— Não, pizza de alho está ótimo — eu digo, e então tento recuperar a minha compostura perdida pigarreando. — Então, por que você não começa me contando um pouco sobre você?

Cole toma um gole da coca gelada à sua frente. Ele me observa com cuidado por sobre a borda do vidro, e eu tenho uma sensação de que ele pode ler todos os pensamentos malucos que circulam na minha cabeça.

Ele pergunta:

— O que você quer saber primeiro?

Nunca fiz uma entrevista antes, então não tenho ideia de como deve ser feito, mas acho que, se quiser que isso realmente dê certo, eu provavelmente deveria começar com a carreira dele. Esse território é bastante seguro.

Internamente, ordeno que minha voz não trema.

— Vamos falar sobre suas corridas e títulos — eu digo. — No ano passado, como estudante do segundo ano, você dominou a conferência nas corridas de meia distância, mas perdeu os quatrocentos e cinquenta metros nas semifinais para Noah Whitman. Você intensificou seu treinamento no decorrer deste ano? E quais são suas previsões para a próxima primavera?

Cole se inclina para trás e cruza os braços contra o peito como se estivesse me avaliando. Fico nervosa, e os cantos de sua boca se curvam em diversão. Seus olhos verdes brilham, excitados.

— Você pesquisou a meu respeito — diz ele.

Não vou admitir que o stalkeei on-line há quase duas semanas e que, além de suas estatísticas de corrida, sei que ele se vestiu de Thor no último Halloween e que na casa da sua família tem um pug chamado Babs. Em vez disso, dou de ombros e digo:

— Eu me preparei um pouco. Esteja sempre preparado, certo?

— Isso mesmo — diz Cole com um pequeno sorriso. Ele cruza os braços e continua: — Não estamos em período de temporada, por isso, agora, nossos treinos agendados duram apenas três ou quatro dias por semana, mas isso não significa que estou relaxando. — Ele faz uma pausa. — Pensei muito, durante o verão, em maneiras de melhorar depois que perdi para Whitman. Eu deveria ter ganhado, e sei disso, então este ano decidi fazer algumas mudanças. Estou trabalhando mais com o treinador da equipe e comecei a me preparar para um triatlo do qual participarei com alguns dos caras em algumas semanas.

— O triatlo é sancionado pela universidade ou é algo que você está fazendo por diversão?

— Diversão — diz ele com um encolher de ombros. — Se é que se pode chamar correr, nadar e andar de bicicleta, no calor da Flórida, de diversão.

Enquanto Cole continua a falar, eu vejo o jeito como sua boca se move e como a luz suave captura as manchas douradas em seus olhos. Ele fala sobre corridas e seus companheiros de equipe. Ele me conta sobre as apostas brincalhonas que eles fazem e sobre os jogos de palavras que os caras jogam no ônibus a caminho do encontro.

— Não era tão legal assim — eu digo. — Mas quando eu estava na equipe de natação no ensino médio, fazíamos aquele em que você tira ou substitui uma ou mais letras do título de um livro e cria um título inteiramente novo.

Ele joga seu grosso cabelo loiro para trás.

— Como o quê? Me dê um exemplo.

Eu penso a respeito.

— Ok... “O Sol é para *Tolos*” é uma escolha óbvia. E “O Bom e a Fúria”. — Eu levanto um dedo para cada título inventado que eu listo. — As Vinhas da Mira, Matos e Homens, e meu favorito... Moly Dick. Você sabe que *Dick*, em inglês, é *pau*, e... Bem, você entendeu.

Cole gargalha.

— Eu tenho medo de perguntar o enredo.

Estou sorrindo, satisfeita comigo mesma.

— Agora é sua vez.

Ele pigarreia.

— Que tal Admirável Mundo Ovo?

Eu aceno com a cabeça em aprovação.

— Esse é bom.

— Ok, eu tenho outro.

— Qual seria?

— “*The Da Vinci Code*”, em inglês, ficaria “*The Da Vinci Cod*” – “O Bacalhau Da Vinci”. É a história de um detetive que segue o rastro de um assassinato no Louvre e descobre um desacordo de dois mil anos entre o Priorado de Sião e a Igreja Católica sobre se Jesus era ou não um pescador.

Eu rio tanto que quase cuspo a minha bebida. Nós vamos e voltamos com títulos até que nenhum de nós possa pensar em mais nada. Apoio meus cotovelos na mesa e me inclino para frente.

— Então, hum, voltando para a entrevista.

Ele sorri.

— Sim?

— Diga-me como um garoto de Nebraska resolveu correr, para começar.

— *Um garoto do Nebraska?* — Ele definitivamente se diverte. — Eu gosto. Me faz parecer um saudável agricultor que apenas tenta ganhar a vida honestamente.

— *Saudável* não é exatamente a primeira palavra que vem à mente quando penso em você — eu digo com sinceridade.

— Justo — Cole sorri. — Resolvi começar a correr quando tinha onze anos. Nós tínhamos um vizinho que treinou a equipe de corrida de um garoto local. Minha mãe achou que seria uma boa ideia me colocar para fazer uma atividade. Ela me disse que seria ótimo para construir confiança, força e toda essa merda. — Ele hesita, engolindo audivelmente. — Eu era meio que pequeno naquela época e as crianças na escola faziam bullying comigo, e ela parecia convencida de que o atletismo era a resposta para meus problemas.

Eu tento imaginar Cole como uma criança com braços magros e uma cabeça cheia de cabelos loiros. A imagem me faz sorrir.

— E foi a resposta? — pergunto.

Cole olha para baixo e examina a fatia de pizza de alho que está segurando entre os dedos.

— De certa forma foi — diz ele, mastigando. — A coisa é que, quando olho para trás, percebo que minha mãe provavelmente estava apenas transando com o cara — o treinador. Ela não queria me ajudar. Aquela mulher nunca deu a mínima para mim ou para se eu estava bem ou não. Mesmo naquela época, ela só estava interessada em uma coisa. *Ela própria*.

Eu respiro fundo, e os olhos de Cole se movem para os meus.

— Eu... eu...

— Você não precisa falar nada. Por favor, não me diga o quanto sente por

isso. Essa é a pior coisa que as pessoas podem dizer — ele declara e limpa a garganta. — Eu realmente não gosto de falar sobre minha mãe porque isso deixa as pessoas estranhas. E eu queria que esta noite fosse... — Ele para e fecha os olhos por um momento. — Vamos apenas comer, sim?

Então é isso que eu faço. Eu não deixo Cole saber o quanto sua voz embargada me virou do avesso. Apenas fico lá sentada e, obedientemente, como pizza. E, de alguma forma, acabo contando a ele sobre a vez em que Jillian e eu pedimos pizza para o carro dela. Ele parece confuso, então eu explico.

— Eu estava saindo com um cara e ele tinha uma banda – muito ruim, devo acrescentar. Seja como for, uma noite nós tivemos que esperar por ele em um estacionamento depois de um show para lhe dar uma carona. Levou mais tempo do que deveria e, eventualmente, Jilly ficou com fome, então pedi uma pizza para o carro.

Cole ri e balança a cabeça.

— Isso responde a uma das minhas perguntas.

— E qual seria?

— Obviamente, você costumava namorar — conclui ele. — E ele era músico? Eu não imagino você como o tipo que se apaixona por um cara com uma guitarra. É tão clichê.

Sinto minha pele ruborizar.

— Sim, bem, eu era um pouco diferente naquela época — digo.

Cole não faz a pergunta, mas eu posso ver a curiosidade por todo o rosto dele, e isso me mata.

Eu sei que tenho as respostas. Elas são fragmentadas, mas estão na minha cabeça. Finalmente, encontro a coragem para dizer:

— Você sabe que a irmã caçula de Daniel era minha melhor amiga, certo? Ele assente.

— Depois que ela morreu, fiz promessas para mim mesma. Naquela noite eu cometi um erro... um que não posso desfazer. Nunca. E eu não espero que as pessoas entendam, mas isso me mudou para sempre. Posso nunca mais voltar a ser quem era e não quero sobrecarregar alguém com toda essa bagagem — digo e solto o ar. — Sei que isso me faz soar como uma pessoa louca, mas é complicado.

Ele olha para mim por um tempo.

— Eu não acho que você pareça louca. Acho que parece assustada.

— Talvez — admito. — Você sabe, eu concordei em responder perguntas

em troca da entrevista. Acordo é acordo. Então, se quiser me perguntar sobre Jillian e aquela noite, apenas pergunte. Sei que você está curioso sobre isso. Tem que estar.

Cole fica quieto por um bom tempo.

— Isso é verdade, Aimee. — Seus olhos verdes alcançam os meus e eletrificam todas as minhas terminações nervosas. — Estou curioso sobre o que aconteceu. Mas esse não é o tipo de história que quero que você *responda*. É o tipo que quero que você *conte*.

Cole

Você não vence corridas se lançando como um louco no momento em que é dada a largada. Você ganha correndo de forma inteligente – estimulando a respiração, relaxando o corpo e dando início à recuperação.

Eu não menti quando disse a Daniel que não estou jogando com Aimee, mas isso não significa que não esteja elaborando uma estratégia.

Eu gosto dela. Claro e simples. E, sim, isso mexe com o meu cérebro e me prende em uma teia, mas vou ficar esperto.

Aimee está nervosa. Ela é como um daqueles animais selvagens que você vê nos documentários na TV. E eu sou o cientista que tem que se manter paciente e se mover devagar. Tenho que deixar um rastro de comida e ganhar sua confiança, chegando um centímetro mais perto a cada dia. Sei o que pode acontecer - se eu me mover rápido demais, ela vai fugir e eu vou ter que começar tudo de novo, desde o princípio.

Hoje parece que algo mudou entre nós. Senti como se, eu não sei, os momentos passados fossem de alguma forma mais intensos que todos os outros, e isso me dá esperança. Ou talvez eu esteja apenas desenvolvendo uma vagina e tudo seja apenas produto da minha imaginação. De qualquer forma, Aimee está conversando comigo sobre mais do que o clima, então eu aceito.

Está escuro quando saímos do restaurante. Sob o frágil luar prateado, ela para e tira o telefone daquela enorme bolsa que carrega consigo o tempo todo. Observo-a morder o lábio inferior e, com uma das mãos, passar o

cabelo por cima do ombro. Eu percebo que é um hábito nervoso tentar encobrir a cicatriz em seu pescoço. Quero dizer que ela não precisa fazer isso, que ela é linda pra caralho, mas tenho medo de ir longe demais. Não quero afetar o equilíbrio incerto que se formou entre nós.

— Estou mandando uma mensagem para minha irmã para pedir uma carona para casa — ela me diz, embora eu não tenha perguntado.

Meu coração acelera, mas mantenho a calma. Eu digo:

— Não seja boba. Posso te levar na minha caminhonete.

—Você tem certeza? — ela pergunta.

— Claro que tenho certeza.

Desta vez, quando caminhamos até minha caminhonete, eu seguro a porta para ela enquanto ela sobe. Aimee tem que apoiar seu peso contra o batente da porta, e quando faz isso as pontas de seus dedos roçam meu antebraço, um toque leve como fumaça. Seus olhos encontram os meus na penumbra, e eu preciso de todo o meu autocontrole para não me inclinar e pressionar meu corpo contra o dela. Isto seria tão fácil. Ela provavelmente permitiria.

Antes que eu possa fazer algo estúpido, bato a porta dela e dou a volta para o lado do motorista. Engulo em seco e então seguimos para o leste do campus, mas eu começo a pensar que oferecer carona foi um erro gigante. Nos limites apertados da cabine da caminhonete, sinto o cheiro de sua loção e seu xampu, e estou intensamente ciente de cada respiração que sai de seus pulmões. Meu corpo está tão rígido que não consigo pensar em nada sobre o que falar e quero tocá-la tanto que estou começando a ficar com ciúmes da porcaria da caminhonete.

Ela faz um pequeno som, e eu olho em sua direção. Aimee tem os braços cruzados contra o peito e está quase tremendo, apesar do calor que faz esta noite. Sem palavras, eu ajusto o ar condicionado e viro uma das saídas de ar para longe dela. Flagro um sorriso breve antes que ela vire o rosto para a janela escura do passageiro.

Minha mente está um caos. Estou lembrando da última corrida nos treinos de hoje e como eu estraguei tudo e deixei Brady me ultrapassar no final. E então silenciosamente tento repassar estatísticas de beisebol para tentar tirar a minha cabeça do quão incrível é cheiro de Aimee agora. Merda. E eu não posso acreditar que falei sobre minha mãe para ela. Nunca toco nesse assunto e, de alguma forma, ela conseguiu entrar em minhas conversas com Aimee duas vezes.

Ela provavelmente acha que... Porra. Eu não tenho ideia do que ela acha

de mim.

Ela ainda está olhando pela janela. Seu perfil está sombreado, mas posso ver as mechas de cabelo em volta da delicada pele de seu rosto. Quero empurrá-las para trás de sua orelha para que possa vê-la mais claramente. Quero colocar minha mão em sua nuca e puxar sua boca na direção da minha para que eu possa abrir seus lábios com a minha língua. Quero traçar as curvas de seu corpo com as pontas dos meus dedos e quero memorizar cada centímetro dela.

Mas isso não vai acontecer.

Não essa noite.

Esta noite preciso seguir a passos lentos.

Esta noite não posso ouvir o meu pau. Preciso ser inteligente.

— Então — eu digo enquanto estaciono no meio-fio, na frente da sua casa. Ela mora em meio a uma pequena fileira de moradias de luxo a poucos quilômetros do campus. Cada unidade é protegida da rua por um muro de estuque curvo. O exterior de todo o complexo é pintado com uma cor desagradável que parece existir apenas na Flórida. Eu a descreveria como a herança maligna de uma mistura de rosa e pêsego. Estou supondo que uma garota como Aimee chamaria de *coral*.

— Você conseguiu tudo o que precisa de mim para a entrevista?

Aimee franze o cenho e diz:

— Acho que sim.

Eu tento não demonstrar demais o desapontamento que invade a minha cabeça. Estou prestes a dizer-lhe boa noite, mas, então, Aimee começa a falar.

— Acho que vai ser o suficiente, mas eu provavelmente deveria ter te perguntado algumas coisas mais gerais – você sabe, para um plano de fundo.

— Como o quê? — indago.

Os ombros de Aimee se erguem ao redor de seu pescoço. Ela está mordendo o lábio inferior novamente.

— Como sua cor favorita, os três filmes que você levaria para uma ilha deserta com você e que tipo de música ouve quando está se preparando para uma corrida — ela diz, com os olhos fixos nos meus. — Acho que você pode entrar, se quiser, e nós podemos terminar...

Sim! Sim! Sim!

— Não — eu digo e balanço a cabeça decididamente. — Estou meio cansado. Podemos fazer o resto da entrevista amanhã?

Aimee parece um pouco surpresa, mas não posso culpá-la. Ela se manifesta, abrindo a porta do passageiro e pulando da caminhonete.

— Você quer tentar se encontrar no campus em algum momento durante o dia? — ela pergunta. — Não deve demorar muito tempo.

— Nah — eu digo e deixo meus olhos descansarem nos dela. — Não tenho treino amanhã, o que significa que estou livre à noite.

O rosto de Aimee se contrai. Ela corre o dedo pelos cabelos compridos e bate a porta da caminhonete com o quadril.

— E? O que isso significa, Cole?

— Isso significa que venho buscá-la às sete. — Ergo as sobrancelhas sugestivamente. — Então, esteja pronta.



Capítulo 7

Aimee

— Você está agindo como se fosse um encontro.

Eu viro meu corpo para longe do espelho de corpo inteiro para olhar para Mara.

— Mas não é um encontro. Cole e eu somos amigos ou, pelo menos, algo como amigos. Eu sinceramente não sei como explicar, é estranho.

É estranho, seja o que for que está acontecendo entre nós. Sei que é apenas uma entrevista para um trabalho, mas isso não quer dizer que eu não tenha me divertido na noite passada.

Eu gosto do Cole. Realmente gosto. Descobri que, ao contrário do que dizem as fofocas, ele não é um idiota. E mesmo que não possa haver nada entre nós, gosto da ideia de estar *perto* dele. Só queria não gostar tanto de olhar para ele.

— Okaaaay... — Mara cantarola e se encosta na minha cabeceira. Seus braços estão ligeiramente cruzados acima da cabeça. — Mas, mais uma vez, você parece realmente preocupada com o que está vestindo. E vamos deixar claro: o vestido que está usando agora é definitivamente um vestido próprio para um encontro.

Olho para a pilha de roupas descartadas no chão do meu quarto e de volta para o meu reflexo no espelho. Me ver através dos olhos da minha irmã é uma grande verificação da realidade. Eu pareço... bem, ela está certa. Eu

pareço estar indo a um encontro. Estou usando um vestido de verão branco que minha mãe comprou para mim no ano passado, mas que ainda não tive coragem de usar. É sem alças, com costuras entrelaçadas no busto e uma bainha recortada que gira cheio de feminilidade ao redor dos meus joelhos. Eu sei que, mesmo levando em conta a cicatriz que desce pelo meu pescoço e clavícula, o vestido faz meus ombros parecerem delicados. A cor branca do tecido combina com a cor da minha pele, mas é exagerado. Demais.

— Porra, você está certa.

Mara ri e diz:

— Eu tenho que dizer que, apesar de ele ter dormido com metade das meninas no campus, acho que você poderia fazer muito pior do que sair com Cole se quisesse, sabe, *tentar*.

Ela está provocando, mas suas palavras são contornadas por uma esperança que parece sugar tudo ao redor. A verdade é que uma parte de mim – a parte que decidiu colocar este vestido e aplicar uma camada extra de rímel nos meus cílios – está tentando. E isso não é apenas inquietante. É aterrorizante.

Eu suspiro e traço meus dedos ao longo da linha visível da minha cicatriz.

— Pare, Aimee — diz Mara. — Você exagera muito com isso.

Eu olho para o espelho. E essa sensação estranha faz meu estômago se revirar desconfortavelmente. É como se nada em relação à garota que olha para mim fizesse sentido.

Mara provavelmente está certa, é um exagero. *Dramática*, é como nossa mãe me chama. Foi o que ela me disse quando contei a ela que não poderia voltar para minha escola no meu último ano e que queria ir morar com meus avós em Portland.

Não seja tão dramática, Aimee.

Minha melhor amiga tinha acabado de morrer, e eu tinha os pontos na minha pele para provar que fui testemunha, e ela pensou que eu estava sendo dramática.

Alcanço a bainha do vestido e o puxo pela cabeça.

— O que você está fazendo? — pergunta Mara. Ela se impulsiona para frente.

— Trocando de roupa — eu digo, me inclinando para vasculhar a pilha de roupas aos meus pés.

— Mas você está ótima!

Eu sei que ela está desapontada. Posso dizer que vai tentar me fazer

manter o vestido, mas é tarde demais. Já estou fechando o zíper do jeans largo que usei na aula mais cedo.

Cole

— Você não sabe jogar merda nenhuma! — digo. Eu estou de pé ao lado, vendo-a jogar.

Aimee ri.

— Você está certo — ela dispara. — Eu gostaria de ter uma desculpa real, como “estou com uma cãibra no braço”, ou “estou sem prática”, mas a verdade é que sou péssima.

— Sim. Você é mesmo péssima. — Sorrio maliciosamente. — Aimee Spencer, você vai conquistar muitas coisas nesta vida, mas não acho que um campeonato de Skee-Ball possa ser um plano para o seu futuro.

Ela ri novamente. É um som gostoso. Ótimo, na verdade.

Eu jogo a última das bolas do canal lateral e abro para quebrar o fluxo de bilhetes de papel que a máquina vomita. Eu me viro para ela e pergunto:

— Você já desistiu?

Ela joga a cabeça para trás, pensativamente.

— Na verdade, estou com fome.

— Bem, então você está com sorte porque eu ouvi dizer que este fliperama oferece uma grande variedade de obras culinárias. Tem as clássicas pipocas de cheddar e caramelo, uma variedade de pirulitos com sabor artificial, uma seleção requintada de chouriço refogado e o algodão doce... — Eu junto meus dedos em meus lábios e beijo-os. — Vamos apenas dizer que há quem afirme ser divino.

— Algodão doce? Você está jogando com todas as suas cartas, não é?

Eu gosto demais do olhar para rosto de Aimee. A maneira despreocupada com eu está me observando e como as luzes do fliperama se espalham por seus longos cabelos. Sem pensar, estendo a mão e corro meus dedos por seu antebraço.

— Para você, vale tudo.

Ela respira fundo e abaixa a cabeça rapidamente, mas não antes de eu ver

o fantasma de algo se movendo através de suas feições.

— Umm... — Um rubor sobe pelo seu pescoço. Ela puxa o cabelo e aponta para os bilhetes de fliperama que nós dois ganhamos na última hora. — O que devemos fazer com isso? — ela pergunta.

Eu recuo e olho em volta.

— Siga-me — digo, passando por entre as máquinas e evitando algumas crianças da altura da minha cintura.

Eu sei que provavelmente é estranho que eu tenha arrastado Aimee para um fliperama, mas eu queria fazer algo com ela, e jantar ou assistir a um filme cheiram a um clichê de namoro. Eu estava prestes a dar o braço a torcer e pedir conselhos a Daniel, justo ele, quando tive a ideia.

Minha mãe foi embora quando eu tinha dezessete anos. Eu era jovem, mas já tinha idade suficiente para ter minha própria vida – uma vida bem ocupada – e me mantinha distraído. Estava empenhado em ganhar corridas, transar e ficar chateado a maior parte do tempo.

As coisas foram diferentes para minha irmãzinha, Sophie. Eu não acho que alguém deveria ter que acordar um dia com uma mãe e ir para a cama sem ela no dia seguinte. Especialmente, não uma menina de dez anos.

Ela começou a ir mal na escola. Parou de trazer amigos para casa. Uma noite, frustrada porque não havia ninguém por perto para ajudá-la com o cabelo, Sophie cortou-o na altura das orelhas com uma tesoura de cozinha.

Eu era um maldito adolescente. Não tinha a menor ideia de como conversar com uma criança confusa, e o fato de nosso pai se manter completamente de fora não ajudava em nada. As coisas estavam ruins – muito ruins. E então, uma tarde, quatro meses depois de nossa mãe ir embora, peguei Sophie na escola e o pneu furou no caminho de casa. Foi assim que acabamos em um fliperama. Começou como uma maneira de passar tempo, enquanto meu pneu estava sendo trocado, mas se transformou em algo mais.

Pela primeira vez em quatro meses, vi Sophie rindo. Ela ficou perdida nas luzes amarelas e vermelhas das máquinas e agindo como uma criança. E foi uma tarde gostosa em meio à pilha de merda que se tornou a nossa vida. Eu comecei a levar Sophie toda semana. Era uma maneira de ela escapar de seus próprios pensamentos e ter um pouco de normalidade – mesmo por uma única hora.

E, olhando para Aimee, acho que foi provavelmente por isso que procurei online o melhor fliperama perto do campus e a levei até lá.

Paramos perto do balcão de trocas de ingressos, e eu aponto um garoto

magricelo de aparelho e um caso grave de acne. Entendendo minha intenção, Aimee sorri e pega os ingressos de mim. Ela caminha até o garoto e bate suavemente no ombro dele. De onde estou, não consigo ouvir a conversa, mas vejo como a boca dele se abre e os olhos dele se arregalam – primeiro ao olhar para os ingressos e depois para a linda garota que os entrega.

Estou rindo quando ela volta para mim.

— O que foi? — ela pergunta, com os olhos azuis arregalados.

Balanço a cabeça.

— Percebe que acabou de dar ao garoto um ano de sonhos molhados?

Duas pequenas linhas de expressão se formam entre as sobrancelhas, fazendo-a parecer incrivelmente fofa.

— O que você quer dizer com isso?

Eu não tento esconder o fato de que estou olhando para ela – para ela inteira. Aimee usa um par de jeans folgados enrolados até a metade da panturrilha e um camisa vintage que pende de seu ombro, expondo sua clavícula e a fina cicatriz que se ergue em sua pele como uma trepadeira. Seu cabelo está solto e serpenteia ao redor dos braços, como se estivesse se movendo conforme uma música. Jesus. Quem é essa garota?

Eu sorrio com o que meus olhos veem.

— Você não se enxerga de verdade, não é?

Aimee

Cole e eu acabamos comprando gyros de um food truck montado fora do fliperama.

Ele entrega o dinheiro ao cara, e eu quero discutir e pagar pela minha própria comida, mas algo em seu rosto mantém minha boca fechada e impede minha mão de ir até a minha bolsa. Em vez de um agradecimento, simplesmente pego o gyros envolto em alumínio e o sigo até um banco de madeira próximo, coberto de poeira do vento e do sol. Cerca de quinze metros à nossa frente, o estacionamento está repleto de areia. Suspirando, eu me inclino contra o banco e me deixo olhar para a água.

Estou na Flórida há semanas, mas esta é a primeira vez que estou perto da

praia e, Deus, sentia falta disso. Nossa casa fica a apenas quinze minutos de distância e quase todos os dias desde o início das aulas pensei em pedir a Mara que me levasse até lá, mas algo manteve as palavras presas dentro da minha boca. Agora que estou aqui, não entendo por que esperei tanto tempo.

É melhor do que me lembro. Meu cabelo e meus pulmões estão cheios de sal e a brisa queima meus olhos, mas não me importo. Quero absorver tudo isso.

Cole e eu não conversamos enquanto comemos. Nós dois olhamos para a paisagem em mutação da areia branca e da água azul enquanto a escuridão goteja constantemente pelo céu. A gordura do gyros passa através da folha até os meus dedos e minhas pernas se movimentam para frente e para trás embaixo de mim como se eu estivesse sentada em um balanço de varanda.

O momento é estranhamente perfeito.

Eu sei que tudo soa romântico – a praia, a água, a quietude –, mas não é. Na verdade, não. É confortável e não consigo nem pensar na última vez em que me senti confortável.

Uma vez – não, duas vezes –, olho e vejo Cole me observando. Na segunda, minhas sobrancelhas se erguem, e ele baixa o rosto.

— Então — eu começo, engolindo a última mordida do meu gyros.

A cabeça de Cole volta a se levantar. Ele olha para a água.

— Azul. A Origem, Clube dos Pilantras e O Vingador do Futuro. O original, claro. Principalmente rock, mas às vezes curto um rap.

Sinto que como se tivesse sido deixada no centro de um palco sem saber qual é a minha fala. Minha mandíbula está tremendo.

— Perdi alguma coisa? — eu pergunto. — Do que você está falando?

Cole ri da minha expressão.

— Ontem à noite você disse que queria saber algumas coisas: minha cor favorita, os três filmes que eu levaria para uma ilha deserta e o tipo de música que ouço antes de uma corrida — diz ele e encolhe os ombros. — Eu acabei de lhe dar as respostas.

— Ah, tudo bem — eu rio e franzo o cenho. — Eu não vi Clube dos Pilantras nem O Vingador do Futuro.

Agora é a vez da mandíbula de Cole travar.

— Do que você está falando?! — ele exclama. — Como isso é possível?

— Eu não acho que isso seja estranho — eu digo. — Esses filmes foram feitos antes mesmo de nascermos, não foram?

— Sim, mas você *nasceu*, não foi?

Eu reviro meus olhos.

— Obviamente.

— Então você deveria tê-los visto. Sem desculpas — ele diz em um tom prático.

— Talvez os veja, em algum momento — eu digo com uma risada. — Acho que não sou uma grande fã de cinema, a menos que tenha Ryan Gosling ou um dos irmãos Hemsworth.

Cole sorri e passa a mão pelos cabelos.

— Ah, então loiros são o seu tipo, né? Que sorte a minha.

Uau. Pisei na bola.

Eu rio e coro furiosamente quando me inclino para o chão para pegar a minha bolsa.

— Se vamos começar as perguntas da entrevista, deixe-me pegar meu caderno e uma caneta para que eu possa acompanhar. Queria te perguntar se...

— Ainda não — Cole me interrompe. Sua mão segura o meu braço, e eu não posso nem fingir que não sinto o calor de sua pele irradiando para todas as partes do meu corpo. — Acho que é a minha vez de perguntar.

— Tudo bem — digo e sei que pareço apreensiva e nervosa até para os meus próprios ouvidos.

— Eu só tenho uma pergunta para você.

Tento ficar calma. Enfio os dedos da minha mão esquerda no bolso do meu jeans e meu coração acelera incerto.

— Ok.

— Você se divertiu esta noite? — ele me pergunta.

O questionamento de Cole é tão inesperado que preciso olhá-lo novamente para ter certeza de que o ouvi corretamente. Ele tem um meio sorriso hesitante no rosto, como se soubesse de algo que eu não sei.

Assinto lentamente.

O sorriso de Cole se aprofunda, e ele diz:

— Foi o que eu pensei.

Depois de um minuto de silêncio, comento:

— Você parece muito satisfeito consigo mesmo.

Cole se inclina contra as costas do banco. Ele levanta um pé e o descansa sobre o joelho, cruzando os braços sobre a cabeça.

— Eu estou — ele confirma. — Eu me sinto muito realizado agora. Não é todo dia que faço você sorrir de verdade.

Eu não seria capaz de manter o sorriso longe do meu rosto, mesmo que

quisesse.

— O fliperama me fisgou — eu admito. — Não faço isso há anos e acho que tem algo a ver com o som de um bando de crianças a plenos pulmões, completamente abandonadas.

Cole olha para mim – e eu falo sério, porque ele *realmente* está olhando para mim. Por um longo momento acho que vai me beijar, e minha mente está alimentando todos os tipos de pensamentos, e eu não tenho certeza se quero ou não que ele diminua a distância entre nós. Mas antes que resolva essa situação na minha cabeça, ele ergue a mão para limpar o canto da minha boca com a ponta do polegar, e tudo que troveja dentro de mim simplesmente para.

— Tinha uma mancha no seu rosto — diz ele.

Acho que assinto em resposta, mas não tenho certeza, porque meu sistema nervoso está sobrecarregado. Parece que não encontro ar suficiente nos meus pulmões.

E então Cole está falando de novo, como se nada fora do comum tivesse acontecido, e eu fico ouvindo enquanto tento recuperar o fôlego. Depois de um tempo, seguimos para a praia, e eu afundo os dedos dos pés na areia fresca e úmida, deliciando-me com a sensação da água salgada lambendo meus tornozelos. Por alguns minutos, eu nem estou fingindo – estou mesmo feliz.

Cole nos leva de volta em sua caminhonete velha e quando estamos na frente da minha casa, ele solta a ignição e vira seu corpo para mim.

— A Princesa *Pervertida*, diz ele.

Eu preciso de um segundo para pensar em um.

— *Jurassic Pai*.

— *Guerra e pás*.

— *A Tíbia*.

Ele ri cordialmente e depois inclina a cabeça para um lado, perguntando:

— Ei, você vai ao jogo de futebol amanhã?

Eu sei que há um jogo de futebol, porque Mara tem falado sobre isso durante toda a semana, e hoje, em uma demonstração de espírito universitário, pelo menos metade dos alunos do campus usavam camisas verdes.

Balanço minha cabeça e digo:

— Eu não estava planejando ir.

Cole passa as mãos pelo painel. Sua mandíbula se contrai como se ele

quisesse argumentar de alguma forma, mas simplesmente balança a cabeça.

— Ok, Aimee. Acho que te vejo por aí.

Por aí? Está bem, então.

Enquanto sua caminhonete se afasta, odeio o fato de ficar observando-o como uma garota patética. E odeio ainda mais o fato de já sentir falta dele.



Cole

De alguma forma eu acabo preso com Kate. Ela aparece em nossa casa por volta do meio-dia, usando uma blusa verde e uma saia tão curta que poderia ser considerada ilegal. Eu não quero olhar para a bunda e para as tetas dela, mas acabo fazendo isso porque sou um homem e estou vivo, e porque, aparentemente, não tenho autocontrole.

Kate age como se morasse aqui, e eu não digo a ela o contrário quando se serve de uma cerveja da geladeira e se joga no sofá ao meu lado. Ela cruza as pernas e se inclina para a frente para que eu tenha uma visão perfeita dos seus seios.

A garota sabe que é bonita, e por mais que seja ridículo, isso me excita. Não que eu pretenda fazer algo com ela hoje, amanhã ou em qualquer outro momento. Kate Dutton é gostosa, mas esse navio já naufragou, por assim dizer, e eu já a superei.

Eu tento não focar nas razões que me fazem deixar a oportunidade passar, porque quando permito que meu cérebro siga nessa direção, tudo é substituído por lembranças de olhos azuis, da água batendo nos meus pés, de bolinhos de baunilha e todos os tipos de merdas românticas.

Kate me arranca de meus devaneios, colocando a mão na minha perna. Merda! Eu me contorço desconfortavelmente. Esperava que ela tivesse entendido os sinais de que não estou mais interessado quando parei de

mandar mensagens de texto e disse a Brady para chama-la para sair, mas acho que me enganei.

Na hora certa, Daniel faz sua primeira aparição do dia. Está usando uma camisa de time e um boné de beisebol verde para trás, e quando me vê no sofá com Kate seus olhos ficam um pouquinho mais abertos. Ele não diz nada, mas posso ver sua reação e sei que ele está pensando em Aimee.

Abaixo minha cabeça e levo a mão fechada à boca para conter uma tosse. Sei que não preciso me preocupar ainda, porque Daniel não é do tipo que faz perguntas. Ele vai esperar até conseguir me encurralar em algum canto onde ele acha que não vou poder dar uma das minhas desculpas de merda.

Somos quatro morando na mesma casa. Nate, Daniel e eu somos todos companheiros de equipe. Em algum lugar ao longo do caminho, nós três acolhemos Adam e não conseguimos nos livrar dele. Tudo bem, no entanto. Adam mantém as coisas interessantes por aqui. Como agora, ele está me pedindo conselhos sobre como passar pelos guardas de segurança até o estádio de futebol. E eu sei que já tem duas sacolas de plástico com vodka enfiadas no bolso interno do short.

— Que diabos? — Eu rio. — Você já está bêbado. Vai acender um baseado no estádio também?

Adam me lança um olhar como se eu fosse louco.

— Claro que não, Everly. Eu não sou tão estúpido — diz ele, erguendo os ombros. — Mas não vou passar em casa antes de ir para lá e quero estar preparado. Só tenho a sensação de que esta noite vai ser uma tempestade de merda. Estou sentindo algo assim no ar. Você não sente, cara?

Como se eu fosse algum especialista em tempestades de merda. Só então, Kate aperta as unhas na minha coxa e percebo que talvez eu seja. Talvez eu seja.

Aimee

Jilly costumava fazer isso antes de uma corrida. Ela bufava alto e esticava os braços no ar enquanto saltava para cima e para baixo na ponta dos pés como um boxeador. Era algo feito para me fazer rir e geralmente funcionava.

Eu não tenho corrido desde que ela morreu.

Isso faz mais de quinze meses.

Eu não corro mais. Não sei mais nadar. Não saio mais com caras. E nos dias ruins, nem tenho certeza se existo.

Hoje é um dia ruim.

Eu não sei por quê. Só acordo com a cabeça cheia de nuvens cinzentas e pensamentos que saltam do teto e aterrisam pesadamente na boca do meu estômago. Talvez tenha algo a ver com como eu não consegui dormir na noite passada depois que Cole me deixou em casa. Realmente não sei, e não tenho certeza se quero começar a analisar a situação agora.

Minha irmã está preocupada. Ela tem me observado a manhã toda, e eu posso dizer que está hesitante sobre o que fazer. Ela se enfurnou em seu quarto há algum tempo, e qualquer um que conheça Mara pode dizer que um bom palpite é que ela esteja fazendo uma lista de prós e contras sobre ligar ou não para a nossa mãe. Quando finalmente reaparecer, terei que me sentar com ela no sofá e lhe assegurar pelo menos cinco vezes de que não é como em junho.

Eu saberia se fosse.

É o que eu digo para que ela deixe pra lá, mas o problema é que não tenho certeza do que isso significa.

Quer saber de uma coisa?

O que eu sei?

Mara ainda está insegura. Ela quer ir para o jogo e me pede para ir com ela. *Até Jodi vai*, ela diz. E quando isso não funciona, ela dá sua grande cartada. *Cole não estará lá?* Como se estar na mesma hora e no mesmo lugar que Cole Everly tivesse se tornado a coisa mais importante da minha vida no momento.

Eu quero ficar irritada, mas lhe dou uma folga porque ela não entende. Não de verdade. Nós duas criticamos demais a nossa mãe por ser a pessoa que ela é, mas, de muitas formas, Mara é igual – ela é apenas menos chata e primitiva a respeito. No fundo, Mara e nossa mãe pensam que, se eu quiser, posso decidir seguir em frente. Eles acham que segundas chances e recomeços são algo que exige *ação*, mas eu sei a verdade. Essas são coisas que você tem que conquistar.

Eu tento explicar a Mara que a ideia de estar confinada em um estádio com milhares de pessoas esmagadas contra mim e o barulho estilhaçando minha cabeça é suficiente para fazer meu estômago se contorcer. Ela não

gosta, mas acaba desistindo e me deixa no sofá olhando para a TV.

Horas depois, ainda estou sentada aqui e nem sei o que estou assistindo. É um daqueles filmes completamente entorpecentes feitos para TV que vão ao ar nas tardes de sábado entre os comerciais. Eu não consigo explicar o enredo. Tudo o que sei é que tem algo a ver com uma garota que se apaixona por um pugilista azarado e que ele está erguendo os braços no ar, como um campeão.

Isso me faz pensar em Jillian e nossas corridas de segunda e quinta à tarde e nos sábados de manhã, quando não tínhamos natação. Nós sempre começávamos na casa dela e seguíamos para o lado norte do bairro porque havia menos carros naquela rota. Às vezes nós conversávamos e, em outras, colocávamos os fones de ouvido e seguíamos. E mesmo que não disséssemos nada uma para a outra, e a única coisa em nossas cabeças fosse a música, ainda era melhor estarmos juntas do que sozinhas.

Antes que eu realmente saiba o que estou fazendo, agachada, em frente ao meu armário, procurando meus tênis de corrida. Amarro-os e alongo minhas pernas.

Quando eu fazia esse tipo de coisa, conseguia ir longe. Talvez nove ou dez quilômetros em um dia que não estivesse muito quente ou úmido. Mas isso era quando meu corpo estava forte e quando Jillian estava ao meu lado para me incentivar no último trecho.

Tudo é diferente agora. Meus músculos, os poucos que me restam, não me obedecem e sentem dor antes de julgar que passei mais de um quilômetro. Eu tento me impulsionar, fazer com que minhas pernas ouçam meu cérebro e esqueçam o jeito como meu coração está explodindo atrás das minhas costelas, mas não adianta. Eu me esgoto e me pego no acostamento, curvada, com as mãos nos joelhos. Sibilos de ar entram e saem dos meus pulmões dolorosamente, e gotas de suor pegajoso pingam em meus olhos e minha boca.

Um carro passa e buzina, e algum idiota se inclina, gritando algo para mim, mas eu estou muito focada em não cair para sequer me importar.

Cole

— Então o que você quer fazer?

A voz de Kate me puxa de volta para a caminhonete. Balanço minha cabeça e olho para ela.

— O que você disse?

Ela se vira para olhar para mim. Está escuro aqui, mas posso dizer que seu cenho e sua boca estão franzidos.

— Cole, você está agindo muito estranho o dia todo. Mal prestou atenção no jogo e tem me ignorado. — Ela faz um beicinho infeliz. — Que há com você?

Deslizo a mão pelo meu cabelo e balanço a cabeça.

O *que* há comigo?

— Nada — digo e quero acreditar que é a verdade, mas não é, e eu sei disso. Para começar, estou aborrecido por Kate estar na minha caminhonete, sentada no exato local onde Aimee se sentou na noite passada. E estou sufocado, porque o perfume dela é tão forte que me faz pensar se está tentando atrair ursos ou alguma merda assim. — Estou cansado — digo. — Estou com dor de cabeça.

— Bem, então... — Kate se inclina sobre o console, tão perto que seu hálito úmido toca a minha pele. Ela sobe a mão até o meu peito e desce os dedos lentamente para baixo até que encontrem o cós da minha boxer. — Talvez devêssemos pular a festa hoje à noite e ir direto para a cama.

Inclino minhas costas contra o assento e fecho meus olhos brevemente. Apesar do perfume sufocante e todo o caos dentro da minha cabeça, o toque de Kate em mim não parece tão terrível. Os dedos dela baixam, e eu quase não a impeço. Quase.

— Kate — eu digo o nome dela devagar para que saiba que estou falando sério. — Eu agradeço o gesto, mas vou levar você para casa.

Sua respiração profunda é audível, e eu posso dizer que ela está chateada pelo jeito como afasta seu corpo do meu. Não que eu esteja surpreso. As pessoas geralmente não gostam de ser rejeitadas. Isso as deixa irritadas.

— Sabe de uma coisa? — Kate cospe e percebo que sua voz soa como um desenho animado de mau gosto. — Me leve para a casa do Brady. Na semana passada ele mencionou que ia receber algumas pessoas após o jogo. Eu não ia sair com ele, mas acho que mudei de ideia.

— Ok — eu digo, olhando no espelho retrovisor e trocando de pista. Sei que está tentando me deixar com ciúmes, e uma parte de mim se sente mal por ela estar se esforçando tanto para isso, porque não está funcionando

muito bem.

O resto do trajeto é estranho. As perguntas não feitas de Kate parecem uma coisa viva e respirável alojada no espaço entre nós. Eu penso em me explicar, mas a verdade é que nem sei como começar. *Então, tem uma garota...*

Mais tarde, estou em casa e tentando fazer algum trabalho para a faculdade, mas minha mente ainda está em outro lugar – a alguns quilômetros de distância, com uma garota que sei que não está pensando em mim.

Lembro-me de como ela estava na noite passada, enquanto caminhávamos na praia e a maneira como a luz da lua brilhava como água corrente no cabelo dela. E o sorriso – isso é o que me mata.

Verifico o relógio do meu celular. É quase meia-noite, mas não estou mais pensando direito. Pego minhas chaves, procuro minha camisa e o estojo do DVD que vi na semana passada.

Sete minutos depois, chego à sua casa e encontro uma rua vazia no parque paralelo. As luzes exteriores estão apagadas e as janelas da frente estão escuras. Hesito antes de bater, mas cheguei até aqui e decido que não vou para casa sem dar este último passo.

Um. Dois. Três. Quatro. Cinco. Seis. Sete. Respirar.

Sem preocupações.

Sem pensamentos.

Ouçó um som parecido com passos, uma luz acende e a porta é destrancada. Respiro fundo e começo a falar antes de ver quem é, porque, de alguma forma, sei que será ela e não sua irmã.

— Eu sei que é tarde, mas não consegui dormir sabendo que você não assistiu a isso.

Aimee está na porta olhando para de um lado para o outro, do DVD de Clube dos Pilantras em minhas mãos para o meu rosto.

Eu tento fingir que não percebo a vermelhidão em volta dos olhos dela ou o fato de que está vestindo apenas um short curto e um top esportivo, e que seu cabelo está preso em um rabo de cavalo bagunçado. Posso ver seu rosto como nunca vi antes, mas não adianta. Percebo tudo isso e antes que qualquer um de nós possa me impedir, eu a pego entre os meus braços e começo a falar baixinho contra seus cabelos.

Os braços de Aimee me envolvem, e ela pressiona a cabeça contra o meu peito. Posso sentir seu coração batendo contra sua pele nua e me pergunto se vou conseguir juntar todos os pedaços dela.

Aimee

Arrependimento. Quando isso acontece, e *realmente* acontece, é como descobrir um novo som.

Tentei explicar isso ao meu terapeuta quando me mudei para Portland no ano passado. *Aimee*, e se, ela perguntou, *você decidiu deixar acontecer?*

E eu me perguntei se ela estava me ouvindo.

Porque tudo que faço é deixar acontecer.



Capítulo 9

Cole

Talvez eu seja oficialmente louco. É o que Adam me diz e, em alguns dias, acho que ele está certo. Talvez loucura seja exatamente o que é preciso para cortar suas bolas e entregá-las a uma garota.

Difícil. Ferida. Fechada. Se eu estivesse fazendo uma lista de qualidades para evitar em uma garota, Aimee Spencer provavelmente combinaria com cada uma delas. Mas eu ainda estou aqui, me esforçando por cada sorriso. E eu *quero* estar aqui. Eu nunca quis tanto uma coisa em toda a minha vida.

Ela me conta tudo e nada de uma vez, e eu capto tudo o que consigo, porque em algum lugar ao longo do caminho eu parei de me importar. *Olhe, mas não toque.* Esse é o acordo entre nós, e não importa se eu quero mais, porque não vou tocá-la até que ela deixe claro que é o que ela quer. E isso não é um jogo. É uma promessa. Não há mais estratégia. Não há mais pressão. Não há mais merda nenhuma.

Apenas ela e eu. Eu e ela.

Ela. Uma palavra. Um pronome simples que parece um vocabulário inteiro.

Aimee

— Então, eu tenho pensado em tatuagens.

Eu olho para cima do meu laptop enquanto Jodi cai na cadeira do lado oposto da cabine de estudo. Um sorriso enorme engole seu rosto.

— Estou quase com medo de perguntar, mas o que, exatamente, você está pensando a respeito de tatuagens?

Impossivelmente, o sorriso dela fica mais amplo.

— Você se lembra daquela garota Alexis? — pergunta Jodi. — Eu acho que você a conheceu na semana passada. Peitos grandes — ela diz e faz o gesto com as mãos. — Cabelo loiro curto.

Eu tento pensar de volta. Para alguém que parece não ter muitos amigos, Jodi certamente conhece muita gente. Terça-feira passada, acho que ela me apresentou dois Kevins e pelo menos quatro meninas com cabelo loiro curto.

— Eu-hum... — Realmente não me lembro.

— Não importa — diz Jodi com um aceno desconsiderado. — O que importa é que ontem à noite eu estava comprando um Frappuccino e encontrei Alexis e o cara com quem ela está ficando atualmente. Nós começamos a conversar, e ele me informou que seu primo trabalha naquele estúdio de tatuagem no centro da cidade e que eles estavam indo lá para levar um café para ele. Uma coisa levou a outra, e, de alguma forma, acabei acompanhando-os.

— De alguma forma?

Jodi me ignora e continua sua história.

— Então lá estava eu, folheando aquelas obras de arte, e tive essa sensação. Como se eu soubesse que algo estava prestes a acontecer.

— Uma visão?

— Exatamente! — ela diz, vertiginosamente. — Então eu olhei para cima e tinha aquele cara lindo, com uma aparência de molhar calcinhas, e ele estava olhando para mim. Mal consegui respirar porque minha mente estava tentando se manter sã diante daquele corpo insano, e ele caminhou até mim em toda a sua glória tatuada e cabelos negros, e me convidou para sair. Sem pretensões, apenas me disse que ele estava a fim de mim e queria sair comigo algum dia. Aimee, eu juro que meus ovários já tremiam antes mesmo de descobrir que o nome dele é Kyle.

Eu sinto minha testa enrugar. Dois dias atrás, ela me disse que o ex-namorado, Jason, dera a ela o orgasmo mais devastador de sua vida.

— Hum. E quanto ao Jason?

Sua sobrancelha direita se ergue.

— Que Jason?

— Você é terrível — eu digo, tentando, sem sucesso, reprimir um sorriso.

— Por um segundo, quando você disse que estava pensando em tatuagens, pensei que você ia me dizer que quer fazer uma.

A cabeça de Jodi se inclina para o lado. Um pedaço de cabelo azul cai em seus olhos.

— Oh, eu farei. Planejo isso desde a noite passada — ela diz, como se fizesse 12 anos e não 12 horas. — Eu tenho pensado em um design muito legal daqui até aqui. — Ela indica quase toda a parte superior das costas de um ombro a outro.

— Isso é muito grande. Por que não começar com algo menor e vai aumentando aos poucos?

— Porque não é assim que eu faço as coisas. Além disso — ela diz, batendo na testa —, eu já previ a reação da minha mãe e qualquer arrependimento futuro que eu possa ter sobre a tatuagens será diminuído pela satisfação que o choque dela me proporcionará.

— Bem, isso é... realmente, hum... emocionante. Eu mal posso esperar para conhecer Kyle. — Sorrio timidamente e olho para o teclado do meu laptop. Estamos no canto leste do segundo andar da biblioteca, em um recanto silencioso que descobri durante a terceira semana de aula. Jodi sabe que geralmente pode me encontrar aqui, sentada em uma mesa de estudos, entre as aulas.

— Talvez, eu até já o ame.

Isso me faz levantar a cabeça.

— Amor? — eu grito. — Você o conheceu ontem!

— Eu sei, mas quando você sabe, você sabe — ela murmura e agita os dedos contra a bochecha.

Eu estreito meus olhos.

— Eu realmente não compro a coisa de amor à primeira vista. O amor não é um acidente ou algo que apenas... — procuro a palavra certa. — ... acontece quando você não está procurando. O amor é uma escolha, não uma chance.

— Ok, talvez amor seja uma palavra muito forte. Mas eu acho que *algo* pode acontecer. Só é preciso um segundo, o toque de um dedo para sentir essa... *possibilidade*. Eu não posso explicar, mas é como uma conexão ou

uma sensação que irradia por todo o seu corpo. Quente e frio. Que excita e subjuga de uma só vez. E talvez isso pareça louco, mas sei que é real. Eu sei, porque eu senti isso aqui. — Ela suspira e aponta para o peito, logo acima de onde seu coração está. — Isso nunca aconteceu com você? Não foi o que você sentiu quando viu Cole pela primeira vez?

Minha respiração fica presa no fundo da minha garganta. *Cole*. Eu sacudo minha cabeça.

— Jodi, isso não é... não é assim.

Ela cruza as mãos como se estivesse prestes a começar a rezar.

— Eu tiro essa conclusão pelo olhar que você está me dando e pela aura de insatisfação sexual que emana de você pelo fato de as coisas com aquele atleta delicioso ainda estarem no âmbito platônico.

Eu sei exatamente o que ela está insinuando e não acho que esteja pronta para ter essa conversa. Novamente.

— Se por 'âmbito platônico' você quer dizer 'amizade', então, sim, ainda somos amigos. Ele é um cinéfilo total, então passa aqui em algumas noites e nós assistimos algo que eu não tinha assistido ainda. Apenas isso. Não é nada de mais.

Jodi examina meu rosto.

— Se você diz — ela diz simplesmente, mas é o jeito que ela fala que me faz sentir desequilibrada.

Eu sei como as coisas com Cole parecem, e eu *sei* os sentimentos envolvidos — apenas não sei o que fazer a respeito.

Nas últimas semanas, passamos muito tempo juntos. Pelo menos é como acho que devo descrever se tiver que chamar isso de qualquer coisa. Na maioria das noites ele vem à minha casa, depois de treinar, e nós jantamos, fazemos nosso dever de casa, e geralmente acabamos na minha cama ouvindo música ou assistindo a um filme. E, apesar do que minha irmã pensa, *assistir a um filme* não é um eufemismo para qualquer outra coisa.

Eu não entendo mais do que Jodi ou Mara, mas não preciso ficar sentada analisando nosso relacionamento para saber que eu gosto de estar perto de Cole. Ele é divertido. Ele me faz rir. É quase embaraçoso o quanto comecei a desejar ouvir o baixo resmungo de sua caminhonete e o som de seus pés chegando no caminho em frente à casa. Depois de um ano de escuridão, Cole é como uma estrela em chamas iluminando meu céu.

— Ele gostou do artigo? — pergunta Jodi.

O artigo que escrevi sobre Cole e submeti à aula foi publicado no jornal

estudantil na sexta-feira passada. Não posso esconder a curva dos meus lábios quando digo:

— Sim, ele gostou. Enviou uma cópia para sua irmãzinha.

— Hmm. Fofo. Muito fofo — ela comenta e gira uma mecha de cabelo azul no dedo indicador. — Então, a tarefa acabou, mas o garotão ainda está por aí? Que interessante.

— Ele não tentou nada comigo — digo a Jodi, porque é a verdade.

Ela fica quieta. É como se estivesse analisando as questões em sua cabeça, procurando a certa. Finalmente, ela pergunta:

— Você quer que ele faça isso?

Ah... Se eu quero que o Cole Everly tente alguma coisa comigo?

Meus pensamentos sobre Cole estão um caos, é como se tudo dentro de mim tivesse desligado e ligado de uma só vez. Ele não me convidou para sair desde aquela noite em agosto, quando nós dois fomos ao Dirty Ernie's. Ele flerta comigo, mas isso parece estar enraizado em seu DNA, então não é como se eu pudesse levá-lo a sério.

Cole não tentou me beijar. Ele não fica boquiaberto com o meu corpo. Deus. Ele mal olha – nem mesmo quando eu estou deitada ao lado dele na minha cama usando nada além da minha camisola e um par de shorts de algodão. O que temos é um tipo estranho de amizade, mas isso é tudo até agora. Uma *amizade*.

Eu levanto meu queixo e estremeço um pouco.

— E importa se eu quiser?

Jodi bufa dissonante.

— O que é isso? 1952 e você precisa que sua tia-avó Gertrude acompanhe suas saídas? Se você quer Cole em sua cama, então precisa dizer isso a ele. Ou melhor ainda, *mostre* a ele que você o quer. Os homens são melhores com recursos visuais, de qualquer maneira. — Ela parece uma combinação de frustrada e divertida. — Aimee, é óbvio para todos no planeta que ele te deseja tanto que mal consegue enxergar direito. Por que não livrar o pobre rapaz dessa angústia?

Minha mente está girando, e eu digo as primeiras palavras que surgem na minha boca.

— Eu não namoro.

— Primeiro de tudo, eu não disse que você tinha que namorar com ele, não é? — Jodi espera que eu responda à sua pergunta com um aceno de cabeça. — Segundo, o que faz você pensar que o que está fazendo com Cole

agora é tão diferente de namorá-lo?

Minha voz é quase inaudível.

— Eu não sei.

Cole

— Você está brincando? — eu pergunto, embora saiba que ela não está.

Aimee dá de ombros exageradamente e torce o nariz. Eu amo quando ela faz isso.

— Você fala isso toda vez — ela me diz.

Ela está certa. Eu falo.

— Eu digo porque fico horrorizado toda vez e continuo torcendo para que você me diga que tudo isso foi uma farsa elaborada.

Aimee leva os joelhos até o peito e descansa o queixo no topo deles. Ela sorri para mim pensativamente e acena com a mão pela sala.

— Hmm. Horrorizado? *Mesmo*? Para mim, parece que você está entusiasmado por ficar encarregado de expandir meu repertório cinematográfico.

Certo novamente.

Eu posso sentir seus olhos azuis focados de mim enquanto mexo com o cabo conectado ao meu laptop e o volume da TV no quarto dela. Segunda-feira foi O Exorcista. Ontem à noite nós assistimos o primeiro dos filmes da franquia de Halloween. E hoje à noite veremos O Chamado. Começando com Clube dos Pilantras há algumas semanas, Aimee e eu temos assistido sistematicamente todos os meus filmes favoritos. Essa menina não viu quase nada, e eu criei uma meta pessoal para mudar isso.

Quando me viro para Aimee, ela tirou o enorme moletom cinza e está encostada nos travesseiros da cama com a mão direita sobre o estômago. Droga. Ela está usando a blusa do pijama de novo — aquele em tom de creme que mal cobre seu corpo. Sugo o ar através dos meus dentes e olho para longe para que não veja o contorno de seus mamilos escuros através do tecido.

— Eu queria te perguntar — diz Aimee. — Qual é dos filmes de terror esta semana?

Você só pode estar brincando comigo, tento fazer com que minha mente deixe de lado a memória de Aimee agarrando meu braço e se aproximando de mim durante algumas das cenas mais tensas da noite passada. Não há como responder a pergunta dela honestamente e confessar o recurso patético, então, eu murmuro algo evasivo por sob a minha respiração e espero que ela deixe isso para lá.

— Ah, bem... eu meio que gosto deles — diz ela, me observando atentamente. O brilho da TV lança em seu rosto pálido uma luz prateada azulada. — Quem teria pensado que eu iria gostar de filmes de terror, né?

Minhas sobrancelhas se erguem.

— Apenas espere até que cheguemos a uma hora de filme, sua garota durona, e então você vai poder me dizer se ainda acha que gosta de filmes de terror. Tenho pegado leve até agora. Vamos começar, porque tenho que sair daqui um pouco mais cedo do que o normal esta noite.

Atrás de mim, a voz suave de Aimee corta o ar.

— Por quê? Você tem um encontro depois?

Minha cabeça chega a girar. *Ela está falando sério?* Merda. Eu posso dizer pela expressão em seu rosto que ela está completamente séria e é como se tudo na sala desse um giro de noventa graus.

— Não — eu resmungo, esforçando-me para afastar a rudeza que se alojou na minha garganta. Eu não *quero* nem olhar para outra garota há semanas e estou completamente chateado por ela pensar que eu iria a um encontro com outra pessoa. Mas, de fato, Aimee e eu temos evitado o assunto.

— Tudo bem se você for — diz ela, parecendo levemente desconfortável. Sua pele está corada e ela puxa distraidamente as pontas dos cabelos. — Quero dizer, eu não tenho a intenção de sugar todo o seu tempo. Sei que você tinha uma vida antes de me conhecer e que... — Agora suas bochechas ficam ridiculamente vermelhas. — Tem coisas que você pode precisar fazer às vezes.

Eu estou bagunçando meu cérebro, me perguntando por que ela está mencionando essa merda agora. Será que está tentando me aliviar porque conheceu alguém? Talvez seja um cara de uma das aulas dela? O pensamento se insinua dentro de mim e começa a se espalhar como ácido pelos meus membros.

— Confie em mim, Aimee. Eu ainda tenho uma vida e sempre consigo encontrar tempo para outras coisas — eu digo, sabendo que pareço um

verdadeiro idiota. Tudo bem porque eu *sou* um idiota. Sempre fui. — Mas não é por isso que preciso chegar em casa mais cedo. Preciso dormir de verdade porque tenho um treino pela manhã. Além disso, ainda preciso fazer as malas porque vamos sair amanhã por volta do almoço para a corrida em Gainesville.

Este fim de semana será o triatlo para o qual Quentin, Brady, Nate e eu estamos treinando. Estou com medo. Não por causa da corrida — adoro a correria e a adrenalina. A verdade é que não estou ansioso para passar tantos dias longe de Aimee. E levando em consideração o caminho que estamos tomando esta noite, o quão patético é isso?

O rosto de Aimee é inabalável. Ela não me deseja sorte nem me diz que vai sentir falta das nossas noites de cinema. Tudo o que ela diz é: "Oh".

Aquela única palavra — aquele sentimento estranho que abre caminho sob a minha pele e se aloja dentro dela.

— Sim, eu teria pedido que você viesse porque nós vamos sair depois, mas você não dirige, não é? — Merda, é como se eu tivesse acabado de saltar de um avião sem paraquedas. Eu sei que ela não gosta de falar sobre essas coisas e que estou agindo como um idiota de propósito.

Eu conheço alguns *fatos*, mas isso não significa que conheço a história. Daniel não responde às minhas perguntas e Aimee com certeza não vai querer conversar. E até este momento, não fiz nenhuma das mil e uma perguntas que passavam pela minha cabeça. Tive o prazer de viver cada momento, um após o outro, como se não houvesse nada atrás de nós e nada à nossa frente, porque eu estava pensando... nem sei no que estive pensando.

Continuo olhando para ela com severidade, e Aimee puxa conscientemente seu cabelo. Seu lábio inferior está perdido entre os dentes. Eu deveria deixar pra lá, mas não consigo me controlar.

— Por que você não dirige, Aimee? Conte-me. É por causa do acidente do ano passado? Porque eu procurei um artigo online e nem era você no volante, não é?

Nós passamos todo esse tempo juntos e eu sei tanto sobre ela que poderia encher um livro inteiro, mas não conheço nenhuma das coisas importantes. Eu sei que ela prefere torta de cereja a torta de pêssego, e que seu relacionamento com sua mãe é uma porcaria, que ela curte mais cachorros do que gatos, e que comédias britânicas a fazem rir, mas essas não são todas peças para o quebra-cabeça. Não mesmo.

Os olhos de Aimee estão tão abertos e brilhantes que é quase como se

eles tivessem assumido o resto do rosto dela. Finalmente, ela sussurra tão baixo que eu mal a ouço:

— Eu não quero contar a você.

Eu estava preparado para ela explodir, então não é como se me surpreendesse ou algo assim.

— Sim, bem... — eu digo rigidamente. Essa conversa realmente não poderia ter piorado. Estou cansado e agora sinto que fodi com tudo. — Já imaginava isso.

— Cole, eu...

Ergo minha mão para cortá-la.

— Você não precisa explicar. Vamos apenas assistir ao filme, sim?

Aimee está sentada agora. Ela levanta a mão para o meu ombro e a deixa escorregar até o meu braço, até que seus dedos estejam entrelaçados com força ao redor dos meus. Minha respiração engata imperceptivelmente e é preciso toda a minha força de vontade para não apertar sua mão de volta.

— Eu não quero contar a você — ela diz, tropeçando nas palavras —, porque temo que quando fizer isso, você não entenderá e tudo isso vai acabar.

— Que diabos isso significa?

Ela ainda está olhando para mim, segurando minha mão, e eu estou lutando para lembrar por que fiquei bravo em primeiro lugar.

— Não sei como explicar, mas você pode me dar um pouco mais de tempo? Não quero que você se afaste ainda — diz ela, com o rosto nublando.

— Do que você está falando? — Sento-me na beira da cama e pego a mão dela, que está no meu colo. — Não vou me afastar.

— Não diga isso. — Ela fecha os olhos e acho que é para não chorar. — Isso é o que todo mundo diz.

Aimee

Acontece que eu não sou tão dura quanto proclamei antes, e filmes de terror podem não ser o meu estilo no final das contas. Eu digo isso debilmente para Cole e ele acaba ficando na minha casa. Ele realmente parece satisfeito por ser jogado no papel de meu protetor. Talvez seja uma coisa de macho alfa.

É desconfortável no começo – com ele de um lado da minha cama queen e eu do outro –, mas eventualmente a estranheza é substituída pelo sono. E nós, de fato, dormimos.

Seu alarme do telefone dispara quando meu quarto ainda está iluminado pela luz âmbar do amanhecer. Um gemido eletrônico estridente me tira de um sonho bom e sinto alguns batimentos cardíacos ansiosos antes de eu lembrar por que está tão quente na minha cama e de quem é a pele que está pressionada contra a minha. Com um gemido abafado e uma rajada indesejada de ar frio, Cole sai dos lençóis e se coloca ao lado da cama. Eu o ouço puxar sua calça jeans e procurar em torno da minha mesa por suas chaves e carteira.

Antes de sair, ele paira sobre o meu corpo por um longo momento. Não está me tocando, mas posso sentir seu calor e sua respiração na minha pele, mesmo através do tecido dos lençóis. Eu sei que deveria rolar para que ele saiba que estou acordada. Deveria desejar-lhe boa sorte ou vibrações positivas para a corrida ou algo assim. Em vez disso, deixo que ele dê um beijo rápido na minha testa e desapareça sem trocar palavras. Talvez seja porque eu tenho um péssimo humor de manhã. Ou talvez seja porque não sou boa com adeus.



A chuva começa a cair quando Mara nos leva ao campus de manhã, antes da aula. Ao meio-dia, o tempo se transformou em uma tempestade completa com gotas fortes e cinzas movendo-se rapidamente pelo céu.

Este é um daqueles raros momentos em que eu gostaria de ter seguido o conselho de minha mãe e optado por colocar aquele guarda-chuva vermelho que ela me deu no mês passado dentro da minha bolsa. Eu deveria encontrar Jodi e seu novo brinquedinho, Kyle, em uma pequena lanchonete fora do campus para almoçar em menos de cinco minutos.

O trovão ressoa e um rápido relâmpago ilumina o céu escuro.

— Merda — murmuro e dou um passo para trás, colocando-me sob um beiral curvado, que protege os degraus do prédio. Vou ter que esperar um pouco.

Alguns estudantes que pensam da mesma forma estão encolhidos contra as paredes de concreto áspero – alguns deles puxando telefones ou livros para

se ocuparem enquanto esperamos. Eu olho de novo e suspiro. Preciso mandar uma mensagem rápida para Jodi para que ela saiba que vou chegar atrasada para o almoço, então, enfio a mão no bolso da frente da minha bolsa para pegar meu telefone. Eu o encontro, mas enquanto manobro meu braço para a frente, o iPhone com capa roxa desliza dos meus dedos e desce os degraus para pousar de bruços na passarela de concreto abaixo.

— Não-não-não-não! — eu grito, curvando meus ombros, preparando-me para um sprint na chuva.

— Espera. — O cara vestindo um moletom com capuz, próximo à mim, toca meu braço antes de me ultrapassar na chuva para pegar meu telefone.

Um agradecimento parece inadequado, mas é tudo o que posso fazer.

— Obrigada. Eu-eu-apenas-obrigada-eu... — Surpresa, interrompo as palavras confusas na minha garganta enquanto ele empurra o capuz azul brilhante de sua jaqueta para trás e sacode seu cabelo acobreado.

— Sem problemas.

Nós dois nos olhamos em silêncio. É estranho como um pouco de tempo e espaço podem despedaçar tudo e serem preenchidos com tanta emoção que te estrangula e te sufoca. Isso é o que estou pensando quando Daniel Kearns, de mãos ensopadas, entrega meu celular.

— Obrigada — murmuro, tremendo, limpando a tela do telefone com a parte inferior da minha camisa. — Parece que provavelmente vai sobreviver. — *Sobreviver*. Por que eu escolheria essa palavra? É como se eu estivesse jogando coisas na cara do Daniel que ele não precisa receber.

— Bom saber. Eu não suporto ver iPhones em perfeito estado sendo jogados na chuva.

Eu limpo minha garganta desajeitadamente e puxo as pontas do meu cabelo por cima do meu ombro. É uma bagunça emaranhada por causa de toda a umidade do ar e pelo fato de que eu mal me incomodei em lavá-lo esta manhã.

— Eu pensei que vocês já tinham ido para o triatlo.

Assim que as palavras saem da minha boca quero socar a mim mesma. Não tenho ideia se, de alguma forma, Cole contou a Daniel sobre nós e eu acabei de admitir que sei qual é o seu cronograma de viagem. A menos que Daniel seja um idiota, tenho certeza de que ele poderá somar dois mais dois.

Daniel olha para mim e depois para o campus encharcado de chuva.

— Eu não faço parte. É só Nate, Quentin, Cole e Brady — ele diz e afasta a chuva das mangas da jaqueta.

— Oh. Eu só... — *Eu só o quê?* Troco o pé de apoio e nenhum de nós fala nada por um momento.

Daniel quebra o silêncio primeiro.

— Então — ele diz, e eu posso julgar pelo tom dele o que virá a seguir.
— Você e Cole?

Eu sacudo minha cabeça.

— Não é o que você está pensando.

Os quentes olhos castanhos de Daniel ficam mais arregalados.

— Você lê meus pensamentos?

— Bem, não — murmuro, meio envergonhada por ter dado aquela resposta. — Estou apenas assumindo isso, porque é o que todos ao nosso redor têm pensado ultimamente, e não há nada acontecendo. De verdade. Cole e eu somos apenas amigos. — Eu me pergunto quantas vezes vou ter que dizer isso em voz alta para fazer parecer verdade.

— Ele me perguntou sobre você algumas vezes. Sobre, bem, você sabe, mas não contei muitas coisas. Acho que a história pertence a você.

— Daniel... eu-eu... — Deus. Por que não consigo sequer falar?

— Ele gosta de você — Daniel me diz como se fosse a coisa mais natural.

Tento não permitir que ele veja que todo o meu mundo se expande e se contrai com essas quatro palavras.

— Estou muito confiante de que Cole gosta de muita gente — eu digo.

Daniel faz uma pausa, e juro que em seu silêncio eu posso ouvir o som do meu próprio coração por sobre o barulho da chuva. Há algo diferente em sua voz quando ele diz:

— Não é assim.

O que isso significa?

— Olha, Aimee — ele continua enquanto empurra o cabelo encharcado para longe de sua testa. — Eu tenho vontade de conversar com você desde que descobri que estava matriculada aqui, e na noite em que te levamos para casa eu realmente não tive a chance.

— Uh, sim. Eu sinto que devo dizer que o comportamento que testemunhou é realmente incomum para mim. Eu normalmente não... hum, perco tanto o controle.

Daniel ri.

— Perdeu o controle, ficou bêbada, doidona, ou como você quiser chamar.

— Eu não sou assim — asseguro a ele.

Daniel levanta a mão.

— Você não precisa se explicar para mim.

— Na verdade, Daniel, eu sinto que preciso

Daniel olha para mim com os olhos da irmã, sem dizer nada por muito tempo. Eu quero me afastar, mas estou paralisada. Posso ver, pelo movimento de seus ombros e seu queixo, que ele está tentando se censurar. Eu provavelmente deveria poupá-lo do esforço e dizer que só porque ele não está mencionando o nome de Jillian, isso não a mantém fora da nossa conversa.

— Não — ele diz ríspidamente. — Você não precisa explicar nada para mim. — Sua ingestão de ar é rápida. — O que eu queria te dizer é que não concordo com o que minha mãe diz ou disse. O que aconteceu depois do acidente não foi justo para você. Se eu estivesse em casa, não sei o que poderia ter feito, mas talvez...

Talvez. É uma palavra cheia de esperança, mas é desperdiçada comigo. A Sra. Kearns me culpa pela morte de sua filha e não é como se eu discordasse. Deixei minha melhor amiga inconsciente, agonizando no banco do motorista do *meu* carro. Eu *deveria* estar dirigindo.

Mas eu não estava, estava?

Não há volta, se, ou talvez sobre isso. Toda vez que percebo isso, sou mandada de volta para o carro – para aquele momento entre a vida e a morte. E então solto a mão dela novamente e tudo se repete.

— Você não poderia ter feito nada para mudar o que aconteceu, Daniel — eu digo em voz baixa, meu coração doendo por tudo que nós dois perdemos. — E sua mãe tem o direito de sentir o que se sente. Eu não discordo dela.

— Esta provavelmente não é a melhor conversa para se ter no meio de todas essas pessoas, mas talvez possamos tomar um café ou algo assim em breve. — Ele olha ao redor do corredor coberto e de volta para mim. — E, de qualquer maneira, a chuva está diminuindo.

Ele tem razão.

— Bem, se você falar com Cole, diga a ele... — O que eu quero que ele diga a Cole? — Diga que desejo boa sorte.

— Por que você não diz isso para o seu homem?

— Ele não é *meu* homem — eu digo quando coloco meu celular na bolsa e enfrento na chuva.

Atrás de mim, uma voz chama.

— Aimee!

Eu me viro, sentindo-me enjoada. Daniel já puxou o capuz azul para cima, em volta do rosto.

— Você estava falando sério? — pergunta ele.

Eu olho contra a umidade.

— Sobre o quê?

Daniel sorri.

— Sobre Jillian querer fazer uma plástica no nariz?

Solto um suspiro.

— Sim. Eu estava falando sério. Ela me disse que queria fazer uma plástica no nariz depois da formatura.

Daniel toca o nariz distraidamente.

— É... Ela nunca mencionou isso para mim.



Capítulo 10

Aimee

Eu poderia dizer que as garotas não me incomodam, mas isso seria uma mentira. Eles me incomodam. Muito.

Toda vez que Mara ou outra pessoa menciona a reputação de playboy de Cole, eu estremeço. Ele certamente não conseguia conter suas mãos quando se tratava de mulheres ou manter seu pênis guardado em segurança dentro de suas calças.

Eu sei que não tenho o direito de ter ciúmes, mas ainda não gosto de ser lembrada constantemente de que Cole leva muitas garotas para a cama.

Leva ou levou.

Ainda estou decidindo isso. Levantei o assunto na noite passada porque subitamente me vi incapaz de mantê-lo guardado. Talvez isso fosse idiota da minha parte. E talvez eu tivesse conseguido uma resposta, mas não tenho certeza.

O vazio dentro do meu quarto na sexta à noite é como um soco direto no estômago. Eu me acostumei com Cole aparecendo na casa após o treino com seu sorriso arrogante e sua bolsa pendurada no ombro. A percepção de quão miserável e solitária minha vida era antes de ele surgir me faz sentir ainda mais ridícula. Faz apenas algumas semanas, mas sei que já estou me apegando a momentos que passei com ele e lutando para manter algo que, para começar, sequer tenho certeza se me pertence.

Sem Cole por perto, tudo se arrasta. Jodi quer que eu saia com ela e Kyle, mas a única coisa pior do que ser eu agora é ser eu segurando vela. Decido ficar em casa e organizar meu guarda-roupa. É uma coisa para me ocupar.

No sábado de manhã, estou completamente de saco cheio de mim mesma. Fui reduzida a atualizar o navegador no meu computador a cada três minutos para que possa acompanhar o feed do Twitter dele. Estou me tornando uma stalker de verdade.

Mara entra no meu quarto às dez, dá uma olhada no meu rosto e na tela do meu laptop e diz:

— Vamos.

Eu nem mesmo pergunto para onde estamos indo. Pegó minhas sandálias e as calço porque chega um momento em que tudo o que importa é que você está se movendo.

Cole

Eu protesto, sem qualquer entusiasmo, quando os caras querem que eu saia com eles no sábado à noite. A corrida acabou e depois de dois dias vivendo dentro da minha própria cabeça, preciso de uma saída.

— Tem um bar na University Avenue — Brady nos diz depois de dar as instruções ao taxista para nos deixar em Midtown. Estou no banco de trás, entre Nate e Quentin. — É uma porcaria, mas as bebidas são baratas e tem garotas.

Garotas. Não quero, mas verifico automaticamente meu telefone. Enviei a Aimee uma mensagem depois da minha corrida esta manhã, mas ela ainda não respondeu. Uma lembrança do meu pai esperando minha mãe anos atrás, quando ela deveria nos encontrar para assistir filmes, pisca no meu cérebro e é o tapa na cabeça de que preciso. Não consigo parar de pensar em Aimee Spencer há dias, e ela nem se incomoda em me mandar uma mensagem de texto. *Ela não me vê do jeito que eu a vejo.*

O bar é tão ruim quanto Brady prometeu e por volta da terceira rodada, Nate e Quentin estão prontos para desistir e voltar para o hotel. Eu não. Estou meio embriagado e tem uma garota. Ela está atrás de mim a noite toda, tem

um corpo bonito e um sorriso fofo. Quando me convida para ir à sua casa eu me vejo seguindo-a antes que possa pensar muito a respeito.

O nome dela é Christine, e ela é de New Hampshire. De acordo com as fotos em seu quarto, é uma grande fã de Nietzsche, e não consigo decidir se acho isso legal ou pretensioso. Christine tem olhos castanhos e cabelos encaracolados da cor da areia molhada. Quando está tirando a blusa e o sutiã preto rendado, tento manter meu olhar focado em seu corpo para que meu cérebro não continue bombeando imagens de longos cabelos escuros e olhos azuis tão largos e tristes que eu poderia nadar dentro deles.

O sexo com Christine é bom, mas assim que acaba, e eu estou deitado em sua cama, olhando para um pôster cheio de palavras de Friedrich Nietzsche, sinto uma dor no peito como se não conseguisse respirar. Estar com garotas sempre foi meu objetivo, mas agora tudo parece errado. Christine passa as mãos pelo meu estômago e me pede para passar a noite. Ela está insinuando uma segunda rodada, mas não me sinto no clima. Sei que estou derrotado em dez milhões de maneiras, mas, na verdade, só uma maneira é a que conta. Então eu digo a ela que viajaremos de manhã cedo, como se fosse algo que acabei de me lembrar.

Christine compra completamente o que lhe digo, o que só piora as coisas. Ela até me leva de volta para o hotel e me pede para esperar enquanto digita o número no meu celular e envia uma mensagem para mim.

— Assim poderemos manter contato — diz ela.

Quando ela se inclina para me dar um beijo de despedida, posso dizer que ela realmente acredita que podemos ter algo mais do que apenas uma noite, e eu me odeio um pouco mais.

Enquanto estou no elevador, seguindo para o quarto de hotel que nós quatro estamos dividindo, meu cérebro está lento pelo álcool, mas sóbrio o suficiente para saber que preciso excluir o número de Christine dos meus contatos. Pego meu telefone do bolso de trás e destravo a tela. É quando vejo as mensagens perdidas de Aimee, e meu estômago revira como se eu estivesse caindo por onze andares.

**Desculpa. Mara e eu fomos para casa, e eu esqueci meu telefone. Estou
tão orgulhosa de você!**

E então, uma segunda mensagem enviada dois minutos após a primeira.

Aliás, eu tenho uma: *As Duas Porres*. A história épica de dois hobbits bêbados reclamando sobre como seus pés doem todo o caminho até Mordor. Agora é sua vez.

Não sei se devo rir ou chorar. Como de costume, sou o idiota que fodeu com tudo.

Aimee

Pela primeira vez em muito tempo, ir para casa não foi tão ruim. Papai grelhou hambúrgueres e jogamos Scrabble no quintal dos fundos e ninguém falou sobre nada importante, mas pelo menos nós conversamos. E quando Mara e eu voltamos para a casa, na noite passada, tinha uma mensagem perdida de Cole. Ao todo, não foi um sábado tão terrível.

— Você acha que é estupidez essa minha coisa com ele? — pergunto a Mara no domingo de manhã.

Estamos ambas de pernas cruzadas no sofá. Ela está comendo uma maçã verde, e eu tenho uma tigela de sucrilhos equilibrada na minha coxa. Ao contrário de minha irmã, meu lema é que os alimentos do café da manhã não contam, a menos que contenham pelo menos o dobro da quantidade diária recomendada de açúcar.

Mara deixa a maçã de lado, cruza os braços contra o peito e franze a testa.

— De quem estamos falando? O que é estupidez?

— Cole — eu digo, como o nome dele estivesse comendo a minha língua há dias. — Você acha que sou louca por sair com ele?

— Não. Eu acho que você é louca *por* ele. Há uma diferença — diz Mara, olhando-me nos olhos. — E não comece a hiperventilar, Aimee, mas ele é

louco por você também.

— Como você pode ter certeza? — pergunto.

Mara responde à minha pergunta com outra pergunta.

— Como você pode ser tão cega? Cole Everly te olha como se você fosse feita de arco-íris, e ele vem aqui quase todas as noites para não transar. O que você acha que isso significa? Nossa. O cara mudou completamente nas últimas semanas e é tudo por sua causa. Acho que a única coisa que resta é eles esculpir suas iniciais na pele com um canivete.

— Eu não tenho certeza se estou pronta para as coisas mudarem — eu admito devagar. — Não tenho certeza se estou pronta, ponto final. Eu não arrisco assim há muito tempo, e o que Cole e eu temos é bom. Se... — Fecho meus olhos e engulo em seco.

— Se o quê?

— Eu só tenho medo de perder o que temos. Não sei se você notou isso, mas não tenho tantos amigos que eu possa arriscar, querendo ou não.

— Eu odeio dizer isso a você, Aimee, mas você vai perdê-lo de uma forma ou de outra porque esse joguinho que estão jogando não pode continuar por tanto tempo.

— Eu não tenho certeza se é assim com a gente — eu digo.

— É tipo isso. Eu sei. Ele sabe. E eu acho que no fundo você também sabe — diz ela. — Deixe-me explicar desse jeito: é como se vocês dois estivessem descalços em uma enorme pilha de brasas. Uma pessoa só pode suportar por algum tempo. Eventualmente, você tem que pular ou começar a mover seus pés.

Estranhamente, a analogia faz sentido para mim.

— Também há o fato de que Cole está fora do meu alcance. Ele brilha tanto que chega a queimar. Ele poderia escolher qualquer garota que quisesse. Eu não entendo por que eu. Por que iria querer estar comigo?

— De onde vem isso? — Minha irmã está olhando para mim como se eu fosse louca. — Por que Cole não iria querer estar com você?

— Porque — eu digo, sentindo-me exasperada e instável. — Eu não tenho amigos. Eu não faço nada. Fico em casa quase todas as noites, e, como você disse, não transo. Eu sou estranha, Mara.

A boca de Mara se transforma em um sorriso e uma careta.

— Não tem que ser assim. Antes do acidente você era...

Eu a interrompo antes que ela possa terminar o que quer que fosse dizer, porque não posso ouvir.

— Mara, eu era daquela forma antes por causa de Jillian. Ela era boa em festas e caras e todo esse tipo de coisa, não eu. Sempre fui destinada a ser a coadjuvante.

Mara não diz nada por um minuto.

— Você se lembra de Collin, qual é o nome dele? O cara do ensino médio...

Minha testa enrugou.

— Collin Peskowitz? E, sim, lembro dele. Eu mal posso acreditar que você se lembra.

Collin Peskowitz. Eu tinha onze anos, e pelos meus padrões naquela época, Collin era meio que épico. Ele surpreendentemente não usava aparelho nos dentes, tinha um cabelo ótimo, que usava com gel, e no verão, antes da sexta série, estava aprendendo a tocar guitarra enquanto os outros garotos da nossa turma estavam ocupados expandindo sua gama de sons de peido e jogando futebol de dedo.

O olhar no rosto dela é terrivelmente sério.

— Aquilo foi você, Aimee. Jillian Kearns não teve nada a ver com isso.

Eu sei que Mara está se referindo ao fato de eu ter confrontado Collin no piquenique anual do Dreffin, em Quatro de Julho, e dito a ele, na frente de todos, incluindo meus pais, que gostava dele e que ele tinha exatamente uma hora para decidir se gostava de mim também. Aquela foi a noite em que consegui meu primeiro beijo sob um céu cheio de fogos de artifício.

Balancei minha cabeça para afugentar a memória.

— Isso foi há muito tempo.

— Em algum lugar ao longo do caminho seu cérebro veio com essa história que Jillian era a super-heroína e você era a ajudante, mas não é verdade — diz minha irmã com um suspiro. — Eu sempre fiquei impressionada com você. Você costumava ser tão confiante e destemida.

Eu costumava ser um monte de coisas.

Cole

— Vamos sair — ela me diz e acho que entendo errado.

Seguro meu telefone com um pouco mais de força.

— Você está dizendo que quer sair, tipo ir a uma boate, dançar, ou algo assim, ou você está tentando me coagir a te dar uma carona até o supermercado?

Aimee ri do outro lado do telefone, e meu estômago dá uma remexida louca. É segunda-feira à tarde, é a primeira vez que conversamos ao telefone e estou tentando não comemorar muito o fato de que ela realmente me ligou em vez de me enviar uma mensagem.

— Hummm. Talvez algo no meio termo? O que você acha do fliperama e dos giroscópios na praia?

— Eu aprovo. — Faço uma pausa. — Tem também um cara que vende hambúrguer em um carrinho no píer, se você sentir vontade de viver perigosamente.

Ela ri novamente. Eu quero que a conversa termine positivamente e não quero dar a ela uma chance de mudar de ideia, então, rapidamente digo que passo lá às sete. Nós dizemos adeus, e é quando eu começo a contar, porque tenho quatro horas até encontrá-la, mas, de alguma forma, parecem dez.



Capítulo 11

Cole

— O Senhor das Toscas.

— Eu vou com Orgulho e Preconceito, *Ride and Prejudice*, no original — diz ela. — É sobre uma Lizzie Bennet moderna que se apaixona pelo presidente de um MC, por mais que lute contra.

— O que é um MC? — eu pergunto.

— Clube de motoqueiros.

Eu rio.

— Como você sabe alguma coisa sobre motoqueiros?

— Sabe de uma coisa, Cole, tem muitas coisas sobre mim que podem te surpreender.

— Eu não duvido disso.

— Então... — Ela empurra os dedos dos pés na areia. — Quando é a sua próxima corrida?

— Receberemos um convite informal em algumas semanas, eu acho.

— Será por aqui?

— Bem, não exatamente aqui. — Eu dou uma meia encolhida de ombros, indicando a praia à nossa frente. — Mas, sim, será aqui na cidade, se é isso que você quer dizer.

Aimee ajusta sua posição e tira areia da parte de trás de suas coxas. Hoje ela está usando um vestido branco dolorosamente curto que mostra seu corpo

de muitas maneiras. Quando ela saiu de casa, eu estava dividido entre empurrá-la contra a minha caminhonete para provar sua boca e pedir-lhe para trocar por outra roupa.

— Sim, foi isso que eu quis dizer, espertinho — diz ela.

Se eu não fosse tão cético, diria que o jeito como ela está me olhando é quase um flerte. Seus olhos azuis estão dançando e se eles continuarem pousando na minha boca assim, seja estúpido da minha parte ou não, ela vai ser beijada.

Olhando intencionalmente para longe dela, engulo o último pedaço de hambúrguer com um gole de cerveja e enrolo o papel em uma bola.

— Eu acho que quero ir — diz ela, olhando para a água.

— Você quer ir para casa? — pergunto e eu odeio a decepção na minha voz. Ainda nem chegamos no flipperama. E considerando que eu não vejo essa garota há mais de quatro dias, uma hora de sua presença não é suficiente.

— Não — diz ela, voltando-se para mim. A brisa morna está chicoteando seu cabelo ao redor de seu rosto e o sol proporciona reflexos amarelos e alaranjados sobre sua pele. Aproximo minha mão esquerda e coloco seu cabelo atrás da orelha. É tão sedoso. Mesmo que eu saiba que não tenho permissão, não posso impedir meus dedos de seguirem pelas espirais onduladas que se espalham por seu ombro e por suas costas.

Aimee não se afasta. Ela não me diz para parar de tocá-la. Ela não diz nada.

Silêncio.

Estou com tanto medo de interromper o momento que nem pisco os olhos. Meus dedos passeiam ao longo da pele de sua mandíbula e meu polegar roça uma sarda em sua bochecha. Ela é quente e suave, e eu quero tanto tocá-la que é como uma dor física arranhando meu corpo.

O peito de Aimee começa a subir e descer pesadamente. Ela morde o lábio inferior e vira o rosto para a água. Há algo diferente entre nós esta noite. Parece que as regras foram todas alteradas, e eu não sei mais quais são. Há essa voz dentro da minha cabeça cantando para mim, mas tenho que ter certeza de que estou interpretando a situação corretamente. Eu *preciso* ter certeza.

Relutantemente, puxo minha mão e a deixo cair na areia entre nós. Isso é uma maldita tortura. Eu tusso e me inclino para trás.

Estive com garotas suficientes para conhecer os sinais, mas essa é a garota que me faz questionar tudo e mais alguma coisa. Ela tem me

confundido de cima a baixo e de um lado ao outro, e quem sabe o que mais, desde o dia em que caiu no meu colo.

Seus olhos se focam nos meus, e eles estão mais escuros do que eu já vi – dois mares rodopiantes piscando para mim em seu rosto pálido.

— Eu quero ir ver você correr — ela diz em um sussurro e percebo que quase esqueci o que estávamos falando.

Pista de corrida. O convite em poucas semanas.

— Você sente falta? De correr? — Eu sou capaz de manter a minha voz controlada, mesmo que minhas entranhas estejam tumultuadas.

— Eu sinto falta de muitas coisas — diz ela, inclinando a cabeça enquanto ruma seus próprios pensamentos. Eu amo o jeito suave como seu pescoço se curva em seus ombros. Eu quero tocá-la lá. Eu quero provar sua pele e beijar seus cílios e beber tudo sobre ela. — Eu não entro na água há mais de um ano.

Não acho que nenhum de nós se moveu, mas de alguma forma nossos corpos conseguiram se aproximar mais do que há cinco segundos. Seu quadril está pressionado contra o meu, sua perna está encostada na minha, e nossos dedos estão tocando a areia entre nós – quase se tocando. *Quase.*

— Nós poderíamos ir agora — eu digo rudemente, balançando meu queixo em direção à água.

Seus lábios se curvam. Ela olha do meu rosto para onde as ondas estão quebrando na areia.

— Eu não tenho roupa de banho comigo.

Eu penso em dizer algo clichê sobre não precisar de maiô, mas não posso fazer isso. Não com ela. Não essa noite.

— Ah, bem, podemos voltar em breve, ok?

Ela balança a cabeça e se inclina para trás em seus cotovelos como eu, de modo que seu cabelo toca a areia. Cada vez que o ar se move ao redor de nós, consigo sentir o cheiro de seu xampu e é doce, como ter um prato de bolo bem debaixo do meu nariz.

— Aimee...

Ela distraidamente passa a ponta da língua sobre o lábio inferior e aquele pequeno movimento faz a terra parar de se mover.

Eu posso ouvir o meu batimento cardíaco.

Eu posso ouvir o som do meu cérebro produzindo pensamentos, o sangue fluindo através das minhas veias, o ar se deslocando ao redor de nossos corpos e minhas terminações nervosas dispararam.

Estou ciente de cada detalhe desses instantes – a maneira como o vestido branco que ela usa se agarra ao seu corpo em todos os lugares certos, seus dedos enterrados profundamente na areia macia, seus olhos azuis claros chegando até os meus, e os sons baixos que seu corpo faz cada vez que ela respira mais fundo.

No momento, eu realmente não quero pensar sobre a garota com quem transei há duas noites, mas acabo fazendo e me odeio por isso. Tecnicamente, não foi uma traição. Mas, ainda assim, eu gostaria que não tivesse acontecido. Na verdade, eu gostaria de poder refazer a maior parte da minha vida de merda.

— Cole — diz ela com os olhos nos meus lábios. Meus olhos. Meus lábios. Meus olhos. Meus lábios.

— Tenha cuidado — eu aviso, com uma voz tão áspera e rouca que não tenho certeza se ela pode me entender.

Eu não posso dizer que não quero que isso aconteça. Eu quero. Mas ela precisa ter certeza, porque uma vez que dermos esse passo, não haverá como voltar atrás. Não para mim.

Aimee hesita. A incerteza está manchada em seu rosto, e eu acho que oficialmente estraguei tudo, mas então as pontas de seus dedos brotam no meu braço e ela inclina seu corpo, diminuindo o espaço entre nós. Eu vejo suas pálpebras fechadas e as minhas fazem o mesmo. Quantos segundos leva? Um? Apenas meio segundo? Assim que sua respiração quente e úmida toca meus lábios, eu sou um caso perdido. Qualquer argumento abandona minha cabeça e a única coisa que existe é o agora. Esta respiração. Esse toque. Este momento.

O primeiro beijo é hesitante, dolorosamente breve, da mesma forma que você dá uma pequena mordida na comida que tem medo de estar muito quente. Eu recuo e olho em seus olhos azuis. Seu corpo inteiro está bem tenso e rígido, como se ela não tivesse certeza do meu próximo passo. Cuidadosamente, consciente de não posso quebrar o momento, toco sua boca entreaberta com o dedo. Ela ofega e a abre mais, e eu sinto a umidade de sua língua contra a minha pele enquanto ela umedece os lábios. Cara, eu já amo esses lábios rosados. Eu já amo a sensação deles se esfregando nos meus.

— Você vai me beijar de verdade ou o quê? — ela pergunta.

Eu rio e depois disso, tudo acontece com pressa. Nós nos juntamos com força e dessa vez minha boca faminta pressiona firmemente a dela, minha língua desliza entre o vinco de seus lábios e eu descubro um novo gosto.

Aimee Spencer. É uma mistura de sal e ar fresco, e algo que é tão dela que não tenho certeza se vou obter o suficiente.

Pulso acelerado, meu pênis enrijece em tempo recorde, eu deslizo minhas mãos pelo pescoço e sobre seus ombros. Quando alcanço seus seios, Aimee faz um pequeno som que está no meio do caminho entre um suspiro e um gemido, e uma de suas pernas nuas envolve a curva do meu joelho, atraindo-me profundamente para os contornos de seu corpo.

— Merda — eu murmuro.

Ela ri e deixa pequenos beijos ao longo da minha mandíbula, deslizando as mãos pequenas na minha espinha até suas unhas arranharem a pele exposta da parte inferior das costas, onde elas permanecem, cavando por sob o cóc da minha cueca.

Eu estou oficialmente fodido e destruído.

Esfolado vivo.

Se eu já beijei outra garota na minha vida assim, não consigo me lembrar. Eu não consigo pensar em nada.

Com minha boca ainda pressionada à dela, eu levanto minhas duas mãos de seu corpo para agarrar seu rosto e passo meu polegar sobre aquela sarda em sua bochecha. Aimee sussurra incoerentemente contra meus lábios, e seus dedos deliciosos apertam minhas costas com tanta força que eu posso sentir a picada de suas unhas.

Mergulho em sua clavícula até o pulso que bate firmemente contra a cavidade na base de seu pescoço, e de volta para seus lábios macios e acolhedores. Ela me chupa e me provoca com a língua até que parece que há tanta coisa para sentir que eu poderia estar me afogando. Que se foda. Deixe a maré me derrubar. Eu não preciso respirar oxigênio enquanto tiver aquela boca.

Sei que estou colocando tudo o que sou – tudo que eu tenho – para fora, mas não acho que poderia me recompor agora, mesmo que quisesse. Aimee me envolveu nesse momento. E se ela quisesse, poderia alcançar meu peito e arrancar meu coração do meu corpo, porque ele já pertence a ela.

Aimee

Às vezes um beijo é apenas um beijo. Outras vezes, um beijo é uma revelação.

Parte de mim quer atribuir esse sentimento – aquele que me vira de dentro para fora – ao fato de eu não ter sido tocada em mais de um ano, mas no fundo sei que isso é mentira. É uma bobagem total. Este não é um banho de chuva depois de um período de seca. Isso é um furacão. É lindo e devastador.

Cole deixa cair as mãos e descansa a testa contra a minha, sua respiração fluindo na minha boca aberta em sopros quentes. Estou hipnotizada pela aspereza da bochecha dele sob a palma da minha mão e a sensação de sua pele contra a minha, corada. Meus lábios estão doloridos pela pressão do beijo e me pergunto se eles estão machucados ou talvez até sangrando. Honestamente? Acho que não me importaria.

— Você está bem? — ele pergunta, e eu noto o tom ligeiramente nervoso em sua voz.

Olho em seus olhos, fragmentados de verde e dourado sob uma borda de cílios loiros escuros. Deslizo minha mão pelas linhas planas do seu peito até que eu possa sentir seu batimento cardíaco. Ele atinge meu braço e parece ecoar dentro do meu peito.

Eu me forço a engolir em seco. *Ok, respire. Sêrio, Aimee.*

Não falo há cerca de um minuto, e Cole deve ter uma ideia errada, porque começa a afastar o corpo do meu.

— Não — eu sibilo, apertando seu braço com força e esperando que ele me olhe nos olhos. Quero que ele saiba que estou falando sério, mesmo que não tenha certeza do que, exatamente. Eu passei tanto tempo lutando por controle, tentando me manter em equilíbrio, quando queria apenas desmoronar, que estou farta disso. Eu só quero deixar tudo fluir. — Estou melhor do que bem. Eu só... eu não posso... — Meus dedos vagueiam sobre os planos rígidos de seu rosto. Suas bochechas estão ásperas com uma barba de dois dias por fazer, e é tão sexy. Remexendo-me, eu traço o contorno afiado de seu nariz e movo meus polegares ao longo de suas sobrancelhas retas. — Isto é...

Uau. Eu não estou fazendo nenhum sentido, estou? Mas talvez esteja tudo bem porque Cole está balançando a cabeça como se entendesse o que estou tentando dizer. Ele sorri.

Eu não sei quanto tempo ficamos assim: nós dois sorrindo e nos encarando na praia. O sol se põe aos poucos. Estrelas são desenhadas na lousa do céu. Em algum momento ele me beija de novo e, vindo da praia, um

assobio baixo flutua sobre nós. Um pouco mais tarde, uma voz grave comenta que deveríamos procurar um quarto.

Cole abaixa a cabeça e ri, suave e baixo contra o meu pescoço.

— Você vai me matar.

Eu pressiono minha cabeça contra a areia fria para que eu possa ver seu rosto.

— Isso será um problema?

Por um longo momento ele apenas olha para mim e então começa a rir.

Com a areia nas minhas costas e a água aos meus pés, eu relaxo e deixo o peso do corpo forte de Cole me prender ao aqui e agora.



— A verdade é que mal nos conhecemos.

Cole olha para mim do banco do motorista. Seu rosto está escondido pelas sombras, mas seus olhos captam o brilho dos faróis de outro carro.

— Você está falando sério? — ele pergunta. — Esta é a parte em que você me dá um fora gentil?

Eu rio e me inclino no banco.

— Não, eu não vou te dar um fora, mas estou falando quase sério.

Cole se inclina por sobre o console e passa o dedo pelo meu lábio inferior. Eu tenho que lutar contra um arrepio que começa no topo da minha cabeça e desce pelo meu corpo. A forma como respondo fisicamente a ele é ridícula e um pouco embaraçosa.

— Eu entendo o que você está dizendo, mas talvez isso não importe muito — ele diz baixinho, soltando a mão e segurando o volante. Ele habilmente estaciona sua caminhonete na frente da minha casa. — Nós passamos todo esse tempo juntos, e eu sei que tipo de creme para o rosto você coloca antes de dormir e como é a sua aparência pela manhã. É verdade que não sei tudo sobre você, mas temos tempo. — Ele para de falar e encolhe os ombros poderosos. — E eu sei o suficiente sobre você para perceber que quero saber mais.

Ficamos ali sentados, no escuro, por um tempo, com o ar condicionado funcionando e a música de Cole tocando ao fundo. Do outro lado das janelas escuras, as estrelas se espalham sem limites pelo céu azul-escuro.

— Isso significa que vamos dar tempo ao tempo e ver o que acontece? —

Deus, que coisa estranha de perguntar. Talvez não seja isso que ele esteja querendo. Eu puxo meu cabelo por cima do ombro e torço as pontas em volta do meu dedo indicador.

— Espero que façamos mais do que dar tempo ao tempo — diz Cole, franzindo a testa e jogando o cabelo espesso para trás. Ele olha para mim e todo o seu rosto parece se estreitar um pouco. — O que estou tentando dizer é que quero investir totalmente nisso, se você também quiser.

Eu deixo cair meus olhos e tamborilo meus dedos contra a trava da porta. Sei que há tantas coisas que eu deveria dizer agora, mas não sei como pronunciar as palavras. Segui meus impulsos mais cedo quando o beijei. Estava pensando em Cole de muitas maneiras diferentes e quando estávamos sentados na areia, ouvindo o som rítmico da água se movendo sobre a costa, tudo mudou. Todas as minhas desculpas desapareceram, e a única coisa que fazia algum sentido para mim era essa ideia de querê-lo.

— Eu sinto como se tivesse acabado de pular de um penhasco sem esperar cair de pé — eu digo humildemente.

— Mas você caiu de pé.

Eu olho para cima, respiro fundo e digo:

— Eu acho que sim.

Ele está sorrindo, e eu não posso deixar de sorrir de volta.

— Eu não sou boa *nisso* — digo, apontando para frente e para trás entre nós. — E quero fazer tudo certo, mas evito esse tipo de coisa há mais de um ano e agora não sei onde ou como começar.

— Eu tenho evitado *isso* — ele diz repetindo o gesto que eu fiz — por muito mais tempo do que você, então se você está confusa sobre como proceder, podemos estar completamente ferrados.

Eu rio e dou de ombros.

— Então, o que isso significa para nós?

Cole levanta um braço e toca meu cabelo com ternura. Seu olhar é suave.

— Isso significa que podemos começar do começo.

— Eu não sei como fazer isso.

— Nem eu, mas acho que podemos descobrir juntos.

Por mim tudo bem.



Capítulo 12

Aimee

Em algum momento durante a minha primeira aula na terça eu começo a surtar e é como se eu não conseguisse parar.

— Eu não vejo qual é o problema — diz Jodi. Estamos sentadas em um banco em frente ao estudo de tatuagens onde Kyle trabalha e estamos compartilhando um pacote de Skittles que Jodi tirou de um dos bolsos internos de sua mochila. Ela me trouxe aqui depois da aula, ameaçando fazer uma serenata para mim com o primeiro verso de Teenage Dream, da Katy Perry, no meio da União. Descobri que Jodi é ótima em usar de chantagem para conseguir o que quer.

Minhas dúvidas anteriores estão de volta e parecem querer se vingar.

— Eu já te disse — eu digo. — Apenas me preocupo que namorar Cole vá estragar tudo.

O sol está se escondendo atrás de uma parede de nuvens cinzentas esfumaçadas e o ar está denso com o cheiro de uma tempestade iminente da tarde. Está um pouco mais frio do que tem sido nas últimas semanas, o que significa que não estou suando. Se a Flórida tiver uma estação fria, estávamos nela.

— Você está pensando demais de novo. Cole gosta de você. Você gosta dele. Você vai sair com ele hoje à noite porque é o que duas pessoas fazem quando gostam uma da outra. Fim da história — ela diz e sacode o açúcar

colorido do fundo da bolsa em sua palma virada para cima.

— Eu vou admitir que beijar Cole foi legal — eu digo devagar. Jodi me lança um olhar de "você está brincando comigo", e eu corrijo minha declaração. — Ok, beijar Cole foi meio alucinante. Mas namorar com ele é uma história completamente diferente. — Eu paro e suspiro. — Acho que, provavelmente, eu deveria cancelar o encontro de hoje à noite. Não tenho nada para vestir, de qualquer maneira.

— Você não vai cancelar — Jodi insiste com um revirar de olhos.

— Mas talvez eu deva.

— Eu não vou deixar você se convencer disso — ela diz severamente. — Sei que há coisas de antes de nos conhecermos que você não quer me contar, tudo bem por mim, mas tenho que ser completamente honesta com você sobre algo.

Ela está claramente aguardando que eu diga algo, então entrelaço minhas mãos.

— O quê?

— Você está perdendo.

Eu suspiro.

— Bem, isso não é exatamente uma novidade para mim. — Olho para os dois Skittles que sobraram nas minhas mãos. — Não quero estragar o que eu tenho se está funcionando tão bem.

— Olhe, Aimee. De tudo que você me disse até agora, sair com Cole me parece uma ótima ideia, e você é uma idiota se pensa o contrário.

— Então talvez eu seja uma idiota — admito.

— Paaaaara com isso! Vai ficar tudo bem — ela diz, balançando a cabeça. — Encontros são simples, porque os homens são muito básicos. Regra número um é sempre manter o cara na linha. A regra número dois é evitar pedir algo que dê trabalho para comer como asas de frango ou lagosta. Fora isso, é fácil. E não se preocupe com suas roupas, porque tudo o que você precisa fazer é usar algo que seja curto o bastante para ele não deixar de olhar para as pernas, mas longo o suficiente para que ele não pare de prestar atenção em outros dos seus atributos.

Eu dou uma espiada nos meus seios pequenos e bufo.

— Atributos?

Jodi lambe o açúcar da mão.

— Sim — diz ela. — E sua lista de atributos é longa. Além do óbvio, descobri que você ouve música realmente decente, é inteligente e

desinteressada do jogo de popularidade da faculdade, e você conhece Pokémon.

Eu nunca deveria ter deixado escapar que ainda tenho minha coleção de cartas de Pokémon. Jodi continua encontrando maneiras de jogar isso na minha cara.

— É verdade que, se tropeçarmos em uma batalha com outro treinador, estarei pronta — digo maliciosamente.

— Sei.

— Há. Há. Há. Há. Há.

— Aimee — ela diz com sinceridade —, eu sei que você acha que estou apenas tentando acariciar seu ego, mas é a verdade. Eu vejo todas essas coisas e Cole também as vê. Droga, conseguir que ele te chame para *sair* antes de te levar para *cama* é uma grande vitória.

— Umm... obrigada?

Jodi ri.

— Você sabe o que eu quero dizer. Cole Everly se mostra para o resto do mundo como um tipinho burro, arrogante e atlético. É esclarecedor descobrir que ele não é.

Nós ficamos nos olhando em silêncio por um minuto e caímos na gargalhada. Nem sei por que estamos rindo e talvez essa seja a melhor parte. Nós apenas rimos.

Eu sei que nunca vou poder substituir o que eu tive com Jillian, mas é bom estar assim com outra pessoa. E então me ocorre que até meus pensamentos são uma espécie de traição. O que eu estou fazendo? Jillian Kearns não vai saber sobre o meu próximo encontro. Ela não vai compartilhar um pacote de Skittles comigo ou com qualquer outra pessoa. Ela se foi e nunca mais vai voltar. *Nunca*. Só de pensar em “substituí-la” é cruel.

Uma voz masculina me distrai do caminho perigoso que minha mente está tomando.

— O que é tão engraçado?

Eu me viro e vejo Kyle em pé na porta ao lado do banco em que Jodi e eu estamos sentadas. Seu cabelo preto está arrepiado e bagunçado, e as mangas de sua camiseta estão rasgadas, mostrando um turbilhão de tatuagens coloridas que sobem em ambos os braços. Uma longa corrente de metal está presa ao cinto de seu jeans preto. Dizer que esse cara me intimida seria dizer o mínimo.

— Você terminou! — Jodi exclama. Ela salta para cima, passa por mim tão rápido que eu praticamente posso sentir o cheiro dela, e se afunda no peito de Kyle. Ele tropeça para trás e ri.

— Eu te abraçaria de volta, mas minhas mãos estão cheias — diz ele e segura duas latas de coca diet.

Jodi se afasta dele e sua testa se franze.

— O que é isso?

— Mais cedo você disse que estava com sede e...

— Mas por que *diet*? Você está insinuando que eu sou gorda e preciso fazer uma dieta ou algo assim? — Ela pergunta e dá um passo para trás. — Oh, meu Deus, Kyle! Você está dizendo que Aimee é gorda também?

A expressão de Kyle muda – seus olhos escuros se arregalam e seus lábios se apertam. Ele parece horrorizado.

— Não, eu juro que não quis dizer nada com isso. Eu lembrei de ter visto na sua geladeira, então foi por isso que escolhi essas na máquina. Merda, Jodi. Eu acho que você é perfeita do jeito que é.

Depois de alguns segundos tensos, Jodi começa a rir alto. Ela pega as duas latas de um Kyle surpreso e entrega um dos refrigerantes para mim.

— Eu só estou brincando com você, amor — diz ela. — Estão ótimas, aliás. Obrigada.

Balançando a cabeça e resmungando baixinho, Kyle a agarra e a puxa de volta contra seu corpo. Ele enlaça seus longos braços em volta do pescoço dela e abaixa o rosto para que possa sussurrar algo em seu ouvido. Jodi é tão pequena que mal posso vê-la quando está toda envolvida assim, mas posso ouvir sua risada e pela primeira vez em muito tempo, eu também quero. Eu quero isso que eles têm.

— Veja — diz ela, libertando a cabeça do aperto de Kyle e olhando para mim. — Sempre os mantenha na linha.

Cole

— Então... — Eu coço a parte de trás do meu pescoço.

Aimee abaixa o garfo e olha para mim. Seu cabelo está preso em uma

trança solta que cai sobre o ombro direito. Ela está usando um vestido azul claro, além de brincos de prata que balançam contra o queixo quando ela move a cabeça. Quando se inclina, posso ver a tira de seda do sutiã aparecendo por baixo do vestido. É rosa, e pela última hora venho me perguntando se ela do tipo de garota que usa o sutiã e a calcinha combinando.

— Então... — ela repetiu.

Talvez eu não devesse ter usado um terno. É tão desconfortável e quente. Se existir um inferno, estou supondo que os idiotas que acabam lá têm que se vestir assim.

Limpo minha garganta e minha boca com o guardanapo de linho branco do meu colo.

— Uh, como está a sua comida?

Aimee fica olhando para mim por muito tempo. Seus lábios se contraem e meu estômago se revira. Ela move os olhos para onde nosso garçom está parado, encostado contra a parede.

Quando ela fala, sua voz sai como um sussurro baixo que só eu posso ouvir.

— Sou eu, ou isso é realmente estranho?

Eu penso a respeito.

Remexendo-me na minha cadeira reta, olho em volta do sofisticado restaurante à beira-mar, com suas toalhas de mesa brancas, os copos de água de cristal e os garfos extras que não faço ideia para que servem. Há um candelabro vistoso caindo do teto acima de nós e as paredes estão envoltas em tecido pesado da cor do sangue seco. O som que está sendo filtrado por meio de alto-falantes ocultos só pode ser descrito como um híbrido entre música de elevador e um canto fúnebre.

Estou tentando demais. Franzo o cenho e sinto minha boca se contrair.

— Talvez um pouco?

Aimee solta um suspiro e abre um meio-sorriso. É um dos meus sorrisos favoritos.

— Ok — ela diz como se estivesse decidindo alguma coisa. — Eu pensei que era só eu e estava começando a ficar um pouco em pânico. Cole, eu acredito seriamente que somos as pessoas mais jovens daqui, com uma margem de no mínimo uns cinquenta anos.

Ela provavelmente está certa. O cara na mesa ao meu lado tem mexido a dentadura desde que a recepcionista nos acompanhou até aqui.

— É a Flórida — eu digo. — Todo mundo é velho.

Os olhos de Aimee se arregalam.

— Não tanto assim. Isso é geriátrico.

Merda. Sinto o suor na raiz dos meus cabelos e deslizo as mãos por eles, puxando as pontas. Não é como se fosse uma surpresa que ela esteja passando por um momento terrível. Eu não levo uma garota a um encontro desde... bem... nunca. Era quase um fato que eu ia bagunçar tudo colossalmente.

— Eu pensei que esse era o tipo de coisa que todas as garotas querem. Você sabe – o bom restaurante perto do mar, um cara bonito com uma beca — eu digo e gesticulo para a minha gravata.

— O cara bonito, sim — ela responde com um sorriso. — As outras coisas? Não muito.

Droga. Ela está certa, e eu não sei no que eu estava pensando.

A testa de Aimee se enrugando e seus dedos se fecham na borda da mesa.

— Sinto muito — ela diz baixinho. — Foi ruim eu ter dito isso? Só queria que você soubesse que não precisava fazer tudo isso por mim. Queria que você entendesse que eu estaria bem se comêssemos um cachorro quente.

Eu inclino minha cabeça para o lado.

— Você não é uma garota que merece qualquer merda. Lembra?

Ela abaixa o rosto para esconder seu sorriso.

— Eu não acho que você possa dizer "merda" em um lugar como este, Cole. O garçom está de smoking.

— Acho que você está certa — eu concordo, me remexendo na cadeira. — Então o restaurante foi uma escolha estúpida. Isso significa que está sendo horrível? Espero que os encontros, como tudo na vida, melhorem com a prática.

— Não está sendo horrível. — Sua voz é suave, mas forte e me deixa sem reação instantaneamente. Ela morde o lábio inferior e continua: — Eu não quis dizer o que eu disse da maneira que você está pensando. Só não quero que finjamos ser algo que não somos, sabe? Fingi tudo na minha vida durante todo o ano passado. Não é uma boa ideia, e eu estou tentando acabar com toda essa porcaria de falsidade, porque estou percebendo que, eventualmente, se volta contra você.

Sua expressão está abalada e tenho a sensação de que suas palavras insinuam outra coisa. Ela está me permitindo uma rara reflexão, mas não quero isso agora. Não neste restaurante abafado.

— Entendi — eu digo levemente, esfregando meu dedo sobre a ponta do

meu nariz. — Sem falsidade e você não gosta das flores e do romance.

— Ei, espera. Não me lembro de dizer que não gostava de flores.

Eu rio e deixo meu corpo relaxar.

— Tudo bem, posso me empenhar nisso. Você gosta de flores. E gosta de cachorro quente e donuts.

— Tudo verdade — diz ela. — Eu te disse que tem um lugar famoso chamado Voodoo que faz um donut de xarope de bordo coberto com bacon?

— Parece nojento — eu digo, contorcendo a minha boca.

Aimee sorri.

— Não diga isso antes de experimentar.

— Justo — eu respondo e arqueio meus ombros. — Além de flores e donuts com sabor de bacon, eu espiei seu Kindle para saber que você gosta de livros e de Harry Potter em particular. Mesmo que nunca tenha lido os livros ou visto nenhum dos filmes, acho legal.

Os olhos de Aimee ficam enormes.

— Você está brincando comigo, né? Você, de todas as pessoas, não viu os filmes de Harry Potter?

Balanço minha cabeça, apreciando o olhar em seu rosto.

— Eu conheço o enredo básico e não parece fazer o meu estilo.

— Não parece ser seu estilo? É o Harry Potter! Você sabe, o menino feiticeiro amado ao redor de todo o mundo? Harry Potter abrange continentes, religiões e política! Você cresceu dentro de uma concha ou algo assim?

Rio do entusiasmo dela.

— O jogo está se voltando contra mim, então talvez possamos assisti-los em algum momento.

— Pessoalmente, acho que você deveria ler os livros primeiro, mas essa é apenas a minha humilde opinião. Embora eu deva avisá-lo sobre algo — ela diz e coloca os cotovelos sobre a mesa. O movimento faz com que a alça do sutiã rosa pisque para mim novamente. Posso sentir o sangue pulsando nos meus ouvidos, deslizando pelo meu corpo. Talvez este encontro não esteja perdido, afinal de contas. — Eu tenho uma teoria de que o mundo está dividido em dois tipos de pessoas.

— Sim?

— Sim — ela diz seriamente. — De um lado, estão as pessoas que amam os livros de Harry Potter e desejam poder estudar em Hogwarts, ter Ron e Hermione como melhores amigos e vencer os Comensais da Morte e Aquele

Que Não Deve Ser Nomeado.

Ela está sorrindo para mim e é tão fofa. Eu tenho que perguntar o óbvio.

— E o outro tipo?

Aimee dá de ombros.

— Idiotas.

Eu finjo estar chocada. Então lanço suas próprias palavras de volta para ela com um sorriso.

— Acho que você não pode dizer a palavra "idiota" aqui. Não tenho certeza se percebeu ou não, mas o garçom ali está usando um smoking.

— Oh, sério? — Ela torce o nariz, e eu tenho a súbita e quase irresistível vontade de pegá-la através da mesa e puxá-la para o meu colo.

— Sim, sério — eu digo. Então respiro fundo e pego o copo de água de cristal na minha frente. — Que diabos é um Comensal da Morte?

As sobrancelhas de Aimee se estreitam.

— Um defensor de Lord Voldemort. Basicamente, isso significa alguém que tem a intenção de purificar o mundo mágico de todos os trouxas.

— O que é um, um... você sabe o que... Não importa — eu digo e circulo a borda do meu copo de água com o polegar. — Até agora nós estabelecemos que você é fã de donuts, flores, cachorro quente, Harry Potter. E eu sei que você curte artes, músicas chatas.

— Hey, eu ouço boa música — ela defende.

Eu sorrio para que ela saiba que estou brincando. Mesmo que nunca tenha ouvido falar da maioria das obscuras bandas independentes que Aimee escuta, eu relutantemente aceitei que elas não são terríveis.

— Ok, você ouve boa música e gosta de cantar junto no chuveiro.

Aimee franze a testa cautelosamente.

— Como no mundo você sabe que eu canto no chuveiro?

Meu peito ressoa em diversão.

— Eu não sei. Foi apenas um palpite aleatório, mas muito obrigado por confirmar isso.

— Oh. — Suas bochechas ficam rosa.

— O que mais eu deveria saber sobre você? — pergunto.

Ela pensa.

— Scrabble.

— Você gosta de jogar Scrabble? — Mentalmente gravo a informação para uma data posterior.

— Eu gosto.

— É bom saber — respondo. — Scrabble, donuts, flores, cachorro quente, bruxos britânicos pré-adolescentes e música indie. Esqueci alguma coisa importante?

Ela ainda está corando e é como se o calor em seu rosto estivesse bagunçando todas as palavras dentro dela.

— O que foi? — pergunto, um sorriso involuntário curvando minha boca. Eu adoro quando ela cora assim.

Aimee suspira, olhando para o candelabro.

— Você, Cole. Eu gosto de você.

Merda. Merda. Merda. Eu acho que meu queixo cai de verdade.

Estou perdido pra caralho.

Aimee

O olhar de Cole está preso no meu, e seu queixo está frouxo. Acho que sua expressão é comumente chamada de boquiaberto.

É óbvio que ele mal pode acreditar na minha franqueza. Bem, eu acho que ele pode se juntar ao clube porque não posso acreditar também.

— Eu sinto muito. Isso foi loucamente insano — eu digo, tentando cobrir meu rosto vermelho com minhas mãos.

Agora seria o momento perfeito para deslizar do meu assento para o chão, para que eu possa esconder o meu constrangimento sob os cantos da toalha de mesa branca rígida. Saliva se acumula no céu da minha boca, e eu engulo em seco. Deus. Os olhos de Cole estão tão cheios de emoção que estou começando a sentir tontura. Traço a minha trança com dois dos meus dedos.

— Você quer, hum, pedir a sobremesa ou algo assim? — pergunto hesitante.

Cole não me responde. Com o fogo piscando em seus olhos verdes, ele se levanta de sua cadeira e pega meu braço, arrastando a mão ao longo da minha pele do cotovelo até a base da minha palma. Instintivamente, eu aperto seus dedos e deixo que ele me leve além da confusão de mesas elegantes. Não paramos no posto de recepcionista ou na área de espera.

Uma onda quente de ar úmido se quebra na minha pele enquanto Cole

passa pela porta principal do restaurante. Eu sigo tropeçando nos meus pés, meu coração descontrolado pulsando alto em meus ouvidos, enquanto passamos por uma parede coberta por uma grossa cortina de jasmim rastejante escuro, para um recanto isolado. De um lado de nós, há um pequeno lago de carpas na cor das moedas de um centavo que cobrem o fundo. Por outro lado, descubro um arco de estilo mediterrâneo que leva até as docas dos barcos. Respirando pesadamente pelo nariz, a boca definida em uma linha sombria, Cole me puxa para uma parada abrupta logo abaixo da elevação do arco. Ele levanta seus braços sólidos, efetivamente me enjaulando entre ele e o frio poste de estuque nas minhas costas.

— O que você está fazendo? — pergunto delicadamente, sentindo uma energia nervosa se revirar na boca do meu estômago.

A luz gotejante captura a superfície de seus olhos quando ele se inclina e desliza os lábios logo abaixo do meu queixo. Minhas pálpebras se fecham involuntariamente e a respiração é expelida dos meus pulmões de uma só vez. Ainda cautelosamente explorando minha garganta com sua boca, as mãos fortes de Cole encontram minha cintura, e ele ancora seus polegares logo abaixo do meu umbigo, espalhando seus dedos pelas minhas costas. Eu agarro seus antebraços e me inclino, colando meus ombros contra a superfície sólida do píer enquanto absorvo as sensações que atravessam meu corpo.

Lentamente, como se fosse doloroso deixar escapar aquele som por sua língua, ele sussurra na curva do meu pescoço

— Aimee...

Os segundos se passam. Eles escorregam dos meus dedos como a chuva contra um vidro limpo e eu estou caindo com as gotas, sem direção definida. Cole aperta meus quadris e esmaga seu corpo mais perto do meu para que eu possa sentir seus músculos rígidos através do tecido fino do meu vestido.

— Cole — eu falo entre suspiros. — O que estamos fazendo aqui? Minha bolsa ficou lá na mesa.

— Desculpe — ele geme com tristeza, se afastando e pressionando as palmas das mãos em seus olhos. — Eu não consigo me controlar perto de você.

Sem saber como responder, deixo cair os olhos nas sandálias de prata e abro as palmas das mãos na parede para me equilibrar.

— Nós vamos entrar para pegar sua bolsa e podemos pedir a sobremesa ou podemos sair, se você quiser, mas primeiro eu precisava tirar você de lá — diz ele, sua voz rouca. — Você é tão maravilhosa, e eu não aguentava não

tocar em você. Por favor, olhe para mim, Aimee.

Sentindo-me zozza, eu balanço minha cabeça e mantenho meus olhos focados nos dedos dos pés.

— Eu não posso.

— Por favor — ele implora, suas mãos retornando à minha cintura.

Nenhum de nós fala ou se atreve a respirar. Sei que, sem olhar para além do arco, a lua está no alto, derramando sua luz refletida sobre o céu escuro, demorando-se nas silhuetas de palmeiras e no contorno dos prédios térreos do outro lado da rua. Eu sei que Cole está me observando, esperando com intensidade inebriante que eu faça alguma coisa, qualquer coisa. O vento muda de direção, eriçando os minúsculos pelos em meus braços, agitando a bainha do meu vestido de algodão azul em volta das minhas pernas.

Eu engulo em seco e tenciono minha mandíbula. Acho que estou tremendo um pouco. Assim que meus olhos se movem para encontrar os dele, uma corrente de energia vibra dos meus seios até as minhas coxas. Os dedos de Cole se juntam, pressionando minhas costas enquanto ele inclina a cabeça para me beijar. É um beijo tão profundo e faminto que encharca cada poro do meu corpo, pesando-me, fazendo com que eu sinta os joelhos moles.

Ele não para por aí. Separa meus lábios e traça o céu da minha boca com a língua quente e escorregadia e desliza a ponta pela parte de trás dos meus dentes. Ele me prova assim, deslizando avidamente para dentro de mim e aproximando meu corpo até que minhas pernas estão entrelaçadas em seus quadris e não sei dizer qual de nós está segurando quem.

Eu deslizo minhas mãos para dentro da lapela de seu paletó e corro meus dedos pelos músculos tensos de seu peito, sentindo seu batimento cardíaco através de sua camisa. Quando eu o encontro, aplino a palma da minha mão sobre o local como se pudesse segurar as batidas dentro dele com apenas um toque. Por alguns momentos emaranhados, não sou nada além de calor, gosto, cheiro e toque.

— Eu sei — ele murmura contra a minha boca como se estivesse respondendo a algo que eu disse. Então ele mergulha os lábios no meu braço nu, e eu tenho que apertar meus olhos e me virar para evitar um gemido embaraçoso. Isolado ou não, este não é o lugar para isso.

Parecendo entender, Cole afasta sua boca de mim. Ele cobre meu rosto com seus dedos firmes e prende meus olhos nos dele.

— Eu preciso ser honesto sobre algo — ele me diz, mantendo contato visual enquanto descansa a testa contra a minha e docemente beija a ponta do

meu nariz. Seus polegares acariciam minha bochecha. — Eu também gosto de você.

Eu não tenho certeza se sinto vontade de rir ou chorar, mas devo admitir que é bom estar apenas *sentindo*. Aliso minhas mãos sobre seus quadris e encosto minha bochecha no tecido áspero de seu paletó. Uma das descobertas desta noite é que Cole Everly pode arrasar seriamente em um terno e gravata.

Ficamos assim por um longo tempo – eu a dois passos da passarela de pedra com as costas contra o estuque e Cole pressionado contra mim. Ninguém está por perto. Podemos ser as duas únicas pessoas que restam no planeta.

Finalmente, meu coração desacelera e minhas pernas se firmam abaixo de mim. Consigo dar um sorriso trêmulo e digo a ele:

— Dizem que a honestidade é a melhor escolha.

Ele toca seus lábios nos meus.

— Dizem isso, não é?

Cole

— Eu tenho uma ideia — digo enquanto relutantemente afasto meu corpo do dela.

As bochechas de Aimee estão rosadas, a boca se molda em formato oval.

— Qual? — ela pergunta.

— Uma ideia — eu digo efusivamente enquanto arrasto meus dedos pelos seus bíceps e assisto em fascinação enquanto os minúsculos pelos em seu braço se eriçam com meu toque. — Eu vou pagar nossa conta para que eles não chamem a polícia. E você deveria entrar para pegar sua bolsa e me encontrar aqui em alguns minutos.

Ela estreita os olhos e faz um som agudo do fundo da garganta.

— Vamos deixar o restaurante no meio do jantar? — ela pergunta.

Eu assinto, e ela franze a testa.

— Para onde vamos? — ela faz a pergunta mais óbvia.

— Não muito longe — eu digo, aproveitando sua confusão. — Você vai ter que confiar em mim. Lembra quando eu te disse que um milhão de coisas

poderiam acontecer?

A ruga em sua testa se aprofunda, então eu continuo:

— No primeiro dia em que você tropeçou em mim, eu disse que se você me dissesse seu nome, um milhão de coisas poderiam acontecer.

Seus olhos se enrugam com a lembrança.

— Uh-huh. Estou lembrando.

— Bem, Aimee Spencer, esta é uma daquelas coisas. — Beijo seu nariz e belisco sua bunda de brincadeira. — Agora, pegue sua bolsa ou vamos sentir falta dela.

— Sentir falta?

Faço um movimento de espionagem em direção à porta da frente do restaurante.

— Vai!

— Ok, tudo bem. — Ela ri e pula a passarela de pedra em direção à porta.

Eu olho para o barco atracado que chamou minha atenção alguns minutos atrás. As pessoas estão se aproximando no convés superior. Posso ouvir o leve tilintar de música e vozes.

Eu respiro fundo e ajusto minha gravata para que fique reta. Eu tenho cerca de dois minutos para fazer acontecer. É bom que eu seja rápido.

Aimee

Inclino meu peito contra o corrimão de metal frio e levanto o queixo para que eu possa ver seu rosto.

— Não posso acreditar que você espera que eu minta — eu digo. — Sou uma péssima mentirosa.

O braço direito de Cole está em volta da minha cintura e a mão esquerda está descansando no meu ombro. Ele inclina a boca para perto do meu ouvido.

— Eu não espero que você minta. Só quero que você se mostre feliz por... — ele sorrateiramente verifica a fotografia ampliada pendurada acima da mesa do aperitivo. Dois nomes estão estampados em uma fonte metálica prateada na parte inferior. — Eric e Bailey. E, sinceramente, quem não ficaria

feliz por eles? Eles são muito adoráveis.

Eu não posso evitar. O sorriso com covinhas de Cole é contagiante. Dez minutos atrás, ele pegou minha mão e me arrastou até as docas e nós embarcamos na *Island Lady*, um iate de jantar fretado completo com uma pequena banda e luzes brancas cintilantes afixadas em cima. No começo, eu estava muito nervosa e respirando com dificuldade, mas até agora ninguém questionou nossa presença e tenho que admitir que é uma noite linda para um cruzeiro.

— A anfitriã do restaurante me disse que esta é uma festa de noivado — continua Cole, sua respiração quente persistente no meu cabelo. — E a beleza de entrar de penetra em um casamento ou uma festa de noivado — especialmente quando você está vestido para isso — é que todos os amigos de Eric acham que somos amigos de Bailey, e todos os amigos de Bailey...

— Acha que somos amigos de Eric — termino sua frase. — Eu entendi. — Corro minhas mãos sobre o trilho do convés suave e deixo meus dedos abertos lá. — Só sou nova nisso de entrar de penetra e estou um pouco nervosa.

— Mas você já viu ‘Penetras bons de bico’, não viu? — pergunta ele. Eu abro minha boca para responder, mas Cole coloca as mãos sobre meus lábios e balança a cabeça. — Deixa pra lá. Não responda porque já sei o que você vai dizer.

Eu rio, e ele pisca um dos olhos e tira minha trança do meu ombro para que caia no centro das minhas costas.

— Vamos colocá-lo em nossa lista, mas por enquanto acho que posso falar sobre o básico.

— Que seria? — pergunto.

— Mais importante, vamos precisar de nomes falsos. Eu serei Axel.

Eu quase engasgo.

— Axel?

— Sim — ele sussurra. — É bem rock n’roll e eu acho que combina comigo. E você vai ser... — Ele olha para mim como se estivesse pensando muito.

— Eu não posso ser apenas Aimee?

— Não, não é divertido. Que tal Poppy?

Eu enrugando meu nariz.

— Poppy?

Cole acena com a cabeça.

— Ok — digo, revirando os olhos. — Será Poppy. O que mais eu preciso saber?

Cole pega minha mão e me leva até a área do bar. O motor do barco ruge sob os nossos pés, mas acima de nós o céu violeta parece acenar suavemente. Um vento leve e salgado dança da água e levanta a saia do meu vestido.

— Bem, Poppy, você precisa se divertir, agir como se devesse estar aqui e ninguém vai pensar duas vezes sobre o porquê de eles não te reconhecerem, porque metade das pessoas aqui não se conhecem — diz ele.

Ele pega duas garrafas de água de um balde cheio de gelo e estende uma para mim.

— E, se possível, evite Eric e Bailey ao máximo. Só para, você sabe, ficarmos seguros.

Eu pego a garrafa de água dele e dou uma olhada no andar superior do barco. A música aumentou e as pessoas estão começando a dançar sob as luzes brancas no convés. Através da multidão, posso distinguir os recém-casados pelas janelas escuras da cabine interna. Perto da mesa do aperitivo, há uma garotinha – talvez com cinco anos de idade – balançando o torso de um lado para o outro, girando os braços como um moinho de vento.

— E qual é a regra da dança? — pergunto.

— Dança? — Cole toma um gole de água e reflete por um segundo. — Se estou lembrando as regras corretamente, dançar é altamente recomendado.

— O que quer dizer?

Cole acena e olha para o convés.

— Isso te ajuda a se misturar.

— Bem — eu digo melancolicamente, não acreditando que estou prestes a fazer isso —, talvez nós devêssemos.

Cole esfrega a nuca e sorri torto.

— Dançar?

— Sim. — Eu dou de ombros. — Só para a gente se misturar.

— Provavelmente seria uma boa ideia — diz ele, procurando meus olhos.

E assim nós fazemos. Dançamos. Bem no meio de uma festa à qual não fomos convidados e é ótimo. É melhor que ótimo. É como se o resto do mundo caísse e restasse apenas as mãos de Cole nas minhas costas, minha bochecha pressionada em seu ombro e o vento da noite levantando meu cabelo e a barra do meu vestido.



Capítulo 13

Cole

— Pare com isso — eu digo a ela. — Eles vão amar você.

Aimee olha para mim.

— Não é isso — diz ela, pegando um tubo de gloss avermelhado na bolsa em seu colo e fechando o espelho no teto do caminhão. — Eu não me importo com o que as pessoas pensam.

Ela encolhe os ombros para enfatizar isso, mas eu sei que está mentindo. É obvio. Ela se importa com o que meus amigos pensam dela, e é estúpido, ridículo e adorável pra caralho.

Entendo. Tenho me alimentado da mesma pilha de mentiras. Eu disse, em voz alta mesmo, que não importava o que sua irmã e qualquer outra pessoa em sua vida pensasse sobre mim, porque eu estava com ela, não com eles. Então me peguei procurando na mercearia por homus de alho assado orgânico porque ela mencionou que sua irmã gostava, e acabei em uma merda de um show de punk nos fundos de algum clube no sábado passado porque o pseudo namorado de sua amiga queria ir.

— Estou dizendo que é uma besteira.

Ela ri.

— Tanto faz. Você sabe que gosta das minhas besteiras.

— Eu gosto.

Silêncio.

— Hummm... então por que você nunca passa a noite comigo? —
Ocasionalmente Aimee faz isso: me surpreende fazendo ou dizendo algo realmente inusitado. É apenas uma contradição. Ela é tímida, mas não é tão tímida assim. Ela está triste, mas ri das minhas piadas. Ela é quieta e reservada, mas às vezes começa a falar e não para. Talvez um dia desses eu a descubra.

— Aimee — eu digo, enfatizando seu nome lentamente como um aviso.
— Eu te disse que não é uma boa ideia ainda.

— Eu sei o que você me disse, mas... — Ela morde suas próprias palavras e se vira para a janela.

— Mas o quê? — Eu gostaria de poder ver o rosto dela agora.

— Parece que... eu não sei. Você já fez isso com tantas garotas, mas comigo talvez você não queira fazer.

— Eu quero — corrijo.

Aimee suspira.

— Deixa pra lá. Eu estou sendo estúpida e insegura, certo?

Aperto o volante com força. Quero dizer que trocaria cada toque por um único gosto dela. Que ela é *tudo* o que eu não sabia que queria, mas não quero assustá-la.

— Reputações são geralmente muito exageradas — eu digo. — Mas, sim, eu sei que houve “muitas garotas”. Merda, eu odeio que você também saiba disso. Mas elas? Não importam para mim. — Respiro fundo. — Eu provavelmente não mereço, mas estou te implorando pela chance de te mostrar que você é diferente, que quero você por mais do que isso.

Ouço sua respiração mais profunda.

— Tudo bem — diz ela.

— E não está sendo fácil — eu admito timidamente.

— Bom, porque não é fácil para mim também — diz Aimee e ri quando minhas sobrancelhas se erguem. — Podemos concordar que você vai ficar comigo esta noite?

— Porra, você não desiste, não é? — rosno, olhando no espelho retrovisor. Preciso manobrar minha caminhonete em uma rua entre dois carros, mas não vou conseguir controlar essa merda se não conseguir entender direito. — Vamos conversar sobre isso depois.

Ela franze a boca para ambos os lados.

— Bem. Eu vou deixar isso pra lá porque agora é o momento de eu ir com você a uma festa e conhecer seus amigos.

— E vou lembrar que você não precisa se preocupar com nada. Eu sinceramente não dou a mínima para o que eles pensam, porque são uns idiotas na maior parte do tempo. Mas gosto que você se preocupe com meus amigos, porque acontece o mesmo comigo.

— O mesmo?

— Claro — eu admito. — Por que você acha que eu deixei você me arrastar para aquele bar no sábado? Você sabe, aquele lugar com as paredes laqueadas de preto e vermelho sobre o qual jurei que teria pesadelos.

— Você está dizendo que o punk brutal ou o que quer que seja chamado não é o seu estilo e você foi apenas por Jodi e Kyle? — ela brinca.

Desligo o motor e me viro para poder olhar para ela. Minha mão direita automaticamente toca a lateral do rosto dela. Sua pele é tão macia e quente, e agora que eu sei que estou autorizado, não consigo parar de tocá-la. Não consigo me impedir.

Ela fecha os olhos, inclina a bochecha contra a palma da minha mão e meu pau ganancioso começa a endurecer ainda mais. Eu me inclino para a frente, perto o suficiente para que a respiração dela faça cócegas na minha boca e nariz.

— Não, eu não fui por Jodi e Kyle — eu digo baixinho. — Eu fui por você.

Aimee

A festa parece um teste. *O quanto você consegue ser normal normalmente, Aimee?*

Cole diz que não importa como a noite vai acontecer e talvez ele esteja dizendo a verdade. Talvez isso realmente não importe para ele.

Mas é importante para mim.

Assim que entramos, somos agredidos pelo barulho de música e vozes ainda mais altas. A casa está cheia até o limite, com pessoas dirigindo-se à sala de estar de teto alto por todos os lados. A mobília foi empurrada para uma parede para formar uma pista de dança improvisada no centro da sala e há um grupo – na maioria meninas – rebolando e suando com seus copos de

plástico vermelhos erguidos no ar. O cheiro amargo de ervas vem de um corredor estreito direto para o meu nariz.

Tudo em relação àquela cena cheira a familiaridade. Festas em casa costumavam ser usuais para mim. Isso costumava fazer parte da minha vida. Sorrir, rir, flertar, dançar, beber, ficar chapada.

A última festa em que fui foi na noite em que Jillian morreu. De pé, diante da porta da frente, não posso deixar de pensar nela com o cabelo solto ao redor dos ombros e a camisa azul. Ela estava rindo. Ela estava *sempre* rindo.

— *Dê isso aqui para mim — disse ela quando pegou minhas chaves da minha mão e as enfiou no bolso da frente de seu short. — Você está bêbada, minha querida.*

Eu franzi meus lábios e ergui uma sobrancelha.

— E você não está?

Ela sorriu, tirando a franja do rosto.

— Estou bem.

Mas eu sabia que eu estava melhor.

Eu sabia. Não sabia?

— Você está bem? — Cole grita por cima do barulho.

Assinto rigidamente e engulo em seco.

— Vamos lá para fora — ele sugere e une seus dedos aos meus, puxando-me para mais perto de seu corpo. — Acho que é onde os caras estão.

Eu o sigo, esgueirando-me entre os corpos e tentando ignorar alguns dos olhares que estou recebendo. Uma garota loira com pernas impossivelmente longas e seios enormes está abertamente olhando para mim do outro lado da sala. Ela tem um daqueles rostos familiares e eu a identifico como a garota com quem Cole estava no dia em que eu o conheci. *Kate*, ele disse que esse era o nome dela. Kate e as amigas dela estão sussurrando sobre algo, e eu não posso deixar de pensar que esse *algo* sou eu.

Cole olha para trás uma vez e sorri tranquilizadamente, mas uma sensação desagradável já deslizou pela minha garganta.

Eu queria que Jilly estivesse aqui, penso de repente. Ela ergueria um

dedo na minha cara e diria algo genericamente reconfortante, como *vá em frente e mostre a elas do que você é capaz*, e eu reviraria os olhos e diria que ela estava sendo tola e clichê, mas secretamente me sentiria melhor.

Ainda segurando minha mão, Cole me leva por um conjunto de largos degraus de madeira até uma varanda externa que cobre toda a extensão da casa. Os holofotes se inclinam para baixo, em cantos opostos, derramando círculos de luz amarelada sobre o espaço. Um bar tiki mal feito, cercado por banquetas incompatíveis, está encostado a uma parede. Logo além do corrimão da varanda, há uma longa mesa retangular onde alguns caras estão jogando beer pong.

Somos recebidos por um coro de saudações.

— Everly!

Todo mundo aqui parece conhecer Cole, e ele se torna o centro das atenções. Ele faz um esforço para me apresentar a alguns dos caras da equipe de atletismo, mas me parece claro que não faço parte deste mundo – o mundo dele. Há muitos tapinhas nas costas, conversa sobre corridas e piadas internas que eu não entendo.

Cole fica preso em uma rodada de beer pong, e eu fico para trás, preferindo estar onde posso controlar meus pensamentos sem que ninguém perceba. Depois de cada lance ele olha por cima do ombro e pisca para mim, enviando uma onda de calafrios ao meu corpo. Algumas garotas próximas fazem uma tentativa parcial de me incluir em sua conversa, mas estou distraída e, eventualmente, elas desistem e me deixam sozinha.

Logo após Cole dar sua última jogada, seu telefone apita com uma mensagem recebida. Olho para onde ele o deixou, no topo do bar tiki. O remetente é alguém chamado Christine.

Você vai voltar para Gainesville em breve? Minha cama está tão vazia.

Instantaneamente, eu sei que ele deve ter saído com essa garota quando ele foi para Gainesville para correr no triatlo algumas semanas atrás e meu coração acelera freneticamente. Eu mal posso respirar com a sensação de traição que se revira em meu estômago. Foi o mesmo fim de semana em que

eu estava pensando nele obsessivamente.

— Ei! — É Cole. Ele coloca um braço em volta da minha cintura e desliza a palma da mão na minha parte inferior das costas até o meu quadril. Quando sinto seus lábios contra o meu ouvido, uma onda de calor percorre minha espinha.

— Ei você — eu digo e afasto a cabeça, fingindo estar distraída com o meu telefone.

Cole se afasta alguns passos para que possa ver o meu rosto. Ele desliza os dedos por seu cabelo loiro e franze a testa.

— Está tudo bem? — pergunta ele.

O nó na minha garganta se expande, ameaçando me sufocar. Eu tento sorrir, mas tenho certeza de que se aproxima de uma careta.

— Sim, claro. Por que não estaria bem?

— Você parece estar irritada ou algo assim — diz ele.

— Talvez você simplesmente não me conheça muito bem — digo as palavras muito mais irritada do que pretendo.

Sua cabeça se move em surpresa. Ele aperta a mandíbula e os olhos como se estivesse se perguntando qual diabos é o meu problema. Bom para ele, porque estou me perguntando a mesma coisa. Não é como se Cole e eu estivéssemos juntos naquela ocasião. Eu sabia como ele era e pulei de cabeça mesmo assim.

Deus, sou minha pior inimiga.

Eu respiro superficialmente e me viro para assistir ao progresso do atual confronto de beer pong. Depois de alguns minutos de silêncio, percebo os braços de Cole me circundando em busca de seu telefone.

— Aimee? — ele diz em um tom cauteloso.

Eu solto o ar, que não percebi que estava segurando, mas mantenho meus olhos no jogo.

— Aimee... — Desta vez, sua voz é mais forte, exigindo minha atenção.

Mantenho meu rosto relaxado e neutro, apesar da torrente de emoções que se revira dentro de mim.

— O que é?

— Algo está obviamente te incomodando — diz Cole. Ele segura seu telefone, analisando-o por baixo da linha reta de suas sobrancelhas.

— Esta mensagem é o problema?

— Não — eu minto teimosamente.

Uma intuição me diz que ele não está acreditando no que estou dizendo.

— Não é? — ele pressiona.

— Não — eu digo. Fecho meus olhos e suspiro. Meu coração está latejando com energia nervosa, enviando sangue para minhas bochechas. — Quero dizer, sim, isso está me incomodando. Mas... mas... você não precisa explicar. Eu nem quero que você explique. A última coisa que preciso ouvir são os detalhes do que aconteceu.

Estou exagerando. Cole não fazia segredo de sua história com outras garotas. Eu sabia de tudo desde o dia em que o conheci. É uma notícia antiga, mas isso não ameniza a dor.

— Aconteceu antes de nós, certo? É coisa do passado e não é da minha conta, mesmo que doa. E mesmo agora, não é como... bem, não devemos nada um ao outro. O que está acontecendo entre nós não precisa ser oficial ou qualquer coisa assim.

— Ou qualquer coisa assim? — Cole passa as mãos sobre a boca. Quando ele fala de novo, suas palavras saem devagar e eu sinto cada estalo em sua voz como uma picada na minha pele. — Eu nem sei o que dizer para você agora. Se contar que quando estava com aquela garota, eu estava chateado e sofrendo por você, parecerei ainda mais um idiota. Mesmo se disser que me senti um imbecil depois, sei que não é bom o suficiente. Inferno, *eu* não sou bom o suficiente.

— Pare com isso, Cole.

— Não, eu não vou parar. Aimee, se eu pudesse voltar no tempo, faria tudo de maneira diferente. — Ele fecha os olhos bem apertados. — Você tem todo o direito de ficar com raiva, e eu não a culparia se me odiasse agora.

— Deus. Eu não te odeio. Não sei o que estou sentindo, mas não é ódio. Olho para o céu noturno para evitar que lágrimas rolem pelo meu rosto. — Não estávamos juntos naquela época e acho que, mais do que tudo, quero que comecemos a partir de agora. A partir *deste* momento. Eu não quero que meu passado e nem o seu nos prejudique.

Cole cobre meu rosto e usa o polegar para enxugar uma lágrima.

— Você tem certeza disso? Porque eu juro que você foi feita para mim. Eu já te disse, mas estou nisso por inteiro, se você também estiver. Oficialmente.

Eu estremeço, lembrando-me da primeira vez em que Cole me disse isso. Eu quero confiar nele. Eu quero.

— Eu gostaria de poder voltar no tempo — ele continua suavemente. — Eu queria... droga... eu queria poder mudar tudo e começar de novo, mas não

posso. Estou tentando provar que não é assim com a gente, mas continuo estragando tudo, não é? — pergunta, e seus ombros parecem se esvaziar um pouco.

Eu engulo o nó na garganta e balanço a cabeça.

— Você não está estragando nada, Cole.

Ele levanta a sobrancelha e desliza o polegar até o queixo.

— Não estou?

— Não — eu respondo honestamente. Mordo meu lábio, a queimação das pontas dos dedos começando a liquefazer meu corpo inteiro. — Eu não posso fingir estar completamente bem com o seu passado, mas você está certo sobre uma coisa. Você não pode voltar. Nenhum de nós pode. E talvez eu possa entender isso melhor do que ninguém.

— Você pode?

Concordo.

— E a sua vida e o que você faz com ela não é da minha conta.

Ele levanta uma sobrancelha.

— Não é da sua conta?

— Você sabe o que eu quero dizer.

— Aimee, venha aqui — diz ele rudemente, diminuindo o espaço restante entre nós e enganchando o braço em torno da parte inferior das minhas costas. Ele abaixa o rosto para o meu cabelo e inala profundamente. Depois de um minuto, sussurra: — Eu quero ser da sua conta. Quero que você mande em mim e me diga que está puta e que eu posso fazer melhor. Quero ser o tipo de cara que você merece.

— Ela significou alguma coisa para você? — pergunto contra seu peito.

Cole pensa na minha pergunta por muito tempo. Ele aperta mais o braço ao meu redor e coloca a mão na parte de trás da minha cabeça.

— Não — ele diz solenemente. — Você não entende? Ninguém nunca significou nada para mim até você.



Nós saímos cedo da festa e Cole nos leva de volta para a minha casa.

— Entra — eu exijo. É um pedido desajeitado, mas determinado desta vez.

Cole está quieto. Ele move a mão por cima daquele pequeno inchaço no

nariz e faz um som engraçado.

— Eu não consigo te dizer não, né?

— Isso vai ser um problema?

Ele ri e me segue até a casa. Enquanto procuro as chaves, posso sentir sua respiração se movendo na parte de trás do meu pescoço e a delicada pressão de seus dedos na minha cintura. Uma força se move dentro de mim, me impulsionando para o canal formado por seu braço e corpo. Sua mão quente vem ao meu redor e desliza pelas minhas costelas para roçar a pele sensível sob a minha camisa.

— Foco — diz ele, arrancando as chaves da minha bolsa aberta e colocando-as nos meus dedos trêmulos.

No momento em que consigo abrir a porta, meus pulmões estão bombeando rapidamente e sou pura tensão. Eu me movo pelo corredor rapidamente e paro no limiar do meu quarto escuro. Cole está atrás de mim, respirando tão forte quanto eu, usando o polegar direito para traçar um caminho irregular até o meu braço.

— Eu amo o seu gosto — diz ele enquanto empurra meu cabelo de lado e beija meu pescoço.

Em um movimento fluido, viro meu corpo, deslizo minhas mãos sob a borda de sua camisa e pressiono minha boca faminta na dele. O chão se desloca sob os meus pés enquanto Cole nos conduz pela porta do meu quarto. Nós tropeçamos no escuro e colidimos com a borda da minha penteadeira.

— Ouch!

— Por aqui! — exclamo.

Não quebrando nosso contato, com todo o meu corpo queimando de desejo, eu o incito em direção à cama e ponho seu peso em cima de mim. Cole achata as palmas das mãos em cada lado da minha cintura e empurra o joelho entre as minhas pernas. Meus dedos roçam a suave linha de cabelo que desaparece sob o cós e sobem para explorar a pele lisa do peito dele. Quando roço seus mamilos endurecidos, ele faz um som baixo do fundo de sua garganta e flexiona seus braços. Seu rosto mergulha no meu pescoço, e eu sinto sua língua se mover na minha clavícula e sobre a pele levantada da minha cicatriz.

Muito entorpecida para lutar contra o meu impulso ou ficar envergonhada, deixei minhas coxas se abrirem e arqueei meus quadris em um pedido.

— Por favor?

— Nós deveríamos parar — ele avisa em uma voz rouca enquanto esfrega o polegar sobre o botão do meu jeans.

Minha pulsação está descontrolada. Enrosco meus dedos em seus cabelos e puxo sua cabeça contra meus seios formigando.

— Eu não quero que você pare.

Silêncio. Uma corrente de ar frio entra pela minha pele.

Finalmente, ele me pergunta:

— Tem certeza?

Tenho certeza de que quero as mãos de Cole Everly em mim – em mim inteira. Posso apenas ver seus olhos brilhando e o contorno de seu rosto no quarto sombreado. Tracei uma linha no centro do seu corpo, sobre seu pescoço e esterno e os contornos rígidos de seu peito, até as pontas dos meus dedos estarem descansando abaixo do cós da calça. Posso sentir o tecido macio e sedoso de sua boxer e seus pelos.

— Tenho certeza — eu digo, inclinando-me e beliscando o lóbulo da orelha dele.

— Deus, isso é incrível — Cole geme e automaticamente mexe sua pélvis em um movimento circular contra mim.

— Eu me lembro de dizer que queria que você ficasse aqui esta noite.

— Isso foi antes da festa. Eu não queria presumir que a oferta ainda estava de pé — ele grita, perdendo o controle tanto quanto eu.

— Confie em mim. A oferta ainda permanece.

Cole afasta meu cabelo do meu rosto, enfia-o atrás das minhas orelhas e se curva até que eu possa sentir sua respiração fazendo cócegas na pele sensível logo abaixo do lóbulo da minha orelha. Quando sua língua sai, eu tremo e arqueio as costas para fora da cama.

De repente, há muito tecido entre nós. Eu quero sentir sua pele quente contra a minha. Seguro a barra de sua camisa, e ele parece entender meu sinal silencioso, porque, como eu, ele se senta e puxa a camisa acima da cabeça. Então está de volta, beijando meus lábios e esfregando as mãos sobre o tecido áspero do meu jeans. Ele se move para os meus seios, prestando muita atenção a eles com a boca, e eu agarro seus músculos sólidos, ofegando por ar como se não conseguisse oxigênio suficiente. Ele afasta meu cabelo do meu pescoço e deixa cair sobre meu ombro.

Murmurando coisas que não consigo entender, Cole se move acima de mim. Ele controla seu peso em seus braços e olha para mim como... bem, como se ele não tivesse certeza de que sou real. E, sinceramente, neste

momento não tenho certeza se sou mesmo real. Lentamente, ele levanta a palma da mão aberta para a minha boca e a beija. Eu sorrio, arrepio e envolvo meu braço em volta do ombro dele para atraí-lo para mim.

— Você tem um gosto bom. Você cheira bem também. Como a luz do sol — ele sussurra roucamente contra o meu pescoço, sua mão livre correndo sobre o inchaço do meu quadril na minha coxa.

Eu gemo, entrelaço meus dedos nos fios de cabelo dele e pressiono minha cabeça de volta no travesseiro.

— Eu não sabia que a luz do sol tinha um cheiro — afirmo.

Ele ri, e meu estômago se revira ao som.

— Nem eu. Mas isso foi antes de te conhecer.

— Ahhh — eu murmuro enquanto dedos hábeis percorrem minha perna até o interior da minha coxa.

— Perfeito — diz ele. E então ele está aos meus pés, tirando meus sapatos, deslizando minha calça jeans para fora das minhas pernas, deslizando uma linha de beijos suaves pela minha cintura.

Um dedo. Dois dedos. Quando toda a sua mão desliza por baixo da minha calcinha, não consigo evitar o som que escapa da minha boca. Minhas mãos percorrem o comprimento de suas costas musculosas até a subida de sua bunda. Então estou mexendo nas calças dele, empurrando-as com força pelos quadris com as solas dos pés, agarrando sua pele nua.

Deus. Ele é inacreditável. A roupa não faz justiça ao corpo dele, e eu gostaria de poder vê-lo claramente agora, mas depois penso na cicatriz no meu corpo e na minha pele pálida e fico feliz pelo escuro.

— Aimee. — Ele aperta meu rosto entre os dedos e me puxa contra a sua boca. Sua língua é quente, deslizando na dobra dos meus lábios. Ele roça meu estômago com a mão e gentilmente puxa meu mamilo direito entre o polegar e o dedo.

— Oh meu Deus. — Giro minha cabeça para o lado e mordo meu lábio inferior.

A mão de Cole se move para o meu outro seio e acho que posso entrar em combustão antes de chegarmos ao evento principal. Sua boca percorre minha garganta e a barba áspera em torno de sua mandíbula queima minha pele, mas eu não quero que ele pare. De jeito nenhum.

— Não pare — digo em voz alta.

Cole ri, se afasta e apanha suas calças no chão ao lado da cama. Eu ouço a abertura da embalagem do preservativo e fecho os olhos em antecipação.

— Aimee, você está tremendo — ele diz baixinho, sua boca de volta ao meu ouvido.

— Não de um jeito ruim — sussurro, guiando seus quadris para que nossos corpos estejam alinhados. *Estou* tremendo, mas não é de medo. É o contrário.

— Droga — ele geme no meu pescoço. — Você é tão deliciosa... Eu...

O peso dele está pressionando cada parte de mim e estou tão agitada e tonta que acho que, se fosse possível levitar, é o que eu estaria fazendo agora.

Eu o alcanço com minhas mãos. Cole respira fundo e então está me preenchendo, de dentro para fora. Eu fecho meus olhos e aperto os lençóis da cama. Há tanta coisa para sentir que não consigo me controlar.

— Aimee — a voz suave de Cole me arranca dos meus pensamentos. No escuro, ele beija minhas pálpebras uma de cada vez, então se afasta e seus olhos vasculham os meus. — Você está comigo?

Eu mal consigo erguer minha voz além de um sussurro.

— Estou contigo.

Cole

Eu nunca fui chegado a dormir de conchinha.

Sou uma pessoa que faz amor e vai embora e, assim que o preservativo é descartado, eu geralmente saio porta afora. Sei que isso me faz soar como um idiota, mas é a verdade. Afago depois do sexo é confuso, quente e desconfortável pra caralho. Quem precisa aguentar essa merda? Eu não.

Até agora.

Aparentemente estou me tornando um adepto à conchinha, porque aqui estou, enrolado no cobertor da Aimee Spencer, e eu juro que será necessário um desastre natural para me tirar dessa cama. Merda. Mesmo assim, vou precisar ser muito persuadido.

Eu amo o corpo dessa garota. Ela é magra com quadris estreitos e membros longos. Os seios são dois pequenos montes, mas tudo bem, porque não preciso de mais do que isso. Tudo nela é quente e apertado e mesmo com ela aqui – bem embaixo de mim – parece que não consigo parar de fantasiar

sobre tê-la em todas as posições diferentes. Acabei de sair de dentro dela e é como se eu não pudesse esperar para voltar. Isso nunca aconteceu comigo antes.

Respiro fundo, através dos meus dentes, e tento clarear meus pensamentos.

Meus dedos estão traçando desenhos em suas costas, e eu me inclino para acariciar seu cabelo longo e sedoso. Nossos corpos nus estão unidos pele com pele, e é perfeito. Perfeito pra caralho. Ela tem um joelho arqueado sobre o meu quadril, o que faz meu pau estar aninhado entre suas coxas quentes, e eu não tenho palavras para descrever como é bom de se sentir.

— O que você achou de mim quando me viu pela primeira vez? — ela pergunta baixinho, e eu quase rio, porque é uma coisa muito fofa de se perguntar.

— Além do fato de você ser linda? — eu pergunto.

Eu a sinto sorrir contra o meu peito e quero me elevar como um idiota porque ela gosta da minha resposta.

— Eu queria saber mais sobre você. Queria saber sua opinião sobre a falta de professores e as leis de criminalização a drogas. Queria te perguntar como você conseguiu essa cicatriz — eu digo e levemente traço a fina linha rosada em seu pescoço. Ela ofega em resposta. — Eu queria mergulhar dentro de seus brilhantes olhos azuis e nunca sair deles.

Eu pareço uma mulherzinha completa e sinceramente não me importo.

Aimee me cutuca com um dedo. Está sorrindo. Aparentemente ela gosta de mim agindo como uma mulherzinha.

— Ser lisonjeiro não vai te levar a nada — diz ela.

— Lisonjeiro? — Eu giro minha perna e arqueio meus quadris, lançando-a de costas em um movimento suave. — Isso não é ser lisonjeiro, Aimee. É a verdade. E eu me acostumaria se fosse você, porque planejo mostrar muitas verdades.

Ela toca meu rosto com as pontas dos dedos. Há tanto que eu quero perguntar a ela. Tanto que quero saber. Agarro seus ombros e enterro meu rosto em seu pescoço.

— Cole — ela sussurra meu nome como uma oração.

Meu coração acelera. Eu a beijo profundamente. Então desenho o lóbulo da orelha dela na minha boca e o chupo entre os meus dentes. Ela geme, e seus joelhos se abrem me convidando a entrar, e eu me sinto como um deus. Um Titã. Um imortal. Isso é melhor do que vencer corridas. Isso é melhor do

que qualquer coisa.

Capturo suas mãos e as levanto sobre nossas cabeças. É novo, mas acho que é seguro dizer que amo isso. Ela está presa embaixo de mim, nossos corpos se movimentando lentamente em compasso. Minha língua desliza através da crista de sua clavícula. Eu pego um de seus mamilos rosados na minha boca.

— Oh Deus! — Ela arqueia seu peito e tenta se desvencilhar das minhas mãos. Aperto seus pulsos com mais força e os empurro mais contra o colchão para que ela saiba que não vou facilitar as coisas para ela.

— Diga-me — eu falo em um tom de conversa enquanto minha boca contorna as saliências de suas costelas e se move mais para baixo em seu corpo. — O que você achou de mim quando me viu pela primeira vez?

Aimee se ajeita e seu corpo fica abaixo do meu.

— Você quer dizer além da parte que eu pensei que você era lindo?

Eu rio contra sua pele quente.

— Sim, além do óbvio — digo.

Minha língua molhada mergulha em seu umbigo, e eu a ouço sugar o ar. Levanto minha cabeça e descanso meu queixo em seu estômago.

— O que mais você achou, Aimee?

— Eu, eu pensei...

Sua respiração está descontrolada e é tão excitante. Não tenho certeza se vou conseguir sobreviver ao meu joguinho.

— Eu não sei. Acho que estava com um pouco de medo.

Meu corpo se enrijece. Essa não é a resposta que eu estava procurando.

— Por que você teria medo de mim?

Aimee inclina a cabeça e seus olhos encontram os meus. Eles estão desesperados, prendendo-me no lugar.

— Porque eu sabia que você poderia mudar tudo.



Capítulo 14

Cole

No domingo à tarde, peço a Aimee que vista seu maiô porque vou levá-la à praia.

As janelas da caminhonete estão abaixadas, e o ar está correndo ao nosso redor. Ela inclina a cabeça contra a janela aberta, e seu cabelo solto voa sobre o rosto. Uma vez, quando ela se aproxima, sou chicoteado no olho por uma mecha longa e escura, mas não peço para ela tirá-la de lá, porque gosto. Eu gosto *dela*. Gosto dela desse jeito – sorrindo, toda iluminada e relaxada e sem o ar de tristeza costumeiro.

Eu a sigo através de um dossel de palmeiras até um trecho aberto de areia branca. Ela deixa cair sua bolsa e tira seus chinelos e shorts, e eu me afasto para apreciar a visão. Ela está incrivelmente gata em um biquíni verde escuro, e eu posso dizer que ela nem percebe disso.

Depois de abrir ambas as toalhas, ela trança o cabelo para o lado e me pergunta se eu quero protetor solar. Eu realmente não dou a mínima se ficar queimado, mas gosto da ideia de suas mãos no meu corpo, então digo que sim. E quando ela está esfregando círculos na minha pele, seus dedos delgados deslizando sobre meus ombros e meus braços, começo a desejar que estivéssemos sozinhos. Fecho meus olhos e encosto minhas costas em seu corpo para que possa sentir os montes empertigados de seus seios. Ela se cala. Nesses poucos segundos de silêncio, o mundo se confunde e volta ao

foco. Então Aimee suspira, envolve seus braços no meu peito e beija meu pescoço. Sinto seus cílios tremerem contra o meu queixo. Estou fodido.

Nós nos deitamos em nossas toalhas e passamos nossos telefones para alternar a escolha de músicas. Compro uma casquinha de sorvete, porque ela viu uma criança com uma e começou a babar. Duas bolas. Uma de chocolate e uma de morango. Ela me deixa dar algumas lambidas e quando corro minha língua do cone até o pulso dela, ela ri e empurra o sorvete contra mim. Lambo todo o caminho até o cotovelo dela. Ela é doce e viciante, e estou preso em tudo isso. *Tudo* isso.

Depois de um tempo, a água azul começa a me chamar. Inclino minha cabeça, faço um som e é como se ela pudesse ler meus pensamentos, porque grita e se adianta, mas sou muito mais rápido. Corro como se minha vida dependesse disso. Seria muito decepcionante se eu não conseguisse alcançar minha garota.

Sob um céu azul e cheio de sol, eu a pego no colo e faço um grande show, jogando-a nas ondas. Ela gagueja, espirra, mergulha e ressurge. Se já era linda antes, é inacreditável na água. Eu vou até ela, abaixo minha cabeça para sua pele. Seus ombros estão salgados e cheios de sol. Hoje, o gosto dela é o mesmo do vento.

Mais tarde, quando estamos de volta à areia, nossos corpos estão quentes e secos da água salgada. Entrelaço meus dedos aos dela e penso em contar como me sinto. Eu me viro em sua direção, tomo seu queixo em minhas mãos e a beijo profundamente. É quando eu ouço o grito.

Há uma senhora na beira da praia gritando, e as pessoas estão pulando de suas toalhas e indo até ela. Eu rapidamente descubro que é porque alguma criança mergulhou e não voltou. Em poucos segundos, estou me movendo na água, nadando junto a um monte de outras pessoas, meu coração bombeando furiosamente e meus olhos observando em todas as direções. E é aí que o garoto surge, e ele está acenando e sorrindo, deixando claro que foi tudo uma brincadeira.

— Puta merda — eu digo.

Olho para esse o que está de pé à minha direita e nós dois meio que rimos nervosamente. Quando volto para a Aimee, ainda estou tremendo de adrenalina.

— Ele estava fingindo ser um golfinho — eu digo em uma voz de *você-acredita-nesta-merda*? É quando vejo o rosto dela.

Ela está tão branca que parece transparente, e seus olhos estão arregalados

e vazios. Percebo, em um instante, o que ela está pensando, e eu não aguento. Puxo-a contra o meu peito e seguro sua cabeça com a palma da mão. Digo a ela que tudo ficará bem, mas não tenho certeza se é isso que ela quer ouvir.



— Eu cheguei a dirigir depois que Jillian morreu — diz ela simplesmente.

Olho em sua direção e me pergunto se a ouvi direito. Estamos de volta à minha caminhonete, e essa é a primeira coisa que ela diz desde que saímos da praia. Eu me ajeito no banco, mas não ousa fazer um único som.

Aimee continua olhando pela janela, de modo que tudo o que consigo ver é parte de trás de sua cabeça à luz do dia. Suas pernas estão entrelaçadas no banco do caminhão sob seu corpo.

— As pessoas apenas presumem que eu não dirijo por causa do acidente, e eu entendo isso. Faz sentido, porque ela morreu no meu carro — diz. Então para e recupera o fôlego. — Você sabia que não foi o impacto do acidente que a matou? Todos pensaram assim no começo, mas não foi. Na verdade, foi a água. Foi isso que o legista nos disse depois.

— Aimee...

Ela remexe o corpo, mas a cabeça ainda está curvada contra a porta. Eu penso em encostar a caminhonete para poder olhar para ela e em seus olhos. Isso parece importante.

— Eu não dirijo porque não tenho permissão para dirigir. Minha licença foi suspensa.

Minha cabeça está girando em muitas direções. Mas ela nem estava dirigindo o carro naquela noite. Por que teria a licença suspensa?

Aimee vê os pensamentos saindo de mim e os responde.

— Em junho passado — ela sussurra. — Tomei um monte de pílulas e bati meu carro na lateral da casa dos meus avós.

Ela faz uma pausa, mas eu sei o que virá antes que ela diga em voz alta.

— Eu tentei me matar, Cole.

Aimee

Não tenho certeza do que esperar depois da minha revelação. Curiosidade? Desgosto? Pena? Todas as respostas acima?

Passei a semana me preparando para a reação inevitável junto a muitas perguntas, mas elas nunca chegaram.

Cole é apenas... bem, ele é o mesmo.

E isso é estranho. Lide com isso. É *muito* estranho

— Pamela, você conheceu minhas filhas, não é? Mara e — os olhos da minha mãe se voltam para os meus — Aimee. Eles estão na faculdade agora.

Estamos no pátio do clube de campo comendo um almoço tardio. Papai está terminando uma partida de golfe com o Sr. Frank, que minha mãe descreve como “influyente”.

Eu me inclino para trás, protegendo meus olhos do sol com meu antebraço. Um borrão verde turva a minha visão e suor escorre pela minha testa sobre o meu nariz. Alguns descreveriam a vista do campo como bonita. Eu sinto que estou no inferno.

— É claro que eu me lembro de Mara e Aimee — Pamela diz com um aceno educado, seus olhos demorando em mim por um segundo a mais. Ela é alguns anos mais velha do que minha mãe e é tão magra que eu posso ver os ossos de suas articulações do ombro através de sua camisa de tênis pastel. Estou tentando colocá-la no catálogo de amigos completamente chatos dos meus pais e tenho certeza de que o marido dela é algum tipo de advogado. — Que bom ver vocês duas. O que vocês, meninas, estão estudando na faculdade?

Mara responde primeiro. Ela bate as unhas do lado de fora do copo de chá gelado e sorri como a profissional que é.

— Finanças.

— Assim como o pai dela — mamãe diz, com orgulho. — Ela também é presidente de sua irmandade e acabou de se juntar à equipe de debates competitivos da universidade.

Pamela se vira para mim.

— E você já escolheu uma carreira?

— Ainda estou indecisa — eu digo com um ânimo tão falso quanto posso. — Mas estou me inclinando para a Biblioteconomia.

O sorriso de Pamela vacila.

— Biblioteconomia? E o que é isso, querida?

— Oh, você sabe... — Dou uma garfada na minha salada e faço todos esperarem enquanto mastigo e engulo. — Eu pretendo trabalhar em uma

biblioteca.

Sua testa franze.

— Como uma bibliotecária?

Eu aponto meu garfo na direção de Pamela.

— Exatamente.

— Entendo.

Mamãe parece desconfortável. Ela pigarreia e diz:

— Aimee ainda está em seu primeiro ano, então tem muito tempo para explorar todas as suas opções. Tenho certeza de que ela mudará de ideia mais algumas vezes.

Obrigada pelo voto de apoio. Eu cavo minha salada e mastigo vigorosamente, muito irritada para prestar atenção ao resto da conversa. Eu odeio as vindas ao clube, porque isso sempre termina comigo vagando por um pântano de constrangimento.

Olho para cima e vejo os olhos de Mara em mim. Ela sorri com simpatia antes de voltar para o sanduíche. Depois que Pamela vai embora, minha irmã entra no assunto favorito de nossa mãe: seu calendário social.

Mamãe entrelaça as mãos na frente do peito.

— Vamos ver — diz ela. — Nesta quarta-feira iremos preparar o evento beneficente para aquele abrigo de animais a leste do porto de Regent. É um abrigo que não sacrifica, e eu vou te dizer, isso custa dinheiro. Contas do veterinário, despesas com comida... a manutenção do prédio. É um pesadelo. — Ela faz uma pausa e sinaliza para o garçom, avisando que precisa de um refil para sua bebida. — Ah, e então no sábado à noite nós vamos ao The Roberson para uma festa de gala. Eu acho que tem algo a ver com algum tipo de câncer, ou talvez seja Alzheimer. — Ela acena com a mão e sorri. — Seja o que for, tenho certeza de que será terrível.

Elise Spencer não é nada se não caridosa.

— Mara — ela continua, estreitando os olhos para a minha irmã —, eu realmente pensei que você poderia querer vir no próximo mês porque estamos organizando um pequeno evento em casa para a empresa do seu pai. Seria a oportunidade perfeita para apresentá-la àquele menino Langley sobre o qual eu estava falando. Tenho certeza de que ele estará lá com os pais dele.

— Eu não sei, mãe. E quanto a Aimee? Talvez ela queira... — Mara faz um som e abruptamente deixa seu olhar cair sobre a mesa.

— O que aconteceu? — eu pergunto, confusa.

O rosto da mamãe se endurece. Então ela sacode a cabeça e se agita com

seus talheres.

— Não querendo mudar de assunto, mas, Mara, você não fez um teste importante na semana passada?

— O que há com vocês duas? — eu pergunto e solto um suspiro exasperado. Nenhuma delas me responde, então me viro na cadeira para examinar o pátio e todo o ar é forçado para fora dos meus pulmões.

— Aimee... — O rosto da mamãe está profundamente corado. — Eu juro que não vejo os Kearns aqui há séculos. Nancy me disse que eles desistiram de ser membros. — Ela toca a testa e aperta os olhos com força. — Eu nunca teria pedido a você para vir hoje se existisse a possibilidade de eles estarem aqui.

— Não se preocupe. Eu não vou te envergonhar — sibilo.

Minha mãe se encolhe como se eu tivesse acabado de dar um tapa nela. Ela tosse, limpa a garganta.

— Não foi isso o que eu quis dizer. Como você pode pensar isso? — Ela timidamente se aproxima e afasta meu cabelo do meu ombro. — Lembre-se de respirar fundo. O Dr. Galindo disse que isso ajudaria com um ataque de pânico.

— Eu não estou tendo um ataque de pânico.

Eu olho de volta para onde os pais de Jillian estão conversando com outro casal. O pai dela está usando calças cáqui e uma blusa de botões branca, e está inclinado sobre o corrimão de metal. A sra. Kearns está ao lado dele, em um vestido floral sem decote. Seu cabelo está mais curto, mais grisalho do que eu me lembro, e percebo que ela não parece feliz ou triste. Ela parece cansada.

— Você quer ir embora? — Mara me pergunta gentilmente.

Eu pego meu copo só para ter um segundo para pensar.

— Estou bem. Vamos apenas tentar nos misturar — digo baixinho. — Talvez ela não nos veja.

Como se pudesse me ouvir falando, a Sra. Kearns move a cabeça levemente para a direita e, assim, nossos olhos se encontram. Eu quero ir até ela e abraçá-la ou cair de joelhos, mas ela apenas continua olhando para mim e, com minha cabeça girando descontroladamente, olho para trás.

Esta é a mesma mulher que me fazia panquecas em forma de Mickey Mouse nas manhãs de domingo e que me ajudara a tirar o chiclete do meu cabelo na quarta série. Armada com uma agulha e linha, ela costurou a alça do meu primeiro vestido de baile, que arrebentou logo antes da dança. Esta

também é uma mulher que me barrou do funeral de sua filha, me disse que nunca mais queria ver meu rosto e desejou que fosse eu presa naquele carro.

Minha boca silenciosamente forma as palavras antes de eu perceber o que estou fazendo. *Eu sinto muito.*

De boca seca, dedos brancos apertando minhas coxas, espero sua reação. Um. Dois. Três. Eu respiro fundo e conto novamente. É como se eu estivesse sangrando no pátio do clube e esperando a Sra. Kearns perceber.

Um. Dois. Três. Respiração profunda. Um. Dois. Três. Antes que eu possa respirar novamente, a mãe de Jillian revira os olhos, abraça o próprio corpo e se afasta.



Capítulo 15

Cole

Eu pisco contra a luz do sol para ter certeza de que não estou vendo coisas. Estou esticado no gramado, no centro da pista, com a equipe. Hoje recebemos um convite informal – apenas uma chance para as equipes de divisão mostrarem do que são capazes. Eu com certeza não planejava me esforçar, mas Aimee me surpreende ao aparecer.

— Não é sua namorada? — Quentin pergunta.

— É a Aimee — murmuro.

Ele me dá uma cotovelada logo abaixo das minhas costelas e ri.

Com olhos famintos, eu engulo em seco e a vejo subir as arquibancadas. Ela está usando um short e um top branco liso que se molda ao peito como uma segunda pele. O ar está pesado com a umidade, então ela empilhou todo o cabelo no topo da cabeça em um coque bagunçado e alguns fios caíram, tocando o pescoço. Quando ela me vê, sorri um sorriso largo e cheio de dentes.

Quentin faz um barulho de assobio baixo e balança a cabeça.

— Ela tem um corpo assassino, cara — diz ele, apreciando-a. — Dê a ela o meu número quando finalmente descobrir o idiota que você é.

Não sei se estou chateado porque ele está olhando para ela ou porque não posso chamá-la de namorada, já que é um rótulo que ainda precisa ser aprovado.

— Aimee não é minha namorada. E pare de olhar para ela. É grosseiro.

— Não é sua namorada? — Quentin inclina a cabeça para o lado. — Mas ela é sua garota, certo?

Levo a mão à parte de trás do meu pescoço e franzo a testa para ele.

— Sim.

— Então relaxe, cara. — Ele coloca o braço em volta dos meus ombros.

— O resto é apenas semântica.

Talvez ele esteja certo. Eu quero acreditar nisso.

Eu estou no terceiro heat. Esticando minhas pernas e girando meus tornozelos, eu me acomodo no início. Posso sentir os olhos de Aimee em mim, e meu coração bate mais forte do que nunca. Quando o sinal agudo soa, eu impulsiono e juro que é como se brotassem asas nos meus pés.

Ao cruzar a linha de chegada, com meu corpo completamente ereto, eu sei, sem ver os dígitos do relógio, que além de ter trucidado facilmente o resto do time, também corri no meu melhor tempo. Então tudo vira um caos. Os caras vêm para cima de mim de uma vez, gritando e me dando tapinhas nas costas, berrando em meus ouvidos. Empurrando-os para trás, levanto os olhos para as arquibancadas e a encontro. Ela está pulando para cima e para baixo e batendo palmas como todos os outros, então, esse sentimento incrível e louco me invade, obrigando-me a me controlar para não pular a barreira das arquibancadas e ir até ela.

Muito mais tarde, depois de ganhar nas finais e comemorar com uma pizza grande e uma garrafa de champanhe quente que roubei de Adam, observo-a enquanto ela dorme. Está aninhada entre meus braços e o travesseiro, com a luz suave da TV tocando suas feições. Usando um dedo, traço a linha irregular de sua cicatriz. Beijo cada uma de suas pálpebras. Seus cílios fuliginosos vibram, e ela murmura algo, mas não acorda. Eu sorrio e a beijo novamente, apenas desejando sua pele e tudo o que envolve este momento.

Eu gostaria que ela pudesse ficar assim – pacífica, sem vestígios do medo ou tristeza que a envolvem durante o dia. Odiei o que ela me disse na semana passada sobre as pílulas e a porra do carro. Continuo pensando em sua voz e quão pequena ela parecera, encolhida no banco da minha caminhonete.

Suicídio. É uma porra aterrorizante. Não consigo me acostumar com o fato de que essa garota linda e brilhante já pensou em acabar com a própria vida.

— Ei, você — ela murmura, piscando para abrir os olhos. Ela levanta o

braço e passa o dedo do alto da minha testa até o centro do meu rosto. — O que está pensando? Você parece triste.

Eu aperto seu pulso. Estou triste, mas não quero dizer isso a ela.

— Você não teve mais ninguém depois que Jillian morreu? — eu pergunto.

Suas pálpebras se fecham, e ela fica quieta por tanto tempo que começo a pensar que voltou a dormir. Então, engole em seco, e eu sei que ainda está acordada.

— Não — ela diz, finalmente. — Não precisei de mais ninguém até que Jillian morreu.

Eu estou quieto, pensando. O braço de Aimee relaxa no meu peito, e ela coloca a perna dela sobre a minha. Quando a respiração dela se estabiliza, e eu sei que ela voltou a dormir, puxo seu corpo para mais perto e inspiro o cheiro de seu cabelo.

Minha voz é quase inaudível no quarto escuro quando eu digo:

— Agora você me tem.

Aimee

insegurança [in-se-gu-ran-ça]

substantivo, plural in-se-gu-ran-ças

1. falta de confiança; dúvidas

2. o estado de ser inseguro

— É Aimee, certo?

Eu tiro um fone de ouvido, olho para cima e vejo as unhas roxas e brilhantes batendo na barreira que cerca o meu camarote de estudo.

— Sou Kate Dutton — diz a garota. Eu a reconheço desde o primeiro dia em que conheci o Cole. Quando pensei que ela fosse namorada dele.

Kate se joga no assento ao lado do meu e se inclina para trás. Seu cabelo loiro claro está enrolado em um nó solto abaixo da orelha esquerda. Ela está vestindo um short e uma blusa verde-limão. Seus brincos são minúsculos e

dourados.

— Alpha Chi, para o caso de você estar curiosa — diz ela. — Eu conheço sua irmã de uns dois eventos. Ah, e obviamente eu conheço o Cole.

Eu não digo olá, nem conto que já sei o nome dela. Não pergunto o que ela quer. Apenas fico sentada lá, com um fone de ouvido branco balançando e uma expressão vazia no meu rosto.

— Você é muito bonita — ela diz, me surpreendendo.

Kate Dutton é honestamente uma das garotas mais lindas que eu já vi. Odeio isso, mas ela é melhor de perto do que de longe. Tem dentes retos e uma pele dourada perfeita, do tipo que você vê em modelos em revistas pós-photoshop. Sentada ao lado dela me faz me sentir sem brilho e cheia de defeitos.

Ela inclina a cabeça para trás.

— Não que eu esteja surpresa com essa parte. Já era de se esperar.

Sobre o quê ela está falando? O que já era de se esperar?

Quando eu fico quieta, Kate dá de ombros e faz uma cara engraçada para mim.

— Eu acabei de te ver aqui e imaginei que deveria vir me apresentar. Considerando as coisas.

Eu engulo em seco.

— Considerando o quê?

Ela sorri descaradamente para mim.

— Considerando que em breve você será como eu e todas as outras garotas bonitas, mas descartáveis. Trocada por uma carne nova por Cole Everly.

Cole

— Espere um segundo! — A mão de Aimee se adianta em direção à mesinha de cabeceira. — O que é esse toque no seu celular?

— Não é nada — eu digo, irritado que ela tenha me pegado no flagra. Subo em cima dela e pego o telefone de sua mão.

Aimee começa a rir e a me cutucar no estômago, logo abaixo do meu

umbigo.

— Hum, esse toque não é nada! — ela canta, contorcendo o nariz. — Cole, isso é Rihanna?

Eu silencio meu telefone e coloco minha cabeça de volta no travesseiro da cama.

— Para sua informação, Rihanna é a cantora favorita da minha irmãzinha.

— Espera, era Sophie ligando para você?

Assinto cautelosamente.

Ela cruza os braços contra o peito.

— Bem, qual é o problema? Por que você não atendeu ao telefone e falou com ela?

— Porque eu sei que ela vai querer abrir o FaceTime, e eu estou... — Olho em volta do quarto dela e prendo meus olhos em seus seios nus e macios, sorrindo. — Estou aqui no seu quarto, e você está nua. Esta não é exatamente a mensagem que quero enviar para uma garota de treze anos.

— O quê? Você está tentando me chamar de vadia? — Aimee pergunta, empurrando-se para fora da cama. Leva um segundo para encontrar sua blusa no chão.

Ergo as mãos sobre a cabeça, mostrando que sou inocente.

— Eu nunca te chamaria de vadia. Na verdade — eu digo com uma risada curta —, se é isso é o que você chama de vadiagem, posso aceitar em qualquer dia da semana. Só não queria que minha irmãzinha interrompesse nada.

Ela desliza a camisa amassada por sobre a cabeça e aponta para mim.

— Esqueça, Everly. Ligue para sua irmã de volta.

— Agora? — eu pergunto, meio que curtindo esse lado mandão dela.

Aimee está vasculhando a gaveta da mesa de cabeceira, procurando por alguma coisa. Ela olha por cima do ombro e sorri maliciosamente.

— Sim, agora!

— Mas Sophie pode esperar. Nós poderíamos voltar ao que estávamos fazendo antes — eu digo com uma piscadela sugestiva.

— Sem mas, Cole — diz ela. Ela encontra um elástico na gaveta e começa a prender seu cabelo escuro em um coque. Eu adoro vê-la fazendo coisas mundanas como esta.

Quando ela termina, coloca as mãos nos quadris e diz:

— Estou apresentável agora e quero ver como ela é.

— Você já viu fotos — lembro.

— Eu quero vê-la com você. — Sua voz soa vulnerável e instantaneamente me desequilibra. O colchão afunda quando ela se junta a mim na cama e dobra as pernas sob o traseiro.

— Sério? — pergunto, deslizando meu dedo pela inclinação de seu nariz.

— Sim, então coloque uma camisa também — diz ela. — Não queremos que sua irmã tenha uma ideia errada sobre nós.

Sentindo-me um pouco pressionado, eu rio do fundo do meu peito.

— Ok, chefinha.

Aimee se ergue um pouco mais ereta e espera. O telefone toca duas vezes antes de Sophie responder. Posso dizer imediatamente que ela está no quintal da nossa casa. Seu longo cabelo loiro está salpicado de sol e o ridículo cachorro chia e baba em cima dela.

Eu me foco diretamente nisso.

— Sophie, eu peguei esse cachorro para fazer companhia a você, não transformá-la em uma bola de baba.

— Awww, seja legal — diz Sophie. — Você sabe que Babs não pode evitar. Ela está animada para falar com você. Eu disse a ela que ia te ligar, e ela correu para cá o mais rápido que suas pernas pequenas conseguiram.

— Eu deveria ter te dado um labrador ou algum tipo de cachorro de verdade. Isso aí parece que só tem metade da cara.

— Hey! — Sophie grita. — Ela é uma pug e é assim que eles se parecem!

— Como um palhaço?

Os olhos de Sophie se concentram na câmera e quase posso ouvir o grito antes mesmo de este começar.

— Quem é essa com você? É a *Aimee*?

Aimee olha para mim com olhos surpresos. Será que ela achava que eu a estava mantendo em segredo ou algo assim?

— Sim — eu confirmo, virando o telefone para que minha irmã possa ter uma visão melhor. — Sophie, esta é Aimee. Aimee, esta é a minha irmãzinha malcriada, Sophie.

Sophie é toda sorrisos.

— *Aimeudeus!* É tão bom conhecer ou, finalmente, falar com você! Eu pensei que você poderia ser uma mentira ou um produto da imaginação dele, porque Cole *nunca* teve uma namorada, mas aí está você. Você é real e linda demais.

Aimee fica cor-de-rosa. Eu me pergunto o que ela pensa da parte do "namorada". Ela tira o telefone da minha mão para que possa ver melhor a

minha irmã.

— Não tão bonita quanto você. E sua cachorrinha é adorável. Não ouça o que seu irmão diz sobre ela. Eu sempre amei pugs e quando tinha a sua idade, implorei aos meus pais por um cachorro, mas minha irmã é alérgica. Eu achava que deveríamos ter pegado um cachorro mesmo assim e nos livrar dela.

Sophie ri, e elas conversam mais sobre o cachorro. Então minha irmã muda a direção da conversa.

— Então, Aimee, meu irmão me contou muito sobre você.

As sobrancelhas de Aimee se erguem para o topo de sua cabeça. Seu olhar desliza para mim.

— Ele contou? Apenas coisas boas, espero.

Sophie ri.

— Claro que sim. Na verdade, *melhores* do que boas. Nas últimas semanas, toda vez que seu nome surge na conversa, ele começa a falar sem parar como...

— Já chega! — eu me intrometo. Por mim tudo bem que Aimee saiba que eu a mencionei à minha irmãzinha. Ela só não precisa de detalhes. Tomando o telefone de volta, eu me inclino para o lado. — Como ele está?

Sophie sabe que estou me referindo ao nosso pai. Ela dá de ombros e diz:

— Eu acho que ele está bem. Jantamos juntos na terça à noite. Eu fiz tacos.

— Isso é um progresso pelo menos. E quanto a tudo mais? Você teve notícias dela? — Eu me pergunto se Aimee entende que estou perguntando à minha irmãzinha sobre a nossa mãe.

Minha irmã abaixa a cabeça, protegendo os olhos.

— Ela ligou aqui para casa na semana passada e deixou uma mensagem.

— Ela tentou me ligar há algumas semanas também.

Sophie olha diretamente para a câmera.

— Você falou com ela?

Eu franzo a testa.

— Não, claro que não.

Sophie é rápida em responder.

— Nem eu.

— Sophie — eu digo, tirando o cabelo do meu rosto. — Você sabe que se você quiser falar com ela, você pode.

A boca da minha irmãzinha está em uma linha reta. Ela engole em seco e

diz:

— Se você não falar com ela, então eu também não vou.

Esta conversa está ficando um pouco intensa, considerando o fato de que Aimee está bem ao meu lado. Posso lidar com isso mais tarde.

— Ok — eu digo. — Então, eu quero saber sobre a escola.

Sophie encolhe os ombros.

— Tudo normal. Aaron Miller vai vir daqui a pouco para que possamos terminar um projeto para o nosso laboratório de ciências.

— O garoto Miller, hein? Ele ainda está te dando trabalho?

Eu faço questão de estar ciente de toda a vida social da minha irmãzinha. Ela não tem mãe por perto, e nosso pai não liga muito. Estou mais do que a meio país de distância, mas o mínimo que posso fazer é desempenhar o papel de irmão mais velho quando posso.

— Bem... — Sophie para e olha para o céu. Ela tem cabelos loiros lisos e um nariz estreito como eu, mas é aí que as semelhanças terminam. Sophie herdou os olhos castanhos escuros da nossa mãe e a pele morena, assim como sua pequena constituição.

— Mais ou menos — diz ela, finalmente.

Algo em seu tom me faz sentar na cama e aproximar o telefone do meu rosto.

— O que você quer dizer?

Sophie está brincando com as pontas de seu cabelo.

— Lembra que eu te disse que ele estava sendo completamente desagradável comigo na escola?

— Uh-huh.

— Nós, hum, fomos sorteados para este projeto de grupo, e ontem ele pediu desculpas por agir como um idiota e... Bem, não importa.

— E ele o que, Soph? — pergunto por entre dentes.

Sophie solta um grande suspiro que afasta a franja do rosto dela.

— Ele me deu uma flor e me pediu para ser sua acompanhante no baile da escola na próxima semana.

— Oh — eu digo, minhas entranhas retorcendo. — O que você disse para ele?

Sophie enrugou a testa.

— Eu disse sim. E não comece com a porcaria do tipo “você é muito jovem”, porque eu não quero ouvir isso, Cole. Nem uma única palavra.

Isso é exatamente o que eu quero dizer, mas não vou fazer isso agora.

Afasto minhas costas que estavam pressionadas na cabeceira de Aimee e pigarreio.

— Eu não ia dizer isso.

— Claro, claro — diz Sophie, com um sorriso cheio de entrelinhas. — Ei, eu realmente tenho que ir me preparar para me encontrar com o Aaron, então ligo para você amanhã. Pode ser?

— Acho que sim.

Aimee se inclina, o queixo pressionando meu braço.

— Foi um prazer conhecer você, Sophie. Mal posso esperar para saber o que você vai usar no baile.

O sorriso de Sophie é tão grande que ocupa toda a tela.

— Prazer em te conhecer também, Aimee. Acho que vou fazer compras com minha amiga Kylie no final desta semana.

— Compre algo com gola alta! Calças largas e grossas de lã — imploro à minha irmã.

— Até parece — diz Sophie e revira os olhos. — Eu te amo, irmãozão. Fique bem.

Ela sopra um beijo na tela.

Eu finjo pegar o beijo.

— Te amo, irmãzinha. Juízo.

Nós desligamos e, um momento depois, Aimee diz:

— O olhar protetor de irmão mais velho cai bem em você.

Eu me viro para ela e rio.

— Verdade?

Ela assente e rasteja para cima de mim – pernas longas entrelaçadas em minha cintura, braços em cada lado da minha cabeça como uma gaiola. O cabelo dela cai gentilmente, provocando meu peito. Ela ergue uma mão e desliza com carinho o polegar sobre o meu nariz e até os meus lábios.

— Como você conseguiu isso?

— Como eu consegui o quê?

Ela toca a protuberância do meu nariz com a boca.

Espalhei minhas mãos por sob sua camisa, tocando as pequenas covinhas acima de sua bunda.

— Eu quebrei na quarta série.

— Eu percebi que você quebrou, mas como?

— Um pássaro.

Ela parece cética.

— Um pássaro atacou você?

— Não exatamente — eu digo e dou um suspiro de desgosto. — Um pássaro cagou no meu olho.

Ela meio que ri.

— Eca... o quê? É mesmo possível?

— Pelo visto, sim.

— Eu não acredito em você — diz ela.

— Por que eu mentiria sobre isso?

Ela ri.

— Eu não tenho ideia, mas isso é loucura.

Eu suspiro novamente.

— Nós estávamos jogando kickball, e eu apenas olhei para cima no momento exato em que o filho da puta devia estar no alto. A porcaria caiu diretamente no meu globo ocular.

Aimee cobre o rosto com as mãos.

— Oh, meu Deus!

— Oh, meu Deus mesmo. Isso me assustou tanto que eu tropecei e caí em um banco, de cara, e quebrei meu nariz. Acho que foi uma chance em um milhão.

Aimee começa a rir silenciosamente. Seus ombros estão tremendo, lágrimas estão se formando em seus olhos e ela leva as mãos às costelas. Ergo as sobrancelhas e faço um som de desaprovação, mas estou sorrindo.

— Então você acha isso engraçado?

— Sim!

— Foi horrível, merda quente e molhada de pássaro bem no meu olho — eu digo a ela. — Sem mencionar que meu nariz doeu como uma cadela e fui zoadado pelo resto do ano.

Ela suga o ar em seus pulmões e enxuga os olhos.

— E-eu sinto muito, mas isso é demais!

— Foi terrível.

Ela se controla e toca meu rosto.

— Eu sinto muito por ter rido, mas...

— Mas o quê? — Corro meu dedo ao longo do decote de sua camisa, puxando-a para baixo para que eu possa beijar a cavidade de seu pescoço.

Aimee arfa e uma onda de calor repentino me envolve.

— Você apenas continua me surpreendendo.

Eu agarro as costas de seus joelhos e corro minhas mãos até as coxas

lisas. Ela estremece e fecha os olhos, deixando nossos corpos mais próximos enquanto meus dedos continuam sua jornada em direção à sua carne tenra.

— Eu poderia dizer o mesmo para você. — Puta merda. Minha voz está tensa, carente.

Ela abre os lábios e faz um som baixo. Eu me inclino para que eu possa beijar sua boca. Eu não posso parar de beijá-la.

— Sabe que, na real, você não é nada parecido com o bastardo arrogante que eu conheci — murmura Aimee contra meus lábios enquanto ela rebola seus quadris em minha virilha.

Giro nossos corpos para ficar acima dela, prendendo-a com o meu peso.

— Eu ainda sou um bastardo arrogante — digo. — Você trouxe o melhor de mim à tona.

— Hummm... — Ela corre os dedos pelo meu cabelo. A sensação é incrível.

— Ei, eu tenho que pegar uma coisa — digo a ela. — Volto já.

Aimee afasta a cabeça do travesseiro e olha para mim como se eu tivesse enlouquecido.

— O quê? Aonde você vai?

Antes que ela possa se levantar, beijeí meu pescoço e puxo sua calcinha por suas pernas nuas.

— Oh — ela diz em uma voz muito suave. Sua reação é tão sexy.

Eu rio e abro minha mão esquerda no interior de sua coxa.

— Oh!

Cada toque, cada sussurro me leva mais fundo dentro de sua carne e quando eu encontro o lugar certo, ela agarra meu cabelo com as mãos trêmulas e pragueja por sob sua respiração, me fazendo rir de novo.

Eu amo isto. Os sons que ela faz quando está tentando respirar. Seu cheiro. A forma como move seus quadris para me encontrar.



Capítulo 16

Aimee

Acada dois dias tenho que me lembrar de que estou bem. E não é o bem de fingimento. É o tipo que você sente de dentro para fora. É o tipo de coisa que me faz pensar em roupas e café logo de manhã, e dever de casa que serão entregues no final desta semana, e que preciso ligar para Jodi de volta, e como é o abdômen de Cole quando ele o flexiona. É o tipo de coisa que torna a vida um zilhão de vezes mais suportável e também me faz esperar que as coisas realmente melhorem.

Deito-me na cama olhando para o ventilador que circula lentamente e para a rachadura fina no teto que vai do centro da sala até a porta. Ele me deixou mais de uma hora atrás para fazer um treino matinal, mas eu ainda consigo sentir o cheiro dele nos meus lençóis e é incrível. Giro o corpo, enterro meu rosto no travesseiro e só... respiro. Estou repleta desse sentimento incrível. É como o riso preso no meu peito.

— Ugh. Você é patética. Sabe disso, não sabe?

Expirando, viro a cabeça, empurro o cabelo do rosto e vejo minha irmã encostada na porta. Ela está segurando um frasco de removedor de esmalte e algumas bolas de algodão em suas mãos.

— Do que você está falando?

Mara revira os olhos.

— Não tente esconder, Aimee — diz ela. — Eu vi você cheirando esse

travesseiro como uma tola apaixonada.

— Eu não sou...

— Tola? Apaixonada? — Mara termina para mim. Ela está sorrindo agora, mas também parece um pouco preocupada. — Você é uma idiota patética e apaixonada. De verdade. É o pior caso que já vi, mas acho que está tudo bem.

— Me esclareça. Como está tudo bem se eu sou patética?

— Porque ... — Ela balança a cabeça um milímetro. — Eu acho que ele pode ser tão patético quanto você.



Eu equilibro o pincel na borda da lata de tinta e estico meus dedos. Eles são revestidos em tinta látex roxa. Quando esfrego minha pele, a tinta seca se transforma em bolinhas e se espalha no pano como confete.

— Eca! — eu exclamo. — Meus dedos estão tão duros que acho que eles podem cair.

Jodi se vira para mim, um sorriso lento se espalhando até que todo o seu rosto está iluminado. Ela tem tinta roxa salpicada em seus cabelos, e sua blusa e calça jeans estão arruinados.

— Eu já disse obrigada?

— Apenas cerca de quinze vezes na última hora — digo a ela.

Ergo meus ombros e pego o pincel. Eu estou nos detalhes de acabamento, o que significa que estou contornando as bordas do quarto de Jodi com um pincel fino e angulado. Jodi e Kyle estão logo atrás com dois rolos cheios da mesma tinta roxa.

De alguma forma eu deixei Jodi me convencer a pintar seu apartamento. Na verdade, isso é mentira. Eu sei exatamente como acabei aqui. Foi autopreservação.

Cole partiu nesse fim de semana. Ele está em algum tipo de clínica que irá torná-lo mais rápido, melhor e mais forte. Eu sabia que se eu não fizesse alguma atividade seria sugada para o sofá para uma maratona de Game of Thrones, e não me levantaria por dois dias. Na sexta-feira à tarde eu quase pude ouvir a voz estridente da minha mãe na minha cabeça: *Isso não é saudável, Aimee!*

Jodi mencionou, por mensagem de texto, que estava enlouquecendo ao

olhar para as paredes coloridas entediantes, então, uma luz piscou na minha cabeça.

Nós começamos na cozinha com uma demão de um tom de tangerina. Depois que terminamos, pintamos a parede atrás do sofá de verde-abacate. Depois demos algumas levadas de verniz – porque ela insiste que tudo soa melhor em verniz –, partimos para o quarto. A coloração que Jodi escolheu para este cômodo está perto de um tom de berinjela madura. Basicamente, parece que uma banca de feira explodiu em seu apartamento. Jodi adora. E embora eu tenha minhas dúvidas, ela jura que seu senhorio também vai adorar.

Quando terminamos o quarto, nós três nos afastamos para admirar nosso trabalho. Eu estounojenta – suada, salpicada de tinta, meio alta pelo cheiro ao redor –, mas pelo menos me sinto realizada.

Jodi bate palmas e pula nas pontas dos pés. Ela exhibe puro entusiasmo.

— O que vocês acham? — ela nos pergunta.

— É diferente — eu digo e então me preocupo que meu comentário não seja positivo o suficiente. — É muito divertido. Será como viver dentro de uma pintura de Frida Khalo.

Jodi sorri para mim.

— Esse é o melhor elogio que alguém já me deu.

Kyle coloca o rolo de tinta na bandeja e esfrega as palmas das mãos no jeans.

— Ela está certa, baby. É divertido e vibrante.

— É claro que é vibrante — diz Jodi. Ela fica na ponta dos pés, beija o queixo dele e coloca os dedos em seu cotovelo. — Não se preocupe. Mesmo se não parecer perfeito agora, logo você vai perceber.

Kyle sorri e diz:

— Não preciso perceber. Eu gosto, baby. Eu amo... cores.

Eu posso dizer, pelo jeito como ele toca as mechas azuis do cabelo dela, que está se referindo a algo além da cor da tinta nas paredes e de repente eu sinto que estou sobrando.

— Ei! Vou mandar uma mensagem para Mara e pedir que ela venha me buscar.

— De jeito nenhum — diz Kyle, estalando os dedos. — Depois de você desperdiçar seu fim de semana pintando este lugar, vou te dar uma carona.

Eu tento argumentar, mas é inútil. Jodi nos leva até a porta, onde ela me abraça com força e diz:

— Aimee, você vai ter que pensar em uma maneira de eu te compensar.
— Ela aponta um polegar na direção de Kyle. — Ele eu posso recompensar com favores sexuais mais tarde, mas não acho que isso funcionará com você.

Kyle sacode a cabeça.

— Jodi!

Para alguém que trabalha em uma loja de tatuagens e exala modernidade, Kyle é surpreendentemente reservado sobre esse tipo de coisa. Na semana passada, ele ouviu Jodi me contando os detalhes de suas aventuras sexuais e pareceu prestes a desmaiar. Seu rosto estava mais vermelho que um tomate.

O semblante de Jodi demonstra confusão.

— O quê? É a verdade.

Kyle geme e bate na testa.

— Isso é pessoal. Você não deveria contar às pessoas sobre nossa vida sexual.

Implacável, Jodi encolhe os ombros.

— Kyle, do que você está falando? Aimee não é uma “pessoa”, ela é minha melhor amiga. Segredos não fazem parte da equação.

Duas palavras.

Melhor amiga.

Nos primeiros dias da minha terapia, o Dr. Galindo sempre perguntava: *como isso faz você se sentir?*

No momento em que penso na resposta para essa pergunta, sinto-me corada. Porque eu me sinto bem. Eu me sinto melhor do que bem... estou pirando, *feliz*. E eu não deveria estar feliz, certo? Não deveria estar tendo pensamentos felizes e pintando apartamentos com música, me apaixonando por um cara e fazendo novos amigos. Não quando Jilly está se decompondo sozinha debaixo da terra.

Cole

A transição do eu para nós não é uma decisão consciente. Desliza do nada como uma tempestade que surge no meio de uma tarde agradável. Em um minuto você está pensando: *“o filme que eu quero ver está saindo na sexta-*

feira". E no seguinte você está dizendo a si mesmo: "*deveríamos pedir pizza hoje à noite*", ou eu me pergunto o que faremos no Dia da Bandeira daqui a dois anos.

Talvez você chegue a um ponto em que está tão investido e envolvido em outra pessoa que seu cérebro realmente não tem outra opção além de considerá-la em tudo.

Para mim, a realização aconteceu em um daqueles dias dignos de cartão postal na Flórida, que fazem você querer recuar, fechar os olhos e sentir o ar puro tocar sua língua. Há um céu azul que se estende por quilômetros acima de um fino telhado de palmeiras. Tudo é perfeito. Dando uma de Cachinhos Dourados: Não está muito quente. Não está muito frio. Está perfeito.

Aimee e eu temos um intervalo entre as nossas aulas, e ela quer usar esse tempo para realizar uma tarefa de leitura. Eu quero usar o tempo para ficar com ela.

Nós dois estivemos ocupados na semana passada. Suas aulas estão ficando mais difíceis, e eu tive que passar dias em uma clínica fora da cidade no fim de semana passado, então parece que mal tivemos tempo juntos. Nós não temos aulas nesta sexta-feira, e eu pretendo surpreendê-la com outra ida à praia. Quero apagar as memórias ruins da cabeça dela e criar novas. Talvez eu pegue um cobertor para passarmos a noite deitados na traseira da caminhonete, olhando para as estrelas.

Sorrindo para mim mesmo, deixo meus olhos caírem. Agora sua cabeça está descansando no meu colo, e eu tenho meus dedos entrelaçados nos fios escuros de seu cabelo.

Meu telefone vibra, e eu reluto em olhar. É uma mensagem do Nate me perguntando se estou confirmado para o poker na quinta à noite.

Sem pensar muito a respeito, eu pergunto:

— Ei. O que vamos fazer nesta quinta-feira?

Aimee quebra sua concentração para olhar para mim.

— Sem planos. Por quê?

— Acho que vou jogar poker com os rapazes.

— Hmm. — Ela já voltou a ler. Vejo o dedo dela traçando um caminho vertical pela página.

O que vamos fazer na quinta?

O pensamento foi tão natural para mim quanto respirar. Por um breve instante, eu reluto, imaginando se foi assim que as coisas aconteceram com meu pai e com o resto dos bêbados que tiveram seus corações arrancados de

seus peitos e devorados por uma mulher.

É isso que está acontecendo comigo?

Minha cabeça para de girar quando Aimee volta sua atenção para mim.

— Você está me deixando nervosa — diz ela, tocando levemente meu queixo.

Eu sorrio lentamente, hipnotizado pelo azul de seus olhos através da teia de cílios escuros. *Eu não sou meu pai.*

— Por que estou te deixando nervosa?

Sua boca se contorce.

— Você está olhando para mim. É estranho.

Eu toco a pequena sarda em sua bochecha e me inclino mais perto.

— Eu não posso evitar que você seja tão linda de se olhar.

— Cuidado com a sua língua. — Ela ri, vira a cabeça para o lado e pressiona os lábios contra o interior da minha coxa. A ação é tão íntima que um choque de consciência atravessa minhas omoplatas. Eu passo meu polegar pela forma irregular de sua cicatriz.

— Você vai me dizer algo a respeito?

Aimee sabe o que estou perguntando. Ela coloca o livro virado para baixo, sobre seu abdômen, e olha para cima. Seu lábio inferior está preso entre seus dentes.

— Qualquer coisa que eu disser será triste e deprimente. Você não quer isso em sua cabeça, Cole.

— Como você sabe o que eu quero ter na minha cabeça? Eu quero *você* na minha cabeça — eu digo, e minha respiração presa fica no meu peito. Essa conversa de repente parece muito séria para o dia ensolarado e o céu azul que brilha sobre nós. — Essa cicatriz e a história por trás dela fazem parte de você.

Aimee se senta e se vira de costas para mim para que eu não possa ver seu rosto. Ela dobra o braço direito sobre o peito de forma protetora. Sua mão esquerda segura o livro contra seu corpo.

— Não é uma parte de mim que importe.

— É importante — eu digo decididamente. Minha mão segura seu ombro e eu a puxo para perto de modo que sua cabeça caia no centro do meu peito, bem ao lado do meu coração.



Eu pensei em tudo. Trouxe um cooler nas costas, um cobertor grande que roubei do armário de Daniel e uma garrafa de vinho decente. Até trouxe um conjunto de Scrabble que peguei emprestado com Nate porque lembrei que ela disse que gostava de jogar. A melhor parte é que Aimee acha que eu terei uma sessão de treinos de dia inteiro, então ela não está me esperando. contei a ideia para Mara no início desta semana, e ela disse que se certificaria de que Aimee estaria em casa e não faria nada esta tarde.

Eu bato na porta. Sei que o sorriso no meu rosto é tão grande que é ridículo, mas não dou a mínima. Estou ansioso demais para me controlar. Mais cedo, Aimee me disse que seus planos para o dia eram entediantes, talvez uma pizza para o almoço, e mais um pouco de tédio apenas para completar as coisas.

Assim que minha mão se prepara para bater de novo, uma mulher de meia-idade atende à porta. Ela flagra meu sorriso louco, e desce os olhos pelo meu short preto, meus chinelos gastos e faz uma careta.

— Eu posso te ajudar em alguma coisa?

Nós não nos conhecemos, mas sei imediatamente que esta é a mãe de Aimee, a julgar pela camisa perfeitamente passada que ela usa e as pérolas ao redor do pescoço. E elas são tão parecidas que é um pouco desconcertante. Eu dou um passo para trás.

— Hum, eu sou Cole.

Fica claro que meu nome não significa nada para ela, e isso quase me tira o ar. Eu sei que Aimee tem problemas e não é como se eu esperasse que ela tatuasse meu nome na porra da pele ou algo assim, mas pelo menos achei que tinha sido mencionado aos pais dela. Pelo amor de Deus, a mãe dela liga para ela pelo menos uma vez por dia.

— Cole, você disse? — Ela sorri calorosamente e estende a mão. — Eu sou Elise Spencer. Existe algo que eu possa fazer por você? Está aqui para ver Mara? Porque temo que estamos prestes a levar as garotas para um almoço tardio.

Balanço minha cabeça.

— Eu... eu sou...

— Ah, bom. — Mara aparece na porta e agarra meu braço. — Você está aqui. Não tinha certeza se chegaria a tempo.

Estou confuso, mas deixo Mara me puxar pela porta da frente. Aimee está na sala de estar, ao lado de um homem que deve ser seu pai. Ela está usando o mesmo vestido azul claro que usou em nosso primeiro encontro oficial e

não posso deixar de pensar naquele beijo que compartilhamos fora do restaurante. Quando ela me vê, franze o nariz e estreita os olhos, como se não tivesse certeza se eu estava realmente parado ali.

— Este é Cole — Mara anuncia para todos.

O pai de Aimee se aproxima e me lança um longo olhar antes de apertar minha mão.

— Carl Spencer.

— Cole Everly. — Analiso seu tom e lanço um olhar para Aimee, para investigar. Ela está torcendo o cabelo em volta do dedo e olhando para os sapatos.

Atrás de mim, a sra. Spencer pigarreia. Agora que vejo mais de perto, percebo que o cabelo dessa mulher está marcado por reflexos de âmbar e seus olhos não são tão azuis quanto os de Aimee. Sua mão direita está na base da garganta, onde o colar bate em sua pele.

— Cole, você gostaria de se juntar a nós para o almoço? É sempre bom para o Sr. Spencer e para mim conhecer os amigos de Mara.

— Mãe — diz Mara com uma onda de impaciência. — Cole não está comigo. Ele é namorado de Aimee, e eu queria que vocês dois o conhecessem.

Aimee

Se olhares pudessem matar, minha irmã teria sido baleada vinte minutos atrás. Ela e eu estamos travando uma de nossas competições de irmãs de encarar uma a outra desde que nos sentamos no restaurante meia hora antes.

Eu tenho que dar uma salva de palmas aos meus pais. Apesar da frieza entre Mara e eu e do fato de Cole estar usando roupa de banho em um restaurante que emprega um sommelier, eles estão tentando. Meu pai fez todas as perguntas exploratórias padrão dos pais, e mamãe concordou entusiasticamente com tudo o que Cole disse. Sua cabeça está balançando tão rápido que se eu não estivesse tão irritada, provavelmente riria.

— Cole, parece que Aimee não me conta muita coisa e não posso deixar de ficar curiosa. Há quanto tempo você e minha filha estão namorando? —

minha mãe pergunta, casualmente redobrando o guardanapo em seu colo.

Minha filha.

Os olhos de Cole se movem para os meus. Até agora ele não me deu muita indicação de como se sente sobre tudo isso. Ele tosse, coloca a mão no cabelo e a desliza pela lateral do rosto. Ele não se barbeou esta manhã e há um pouco de pelos loiro claro ao longo do seu queixo quadrado.

— Desde agosto — diz ele.

Setembro seria mais preciso, mas eu acho que ele não quer entrar em uma discussão sobre isso agora.

— Agosto? — a dor em sua voz me bate diretamente no peito. — Já faz um bom tempo. — Ela suspira e olha para mim. — Eu gostaria que você tivesse conversado comigo.

Eu aperto meus olhos e respiro fundo.

— Mãe... — Este deve ser o almoço mais estranho na história.

— Aimee? Mara?

Retiro o que disse. Ficou muito mais estranho.

Viro-me e vejo Brian St. John parado atrás da minha cadeira, onde o corredor se abre para a sala de jantar principal do restaurante. Seu cabelo negro está mais comprido do que da última vez em que o vi e se enrola nas bordas das orelhas. Ele está com uma camisa de botões azul suave e calças cinza escuras. Estou tão surpresa, e ele parece tão bonito que preciso de um momento para registrar que há uma garota ao lado dele.

— Brian! — papai exclama. — É bom ver você, filho.

Filho. Meu Deus. Meus pais estão se levantando para apertar a mão de Brian. Com grandes sorrisos em seus rostos, eles começam com as perguntas. Sim, ele está na faculdade. Sim, seus pais estão bem. Sim, o pai dele ainda joga golfe no clube duas vezes por semana. Não, ele mal acreditar que estou de volta e que não liguei para ele. Brian olha para mim, então. Quero dizer, realmente me olha com seus grandes olhos castanhos e é óbvio que está desanimado e esperançoso ao mesmo tempo.

— Perdoe meus modos. Eu sou Elise Spencer — minha mãe diz educadamente, seus olhos treinados na garota ao lado de Brian.

Brian vacila.

— Oh, desculpe. Sara, deixe-me apresentar os Spencers. Carl, Elise, Aimee e Mara. Ele acena para cada um de nós. — Esta é minha amiga, Sara.

Os olhos de Sara se voltam para o rosto de Brian, e eu tenho a impressão de que ela não gosta do jeito como ele apenas jogou a palavra *amiga*, mas ela

se recupera rapidamente e aperta as mãos de todos. Ela é alta – mais alta do que eu, com cabelos castanhos curtos e olhos castanhos cálidos.

— Então ... — Brian olha para Cole e observa sua camiseta fina, roupa de banho e ombros rígidos. — Você é...?

Cole

Eu não faço o tipo ciumento. Nunca fiz. Sempre disse aos meus amigos que não há nenhuma garota que mereça apertar suas bolas dessa forma. E até hoje, acreditei em mim mesmo.

Quando o idiota do Brian se aproxima, no começo eu não reconheço o frio que desce do meu couro cabeludo até a minha virilha. Que diabos? Então me atinge como uma pedra na cabeça. *Ciúmes*. Estou fodido.

Brian St. John tem cabelos escuros que bagunçados de uma forma que as garotas adoram. E ele está ao redor da nossa mesa com uma camisa e calça sociais, enquanto eu estou vestindo uma maldita camiseta e short, porque não fazia ideia de seria o dia de conhecer os pais dela.

Enquanto todo mundo está batendo papo, sinto meu queixo tensionar e movo minhas mãos para o meu colo. Está muito claro que Aimee e esse Brian têm uma história. Ele a conhece. Ele conhece os pais dela, e eles o conhecem. Merda. Eles parecem amá-lo. E não importa que esteja acompanhado por uma garota bonita, porque posso dizer que ele tem uma queda por Aimee.

Aimee

Eu posso ver que Cole está irritado. É preciso cada resquício da minha força de vontade para que eu não suba em seu colo bem na frente dos meus pais e diga que Brian St. John não é nem um pontinho no meu radar.

— Temos que ir — diz Brian depois de tossir. Ele balança a cabeça

devagar. — Foi... Aimee, foi muito bom ver você.

Seus dedos envolvem meu ombro, e ele se inclina para beijar minha bochecha, sua boca demorando na minha pele ruborizada por muito tempo.

— Ahh, você também — eu digo, piscando pesadamente quando afasto minha cabeça.

Brian sorri.

— Me ligue algum dia para que possamos colocar a conversa em dia. Meu número é o mesmo.

Eu não sei como responder, então apenas assinto e assisto Brian e sua namorada irem embora. Quando volto minha atenção para a mesa, Cole está olhando para mim com olhos guardados, como se não quisesse que eu percebesse o que está se passando por sua cabeça, e sua boca está comprimida em uma linha dura e inflexível.

Apesar dos melhores esforços de meus pais, o clima durante o resto do almoço é frígido. Ninguém fala muito a respeito na volta para casa e quando meu pai vira em um ponto na rua em frente à casa, Mara pula para fora do carro antes que ele pare. Ela acena por cima do ombro e corre até o portão em uma triste tentativa de adiar o inevitável confronto comigo pelo maior tempo possível.

Cole não olha para mim diretamente, mas continua a falar com meus pais e até mesmo concorda em ir a uma festa da empresa do meu pai na próxima semana. Quando todas as sutilezas terminam e estamos na calçada, assistindo-os partirem, eu balanço minha cabeça e tiro uma mecha de cabelo do meu rosto.

— Eu acho que minha irmã realmente nos jogou debaixo de um ônibus — eu digo.

Ele olha para mim, mas apenas murmura algo que eu não consigo entender.

Tomo coragem e prossigo.

— Então, hum, obrigada por almoçar com a minha família. Foi interessante.

— Sim — diz Cole suavemente, pegando as chaves.

— E você não precisa ir a essa festa que minha mãe mencionou. Tenho certeza de que vai ser horrível. Todos os amigos do clube de campo e os clientes do meu pai em um só lugar. — Eu digo e dou uma risada dolorida.

— Pense em um pesadelo.

— Vou pensar — diz ele, trocando o peso de um pé para o outro.

— Você quer entrar? — eu pergunto, engolindo meu nervosismo.

— Não. — Com olhos sombrios, Cole balança as chaves na frente do seu rosto como se fosse algum tipo de explicação. Então ele diz: — Acho que vou apenas voltar para casa. Tenho algumas coisas para fazer.

Coisas para fazer? Ele está realmente irritado por causa de Brian?

Meus pés estão pregados no lugar. Não posso colocar em palavras – a sensação é de que estou tentando segurar um punhado de água, mas ela está escorregando pelos meus dedos. Cole segue até a caminhonete e destranca a porta antes que eu tenha coragem de falar.

— Cole?

Ele endireita a coluna e tira a mão da maçaneta da porta.

— Sim?

Eu abro minha boca, vacilo, respiro e tento de novo.

— Por que você veio hoje? Pensei que você fosse treinar o dia todo.

Ele olha para longe por um momento.

— Eu menti sobre isso — diz ele. — Tinha uma coisa toda planejada para nós. Eu queria te levar para a praia.

— Oh — eu respondo, convocando um sorriso que parece todo errado no meu rosto. — Teria sido agradável.

Agradável? Que adjetivo tedioso.

Um rubor surge em meu rosto quando pergunto:

— Vamos nos ver mais tarde?

Ele inclina o queixo e dá de ombros sem compromisso, efetivamente evitando a minha pergunta.

— Talvez.



Capítulo 17

Aimee

Eu jogo água em meu rosto e olho para o meu reflexo. Quero socar algo. Quero me jogar na minha cama e gritar contra o meu travesseiro. Eu vi Brian St. John hoje. Minha mãe vai querer ter uma de suas "conversas" comigo. Minha irmã e eu estamos brigadas. Cole dificilmente virá me ver.

Eu nem penso no que estou fazendo. Puxo meu cabelo em um rabo de cavalo alto e uso uma esponja esfoliante para tirar minha maquiagem. Meu rosto está manchado de vermelho e ainda há manchas escuras sob os olhos, do rímel apagado, mas não me importo. Eu me sinto mal, então devo ficar mal, certo? Dobrando meu braço desajeitadamente nas minhas costas, abro o zíper e retiro o mesmo vestido que usei naquele primeiro encontro com Cole. Deixo-o amarrotado no chão ao lado do banheiro e procuro um top e um par de short de malha de algodão. Meus tênis estão do lado da janela.

Não me alongo. Não quero facilitar as coisas para mim. Eu simplesmente corro e não paro nem quando começo a me sentir enjoada e quando minha visão fica turva como se eu estivesse tentando olhar através da água. Eu me esforço mais, pisando na calçada como se eu tivesse que provar alguma coisa para as minhas pernas.

Eu não penso sobre para onde estou indo até que me vejo em pé na porta, minhas mãos firmes em meus quadris para apoio, chiando como uma

asmática. Suor se acumula em gotículas pesadas na ponta do meu nariz e escorre constantemente pelo meu pescoço.

Enxugando meu rosto com a parte de baixo da minha camisa, eu olho para cima e vejo que a caminhonete prateada de Cole está na garagem, então eu sei que ele está em casa. Respiro fundo e levanto a minha mão. Não estou cem por cento certa de que vou continuar com isso até que meu dedo realmente aperta a campainha.

Ouçó vozes abafadas e alguns pequenos passos arrastados do outro lado da porta. Alguém ri. Daniel Kearns me recebe. Ele está sem camisa, carregando uma tigela de pipoca debaixo do braço.

— Hey — Daniel diz, erguendo a cabeça para trás. Ele está surpreso em me ver, mas não de um jeito ruim.

— E-ei — eu digo, ainda recuperando o fôlego e esfregando minha bochecha suada contra o meu ombro.

Ele se afasta da porta para me deixar entrar.

— Se você está procurando por Cole, ele está no quarto.

Eu passo por cima de uma pilha de mochilas descartadas. O salão abre-se em uma grande sala com teto inclinado e amplas janelas salientes. Neste momento, as persianas estão fechadas, lançando sombras escuras no cômodo. O lugar inteiro cheira a pizza velha, e a mesa de café barata está cheia de garrafas vazias de cerveja. A coleção de bongs de Adam está alinhada em uma prateleira acima da TV. Típico.

Nate está sentado no sofá – pernas bem abertas, braços apoiados nos joelhos – jogando videogame. Ele olha para cima e sorri para mim.

— Oi, menina. Você pode nos dizer por que diabos o Cole está de ovo virado?

Minhas sobrancelhas se erguem em direção à linha do meu cabelo.

— O que você quer dizer?

— Ele chegou aqui há um tempo, tropeçou nos tênis de Adam, falou um bando de merdas, depois desapareceu dentro do quarto e ficou ouvindo música até estourar os ouvidos — diz ele.

Eu posso ouvir a música pulsando nas paredes. Faço uma careta.

— É... nós almoçamos com meus pais e... eu não sei. Tudo correu bem, não sei o que aconteceu. — Eu balancei minha cabeça para clareá-la. — Eu vou falar com ele.

— Aqui — diz Daniel quando sai da cozinha segurando uma garrafa de água. — Leve isso. E não deixe que ele desconte em você.

— Obrigada. — Eu sorrio com cautela e encosto a garrafa de água fria na minha testa quente.

A música feroz fica mais alta quando ando pelo corredor. Dou duas batidas de aviso contra a porta antes de abri-la. É hora de agir.

— Mas que mer... — Cole para de gritar quando ele vê que sou eu parada ali. Ele está usando apenas para sua roupa de banho, debruçado na beira da cama com a cabeça apoiada nas mãos. Ele parece bem mal e uma pequena parte de mim se pergunta se foi uma má ideia vir aqui.

Respirando profundamente mais uma vez, fecho a porta atrás de mim e caminho até o computador dele para silenciar a música.

A sala se arrepia com a súbita e carregada quietude.

— Precisamos conversar — eu digo.

Cole cruza os braços contra o peito nu defensivamente.

— Então fale.

Eu dou quatro passos deliberados para ficar na frente dele. Descansando meus dedos sob sua mandíbula, puxo sua cabeça para cima de modo que seu rosto esteja nivelado com o meu umbigo.

— Olha... — eu começo com cuidado. — Sinto muito por hoje. Eu realmente sinto. Sei que conhecer meus pais nunca deveria ter acontecido do jeito que aconteceu. E sei que mentir para você sobre meus planos esta tarde foi incrivelmente estúpido.

Cole levanta ligeiramente as sobrancelhas.

— Como você nunca me mencionou minha existência para seus pais? Você tem vergonha de estar comigo?

— Não! — Fico momentaneamente chocada. Como ele poderia pensar que eu ficaria envergonhada? Cole é incrível. Testemunhei em primeira mão o efeito ofuscante que ele tem sobre as pessoas, especialmente as meninas. Elas não podem sequer pensar claramente quando estão perto dele. *Ele é atlético e lindo e inteligente e divertido e...* Meus pensamentos desaparecem, e eu suspiro. — Cole, eu não estou envergonhada. Nem mesmo perto disso. Você é tudo o que eu não sou e mal consigo digerir o fato de que se interessou por mim. Gastei tanta energia tentando ganhar algum tipo de controle sobre a minha vida, e quando estou perto de você, isso simplesmente desaparece. Isso me assusta.

Ele não fala, então eu continuo.

— Eu não sei por que não contei aos meus pais sobre nós. Só não o fiz. E eu entendo que você esteja chateado e talvez irritado ou o que seja, mas tenho

que te fazer uma pergunta. Você já contou alguma coisa ao seu pai sobre mim?

Ele aperta a mandíbula e volta os olhos para os meus.

— Isso não é justo. Eu contei a Sophie.

— Você contou ao seu pai sobre mim? — repito a minha pergunta.

— Não, mas eu não falo com meu pai sobre merda nenhuma, Aimee. Ele está longe e, além do trabalho, vive toda a sua vida como se estivesse em coma. É incrível que saiba o nome da minha irmã, quem dirá o da minha namorada. Então não me pergunte sobre a minha mãe ou o meu pai assim, não pode comparar. Não é a mesma coisa, porque não temos o que você tem com seus pais.

— Acorde, Cole. Como você pode não ver que o que eu tenho atualmente com meus pais é tão disfuncional quanto o que você tem com o seu? Meu pai e eu costumávamos ser próximos. Ele me levou para cada um dos meus encontros e me encorajou. Ele amava me levar para seu clube e me mostrar para os amigos. Agora? Eu sou uma vergonha! Todo mundo sabe que sou um grande fracasso de ser humano e meu pai não sabe como lidar com isso. Desde que Jillian morreu, ele mal fala comigo. E minha mãe? Ela só vive tentando me aconselhar. É como se ambos achassem que vou me matar a qualquer momento ou pensar em alguma nova maneira de arruinar a minha vida. Você sabe como é isso? — eu grito. — Ter todas as pessoas olhando para você, apenas esperando que você desmorone? — Respiro fundo antes de continuar — E sinto muito por ter magoado seus sentimentos, mas... eu só não estava pronta para contar eles sobre nós. Eles fariam perguntas, e eu não estava pronta para respondê-las. Isso é muito difícil para você entender?

Eu o vejo pensar a respeito.

— Não, mas e Brian?

— O que *tem* o Brian?

Seu cabelo dourado cai sobre a testa enquanto ele inclina os ombros para frente e balança a cabeça.

— É óbvio que algo estava acontecendo.

— Você está falando sério, Cole? Você realmente quer jogar o jogo do ex comigo? — Eu engasgo com uma risada. — Porque eu garanto que vou vencer. Devo descrever em detalhes todos os olhares desagradáveis que recebo apenas por estar ao seu lado? Ou o sorriso presunçoso das garotas aleatórias com quem você transou? Você sabe como isso dói? Como isso torce minhas entranhas e me faz sentir como se estivesse me iludindo ao

pensar que serei suficiente para você? Todo dia eu me pergunto quando você vai acordar e se cansar de mim.

— Eu não vou me cansar de você — diz ele, balançando a cabeça. — Você não entende. Aquelas meninas? Eles não significavam nada para mim. Eu mal consigo lembrar seus nomes.

— Isso deve me fazer sentir melhor? — exijo. — Porque quando você diz algo assim, só me faz pensar que você é realmente um idiota e um dia você também vai esquecer o meu nome. — Eu me forço a continuar indo contra a onda de emoção que tenta me puxar para baixo. — Eu quero confiar em você, mas às vezes não tenho certeza se deveria. Estou com medo, Cole.

Ele estica o pescoço para que seu olhar esteja preso no meu.

— Estou com medo também.

Há uma longa pausa. Quando Cole finalmente fala, sua voz é baixa e suave, e eu posso dizer que a raiva anterior desapareceu.

— Às vezes eu sinto que vou acordar uma manhã e você não vai estar na cama comigo. Tenho medo de que você se vá para sempre.

— Por que você acha isso? — resmungo.

Ele abaixa o rosto e esfrega as bochechas mal barbeadas entre as mãos.

Deixando-me cair de joelhos e colocando a garrafa de água na beira da cama, passo meus dedos pelos cabelos dele e trago seu rosto para o meu. A pele do couro cabeludo é lisa e fresca sob minhas unhas. Asas de borboleta batem no meu peito, enviando uma onda de vibrações através dos meus membros.

— Cole, por que você acha isso?

Seus intensos olhos verdes me fitam. Ele abre as mãos em um gesto de frustração.

— Porque você não me conta nada. Porque você guarda tanto dentro de si que não tenho certeza se estou imaginando que o que temos é real ou se está tudo na minha cabeça.

Enquanto deslizo minha mão para a parte de trás do seu pescoço, a batida do meu coração sobe à minha garganta e desaba no fundo do meu estômago.

Palavras se aglomeram nos meus lábios. Tenho medo de falar. Tenho medo de que, uma vez que as barreiras sejam destruídas, tudo escape.

Eu pego sua mão direita na minha esquerda e a viro para que a palma esteja voltada para cima. Lentamente, para que ele saiba que estou falando sério, traço as palavras que não posso dizer em sua pele. Ele me observa, as pálpebras abaixadas em concentração enquanto segue o contorno de cada

letra. Seu joelho roça meu ombro, e sua respiração faz cócegas na minha pele suada e envia uma onda de arrepios aos meus braços nus.

Três palavras simples.

Isto é real.

Cole

Eu acabo levando-a para a praia depois de tudo. Está escuro, então ao invés de arrastarmos nossas coisas até a areia, eu estaciono ao lado da estrada em um terreno baldio que abraça a costa. Eu vou primeiro, e Aimee me segue até a traseira do caminhão. Desloco o cooler para fora do caminho e cada um de nós pega um lado do cobertor e o estende sob o céu noturno.

Ajeitando minhas costas contra a caçamba, envolvo meu braço sob sua cintura e a puxo para mim para que eu possa sentir seu coração batendo em sua pele. Afasto seu rabo de cavalo e me inclino para beijar aquele espaço entre seu pescoço e seu ombro.

— Não — ela diz, séria, erguendo o queixo. — Eu estounojenta.

Ela ainda está usando apenas um top esportivo e um short de corrida. Está salgada e quente como o oceano. Sorrindo maliciosamente, beijo seu pescoço novamente e desta vez corro minha língua até sua mandíbula. Ela bate na minha cabeça, mas está rindo.

— Eu disse que estounojenta!

— Você está errada — digo a ela, o riso escapando do meu peito. — Você é perfeita, e eu quero tudo de você. Até as partes suadas.

Aimee

É muito bom isso – deitar com Cole na traseira de sua caminhonete com o som das ondas lambendo a costa ecoando suave nos meus ouvidos. A lua é um pedaço de unha branca no topo do céu escuro. Lascas de luz estelar se abrem através de um véu de nuvens baixas e cinzas.

Eu não tenho certeza de quanto devo dizer a ele e quanto devo guardar, mas sei que preciso deixá-lo entrar, e esta é a única coisa que sei fazer. Estou farta de tentar segurar tantos pedaços juntos com apenas minhas próprias mãos.

Mordo o interior da minha bochecha, sentindo-me subitamente preocupada que a parte de trás da caminhonete de Cole não seja grande o suficiente para conter tudo o que tenho a dizer.

— Eu sempre acho que um dia eu vou acordar e não vou mais me lembrar dela.

— É isso que você quer? — ele me pergunta.

— Não. Talvez. Eu não sei — eu respondo e balanço a cabeça bruscamente. — Esquecer parece uma mentira. Se eu tivesse que escolher entre tê-la e perdê-la ou nunca tê-la conhecido, eu ainda gostaria de tê-la.

Quando fecho meus olhos, o sangue no meu corpo corre para a superfície da minha pele.

Água fria se derramou sobre meus braços agitados até o meu colo e desceu pelo caminho das minhas pernas. O gosto de cobre do sangue cobria minha língua. Eu gaguejei, pisquei por entra a escuridão terrível e as lágrimas.

— J-Jilly? — Um lampejo de dor me cortou do pescoço até o meu ombro e eu gritei, quase engasgando com o som do meu próprio medo.

— Eu prometi a ela que não iria abandoná-la, mas abandonei — eu digo cautelosamente. — Perguntei-me tantas vezes se ela ainda respirava ou não. Eu tentei recapitular. Será que vi o peito dela se movendo? Se soubesse a resposta, eu ainda a teria deixado lá? Não sei mais. Estava apenas tentando me salvar?

— Talvez você só *pudesse* se salvar — diz Cole suavemente.

A temperatura despencou com as lembranças do acidente. Lutar para respirar contra o cinto que prendia meu peito ao assento, o choque do impacto, a água escorrendo, rastejando-se dolorosamente e rodopiando por trás de minhas pálpebras como uma galáxia de estrelas nebulosas. Eu fecho minhas mãos em punhos, limpo minha garganta e tento recapitular. Voltando a antes do impacto do metal contra o metal e do fraco cheiro metálico de

sangue e sal.

Meu ouvido foi pressionado contra o tecido áspero do assento. Senti-me queimar e congelar de uma só vez. Minhas pernas estavam pesadas, como se tivessem sido sobrecarregadas com blocos de cimento nos meus tornozelos. Eu tentei virar a cabeça, mas meu cabelo estava preso em alguma coisa. Levei um segundo para perceber que era o cinto de segurança. Tateando, me abaixei e procurei pelo fecho de metal. Meus dedos rígidos arranharam o botão, trabalhando desesperadamente até que uma das minhas unhas se quebrou, sendo arrancada da pele e estalando com o movimento.

Jilly? Minha cabeça girava. Provei sangue na minha boca.

Onde eu estava?

O carro.

A água.

O gemido de raiva da compressão de metal agrediu meus ouvidos. Eu puxei meu pescoço para frente e empurrei através de um calor ofuscante que apunhalou minha cabeça quando um pedaço de cabelo foi arrancado do meu couro cabeludo.

Eu precisava me mexer. A água já estava no fundo da minha caixa torácica. Respirando rapidamente, levei minhas mãos ao meu rosto para limpar meus olhos e virei para a esquerda.

— Jilly?

O ar se move ao meu redor enquanto eu luto para filtrar as imagens.

— Apenas relaxe — sussurra Cole ao meu lado. — Eu estou bem aqui.

O zumbido na minha cabeça diminui, e eu relaxo meus dedos. As imagens giram ao meu redor, levando-me para um lugar onde eu quero estar.

Agora, posso ver Jillian sorrindo como se fosse para sempre. Lembro-me dela mergulhando na piscina no meio de uma tempestade – lembro-me de seus joelhos, cotovelos e sardas. Sentada comigo debaixo do escorregador, com a sujeira áspera grudada em nossas coxas enquanto ela me mostrava como eu deveria dar uma tragada de um cigarro. Dançando ao redor de seu quarto, no segundo ano, usando seu conjunto favorito de sutiã e calcinha roxos. Revirando os olhos para uma das estúpidas histórias da líder de torcida

Katie McLaughlin. Rindo. Ela estava sempre rindo.

Pontos azuis e negros movem-se atrás das minhas pálpebras e uma imagem dela, do jeito como estava naquela noite final, surge. Seu cabelo acobreado estava ao redor do rosto e ela usava short jeans rasgado e tênis sem meias.

— Quase não fomos à festa — digo com firmeza. Naquela tarde, Jillian ouviu de um dos nossos amigos que um cara com quem ela costumava sair poderia aparecer na festa. Ela não queria lidar com ele porque ele começou a ser agressivo. Estava deixando mensagens de voz, aparecendo nas proximidades da sua casa em horários aleatórios... coisas assim. Jillian não queria encorajá-lo.

— *Vamos lá, Aimee! Por favor, por favor...* — Jillian mordeu o lábio inferior. — *Podemos assistir a um filme brega e comeremos sorvete direto do pote.*

Eu enruguei meu nariz.

— *Quantas vezes você acha que pode me enganar com esse biquinho?*

Eu paro para me orientar.

— Nem sei dizer por que eu queria tanto sair, mas eu queria, então a convenci a ir comigo. — Conforme as palavras saem da minha boca, a faixa que parece estar enrolada em meu peito afrouxa. É bom falar em voz alta. — Eu acho que foi a primeira vez que tive que insistir com Jillian para a gente sair. Sempre foi o contrário.

Cole ainda está me abraçando. Posso sentir a constante subida e descida do seu peito nas minhas costas.

— Para ser sincera, não me lembro muito da festa. Eu sei que você não quer ouvir essa parte, mas eu estava tendo um lance com Brian na época. — Sinto o corpo de Cole enrijecer, mas ele fica quieto e me deixa continuar. Ele sabe que esta é a minha história. — Nós nunca tivemos nada sério ou algo assim, mas estávamos em uma das nossas fases juntos, então, fiquei com ele e eu apenas... eu perdi o rastro de Jillian. Que merda eu fiz?

Um longo silêncio se prolonga. Penso em Jillian na primeira vez em que a vi – rabo de cavalo, bochechas redondas e enormes olhos castanhos dourados, como poças de xarope de bordo. Ela me disse que gostava da minha lancheira e perguntou se eu sabia alguma coisa sobre piolhos. Eu não sabia.

Sugo ar para os meus pulmões e o solto através do meu nariz.

— Ficou tarde, e todo mundo começou a desmaiar ou a ir para casa — eu digo. — Brian queria que eu deixasse meu carro lá e que o deixasse nos levar para casa. Eu estava bêbada nesse momento, então o afastei.

— Entregue-as para mim — disse ela quando pegou minhas chaves da minha mão e as enfiou no bolso da frente de seu short. — Você está bêbada, minha querida.

Eu franzi meus lábios e ergui uma sobrancelha.

— E você não está?

Ela sorriu, afastando a franja do rosto.

— Estou bem.

— Eu deixei ela tirar as chaves da minha mão e eu nem sequer pensei. — Balancei minha cabeça e senti as lágrimas deslizando pelo meu rosto em direção ao meu cabelo. Cole toca meu braço. Ele gentilmente entrelaça nossos dedos e encosta nossas mãos sobre seu coração. — Na verdade, é pior que isso. Eu estava pensando. Só que não a detive.

Como posso explicar o resto?

Como posso descrever que parecia impossível que algo de ruim pudesse acontecer a Jillian Kearns? Se as pessoas fossem cores, o resto de nós seria cinza e verde, enquanto ela era laranja neon. Ela era uma força. Um mundo de promessas capturado dentro de um corpo. Eu nunca – nem por um segundo – considerei a possibilidade de essa promessa ser quebrada.

Ela recostou a cabeça no encosto do banco e flexionou os dedos sobre o volante. Eu me sentia quente. Muito quente. Gemendo, apoiei a perna no painel para me equilibrar e abri a minha janela. O luar e o ar úmido da noite invadiram meu cabelo. Meus ouvidos estavam carregados e minha visão estava embaçada. Eu engoli o oxigênio como se nunca fosse suficiente.

— Você está bem? — ela perguntou, esticando o pescoço para mim.

Eu grunhi. Um sentimento doentio agitou minhas entranhas.

— Eu sinto como se tivesse engolido bolas de algodão.

Jillian riu, piscando algumas vezes.

— Eu não tenho ideia do que isso significa, mas parece ruim.

— E é...

— Se você tiver que vomitar, é só dizer.

— Pode deixar. — Ajustei o volume do aparelho de som para que David Guetta se erguesse sobre o uivo irregular do vento. — Ei, você viu que Tam fez mechas no cabelo?

— Sim, elas combinam com o tom de pele dela. — Jillian olhou para mim. — Você deveria considerar isso. Poderia tentar uma cor mais clara.

— E você? Está há anos falando sobre tingir seu cabelo.

Ela pegou uma mecha de cabelo e a apertou entre os dedos.

— Eu não sei...

— Eu faço, se você fizer. — Era o nosso grito de guerra.

Jillian riu.

— Vamos fazer isso no final da temporada — continuei, pensando de repente na piscina. — Dessa forma, não precisaremos nos preocupar com o cloro destruindo a cor.

— Falando em natação... — a voz de Jillian ficou mais baixa, e ela esfregou as bochechas. — Se eu dormir demais amanhã e tiver que dar voltas no treino por estarmos atrasadas, vou colocando a culpa em você.

Fechei meus olhos contra a intensa batida na minha cabeça e me deixei cair na escuridão.

— Pode colocar — eu sussurrei.

O desespero da memória me atinge – duro, instável e terrível.

— Em um minuto estávamos na estrada falando sobre o treino de natação, e no próximo... nós estávamos... — Sons penetrantes e imagens turbulentas surgem dentro de mim.

Pneus brigando com asfalto, o som de vidro quebrando e a torrente de água salgada entrando pela janela aberta. Jilly afundou anormalmente no volante – o cabelo emaranhado e escuro, cheio de água e sangue, o pulso apoiado no painel.

Eu puxei o ombro dela. Tentei fazê-la se mexer, mas seu corpo estava pesado com a água. Eu gritei. Meu pescoço queimava. O sangue escorria pelo meu braço.

— Acorde! Por favor! — eu implorei. — Eu não vou a lugar algum. Eu só... — Olhei para a minha direita, através da escuridão para onde a água estava ficando mais alta. — Eu só preciso de ajuda. Prometo que não vou te deixar.

Como estática na tela da TV, minha mente passa pelas imagens. E se isso for tudo o que sou? Caos e sombras. Memórias confusas procurando desesperadamente a luz. E se todos os pedaços de mim que significam algo bom ainda estiverem presos naquele carro destruído? E se eu tiver conseguido rastejar por aquela janela, mas nunca escapado de verdade?

— A ambulância levou sete minutos para chegar ao local do acidente — eu digo. — E a essa altura não importava mais, porque Jilly já tinha partido.

A voz de Cole é sincera, determinada a me encontrar no vazio que se estende sob minha pele.

— Mas você não partiu, Aimee.

Sinto o frio fluando dentro do meu corpo. Eu me volto para ele e lhe digo a verdade.

— Talvez eu tenha, sim.



Capítulo 18

Cole

Eu a seguro contra mim enquanto ela me conta o que sabe com certeza: Jillian Paige Kearns dirigiu um Honda Civic 2009 azul pelo Beatty Pass às 1:29 da manhã. O horário pode ser definido precisamente porque uma mulher – uma caixa de supermercado de quarenta e um anos chamada Angela Sharpe – estava voltando para casa do turno da noite e testemunhou a coisa toda. No momento em que Angela chegou ao local do acidente, o Honda estava quase completamente submerso na água. Mais tarde, ela disse à polícia que ajudara Aimee – quase inconsciente e sangrando – a subir na margem íngreme da água, mas não fazia ideia de que havia uma segunda garota presa no carro.

Em voz baixa e firme, Aimee conjuga uma série de lembranças tão dolorosas para ela que mal posso suportar ouvir. Ela me conta sobre os momentos de pânico depois que o carro bateu na barreira e despencou. Então ela descreve a intensidade do impacto com a água e os pesados flashes de dor e sangue que queimaram sua visão.

— Eu ainda não sei exatamente por que o carro saiu da estrada naquela noite — diz ela. — A polícia me perguntou sobre os detalhes do acidente de uma centena de maneiras diferentes, mas eu não poderia dizer a eles nada que fizesse diferença porque eu não sabia. Tudo o que eu podia dizer com certeza era que estávamos ouvindo música, falando sobre nossos cabelos. Eu fechei

meus olhos por uma fração de segundo e, então, como se eu tivesse entrado em um pesadelo, o carro estava derrapando da ponte na água.

— O problema é que não importa realmente se Jillian perdeu a curva, ou se ela pensou que viu algo no meio da estrada, porque ela nunca deveria estar dirigindo meu carro em primeiro lugar. Se eu tivesse guardado minhas chaves ou deixado Brian nos levar para casa, tudo seria diferente. Jillian estaria viva. Ela estaria na faculdade agora e se apaixonaria, viajaria, se casaria e teria filhos. Eu tirei isso dela. E se eu pudesse fazer tudo de novo... eu...

Suas palavras se interromperam, colapsando em sua boca.

— Você não pode fazer isso consigo mesma — eu digo.

Aimee se move. Sua mão vem até a minha bochecha.

— Ela era minha melhor amiga, Cole. Eles fizeram testes após o acidente e descobriram que ela tomou um monte de pílulas. Vicodin, Valium, eu nem sei todos os nomes — a voz de Aimee vacila, e ela mexe a cabeça. — Eu não sei como ela conseguiu todas elas ou por que as tomou — diz. — Eu não fazia ideia. Eles me disseram que depois do acidente encontraram várias escondidas no quarto dela. Jill nunca me disse nada sobre isso, e eu ainda não consigo entender. Pensei que sabia de *tudo* e acontece que não sabia de *nada*! Se pudesse entender por que ela estava tomando as pílulas, então talvez as coisas fizessem mais sentido.

— Às vezes as coisas não fazem sentido.

Ela sacode a cabeça.

— Você sabe que eles nos disseram que ela provavelmente poderia ter sobrevivido. Quer dizer, eles não falaram assim. Apenas explicaram que a causa oficial da morte foi o afogamento. *Afogamento* Eu sei o que isso significa. Isso significa que ela estava viva depois que o carro caiu, e eu... eu a deixei lá, Cole. Eu me salvei e a deixei — ela diz, estremecendo. — Jillian foi a melhor nadadora que eu conheci, e ela se afogou no escuro, sozinha — diz ela e sua voz vai falhando conforme sai de sua boca. — Todo dia para o resto da minha vida eu tenho que pensar sobre isso e me pergunto se ela acordou e soube o que estava acontecendo. Tenho que perguntar se ela chamou meu nome, se chorou ou se tentou se salvar.

— Isso não é justo. Você não pode suportar isso sozinha para sempre — eu digo e depois paro, meu coração acelerando no meu corpo.

A culpa de Aimee é horrível. É tangível. Ele pulsa sob sua pele pálida e sai através de cada poro de seu belo corpo.

— Eu nem me lembro da senhora que me encontrou — ela sussurra. —

Os médicos me disseram que ela salvou minha vida e que eu tive uma sorte incrível. — Ela faz uma pausa e ri, mas é completamente sem humor. — Sorte foi a palavra deles, não minha. Eles disseram que se Angela Sharpe não tivesse chamado uma ambulância, então eu provavelmente não teria sobrevivido. Eu estava em choque, perdendo sangue daqui — diz ela, tocando a cicatriz com o dedo. — E meu baço foi rompido. Depois que recebi alta do hospital, minha mãe queria que eu fosse conhecer Angela. Quando eu disse que não, ela tentou me fazer mandar pelo menos uma mensagem. Aceitei, mas toda vez que tentava escrever as palavras, não conseguia terminar. Você sabe por quê?

— Não. — Eu a aperto contra mim, mas não tenho certeza se quero ouvir a resposta.

— Porque eu não me sentia com sorte, Cole. Eu não queria agradecer à mulher que salvou minha vida porque secretamente eu a odiava. Eu a odiei por me salvar, porque desejei que ela tivesse me deixado morrer junto com Jillian. Senti que teria sido melhor. Mais fácil simplesmente morrer naquele carro ao lado dela.

— Foi isso que aconteceu no verão passado quando você...?

— Quando eu tentei me matar?

Assinto na escuridão.

— Eu não sei. Não tenho certeza se era o que eu queria. — Aimee engole a respiração e levanta as mãos na frente do rosto. — Tinha um cara na escola que eu sabia que teria pílulas. Peguei algumas com ele, mas não tinha certeza do que planejava fazer com elas. E por um longo tempo, eu apenas as mantive no meu quarto como um plano B que prometi a mim mesmo que nunca colocaria em prática — diz ela.

Eu assinto, querendo que ela continue.

— Não é como se tivesse sido realmente planejado. Foi um momento. Apenas um único momento em que tudo me escapou. E mesmo sabendo, em algum lugar no fundo da minha cabeça, que não estava tudo bem — que meus pais, meus avós e minha irmã me amavam e estavam contando que eu ficasse bem — era como se nenhuma dessas coisas importassem o suficiente.

— E agora? — Não sei como fazer essa pergunta, mas preciso saber. — Você ainda se sente daquele jeito?

Ela não hesita.

— Não.

Aimee

Uma vez que minha história é expurgada, eu me sinto tão péssima que mal consigo respirar. Cole está olhando através da escuridão para o pedaço de lua clara e brilhante. Seu rosto está levemente vincado e concentrado.

— Não foi por sua culpa que Jillian morreu — diz ele. Estamos tão perto que, mesmo no escuro, posso ver os detalhes de cor em seus olhos luminosos. Mil tons de verde. — Não foi.

— Talvez — eu digo, deixando meu coração flutuar para fora do meu corpo. — Talvez não. Nós duas éramos estúpidas. Ela estava muito fora de si para dirigir, e eu deveria saber disso. Mas eu... não consigo mais pensar assim. Não posso voltar atrás e mudar as coisas. Tudo o que posso fazer é seguir em frente, certo?

Cole está quieto por um bom tempo. Quando ele finalmente preenche o silêncio, sua voz é baixa e firme.

— Um dia antes de a minha mãe nos deixar, nós brigamos. Eu a chamei de cadela egoísta bem na cara dela. Às vezes acho que nossa discussão foi a gota d'água, a coisa que a fez sair porta afora. Eu me pergunto se ela decidiu que, se o próprio filho dela pensava dela daquele jeito, o que ela teria a perder?

Eu rastejo sobre ele, não mais preocupada com o fato de que minha pele está salgada com suor seco da minha corrida, e pego suas mãos entre nossos corpos. Suavemente, pressiono meus lábios nos dele e deslizo minha língua em sua boca entreaberta. Sua barba arranha minha pele enquanto absorvo o gosto dele – levemente carregado e elétrico como o ar logo antes de uma tempestade.

Cole inclina a cabeça e enfia os lábios bem acima da minha têmpora, onde meu cabelo encontra a pele.

— Você é tão incrível — ele sussurra enquanto suas mãos roçam minha cintura e agarram meus quadris. — Você sabe disso, né?

Talvez seja estranho depois de tudo que acabou de passar entre nós, mas o desejo, fresco e quente, bombeia através de cada terminação nervosa do meu corpo. A boca de Cole está na minha, sua língua me deixa sem sentido até que todo o meu mundo está reduzido à sensação de seu corpo duro e forte pressionado contra o meu.

Cole geme em aprovação. Ele passa as mãos avidamente pelas minhas costas nuas sobre o tecido do meu top esportivo para descansar em meus

ombros. Ele para sobre os minúsculos cabelos da minha nuca e gira os polegares ao longo da minha mandíbula, me puxando para mais perto, seus lábios agarrando os meus, sugando, enviando uma espiral de calor pelas minhas costas.

A brisa salgada vinda da água me persuade, provocando uma onda de minúsculos arrepios em minha carne exposta. Cole me balança contra ele e desliza a boca para o lado para acariciar o ponto dolorido logo abaixo da minha orelha com a borda dos dentes.

— Aimee... eu posso? Você? — Sua respiração quente provoca a minha pele.

Estou tremendo, presa na tempestade que surge em seus olhos. Minha respiração é rápida e dura, mantendo o tempo com meu coração.

— Sim, eu quero.

Cole se senta rapidamente, trazendo-me com ele para que meus joelhos fiquem ao lado de seus quadris e seus braços se entrelaçam em minhas coxas. Ele desliza as costas contra o metal rígido do caminhão e manobra o cobertor fino para que fique cuidadosamente em volta da metade inferior do meu corpo. Observando meus olhos de perto, ele alcança e libera meu cabelo de meu rabo de cavalo. Inclino a cabeça para o lado, sentindo meu cabelo solto úmido e frio contra a minha pele cálida.

Com a lua e as estrelas como nossos únicos espectadores, Cole aperta meu rosto entre suas mãos fortes e une nossas bocas. Enquanto sua língua varre a minha ritmicamente, percebo o quanto quero me lembrar desse momento. Eu quero escrevê-lo em tinta preta, em um pedaço de papel branco liso, e guardá-lo no meu bolso para sempre. Vou escrever sobre o som do nosso beijo, a aspereza do rosto dele esfregando na minha bochecha e a sensação de suas mãos mapeando meu corpo, memorizando cada curva e cavidade dos ossos e da pele.

— Aimee.

Meu nome é um gemido e um apelo. Ele empurra a língua dentro da minha boca e desliza os dedos por baixo do elástico da minha bermuda para onde minha coxa encontra meu torso.

— Ahh! — Fecho meus olhos e inclino meu queixo em direção ao meu peito.

Considerando que é um lugar público, eu deveria estar mais preocupada com o que poderia acontecer se alguém nos encontrasse, mas estou muito distraída com o que os dedos de Cole estão fazendo comigo e como sua

língua quente se move contra o meu pescoço.

Ofegante, eu mudo de posição até que meus tornozelos fiquem enganchados no meio das costas dele e nos beijamos assim até que ambos ficamos loucos de desejo. Cole se afasta, tira um preservativo da carteira e olha para mim com uma intensidade de quem praticamente implora pelo meu corpo.

Eu respiro fundo e desloco minha mão sob a camisa através da extensão de seu peito musculoso. Pergunto-me se ele sente isso também, essa sensação enorme como o céu se abrindo e engolindo nós dois.

Ele sorri timidamente.

— Eu gostaria de poder te dar mais do que a parte de trás da minha caminhonete.

— Estou muito feliz com a parte de trás da sua caminhonete, se é onde você está.

O sorriso de Cole se aprofunda até que eu possa ver a sombra de suas covinhas. Ele beija meu ombro e corre os dedos até as minhas costas e ao redor da minha cintura. Quando tira meu short, suas unhas pontudas arranham meu umbigo criando uma fricção deliciosa.

Segurando seus olhos com os dele, aperto minhas pernas ao redor dele e o puxo para dentro de mim. Cole fica muito quieto, em seguida, me beija com força e pressiona as palmas das mãos profundamente na minha pele.

É difícil dizer como isso acontece. Como todos os pedaços de mim – mesmo os quebrados – começam a despencar. Acho que são meus dedos dos pés que vão primeiro. Em seguida, minhas pernas e os espaços vazios atrás das minhas costelas. E então meus braços e todo o caminho desde meus ossos, passando pelo pulso até as pontas dos meus dedos. Meus lábios se abrem e percebo que é assim que essa é a sensação de se *apaixonar*.

Nós nos movemos com o baixo estrondo das ondas como nossa trilha sonora, e eu revivo de novo e de novo. Seus dedos traçam letras na minha carne. Ele está me devolvendo minhas próprias palavras.

Isto é real.

Cole

Eu nunca costumava pensar em coisas como a morte, a vida e todas as

centenas de milhares de segundos que ficam presos no meio de ambas. Naquela época, eu não sabia como uma pessoa pode se enfiar tão fundo dentro de você, a ponto de seus órgãos voluntariamente se deslocarem para o lado para darem lugar à forma dela.

Seu cheiro está ao meu redor. Agarro sua cabeça, meus dedos roçando a linha lisa de sua mandíbula, e inclino o queixo para trás para que eu possa ver melhor seus olhos. Piscinas azuis claras quem nadam sob um movimento de cílios escuros. Ela faz um som fraco quando seu corpo se aproxima e então grita e enterra o rosto na pele do meu pescoço.

Merda! Fecho meus olhos e cedo à sensação de inchaço sob a minha carne, que se intensifica com cada batida irregular do meu coração até que eu acho que posso explodir. Ela está em todos os lugares, agarrando minha pele, puxando meu cabelo entre os dedos, apertando seus músculos firmemente ao meu redor. Mordo de volta o som primitivo que arranha a parte de trás da minha garganta, e de repente eu estou em erupção, me libertando, despedaçando-me de dentro para fora.

O calor úmido de sua respiração faz uma troca com a minha quando ela encaixa a boca sobre meus lábios e colapsa seu peso contra o meu peito. Eu gostaria de poder descrever isso. Este momento. Pela primeira vez na vida, quero dizer a alguém como me sinto e nem sei como encontrar as palavras – sólidas e honestas – para fazê-lo. Não é uma jogada idiota contar a uma garota todas as maneiras que ela abala o seu mundo logo após o sexo?

Eu acaricio seus longos cabelos e puxo-a para o meu lado.

— Não me abandone — ela diz tão baixinho que eu tenho que repetir as palavras dela na minha cabeça para ter certeza de que as ouvi direito.

Eu corro meus polegares por sua coluna.

— Não se preocupe — eu respondo. — Eu não te abandonar.



Capítulo 19

Cole

— **E**stá muito quente para essa merda. Onde está o outono? É quase novembro e minhas bolas ainda estão suando — eu reclamo enquanto caio na grama.

Daniel ri, respira ruidosamente e se inclina para alcançar a garrafa de água de plástico que ele enfiou ao lado da base de um pinheiro antes de partirmos em nossa corrida.

— Vai ser assim até uma tempestade chegar — diz ele. — Uma frente de ar quente está abrindo caminho. Você nunca verifica o clima?

— Eu pareço com alguém que verifica o clima?

Daniel ignora a pergunta.

— Acho que você viveu na Flórida por tempo suficiente para saber que as mudanças de estação são um mito em qualquer lugar ao sul de Tallahassee.

— Então não vamos correr mais tarde — eu digo, ofegante.

— Ei, você pode deixar de ir mais tarde, mas eu não. Se tivéssemos esperado para correr às sete, então não teria sido tão ruim — Daniel diz enquanto se joga no chão. Acabamos de suportar dezoito quilômetros brutais e agora é hora de se espreguiçar no gramado em frente à pista e o campo e deixar nossos músculos esfriarem.

— Eu já te disse. Tenho planos mais tarde.

— É sexta-feira e não temos treino amanhã. Que tipo de planos você tem

que são tão importantes? Há pouco tempo seu único planejamento girava em torno de ficar bêbado e transar.

— As coisas mudam — eu digo. Não quero dizer a ele que meus planos são tomar banho, colocar roupas apresentáveis e pegar Aimee para ir a uma festa chique na casa de seus pais. Só de pensar em aturar conversa fiada e comer um prato minúsculo me fazia estremecer, mas quando a Sra. Spencer me convidou, não pude simplesmente dizer não.

— Então vocês estão realmente firmes, hein?

Eu olho para Daniel.

— O que você quer dizer? Em quê?

Ele afasta o cabelo úmido da testa e toma um grande gole de água da garrafa em sua mão.

— Você e Aimee — ele esclarece, esticando um braço sobre a cabeça e dobrando os joelhos para que cheguem ao peito. — Eu não sei. Parece meio sério.

Os cantos da minha boca se contorcem.

— Eu não sei se sério é a palavra certa, mas, sim, as coisas estão boas com a gente.

As coisas estão boas. Merda. Estão melhores que boas. Desde aquela noite na praia — aquela que eu mantenho em um padrão constante de repetição na minha cabeça — as coisas estão mais estabelecidas entre nós. Quando fecho os olhos, quase posso sentir seu corpo pequeno e apertado contra o meu. Foi inacreditável, e se eu deixar meu cérebro ficar nisso por muito mais tempo, não vou conseguir manter minha ereção controlada.

— Eu tenho uma tonelada de merdas para fazer. Nós deveríamos... — O rugido de um motor abafa a minha voz. Levanto minha cabeça da grama a tempo de ver o carro de Adam parar perto do meio-fio. — Que diabos?

— Cole! — Adam chama pela janela do lado do motorista aberta. — Venha cá, cara. Sua irmã tem tentado ligar para você pela última hora, mas você se esqueceu de trazer o telefone.

Uma sensação desagradável desce pela minha nuca e se instala no meu estômago. Eu me levanto e diminuo a distância até o carro de Adam.

Isso não pode ser bom. Porra, não existe a menor chance.

Aimee

— Porta! — grita Mara por sobre o barulho do secador de cabelo.

Agarrando a parte de baixo do meu vestido, dou uma olhada rápida em mim mesma no espelho e decido que o batom que minha irmã sugeriu é demais. É igual àqueles que as garotas da irmandade usam. Limpo minha boca com o polegar enquanto eu corro pelo corredor para atender à porta.

A porta se abre, puxando uma baforada de ar pegajoso.

— Estamos quase p... — A frase se encolhe e morre na minha boca. Eu deixo cair a minha mão suja de rosa no batente da porta e franzo minha testa.

Cole está de pé na calçada pavimentada, de tênis e roupas de ginástica manchadas de suor. Ele inclina a cabeça para cima e vejo que sua pele está esticada e pálida sobre as maçãs do rosto e seus olhos estão mais verdes do que eu já vi.

— O que aconteceu? — eu pergunto imediatamente, bile subindo pela minha garganta.

— Vai chover — diz Cole distraidamente.

— Hum... — Posso sentir a iminente tempestade no ar e senti-la como uma carga elétrica rastejando sobre a minha pele. Uma brisa estranha e repentina corre sobre nós e a luz muda. Eu vejo sombras se encaixando no rosto de Cole.

— O que aconteceu com você? — eu pergunto.

Ele estreita os olhos, arrasta as pontas dos dedos pela ponte irregular do nariz e desloca o peso para um pé como se estivesse desconfortável. Ele tosse.

— Você está bonita.

Meus olhos caem para o vestido de bainha cinza escuro que eu peguei emprestado da minha irmã e volto a olhar para ele.

— Cole, o que aconteceu? — repito a minha pergunta pela terceira vez.

Cole olha para longe e cutuca o caminho permeado de pedras com o lado do pé.

— Eu ia ligar para você e te dizer pelo telefone, mas eu... eu... — Sua voz é rouca, cheia de uma emoção que eu não entendo. Ele desliza os dedos por seu cabelo claro e balança a cabeça uma vez, depois duas vezes, e diz: — Eu não posso ir à festa com você hoje à noite.

— Foi algo que concluí pelas suas roupas, mas isso ainda não responde à minha pergunta. *O que aconteceu?*

Sentindo-me trêmula, como se o chão embaixo de mim estivesse se movendo tão rápido quanto as nuvens, eu dou um passo hesitante para frente.

As narinas de Cole se dilatam, e desvia o olhar de mim.

— Eu sei que esta noite é importante para você. Sei que você queria que eu causasse uma boa impressão em todos e que vai ficar mal para mim.

— Eu não me importo com os negócios do meu pai, se é com isso que você está preocupado — eu digo com firmeza, colocando as palmas das mãos em ambos os lados de seu bíceps. Seus músculos endurecem, e ele se afasta do meu alcance. — Eu me preocupo com você. Algo está acontecendo, e eu não sei o que é.

Ele coloca as mãos na frente de seu corpo como um escudo.

— Aimee, eu não posso agora. Eu sinto muito.

Sente muito?

Pelo quê? Eu não entendo o que mudou. Sou demais para ele? Nós fomos rápidos demais?

Minha respiração é rasa. Eu sinto uma sensação de esfaqueamento, começando na minha barriga. *Isto está errado. Tudo errado.*

— Cole — eu sussurro, meu corpo balançando de um lado para outro. — Não faça isso. Por favor, fale comigo e me diga o que está acontecendo.

Eu não entendo o olhar esculpido em seus olhos. Falei com ele pouco antes e estava tudo bem. Fizemos planos para que ele viesse às sete para ir comigo e com a Mara. Ele estava rindo, brincando, dizendo que se vestiria chique para os meus pais.

Cole se vira de modo que estou olhando para as costas dele. O resmungo do trovão distante pontua o silêncio. Sua cabeça cai para trás, e ele levanta os ombros enquanto suga o ar em seus pulmões.

— Eu não posso falar com você sobre isso agora — diz ele bruscamente. — Eu vim porque queria que você soubesse sobre hoje à noite. Diga aos seus pais que sinto muito. Diga-lhes que algo realmente importante surgiu e eu não consegui ir, sim?

— Não — eu digo.

Ele parece surpreso.

— Não?

Minha garganta está se fechando. Estou a apenas alguns centímetros de distância do corpo de Cole, mas sei que ele não quer que eu o toque, e isso parece um pouco com a morte. Aperto meus olhos com força e mordo o interior da minha bochecha.

— Não, eu não vou dizer aos meus pais que você sente muito, porque não estou entendendo nada — eu digo, com lágrimas nos meus cílios. — Eu quero saber o que aconteceu e por que você está agindo assim e me olhando dessa maneira. Você está me assustando. Fiz algo errado? É disso que se trata?

— Porra! — ele geme alto. — Porra!

Eu pisco, com meus olhos arregalados em surpresa, e vejo ele andando pela calçada, murmurando e respirando por entre os dentes. Ele para e descansa as mãos cerradas nos quadris.

— Você não fez nada — diz ele com firmeza. — Isso não tem nada a ver com a gente.

— Não? Porque não é isso o que parece!

Ele sacode a cabeça.

— Recebi uma ligação da Sophie, e ela me disse que minha mãe apareceu lá hoje.

Outra rajada de vento se move entre nós. Eu dou um passo involuntário para frente.

— Cole, me desculpe. Eu não fazia ideia.

— Ela está morrendo — diz ele, com a voz carregada e seus olhos alcançando os meus. — Ela tem um maldito tumor cerebral terminal. Tem seis meses, talvez um ano, no máximo. E agora ela está na minha casa, com a minha irmãzinha e meu pai, e eles querem que eu voe para lá e finja que somos de repente uma família normal de novo ou alguma merda do tipo.

Putá merda.

Cole pragueja e estapeia a parede ao lado da porta com a palma da mão. Eu não tenho ideia do que fazer ou dizer. Minhas entranhas estão retorcidas e apertadas como se uma videira espinhosa estivesse crescendo direto no meio delas. Cole e eu chegamos tão longe, e eu quero abraçá-lo e passar os dedos em seus lábios e beijar um círculo em torno de suas pálpebras vermelhas, mas sei que não é o que ele quer.

Minha voz é frágil, pouco acima de um sussurro quando pergunto:

— Você falou com ela?

Ele sacode a cabeça.

— Não, ela tentou pegar o telefone para falar comigo, mas eu não consegui. Ainda não, de qualquer maneira.

— Cole, você tem que falar com a sua mãe e ouvir o que ela tem a dizer. Eu sei que é difícil, mas se ela é...

— Mas nada — ele me interrompe. — E quem é você para me dizer que eu deveria falar com a minha mãe? Quando você fala com sua mãe sobre algo importante? Quando você enfrentou alguma coisa?

Suas palavras queimam minha pele. Eu estou tremendo.

— Por que você diria isso?

Ele abaixa o rosto e fecha os olhos.

— Droga, eu sei que está tentando ajudar, mas quando se trata dessa parte da minha vida, você não sabe do que está falando. E eu sei que o momento é ruim, mas realmente não posso fazer nada agora.

— Espere!

Mas ele já está se afastando de mim.

— Eu sinto muito, Aimee, mas tudo está confuso, e eu preciso de um tempo para pensar.

— Por favor? — eu choro. Nem sei o que estou pedindo a ele. Só sei que não quero que ele vá embora. Assim não. Não quando chegamos tão longe juntos.

Cole acena por cima do ombro, sem sequer olhar para mim.

— Eu não posso. Vou ligar para você, tá?

Minha cabeça gira. Quando ouço o som familiar do motor de sua caminhonete ganhando vida, mantenho meus olhos treinados em meus pés descalços, não confiando em mim mesma para não correr atrás dele.



Não espero que os carros saiam da entrada da rua. Mesmo com o som da chuva batendo no chão, posso ouvir música e vozes martelando da casa.

— Você tem certeza disso? — Mara me pergunta.

Eu me viro e olho através da escuridão que se alastra pelo interior do carro. Minha irmã está me observando atentamente, a testa enrugada de preocupação. Jodi está procurando no chão por sua bolsa e um guarda-chuva, afastando o cabelo azul do rosto com uma das mãos.

— Eu não sei — murmuro, voltando minha atenção para a casa de Cole. Uma festa? Eu não estava esperando por isso. Não depois de... bem, não depois da maneira como as coisas ficaram. Pensei que ele estaria escondido em um quarto escuro em algum lugar. Sozinho.

Só de olhar para a casa dele, sinto-me nauseada. Um sentimento horrível

se espalha dentro de mim.

— Talvez aparecer assim não tenha sido uma boa ideia — digo, incerta.
— Eles estão, obviamente, dando uma grande festa, e Cole não me contou nada sobre isso. Talvez ele não me queira aqui.

Talvez ele nunca me quisesse aqui. Talvez esta noite fosse apenas sua maneira de me dispensar.

Talvez ele esteja procurando por carne fresca.

— Aimee! — a voz de Jodi volta a minha atenção para o carro. — Eu passei as últimas duas horas construindo sua confiança para que você conversasse com Cole. Agora você não tem certeza novamente? Neste ponto, eu não me importo se ele está dormindo ou fazendo a festa do ano. Não há nenhuma maneira no inferno de eu deixar você sair dessa.

— Eu sei. Estou sendo uma covarde.

— Não é uma covarde — Mara insiste, agarrando a minha mão esquerda.
— Eu sei que isso é assustador. E eu entendo que o que está acontecendo com a mãe de Cole é muito, mas não é uma desculpa para ele fazer o que fez.

Jodi acena com a cabeça, em concordância.

— Se você não falar com ele agora, será como uma ferida que se infecciona e que começa a escorrer pus amarelado por todo o lado.

— Eca! Isso é nojento — eu digo.

Mara faz um barulho sufocante.

— Sério, Jodi.

— Sim, eu já estou tonta e você não está ajudando — eu digo, mas estou rindo.

Jodi encolhe os ombros.

— Tanto faz. Você me ligou e pediu conselhos, mas como posso ajudá-la se não estiver disposta a ouvi-lo?

Eu levanto meu dedo.

— Tecnicamente, eu não liguei para você. Eu te mandei uma mensagem.

Jodi inclina a cabeça para o lado e ergue uma sobrancelha em direção à linha do cabelo.

— Aimee, pare de discordar de mim e mexa essa bunda até lá antes que eu te pegue e te jogue por cima do meu ombro.

Jodi mal tem um metro e meio de altura, com salto. Não há como ela conseguir me jogar em qualquer lugar.

— Essas são palavras inspiradoras — eu digo com um sorriso.

Seu sorriso se estende amplamente.

— Com certeza elas são.

Cole

A sensação de queimação é boa. Apertando os dentes juntos até minhas gengivas formigarem, pressiono dois dedos em minhas pálpebras e engulo em seco. O calor ácido irradia do meu peito e escorre pelas minhas narinas.

Droga. Isso é bom.

Cada gole me leva mais longe da costa. Eu estou lá, balançando com o movimento da água, flutuando sob um céu aberto. Eu não dou a mínima se ficar à deriva desse jeito para sempre. Eu não dou a mínima para nada. Com nada na mente. Sufocando. Sem respirar. Não estou pensando em minha mãe ou no modo como minha irmãzinha chorou ao telefone, ou nos olhos azuis de Aimee. Não. Estou muito nervoso para pensar em qualquer coisa.

Eu pego outro copo da mesa e inclino minha cabeça por inteiro.

Deixei-o em paz.

Alguém parece chateado.

Quantos ele tomou?

Eu pisco contra a ardência severa que a luz causa. Daniel está olhando para mim apontando acusadoramente para os copos vazios derrubados que pingam sobre o verniz arranhado da mesa de café.

— Quantas você tomou? — ele me pergunta.

Meus ouvidos estão cheios de gordura e minha cabeça parece pesada demais para o meu corpo. Eu me inclino contra tecido das almofadas do sofá e dou de ombros. Merda. Nada parece estar funcionando bem.

— Eu perdi a conta há um tempo — eu admito timidamente.

— Eu não posso acreditar que Adam e Nate deixaram você ficar assim — diz Daniel. Ele examina o cômodo antes de estender a mão para mim. — Levante-se. Você está mais do que fodido, e eu vou te colocar na cama.

Desvencilho minha mão da dele e tento falar. Eu estou indo bem, mas as palavras saem da minha boca turvas e quebradas. Inspirando pelo nariz, eu fecho meus olhos e esfrego a mão na lateral do meu rosto.

Você ouviu o que ele disse? Outra voz. Desta vez ainda mais perto. *Vá*

embora, Daniel, ele está apenas se divertindo.

Eu ergo minhas pálpebras abertas e viro minha cabeça para o lado. Merda. Kate Dutton está empoleirada no meu colo, pendurando os braços por cima do meu ombro e gritando como uma porra de cacatua. Ela se move e sua bunda ossuda roça asperamente na minha coxa.

— Sério! — ela grita por sobre a música alta. — Deixe-o em paz.

Daniel a ignora e direciona suas palavras para mim. Seu rosto está confuso.

— Não cometa esse erro, Cole.

— Huh? — Estou grogue, meu cérebro está lento e o barulho não está ajudando.

— Droga — diz Daniel com raiva. — Por que você não dorme e nós conversamos de manhã quando sua cabeça estiver no lugar? Pense em Aimee.

Aimee. Porra de Aimee. Uma memória vem à tona. Eu me lembro do rosto dela do jeito como ficou quando a deixei mais cedo e quero vomitar em cima de mim. Eu sou um idiota.

— Claro que penso — Daniel ri e percebo que falei em voz alta. — Merda — Meu corpo lateja. Eu me sento e tento empurrar Kate do meu colo com meus antebraços. — Desculpe, mas você precisa sair daqui.

Kate inclina a cabeça loira e olha para mim.

— Você está brincando comigo, Cole? Você certamente gostou da minha companhia pela última hora e agora vai agir como se eu fosse descartável? Quantas vezes acha que vou aguentar isso?

Eu me encolho. *O que diabos eu tinha feito?* As últimas horas estão confusas e distorcidas – as lembranças se arrastando e se esvaindo de mim como um motor que não liga.

Eu sei que quando cheguei da casa de Aimee, alguns dos amigos de Adam estavam por aqui. A merda com a minha mãe estava presa na minha cabeça, e eu só queria esquecer por um tempo. Eu queria a dormência. *Esquecimento*. Lembro-me de Adam ligando a música e pegando um cachimbo na prateleira e talvez outras coisas e... Porra.

— Vamos lá, Cole! — Kate se inclina e fala próximo ao meu pescoço, logo abaixo da minha orelha. Sua boca está molhada e pegajosa contra a minha pele, e eu tenho que engolir a bile que sobe pela minha garganta.

— Kate — eu resmungo quando envolvo minhas mãos em torno de seus pulsos e os seguro contra a minha perna. — Eu tenho uma namorada, e você

tem que ir.

— Ah, olá. Não se incomode em parar por nossa causa.

Minha cabeça se ergue. Demoro um momento para encaixar todas as peças escorregadias. Jodi está na minha sala de estar, apontando a ponta afiada de um guarda-chuva para mim com a intensidade de uma bola de demolição. Mara e Aimee estão de pé logo atrás dela. O cabelo de Aimee está molhado, e seu vestido cinza está coberto de chuva.

— Aimee? — pergunto, maravilhado. Eu estou tonto. Nada parece real. — Por que você está toda molhada? Está chovendo lá fora?

Mas Aimee não está me ouvindo. Ela está olhando para Kate. Mais especificamente, ela está olhando para as mãos de Kate na minha perna.

Merda. Eu tento ficar de pé, mas o quarto gira, e eu caio sentado.

— Aimee — eu falo. — Eu juro que isso não é o que você está pensando!

Ela levanta os olhos para os meus, e não posso evitar minha reação. Eu recuo. Tudo na expressão dela está errado. Ela está pálida, abatida como se tivesse acabado de ser derrubada por três lances de escada. Seus olhos estão vazios, queimando de dor. Eu odeio isso. E me odeio por ser quem colocou essa expressão em seu rosto.

— Não-não-não — eu digo, empurrando as almofadas e desta vez conseguindo ficar de pé. Empertigo as costas para manter o equilíbrio. — Não é o que parece.

Ela faz um som de riso indignado.

— Não é o que parece? — ela grita, suas mãos deslizando por seu cabelo. — Eu pareço estúpida para você? Eu nem... Eu não... — Ela suga uma respiração violenta. — Nós nunca fizemos promessas um para o outro, então não se preocupe com a explicação estúpida, porque não preciso ouvir isso. — Ela olha para Kate e levanta a mão. — Você estava certa. Ele é todo seu.

— Que seja, cadela — Kate diz.

É aí que todo o inferno se abre. Jodi começa a gritar e Kate se levanta do sofá e se aproxima dela. Daniel e Mara se interpõem entre as garotas enquanto Adam e algum outro cara que eu não conheço assoviam entusiasticamente comentando sobre uma briga de gatas.

Tudo está se esvaindo – circulando no chão como água com sabão em volta de um ralo. Aimee agarra Jodi pelo braço e a puxa para a porta da frente. Ela está balançando a cabeça repetidamente.

— Espere! — Eu desesperadamente tropeço nos primeiros passos. Faces se confundem, as paredes mudam. Eu cambaleio, mas me seguro no ombro

de alguém. — Por favor! Eu preciso... — O que eu preciso? Perdão? Socorro? Tempo?

Ignorando o som do meu nome, eu abro a porta da frente e saio. Água cai sobre o meu rosto, eu olho para cima e vejo gotas de chuva girando, em espiral, para a terra. Limpo a testa e olho para a noite encharcada.

Lá.

Faróis

Respirando com dificuldade, caindo rapidamente, eu corro e puxo a maçaneta da porta do passageiro. Está trancada. Bato minha mão contra a janela. Está escuro e não consigo ver o rosto dela através do vidro abafado, mas posso distinguir o contorno de sua cabeça.

— Aimee!

Jodi pressiona a buzina e leva o carro adiante em uma série de solavancos. Eu agarro a maçaneta um pouco mais, mas o metal molhado desliza pelos meus dedos.

— Fale comigo! — eu grito, avançando com o impulso do carro.

Jodi buzina novamente e desta vez ela não desiste. O motor do carro dispara com raiva. Frustrado, naufragado, ofegante, deixo-a ir e me afasto, olhando do meio-fio quando Aimee desaparece da minha vida em meio a uma névoa de chuva e luzes vermelhas e brancas.



Capítulo 20

Aimee

— Você está horrível — Mara diz.

Ela está encostada na porta do meu quarto. Seu cabelo está puxado para cima em um rabo de cavalo. Na luz cinzenta da manhã, ela parece pálida e cansada. A verdade é que nenhuma de nós dormiu muito na noite passada.

Esfrego meus olhos vermelhos e inchados e me apoio nos cotovelos.

— Obrigada.

— Você sabe o que quero dizer — ela responde, olhando para o corredor até a porta da frente. — Você já decidiu o que você vai fazer sobre o nosso pequeno problema lá fora?

— Deus, eu não tenho certeza — eu gemo e me afundo mais sob as cobertas da minha cama. — Meu coração dói.

Ela assente.

— Eu entendo, mas não acho que ele vá sair até você falar com ele.

Cole está em nossa varanda da frente desde a meia-noite. Ele bateu e tocou a campainha por mais de uma hora antes de desistir e cair no chão com os joelhos puxados para o corpo e a cabeça inclinada contra a dobra do braço. Acho que adormeceu por volta das duas da manhã.

— O que você acha que eu deveria fazer? — pergunto à minha irmã.

— Eu acho que você deveria ir falar com ele — diz ela.

— Mas estou confusa sobre tudo e não sei o que dizer.

— Diga a verdade — diz ela, pensativa.

Meus olhos lacrimejam. Balanço minha cabeça e limpo minhas bochechas.

— Talvez eu não saiba mais o que é isso.

Mara cruza os braços contra o peito e me dá uma longa olhada.

— Então vai ser como tiver que ser.



Café. Cafeína, e muita. É a única coisa de que tenho certeza.

Eu pego duas canecas do armário. A minha está lascada na borda logo acima do cabo. É pintada de um amarelo entremeado com um coração mal esboçado e com uma escrita irregular de um lado. Jillian a fez para mim em um desses lugares de estampas personalizadas, no verão antes do primeiro ano.

Você fala demais.

Você ri alto demais.

Você é tudo que eu sempre quis em uma amiga.

E então no fundo, ela escreveu:

Eu te amo, mas espero que seus peitos caiam primeiro.

Eu sirvo os cafés, completo-os com leite e açúcar, e carrego as canecas e um copo extra para a porta da frente. A cabeça de Cole está curvada na parede, e eu não posso ver seu rosto. Sua mão está curvada em torno do ombro, ligando o braço ao peito. Ele mal se move quando eu me sento no limiar.

— Cole — sussurro, correndo levemente meu dedo indicador sobre sua têmpora e em seu cabelo.

Ele se agita, gira os ombros e estica o pescoço para trás. Desorientado, ele

boceja e pisca três vezes. Acho que vai me perguntar por que está acordando do lado de fora e por que sente como se houvesse uma lixa raspando a superfície de seu cérebro, mas depois vejo o brilho de consciência por trás de seus olhos verdes.

Antes que ele possa dizer qualquer coisa, estendo um copo de água em sua direção.

— Beba isso — digo-lhe com firmeza.

Sem pousar os olhos nos meus, ele pega o copo de água de mim e bebe a coisa toda em dois goles. Então o coloca, vazio, em cima da sujeira preta ao lado da escada.

— Agora café — eu digo suavemente.

Com a menor sugestão de um sorriso, ele pega a caneca e sopra sobre o topo do café. Depois de alguns segundos, toma um pequeno gole.

— Como você se sente? — eu pergunto a ele.

Ele limpa a garganta e pisca.

— Sinto como se tivesse bebido cinco litros de ácido de bateria na noite passada.

— Eu acho que você realmente fez isso — respondo.

Ele procura meus olhos como se estivesse tentando encontrar alguma coisa, mas depois do que vi na noite passada, é breve demais. Desvio o olhar.

— Nada aconteceu com Kate — ele murmura.

— Cole, você não precisa fazer isso.

— Mas eu quero — diz ele inflexivelmente. — Eu juro que nada aconteceu. E eu sei o que eu sou. Sei como é meu passado e sei o que as pessoas dizem sobre mim no campus, mas você tem que acreditar em mim. Nunca faria isso com você. Nem em um milhão de anos.

Eu olho ao longe, passando pela parede brilhantemente pintada que faz fronteira com o pátio onde um carro está saindo de uma vaga no meio da rua. Acima de nossas cabeças, alguns restos de céu azul piscam entre as nuvens que passam. Se não fosse pelo cheiro almiscarado do asfalto molhado, você nunca saberia que houve uma tempestade na noite anterior.

— Eu quero acreditar em você — digo, fechando os olhos, tentando não ver a imagem da linda e perfeita Kate Dutton sentada no colo de Cole passando a língua por seu pescoço.

Ele pega minha mão.

— Bom, porque eu vou compensar. Prometo.

— Eu não acabei — digo, puxando a minha mão. — Eu quero acreditar

em você, e eu acredito, mas não vou mentir e agir como se tudo estivesse bem.

— Mas pode ficar — ele protesta.

Balanço minha cabeça para clareá-la.

— Ontem à noite, eu estava com raiva e magoada e um zilhão de outras coisas.

— Eu sei, e isso é minha culpa.

Engulo em seco e pisco minhas lágrimas. Não quero dizer a Cole como, na noite passada, eu chorei até ficar dormente e Mara teve que me forçar a tomar uma ducha gelada para me acalmar.

— Mas depois de algum tempo, acho que soube que nada realmente aconteceu entre vocês dois. Talvez tenham sido os gritos e as batidas na minha porta a noite toda que me convenceram.

Cole estremece, pega minha mão novamente e a entrelaça à sua.

— Eu sinto muito, Aimee. Sinto muito por tudo.

Eu olho para a maneira como nossas mãos estão ligadas, dedos entrelaçados um ao outro, seu polegar traçando círculos no centro da minha palma.

— Eu sei que você sente muito, mas isso não faz tudo ficar bem — eu digo, lutando pelas palavras certas. — Não é como se o ontem desaparecesse porque queremos que isso aconteça.

— O que você está dizendo?

Eu estou seriamente reconsiderando minha própria sanidade agora. Acho que sei o que preciso fazer, mas talvez esteja cometendo um grande erro. Talvez eu deva calar a boca e jogar meus braços em volta do seu pescoço e beijá-lo desesperadamente. Talvez eu devesse agarrá-lo e nunca me soltar.

— Cole, eu estou dizendo que mesmo se você não tivesse deixado Kate Dutton subir no seu colo e lambar seu pescoço, eu ainda estaria machucada e chateada.

— Por quê?

— Por quê? Porque você me afastou! Eu não tinha ideia do que fazer, e isso apenas provou o que eu já sabia. O que está acontecendo entre nós é demais.

Cole tenta virar meu rosto para o dele, mas eu luto contra isso.

— Mas tudo isso foi por causa da minha mãe.

— Não, isso tem a ver com você. É tudo parte de você — eu digo. Puxo minha mão para longe da dele e toco as folhas da pequena planta que Mara

comprou no dia em que nos mudamos para a casa. Não consigo lembrar como ela se chama, mas me disse que simboliza a hospitalidade.

— Você se lembra quando me disse que minha cicatriz era uma parte de mim e que isso importava? — eu pergunto.

Ele assente com relutância.

— É a mesma coisa com sua mãe. Ela é parte de você. E mesmo que esteja zangado ou puto da vida, você precisa entender que, uma vez que ela partir, não terá volta. Nunca. Tudo o que temos são momentos, Cole. Um de cada vez, como batimentos cardíacos. Quando um deles se vai, é isso. Não há recomeços. Não há repetições. Cada momento possui seu próprio tipo de magia e o que fazemos com eles conta. Conta muito.

Eu penso em Jillian e todos os segundos que escaparam de nós. *Você ouve esse som? É o som do mundo se despedaçando.* Minha mãe e a sra. Kearns, e Mara e Cole naquela noite em junho passado. Tantas linhas – nos conectando, unindo todos os momentos, reunindo-os como gotas de chuva em um balde.

— Você pode mudar de ideia sobre algo cem vezes. Você pode ficar acordado na cama e reviver essas batidas do coração várias vezes, e você pode imaginar todos os outros possíveis resultados, mas isso não mudará o que é de verdade. Sua mãe está morrendo. *Morrendo.* Isso é para sempre. E se você deixar essa chance passar, sempre será tarde demais. Você pode ter vinte e cinco ou trinta e dois ou setenta anos e mudar de ideia, mas sua mãe ainda vai ter ido embora.

— Você está errada — diz ele. — Isso não tem nada a ver com a gente.

— Tem, sim — eu digo, determinada. — Porque, no fundo, o que importa é o mesmo – você e eu. Você estava certo quando me disse que eu não enfrentei as coisas. Nós dois somos corredores. Nós somos fugitivos. Isso significa que no minuto em que a merda bate no ventilador, começamos a nos mover na direção oposta. É o que eu tenho feito desde o acidente e é exatamente o que você fez ontem à noite. As coisas desandaram, e você fugiu. De sua família e de mim.

— Eu cometi um erro, Aimee. Não deixe isso nos arruinar!

— Só me deixe terminar, ok? — minha voz é uma mistura de tristeza e saudade, e eu odeio o som dela. Sinto-me arranhada, toda fria. — Eu não estou dizendo que só porque ela está morrendo você tem que perdoar sua mãe por tudo. Há algumas coisas que não se pode perdoar, e você é o único que pode decidir essa parte. Mas eu sei que você tem que parar de fugir. Nós dois

temos.

Ele fecha os olhos e vejo sua garganta se contorcer com o esforço para engolir.

— Eu não sei como me obrigar a falar com ela.

— Talvez não seja algo que você deva se obrigar a fazer. Talvez seja algo que você deva se *permitir*.

Ele olha para mim com força. Mil anos se passam. Pequenos e duros nós apertam meu estômago.

— Aimee, por favor, pense sobre isso — ele implora, com a voz embargada.

— Cole, nós não somos bons um para o outro. E... *isso*... — Eu gesticulo entre nossos corpos. — Eu já te disse. É muito para mim.

— Merda! — Ele passa a mão pelo cabelo e aperta a mandíbula. — Não podemos esquecer que a noite passada aconteceu e começar tudo de novo?

— Eu não acho que a vida real funcione assim.

— Então como funciona?

Balanço minha cabeça e tento acalmar meu coração com um gole de café.

— Eu não sei a resposta para isso ainda.

Cole

Eu não posso acreditar no que está saindo da minha boca.

— Então é isso mesmo?

— Por enquanto, pelo menos — ela sussurra, e eu gostaria que ela gritasse comigo. Aimee está muito calma. Sentada, composta, bebendo de sua xícara de café. Ela pega três folhas em forma de estrelas de uma planta em um vaso posicionado perto da porta. Observo-a rasgá-las em pequenos pedaços irregulares e deixá-los cair pelas fendas de seus dedos. Acho que eles se parecem com pequenos pedaços de confetes verdes decorando a calçada de cimento cinza, e tudo parece errado.

Estou chocado. Bravo. Triste. Eu sinceramente não sei o que diabos sou agora. Penso em como me classificaria em uma daquelas escalas de dor que eles têm na parede de um consultório médico. Aqueles com os caras dos

desenhos animados. Feliz e sorridente em uma extremidade do cartão. Olhos caídos e chorando do outro.

Dói muito.

Dói mais.

Eu faço um som estranho que pode ser uma risada ou um soluço. Não tenho certeza.

— Aimee, o que diabos 'por enquanto' significa?

— Eu não sei ainda. — Ela fica quieta por pelo menos um minuto inteiro, e cada segundo que passa do seu silêncio me atinge no peito. — Eu acho que nós dois precisamos de tempo para mudar o foco.

— Mudar o foco?

Ela assente em resposta.

Pelo menos ela não jogou a carta de '*só amigos*'. Acho que vou perder a cabeça se ela me disser que quer ser minha amiga. Eu posso fazer muitas coisas, mas não posso ser *apenas amigo* de Aimee Spencer. Não mais. Este navio naufragou há muito tempo.

— Sei que isso soa estúpido, e eu não sei exatamente o que quero dizer, mas acho que é importante para nós dois descobrirmos — ela me diz enquanto abre as mãos e deixa o restante das folhas rasgadas caírem no chão.

— Ok, vamos descobrir juntos.

Ela sacode a cabeça.

— Eu tenho que me desvendar, e você tem que fazer o mesmo, e até que nós dois possamos parar de fugir, não podemos ficar juntos.

— Aimee, a noite passada foi... — Balanço minha cabeça. — Foi um grande erro.

— Você está certo. Foi horrível — diz ela. — O que mais você quer que eu diga aqui, Cole? Quer que te diga como me senti? Eu sei que você estava chateado com sua mãe e tudo estava um caos, mas você quer me ouvir dizer que quando eu vi Kate sentada no seu colo mal consegui respirar? Quer que eu te diga que senti como se tivesse morrido lá dentro?

— Aimee, eu te disse que não aconteceu nada.

— Eu sei — diz ela, fechando os olhos. — Disse que acredito em você, e estou falando a verdade.

— Você acredita?

— Sim, mas isso não muda a maneira como me senti. Cole, eu fiquei destruída. Tinha acabado de me abrir para você e quando você me afastou e se virou para outra pessoa, senti como se estivesse desmoronando — me

desintegrando em tantos pedaços...

— Sinto muito.

— Depois, percebi que não é de admirar que eu me sentisse assim porque a verdade é que já estou despedaçada — diz ela. — Estive o tempo todo. Acho que tenho usado você, e o que você me dá é quase como uma cola para manter todas as partes de mim no lugar, e não importa o quão bom seja estar perto de você, não é certo. Tenho contado com você para me salvar quando eu deveria ter descoberto uma maneira de salvar a mim mesma. Entende?

Se as palavras pudessem ser um buraco negro, essa conversa seria assim. Um buraco profundo em que estou caindo. Um vácuo sem fim que está sugando toda a luz da existência.

Meus olhos estão queimando. Dói piscar.

— Estou ouvindo o que você está dizendo, mas você não pode esperar que concorde com você. Não pode me pedir para limpar sua consciência. Eu quero estar com você, Aimee. É tudo que eu quero. Qualquer coisa menos que isso é uma droga.

— Eu sei.

Deslizo minhas mãos pelo meu cabelo e puxo as pontas.

— Diga o que você tem a dizer para mim, mas não me peça para entender ou ver as coisas do seu jeito. Você não tem a minha permissão para partir a porra do meu coração.

Seus olhos estão vermelhos e brilhantes.

— Cole, se nós não pudermos ter nossas próprias vidas, então faremos algo pior do que partir o coração um do outro. Nós vamos nos separar. E talvez eu possa me arriscar, mas não posso arriscar você. Eu simplesmente não posso!

— Na matemática, opostos não se atraem?

É ridículo, e eu sei disso antes mesmo de dizer, mas não consigo evitar. Meu mundo inteiro está afundando, e eu estou procurando por algum tipo de bote salva-vida para me segurar.

Aimee me dá um sorriso triste e diz:

— Isso não é matemática. Esta é a minha vida, e esta é a sua vida, e isso significa alguma coisa. Significa algo para mim.

Eu preciso tocá-la, conectar nós dois por uma linha sólida enquanto digo o que tenho para dizer, então, eu pego sua mão novamente e acaricio a parte tenra de seu pulso onde as finas veias azuis se cruzam como linhas de estrada em um mapa da cidade.

— O que você diria se eu dissesse que te amo?

Ela olha para longe, mas não preciso ver seu rosto para saber que ela está chorando. Seus ombros estão tremendo, e seus dedos se agarram aos meus com tanta força que suas unhas se afundam a minha pele.

Minha voz é crua, mas continuo, tentando enfiar minhas palavras dentro dela.

— O que você diria, Aimee?

Ela levanta a cabeça. Então puxa a mão e toca a cicatriz com a ponta do dedo médio, como se estivesse pensando na minha pergunta.

— O que você diria? — eu pergunto novamente.

Ela não me olha nos olhos.

— Eu diria que me amar é uma péssima ideia.

Então é isso.



Capítulo 21

Aimee

Você ouve esse som?

O som de vozes abafadas vaga através da parede do pátio. O suave arrastar dos pés descalços contra o cimento. O ranger de uma porta se fechando.

Você ouve isso? É o som do mundo se despedaçando.

Cole

Eu não sou meu pai. Estar deprimido não faz meu estilo.

Qual é o meu estilo?

Estar chateado.

Então é isso que eu estou. Eu estou chateado. Sou um pedaço de hostilidade mal contida. Não consigo ver direito, não consigo pensar direito. E, no fundo, sei que isso significa que mesmo que não esteja chorando ou morrendo, sou como qualquer outro idiota que já entregou seu coração a uma garota e permitiu que ela o apertasse entre seus dedos até espremê-lo em uma

grotesca explosão de sangue e tecido rasgado.

Primeira hora:

— Me avise se for vomitar — diz Daniel. E ele está falando sério. Eu quero rir e dizer a ele para ir se foder, mas a coisa é que eu realmente posso vomitar.

Hora três: faço um buraco na parede da casa. Daniel vai até a Home Depot para comprar um kit de reparo de gesso.

Hora seis: Adam sai e volta com uma caixa de cervejas. Ele coloca o Peck todo no meu colo e me diz para não se preocupar em pagar, porque estava em promoção.

Hora sete: tenho coragem de olhar para o meu telefone. Há quatro chamadas não atendidas da Sophie e uma do número da minha mãe. Ah, e tem uma da Kate. Ela está apenas *verificando* se estou bem. Foda-se. Eu quebro o telefone. Acho que foi bom eu ter salvado meus contatos na nuvem ou o que quer que seja.

Eu não conto o tempo assim desde que minha mãe nos deixou. É como se minhas bolas estivessem conectadas ao ponteiro dos minutos no relógio e, a cada segundo que passa, elas são torcidas um pouco mais.

Dezessete horas.

Quarenta e oito horas.

Sessenta e duas horas e quatorze malditos minutos.

É terça-feira, e eu me levanto e me arrasto para a aula. Enquanto estou estacionando e caminhando os quatro quarteirões até o Davis Hall, digo a mim mesmo repetidamente que não vou procurá-la em frente ao prédio da Liberal Arts, mas, vamos encarar, eu dou uma olhada. Não é como se achasse que ela realmente estará lá, esperando por mim com aquela bolsa ridiculamente grande no ombro. Mas ainda assim...

Hora do almoço. Nós normalmente nos encontrávamos no refeitório da União, e ela pedia uma salada Caesar com frango – molho à parte –, e eu peço um Filé (com bastante cebola). Hoje sou só eu e um sanduíche sem cebola.

Enquanto eu como, meus olhos se movem entre as mesas e a porta. Eu sou patético. É como um daqueles acidentes pelos quais você passa na interestadual. Você jura que não vai olhar as janelas quebradas e o metal retorcido. Promete a si mesmo. Você jura de coração e espera a vontade morrer. Mas quando chega a hora, simplesmente não consegue evitar, não é? Este sou eu checando a minha própria vida.

Eu não durmo à noite. Não importa se corri dezesseis quilômetros pela manhã ou que se passei trinta minutos a mais na sala de musculação depois do treino. Se um milhão de dólares estivesse em jogo, eu não conseguiria dormir. Eu me reviro na cama. Remexo meus travesseiros em centenas de posições diferentes. Tento um banho escaldante e depois um frio, mas nada disso ajuda. Há muito em que pensar, demais ao ponto de se tornar uma obsessão. Lembranças dela vibram contra as paredes do meu crânio, me provocando, rasgando meu coração.

Olhos azuis.

As pontas de seus longos cabelos castanhos roçando meu braço enquanto eu caminho com ela para a aula.

O jeito como ela, às vezes, pulava para o final de um livro que estava lendo para ter certeza de que tudo daria certo. *Estou apenas checando*, ela explicava. *Não posso continuar a leitura, a menos que saiba*.

Sua respiração provocando meus lábios.

Me amar é uma má ideia, ela disse, simples assim. Bem, *que se foda*, eu acho.

Que se foda.

Mas eu não quero dizer isso. Não de verdade.

Eu sou um saco patético de merda. Não é de se admirar que ela não me queira mais.

Cem horas.

Cinco dias e meio

Nate e Adam me convidam para uma festa à qual eles vão no condomínio de praia de uma garota. Eu sei que devo dizer não, mas acho que estou em busca de uma punição. Acabo sentado na varanda, sozinho, com o som estridente da música pop feminina me inundando através das portas de vidro deslizantes.

Olho para o meu novo telefone. Sophie parou de tentar me ligar há dois dias. Agora ela está enviando e-mails. Esta manhã, dei uma olhada no último e peguei algumas palavras-chave como: *glioblastoma* e *lobo temporal*. Minha irmã de treze anos está tentando falar comigo sobre cuidados *paliativos*, o que quer que isso signifique, e eu sou muito covarde para responder.

Até nós dois pararmos de fugir...

Eu olho para o meu telefone por tanto tempo que tudo na tela começa a ficar embaçado. Respirando fundo, abro meus contatos e digito uma mensagem rápida antes de perder a coragem.

Eu pensei em um novo. Oliver Twitter

Estúpido, certo?

Aguardo alguns minutos para ver se ela me envia uma resposta. Vejam que surpresa: ela não faz isso.

Um cara sai na varanda e pergunta se eu quero um cigarro. *Por que diabos não?*, penso eu, acendendo e sugando essa merda profundamente em meus pulmões.

Não tenho nada a perder.

Seis dias.

Uma semana.

Aimee

O que você diria se eu te dissesse que te amo?

À noite penso sobre essas palavras enquanto estou olhando para a escuridão, tentando ler a forma das sombras no meu quarto. Revivo essa pergunta repetidamente na minha cabeça; o som de sua voz faz cócegas no meu ouvido e as memórias me puxam para baixo.

Eu fecho meus olhos e respiro. Seguro o ar dentro dos meus pulmões e conto até dez. E então eu o solto.



— Aimee? — a voz da minha mãe está mais tensa do que o habitual, e isso provavelmente quer dizer alguma coisa. — Está tudo bem?

A regra tácita é que eu espero que ela me procure, então, tenho certeza de que, quando meu número de telefone apareceu em seu identificador de chamadas, ela começou a entrar em pânico.

— Sim — murmuro para o telefone. Inspiro profundamente e deixo meus olhos vagarem pela fresta no teto do meu quarto. — Eu estava pensando se você ainda teria o número daquela médica? A que o Dr. Galindo sugeriu?

Uma pausa.

— Tenho — minha mãe diz baixinho. Então eu ouço sons embaralhados e sei que ela está procurando algo em sua bolsa, provavelmente o cartão de visitas da médica.

Ela lê o número para mim e depois nós duas ficamos no telefone um pouquinho, cada uma de nós esperando a outra para terminar a conversa. Ou talvez a gente esteja apenas ouvindo o som das nossas respirações compartilhadas.

— Bem, obrigada — eu digo sem jeito.

— De nada. Você tem certeza de que não precisa de mais nada?

— Eu não sei... talvez?

— O que seria?

Eu tomo outro grande fôlego.

— Mãe, você acha que talvez possa ir comigo algum dia?

— À médica? — ela pergunta.

— Sim. Quer dizer, não para a primeira consulta, mas talvez algum dia? E talvez o papai pudesse ir também? Porque a coisa é... eu te amo. Eu amo vocês dois, e não acho que vou voltar a ser a pessoa que era antes do acidente. Mas só porque sou alguém nova, isso não significa que quero deixar de ser sua filha.

Ela fica quieta por um longo tempo e meu estômago se revira de emoção.

— Oh, Aimee — diz ela e até mesmo através do telefone, posso perceber que está chorando. — Eu gostaria disso. Eu gostaria muito disso.

Cole

Eu crio um novo título todos os dias. Depois de Oliver Twitter, são Alice no País das Cotovias e depois Bebedouro 5 e As Aventuras de Pim.

Eu gosto de imaginar que Aimee recebe minhas mensagens enquanto está sentada de pernas cruzadas no meio da cama, com a pequena regata creme

que ela gosta, estudando ou passando loção nas pernas. Eu a imagino tentando reprimir um sorriso e falhando miseravelmente. E, de alguma forma, esse pensamento me faz sobreviver ao dia.

Às vezes eu mando outras coisas para ela: uma letra de música aleatória que aparece na minha cabeça, uma foto do meu tênis antes de eu correr com o Nate. Certa manhã, enviei uma foto horrível de couve e espinafre que Daniel insiste em me obrigar a comer no café da manhã.

Digo a mim mesmo que não estou tentando ser amigo dela, reconquistá-la ou algo assim. Não é como se ela respondesse, então é mais como se lançasse uma garrafa no mar ou escrevesse em um diário do que como assediar uma ex-namorada. É difícil explicar, mas há uma espécie de paz nisso. E eu sei o quão estúpido soa. Sei que estou descobrindo maneiras de justificar para mim mesmo, mas talvez isso não seja tão terrível. Chegar a Aimee nessas pequenas e insignificantes maneiras me faz sentir algo além de raiva e autopiedade, e hoje isso importa mais do que o meu orgulho.

Eu finalmente ligo para a minha irmã em uma tarde de terça-feira, quando sei que ela terá voltado da escola e estará em casa. Não estou pronto para um vídeo chat ainda, então levo o telefone ao ouvido e espero. Sophie atende no segundo toque.

— Cole?

— Merda, garota. Eu sinto muito — digo, minha voz soando como uma bagunça de sílabas. — Você tem todo o direito de me odiar.

— Eu com certeza tenho.

Ai, isso dói.

— Eu fugi, e você tem todo o direito de me odiar — prossigo —, mas estou implorando por nova chance.

A menina é legal. Ela não me passa um sermão. Apenas me diz que tudo bem e que ela me ama, o que, é claro, me faz sentir um pedaço de merda ainda maior.

— Como está a mamãe? — eu pergunto com nervosismo.

Sophie dá um pequeno suspiro.

— Nada bem. Ela está em uma lista de espera para ser internada daqui a alguns meses.

Internada? Já?

— Mas e quanto ao tratamento? Eles não podem tentar quimioterapia, radiação ou algo assim?

— Você não leu meus e-mails? Ela passou por tudo isso.

Eu me forço a respirar fundo. Estou no chão do meu quarto, com as costas pressionadas contra a porta do armário, e meus pés sobre a cama.

— Porra, eu sinto muito, Sophie — digo novamente. — Você não deveria estar lidando com isso sozinha. Sinto muito mesmo.

— Você não deveria dizer *porra* quando está falando comigo. É grosseiro — ela me diz com uma risada fraca.

— Sophie... — minha voz é séria.

— Cole... — ela está igualmente séria.

Eu gemo de frustração.

— Eu não sei o que dizer para você, para ela ou para o papai.

— Está bem. Isto é, estamos bem. Ela está dormindo no quarto de hóspedes — diz ela, parecendo muito mais velha do que qualquer adolescente de 13 anos deveria parecer. — No começo era estranho, mas agora é bom. Acho que papai pode estar acordando de seu coma, e talvez esse seja o lado positivo das coisas.

— O que você quer dizer?

— É como se, mesmo eu sabendo que não vai acabar bem, acho que, de alguma maneira estranha, precisávamos que algo assim acontecesse. Papai precisava disso. Ele ficou entorpecido por muito tempo, e foi preciso algo assustador para acordá-lo. Não estou dizendo que estou feliz, mas é como... tipo...

— Um desfecho? — ofereço.

— Mais ou menos — diz ela. — E talvez não apenas para o papai, mas para todos nós. Quero dizer, fiquei brava com ela por anos, mas agora eu meio que penso: qual é o sentido? Estava muito zangada, mas ela não tem muito tempo, então, em vez de ficar brava ou algo assim, fico feliz em ter esse tempo com ela para consertar as coisas. — Sophie abaixa a voz. — Você se importa?

Estou surpreso com a pergunta.

— Por que eu me importaria, Soph?

— Eu não sei — responde em voz baixa. — Você não queria falar com mamãe desde que ela partiu e ainda não quer falar. Sempre fomos nós contra ela e agora... Bem, não quero que você pense que não estou mais do seu lado. Você fez muito por mim e nunca vou esquecer. Estou sempre do seu...

Eu a cortei.

— Por favor, nem termine essa frase. Não quero que você pense assim ou carregue meus fardos para mim. Ela é sua mãe — eu digo, e as palavras de

Aimee me surgem. — Ela é parte de você, e eu quero que você saiba disso.

Sophie suspira suavemente no telefone e eu gostaria de poder ver o rosto dela, porque sei que ela está sorrindo e eu amo esse sorriso.

— Eu era muito jovem — diz ela calmamente. — Eu não a conhecia. Não sabia que a sobremesa favorita dela é torta de limão com merengue, ou que ela cantou em um coral no ensino médio, ou que tem medo de altura. E percebo que essas coisas parecem bobagens, mas a tornam uma pessoa real. Isso faz sentido? Eu nem sabia que tinha todas essas perguntas sobre ela até ter as respostas.

Meu peito se aperta.

— Você só precisava de uma chance de obtê-las.

Conversamos um pouco mais. Sophie me conta sobre a escola e me atualiza sobre Aaron Miller. Finalmente, ela pergunta sobre Aimee.

— Como você sabe sobre eu e Aimee? — pergunto.

— Liguei para o telefone da casa procurando por você, e Adam me disse.

— Então você sabe que acabou, certo? — pergunto, meu estômago se revirando. Não quero falar com Sophie sobre isso.

— Mas eu não sei o porquê. Não sei como você se sente — diz ela, parecendo muito mais com uma garota de 13 anos.

— O porquê é que eu sou um idiota — digo e bato minha cabeça contra a porta do armário. — E sinto que fui mastigado, engolido e depois cuspidos de volta.

— Como vômito regurgitado?

Eu rio, porque, por mais nojento que seja, vômito regurgitado parece o termo certo.

— Algo parecido.



Um dia, acho que a vejo andando pelo campus. Meu coração dispara e, por um segundo, não consigo respirar direito, então, coloco-me em movimento, correndo atrás dela, empurrando as pessoas para fora do meu caminho. Mas é outra pessoa. A garota é mais baixa que Aimee. Ela tem olhos castanhos escuros e um nariz estreito que se inclina para baixo. Ela olha para mim como se eu fosse louco e me pergunto se pode estar certa.

Pouco tempo depois, em uma coincidência não inteiramente coincidente,

esbarro em Mara saindo da livraria do campus. Trocamos olá enquanto eu procurava nas feições dela por algum traço de Aimee.

— Como ela está? — eu pergunto, tentando parecer casual. Como se minha vida não dependesse da resposta.

— Ela está bem — diz Mara. — Está sendo acompanhada.

A frase rouba o ar dos meus pulmões e me dá um chute na bunda.

Porra! Então essa é a sensação de ser dilacerado. Meu cérebro pisca naquela cena em Coração Valente, onde Mel Gibson está deitado na cruz com as entranhas em uma poça aos seus pés.

Mara pega a expressão no meu rosto e rapidamente coloca a mão no meu braço.

— Oh, Deus, não! — ela exclama. — Não do jeito que você está pensando. Eu quis dizer que ela está sendo acompanhada por um terapeuta.

— Oh. — Mais como *aleluia*.

— É uma coisa boa. Bom para ela. Bom para meus pais — ela diz e encolhe os ombros. — Bom para você, talvez.

— Huh — eu digo, casual, como se o sol não tivesse acabado de entrar em colapso e criado uma supernova.

A vida avança. A luz do dia chega. Se vai. Comecei a ler à noite. Isso me ajuda a dormir. Talvez faça alguma coisa no meu cérebro, ou talvez eu goste, porque os livros me lembram Aimee.

Às vezes eu sonho com nós dois deitados de costas na minha caminhonete. Sinto sua mão na minha, seu calor contra o meu corpo. Então o vento entra, a pega e tenta levá-la para longe de mim. Mas não largo a mão dela. Eu não posso. Agarro-me a essa corda como se nada pudesse me impedir. E quando acordo, desejo poder continuar sonhando.

Na maioria dos dias, Sophie e eu conversamos. Às vezes, ela quer me contar sobre a nossa mãe e eu a ouço. Outras vezes, ela fala sobre coisas de adolescentes: escola, meninos, cachorro... e eu também ouço.

— Enviei um e-mail para o nosso pai há alguns dias — digo a ela.

Estamos no bate-papo por vídeo e posso ver os olhos dela se arregalarem.

— Você enviou? — Eu assinto. — E?

— Foi bom. Acho que nós dois vamos nos esforçar mais — eu digo. — Sophie, ainda não liguei para mamãe e não posso fazer promessas, mas talvez... Talvez... Eu sei que, como seu irmão mais velho, sou um péssimo exemplo e minha única desculpa é que ainda estou resolvendo as coisas.

— Bem, quando cometemos um erro na quadra, nosso técnico de vôlei

sempre nos diz que, enquanto ainda estivermos respirando, ainda podemos tentar. E então ele normalmente nos diz para superarmos a nós mesmos.

Eu ri.

— Isso não é um mau conselho.

— Seu outro pequeno pedacinho de sabedoria compartilhada é dar um soco na cara de alguém todos os dias. — Ela encolhe os ombros. — Na verdade, acho esse um pouco mais útil.

O que posso dizer? A garota é legal.



Eu digo a mim mesmo que não vou mais mandar uma mensagem para ela. Então, não seguindo meu próprio conselho, envio outra.

Quem se importa? Não é como se ela fosse responder.

Uma noite, envio-lhe uma foto do céu depois do treino. Mais títulos de livros falsos.

Tudo bem, porque ela nunca me responde.

Até que isso muda.



Capítulo 22

Cole

Estou na cama lendo quando meu telefone toca. Eu espero que seja uma mensagem da Sophie. Ou talvez de Adam, detalhando os inúmeros motivos pelos quais eu sou uma mulherzinha por ficar em casa em uma noite de quinta-feira, enquanto os caras vão à cidade.

Quando vejo o nome dela, todo o meu mundo para de girar.

É sobre o quê?

No começo fico confuso. O *que* é sobre o quê? Então percebo que ela se refere ao título do livro que enviei antes – Anjos e Demos. Só preciso de meio minuto para inventar algo.

É uma comédia sobre um grupo de jogadores de um time de beisebol da Califórnia, enquanto eles seguem seu sonho de fazer sucesso no ramo da música.

Meus dedos coçam enquanto digito um segundo texto.

É a sua vez.

Um minuto passa. Dois. Parece um milhão de malditos anos. Três minutos. Ervas daninhas crescem sobre meus pés. As calotas polares derretem algumas dezenas de polegadas. Quatro minutos. Meus órgãos internos petrificam.

Meu telefone faz um som e, assim, o mundo volta a se movimentar.

Aimee

— Foi uma palestra empolgante, você não concorda? — Jodi diz com um revirar de olhos.

— Dr. Hillard me surpreendeu como sempre — eu brinco. Levo três dedos às minhas têmporas e as esfrego vigorosamente. — Depois de uma hora, acho que preciso de um aumento de cafeína.

— Eu também. Realmente quero que ela seja bombeada para a minha corrente sanguínea por via intravenosa. — Jodi pega os seus óculos escuros no bolso da frente de sua bolsa. Deslizando-os sobre o nariz para proteger os olhos do sol, ela se vira para olhar para mim.

— Para a União? — ela pergunta.

Eu assinto.

— União.

— Ei, eu preciso te contar uma coisa — diz ela enquanto nos movemos pela calçada, esquivando-se de alguns caras. Um deles parece um pouco com Cole, e eu deixo meus olhos se demorarem em seu cabelo loiro e na linha reta de sua mandíbula.

— O que foi?

— É incrível como alguns meses atrás, quando eu não estava procurando

por ele, ele estava em toda parte, e agora eu não o vejo há semanas. Talvez seja o universo tentando me dizer alguma coisa.

— Eu vi Cole ontem à noite.

O som do seu nome falado em voz alta faz meu coração dar uma cambalhota. Paro de andar e giro para poder olhar para ela.

— Você o viu?

— Sim. Kyle e eu estávamos jantando naquele café ao ar livre em Southbay. Eles têm um tofu de manga fantástico que é o equilíbrio perfeito de doce e salgado. Outra vantagem é que você pode pedir anéis de cebola em vez de batatas fritas padrão. Você sabe que eu amo seriamente anéis de cebola.

— Jodi — digo com impaciência —, eu estou figurativamente batendo meu pé impaciente aqui.

— Ok, tudo bem. — Ela aperta a boca e empurra um cacho solto para trás da orelha. — Honestamente, não há muito o que contar, e foi provavelmente por isso que não mencionei logo. Eu só o vi de longe andando até a caminhonete e tudo que posso dizer é que estava bonito.

Claro que estava. Ele *sempre* está bonito.

— Ele estava sozinho? — pergunto a ela.

Jodi abaixa a cabeça para que eu possa ver os olhos dela sob os óculos escuros.

— Sim. Sem camisa, acho que ele devia estar voltando do treino. Ou isso ou ele estava modelando para um calendário.

Eu começo a falar, mas mudo de ideia e deixo Jodi tagarelar o resto do caminho para a União. Ela preenche o silêncio com uma reedição completa da reunião da irmandade da qual ela participou duas noites atrás. Assinto e resmungo um pouco, mas, na verdade, meu cérebro está cinco minutos atrasado, preso no piche que é Cole Everly, nu e suado depois de um treino.

Depois que pegamos nossos cafés, Jodi pigarreia e diz:

— Quero que você me diga novamente.

— Dizer o quê?

— Conte tudo de novo — diz ela, girando a mão no ar. — Sobre os textos, as fotos que ele está enviando. Tudo isso.

Eu alcanço uma colherinha de madeira do lado oposto do balcão.

— Por quê? Isso não significa nada.

Antes de Jodi colocar a tampa em seu café, ela mergulha o dedo e o leva à boca para testar se precisa ou não adicionar mais açúcar.

— Você quer que signifique algo, Aimee? — ela pergunta.

Eu quero que signifique algo? Demoro alguns segundos para responder.

— Eu não sei. Isso importa?

Ela me lança um olhar cheio de entrelinhas. Depois daquela noite, contei tudo a Jodi. E eu quero dizer *tudo*: sobre Jillian, o acidente e a mãe de Cole. Ela precisava ouvir algo, então eu lhe contei a verdade. E o tempo todo em que chorei e a deixei segurar a minha mão, eu estava pensando naquela vez em que acordei e Cole estava olhando para mim com olhos tristes e brilhantes. *Você não teve mais ninguém depois da morte de Jillian?*

— Ah, estamos de volta a isso.

— Jodi, ele provavelmente já conheceu outra pessoa. Caras assim não ficam esperando garotas como eu.

Ela inclina o queixo.

— Ele não dormiu com aquela garota, e eu não acho que ele esteja interessado em mais ninguém.

— Como você sabe? — eu pergunto, balançando a cabeça. — Já faz *semanas*.

— Semanas! Meses! Anos! — ela diz e joga as mãos para cima. — Não importa. Ele disse que amava você.

— Não, ele não disse — corrijo. — Ele me perguntou o que eu diria se ele dissesse que me amava.

Posso ver que ela está um pouco desapontada com a minha resposta.

— Agora você está apenas sendo obtusa.

— Eu não estou sendo obtusa. Estou simplesmente dizendo que...

Jodi não me deixa terminar. Ela está movendo a cabeça e as mãos em dez direções diferentes.

— Você pode mentir para si mesma o quanto quiser, mas eu sei a verdade — ela insiste, com a voz firme. — Eu *vejo* isso. Cole te ama e você o ama. Quando vocês se olham, seus olhos se transformam em pequenos corações vermelhos brilhantes.

— Isso não é verdade — digo.

— Sim! Você está pensando demais nisso, Aimee. Está tão ocupada se preocupando com o que pode dar errado que não está dando a oportunidade de dar certo.

— Não, não é isso — eu digo e balanço a cabeça. — Acho que perdi minha chance com ele.

— Aimee, o amor é uma escolha, não uma chance.

Levei um minuto para reconhecer minhas próprias palavras, as que eu disse a ela depois que conheceu Kyle, quando eu estava explicando por que não acreditava em amor à primeira vista.

Estou em silêncio, e Jodi sabe disso. Ela toma um gole de café e toca meu braço. Com um sorriso, ela diz:

— Agora você entende.



— Você tem pensado sobre confiança, Aimee?

Eu tenho pensado em confiança? Mesmo para uma terapeuta, acho que é uma pergunta estranha.

Olho para a Dra. Bernstein, sentada em frente a mim, em uma cadeira coberta por um tecido branco e feio. Ela *parece* uma terapeuta. Óculos, cabelo todo puxado para trás de seu rosto. E ela faz muitos sons ‘*hmmm*’ do fundo do peito. É muito medicinal e calmante.

— Confiança — ela diz novamente, incentivando-me com os olhos. Além dela, há janela clara que se abre para o céu.

— O que você quer dizer? — eu pergunto.

Ela descruza as pernas e se inclina para frente, apoiando-se no braço da cadeira.

— Quando seus pais vieram à sessão na semana passada, você se lembra de como falamos sobre confiança? Sobre ser uma via de mão dupla?

Sim. Entre muitas coisas, ela disse que eles precisavam confiar em mim mesma e que eu precisava fazer o mesmo por eles.

Assinto, tentando manter meus pensamentos no lugar.

— Existe um certo nível de confiança entre amigas, não é?

Amigas? De repente, fico nervosa. Algo está seriamente errado aqui.

— Eu me pergunto se você já pensou na confiança que Jillian quebrou na noite do acidente — ela pergunta.

Jillian, penso nela, e é como se meu cérebro estivesse se partindo em dois. Quebrando-se.

— O que você quer dizer? — Mal posso ouvir minha própria voz. Estou tremendo. Tirei uma imagem da minha mente: Jillian e eu em pé, contra o corrimão de uma ponte, nossos dedos entrelaçados, o vento girando nossos cabelos ao redor de nossos rostos. Acho que nós tínhamos quinze anos.

Eu vou se você for...

— Ela não disse que estava tomando pílulas — diz Bernstein. Seus olhos estão pesados e cada palavra que sai da sua boca é uma picada contra a minha pele sensível. — Jillian disse que estava bem para dirigir, mas isso não era verdade, era?

Você ouve esse som? É o som do mundo se despedaçando.

— Isso não é... isso é, ela não estava...

— Não me entenda mal. Eu não estou dizendo a você o que deve sentir, Aimee. Eu estou apenas dando a você as ferramentas para te ajudar a trabalhar com isso, e acho que é algo que você deveria pelo menos considerar.

Não consigo pensar em como responder. Eu tenho tantas palavras dentro de mim e não faço ideia de como dizê-las, então, mantenho minha boca esticada em uma linha reta e esfrego minhas mãos em meus braços trêmulos. Deus, está frio aqui.

Um dois três...

Depois de uma eternidade, a Dra. Bernstein aponta para o relógio e fecha o notebook no colo.

— Perdão não é simples — ela diz, como se eu já não soubesse disso. — Há sempre a possibilidade de você não ser a única que precisa recebê-lo.

Cole

Acontece do jeito como começou: com ela esbarrando em mim em um dia ensolarado.

Mais tarde, serei capaz de me perguntar sobre todas as formas pelas quais podemos nos perder um ao outro. Vou pensar em como o cara do carro na minha frente poderia ter ultrapassado o sinal um quilômetro atrás, ou o que teria acontecido se eu tivesse decidido não passar na Starbucks antes de parar para abastecer.

Mas, neste momento, não estou pensando no alinhamento ou no destino das estrelas. Não. Estou incomodado porque a máquina de pagamento da bomba não está lendo a tarja magnética no meu cartão de débito. Novamente.

— Droga — eu resmungo, limpando o cartão de débito contra a minha perna e passando-o pela máquina pela terceira vez. *Erro de cartão.*

Observo todo o posto de gasolina, enfiando o cartão de débito na dobra da minha carteira e a carteira no bolso de trás. Quando chego à porta de vidro, vejo a garota surgindo. Seu cabelo escuro está puxado em um coque bagunçado. Ela tem um andar torto, está de costas para o mundo exterior e está empurrando o vidro com o osso do quadril. Não percebo quem é até depois que ela coloca o pé no limiar e sua garrafa de suco de laranja está pingando na frente da minha camisa.

— Agh!

— Oh, meu Deus! — ela choraminga. — Eu sou tão desajeitada.

Essa primeira fração de segundo de reconhecimento me atinge com força. Parece que um terremoto está preso dentro do meu corpo. Minha pele ronca com o impacto.

A energia falha.

Árvores são arrancadas.

Casas são destruídas.

Cidades são niveladas.

Suas mãos voam para o meu peito logo antes de seus olhos encontrarem meu rosto. *Vejam só.*

— Eu sinto muito!

Aí está. Eu vejo as palavras se evaporarem da ponta da sua língua. Ela fica branca e depois rosa como um anel de humor humano. Sua boca se abre e seus cílios negros vibram contra suas bochechas.

— Olá, Aimee.

Seus olhos se movem entre meu rosto e minha camiseta encharcada de suco de laranja. Ela se afasta e cobre o rosto com as mãos.

— Desculpa. Eu sou péssima — ela sussurra, olhando para mim através de seus dedos.

Eu cautelosamente puxo o tecido pegajoso para longe do meu peito.

— Poderia ter sido café quente. Mantenha isso em mente.

— Eu não posso acreditar que fiz isso — diz ela e balança a cabeça. — E talvez pior do que jogar suco em você, eu não tenho ideia do que dizer agora.

— Um simples *olá* poderia levar a um milhão de coisas maravilhosas.

Isso a faz tirar as mãos do rosto, o que é legal porque eu quero olhar para ela. Quero examinar todos os detalhes que a compõem e depois compará-los às minhas memórias para ter certeza de que não esqueci nada importante.

Cabelo, olhos, ombros, sardas na bochecha.

— O que você está fazendo aqui? — ela pergunta para mim.

— Vim abastecer — eu digo, apontando para a minha caminhonete. — E você?

— O mesmo. — Sigo o movimento de sua cabeça até onde Mara está inclinada sobre seu carro. Ela acena e eu aceno de volta. — Matamos aula hoje para ir para casa mais cedo para o feriado de Ação de Graças. Mara queria uma barra de granola, e eu estava com desejo por suco de laranja e, bem, você pode imaginar o resto.

Silêncio. Somos desajeitados. *Isto é estranho.*

Eu tusso.

— De todos os postos de gasolina em todas as cidades do mundo...

Aimee pisca para mim, e eu sei que ela não tem ideia do que estou falando.

— *Casablanca* — eu explico.

Aimee sacode a cabeça.

— Eu não vi esse.

— Ah, fala sério. Estou chocado.

Ela ri e quando a risada desaparece, se transforma em um sorriso. Um sorriso de verdade. É o que eu lembro. Tão linda que deixa o sol envergonhado. Eu digo a ela isso, e ela sorri e cora um pouco mais.

— Então, hum, você vai para casa para o Dia de Ação de Graças? — ela pergunta eventualmente.

Eu me inclino para trás em meus calcanhares e aperto meus olhos contra o sol que está pendurado no topo do céu.

— Não. É muito longe para uma viagem tão curta. Eu tenho que estar no campus no sábado de manhã para resolver as coisas com equipe de atletismo — eu digo e respiro fundo. — Então, como estão as coisas com a sua família?

— Ah, boas, na verdade. Estamos conversando e esclarecendo muitos mal-entendidos, e acho que as coisas estão melhores.

— Que bom.

— Bem, foi, você sabe... — Ela balança os ombros e dá uma olhada em seu rosto. — Foi bom te ver.

— Sim, é claro — eu digo, imitando o olhar e coçando a parte de trás do meu pescoço.

Silêncio.

Ela aponta para a irmã e diz:

— Eu deveria ir.

— Eu também. — Eu passo para a direita ao mesmo tempo em que ela pisa para a esquerda e acabamos batendo um no outro.

— Você primeiro — digo, saindo do caminho e agarrando a alça da porta de vidro para me impedir de tocá-la novamente.

— Obrigada — ela respira. — Então, tchau, Cole.

Se ela olhar para trás, direi algo. Se ela não olhar, vou deixar passar.

Eu espero.

Espero mais um pouco.

Ela olha para trás.

Apenas uma vez, antes de chegar ao carro de Mara. É um olhar suave, por cima do ombro – tão rápido que, se eu não estivesse esperando, não perceberia.

Ainda conta.

— Ei, Aimee! — eu grito.

Ela se vira completamente e passa a mão no belo rosto.

Eu gostaria de dizer algo profundo ou incrível, mas se essas palavras estão dentro da minha cabeça eu não consigo encontrá-las. Tudo o que posso dizer é isto:

— Estou finalmente lendo os livros de Harry Potter.

— Você está? — ela pergunta, e eu posso dizer que está genuinamente surpresa. — Por quê?

Eu movo minha cabeça para o lado como quem diz *‘por que você acha?’*.

— Em qual livro você está?

— Três — eu digo.

Suas sobrancelhas se erguem ainda mais e um sorriso frágil toca o canto de sua boca.

— Eu acho que é o meu favorito. Você está gostando até agora?

Abro minhas mãos.

— Eu não sou um trouxa, sou?

Ela olha para mim e não é tanto pelo fato de estar olhando para mim – é o jeito como está olhando. A esperança se agita no meu peito. E quando ela cai na gargalhada, é como se criasse asas e decolasse para o céu.



Capítulo 23

Aimee

— Para onde está indo?

Eu estico meu pescoço por cima do meu ombro. Meu pai, que voltou para casa cedo do trabalho, está descendo as escadas segurando uma revista debaixo de um braço e um remo de caiaque embaixo do outro. Eu não pergunto.

Ele faz uma pausa no quarto degrau e faz a pergunta novamente.

— Para onde está indo?

— Na verdade, estou indo para a piscina para um mergulho — eu digo e aponto a alça do maiô preto à mostra debaixo da minha blusa. — Acho que pode ser a hora.

Papai se encolhe, surpreso com as palavras *piscina* e *mergulho*, mas só um pouco. Ele volta a descer as escadas enquanto elabora o que dizer.

— Isso é tremendo, docinho.

Tremendo? Quem diz palavras como *tremendo*?

— Sim, hum... — Eu me levanto e estico minhas pernas, pressionando minhas palmas escorregadias em minhas coxas. — Tente não dar tanta importância a isso, ok? Eu não mencionei para a mamãe.

Papai sorri. É o sorriso conspiratório “*esse-é-o-nosso-segredo*” que ele costumava usar comigo.

— Claro. Nada de mais. Nenhuma importância — ele diz e enxuga as

mãos na frente de seu corpo para enfatizar. — Você quer uma carona?

— Não, tudo bem. Vou de bicicleta, porque tenho algumas paradas para fazer primeiro.

O sorriso desaparece um pouco.

— Compreendo.

— Mas ei — eu digo, indo em direção à garagem —, você se importaria de verificar o ar dos pneus para mim?

Papai me faz esperar enquanto mexe na minha bicicleta por alguns minutos, e eu me sinto com doze anos novamente. Então ele me segue pela calçada e, uma vez que chegamos à esquina, ele me abraça por um longo tempo. Nós não usamos palavras reais, mas parece estranhamente com uma conversa. Enquanto pedalo, decido que não é perfeito, mas pelo menos é um começo.

Minha primeira parada não está longe, então eu não tenho muito tempo para ficar nervosa. Digo a mim mesma que é como nadar em uma competição. Você não pensa, você apenas faz.

Não pense, apenas faça. As palavras se movem dentro de mim como água rápida, me impulsionando pela estrada, ao redor da curva. Arfando, impulsionando, jogo a bicicleta no topo da passarela cheia de conchas, subo dois degraus familiares de cada vez e toco a campainha antes que eu possa me arrepender. *Não pense, apenas faça.*

— Você sabe quantas vezes eu joguei o jogo do *e se* comigo? — pergunto.

As palavras estão fervendo no ar antes que eu possa registrar as linhas no rosto dela.

— *E se* não tivéssemos ido naquela noite? *E se* tivéssemos aceitado a carona com Brian? — eu digo, minha voz se quebrando e lágrimas começando a rolar pelas minhas bochechas. Mal consigo olhar para ela, mas continuo. Eu vim aqui para conversar com a mãe de Jillian e é isso que vou fazer. — *E se* eu soubesse das pílulas? Como eu poderia não saber? — Eu choro. — Ela era minha melhor amiga, e eu achava que era o tipo de coisa que contaríamos uma à outra. Talvez ela tenha ficado boa em fingir... Eu não entendo nada disso, mas, ainda assim, acordo todas as manhãs e penso: *E se* eu pudesse voltar para aquela noite e decidir tudo de novo? *E se*?

A Sra. Kearns dá um passo à frente e para.

— Mas você não pode.

— Está certa. Eu não posso. Não posso mudar nada, não importa o quanto

eu me odeie.

Penso em Jillian, pegando minha mão, pulando no vazio. E eu penso nela tirando as chaves da minha mão, riso vincando seus olhos. *Estou bem.*

Eu enxugo as lágrimas nas minhas bochechas.

— Eu sinto muito. Sinto tanto a falta dela que dói. E às vezes dói tanto que estou convencida de que ela está presa dentro de mim tentando se soltar e escapar daqui — eu digo e bato meu punho contra o meu peito. — E nem sei se é isso que eu quero... porque, porque... se ela sair... se as memórias pararem de me assombrar, vou ficar sozinha. Realmente e verdadeiramente sozinha.

— Oh, Aimee — diz ela, e sua voz contém mais tristeza do que raiva. — Sou eu quem quer voltar atrás. E se eu tivesse sido mais rigorosa? E se eu a tivesse levado ao balé em vez da natação? E se eu fosse o tipo de mãe que revira o quarto da filha? Eu encontraria as pílulas, então? E se eu pudesse voltar e viver uma vida completamente diferente? Uma única escolha faria diferença? — Ela fecha os olhos encharcados de lágrimas. — E, querida, sou eu quem deveria estar dizendo a você que sinto muito. Você era apenas uma criança, uma criança que eu amava e a quem depois dei as costas por um erro e várias outras coisas que você não podia controlar. Sabe o que Jillian faria se estivesse aqui agora?

Incapaz de olhá-la nos olhos, levanto a cabeça um pouco.

— Ela bateria uma porta na minha cara e não falaria comigo por mais de uma semana — diz a Sra. Kearns quando encontra minha mão e entrelaça seus dedos nos meus. Sua pele é quente e suave. — Você não é culpada pela morte de Jillian. Nunca foi.

Estou tão sobrecarregada que não consigo levantar a voz acima de um sussurro.

— Eu não sabia sobre as pílulas. Juro que não sabia.

Ela não responde, mas balança a cabeça como se acreditasse em mim, então me puxa para seus braços e me aperta com força contra seu corpo.

— Entre — ela diz contra o meu cabelo. — Por favor.

Então eu entro.



Uma coisa que eu aprendi depois de assistir todos aqueles filmes com Cole é

que a vida real não funciona do jeito que acontece na tela. Na vida real, você raramente sabe a coisa certa a dizer e as melhores partes não se resumem a um roteiro gerenciável que termina na marca de duas horas. O diretor nunca grita ‘corta’. Não há um ponto final no fim da última frase. Existe um ponto de interrogação.

Se minha vida fosse um filme, só de ver a sra. Kearns, eu iria ao túmulo de Jillian e me esparramaria em um catre de grama verdejante sob um céu azul iluminado pelo sol. Eu falaria em voz alta por horas, contando todas as coisas que eu sentia falta. A brisa aumentaria junto com uma emocionante trilha musical. Um pássaro branco de algum tipo poderia voar de uma árvore próxima e eu apenas *saberia*, em algum lugar secreto dentro de mim, que Jilly e eu estávamos bem.

A vida real não funciona assim, não é? É confusa, bagunçada e há muitos pensamentos, muitos *sentimentos* se embolando dentro de você. Você não pode desanexá-los e dizer com certeza: “*isso é isso, e aquilo é aquilo*”.

Não é desse jeito.

É *assim*: grama queimada e quebradiça sob meus pés furtivos e suor se acumulando na minha bunda sob meu traje de banho devido ao passeio de bicicleta até aqui. Na vida real sou eu andando por entre as folhas que circulam meus tornozelos enquanto silenciosamente olho para a tabuinha de pedra que marca o local onde as cinzas da minha melhor amiga estão enterradas. A vida real sou eu procurando por respostas, mas me sentindo mais perdida do que nunca.

Olhando em volta, a única coisa que sei com certeza é que ela não está aqui. Não neste lugar. Não há como Jillian Kearns ficar por toda a eternidade em um monumental cemitério da Flórida cheio de marrons e cinzas e um monte de velhos em decomposição. Não existe essa chance. Ela iria onde está a ação.

Eu vou se você for.

Eu inclino meu rosto para o céu, e algo que a Sra. Kearns me disse mais cedo volta à minha memória.

— *Quando vocês tinham cerca de dez ou onze anos, eu levava as crianças para a escola e perguntava quem elas seriam se pudessem ser outra pessoa. Não me lembro da resposta de Daniel. Tenho certeza de que ele disse que gostaria de ser o presidente ou algum atleta famoso com um grande contrato de patrocínio. — Ela afastou meu cabelo do meu rosto e procurou meus olhos. — Você sabe o que Jillian disse?*

Eu balancei a cabeça.

— Eu nunca vou esquecer isso porque foi uma coisa tão estranha de se dizer. Ela me disse que seria você. Você, Aimee. — Ela segurou nossas mãos no lugar onde meu coração batia sob a minha pele. — Talvez você não esteja errada. Talvez ela esteja dentro de você. Mas não acho que esteja fazendo barulho porque está tentando sair. Acho que ela só quer ter certeza de que você sabe que ela está lá.

Cole

Eu não posso explicar o que está acontecendo dentro da minha cabeça. É como tentar descrever em uma frase concisa como e por que Batman vs. Superman foi tão errado. É mais como *por onde eu começo?*

Se eu tivesse que dizer algo? Então eu diria que estou doente e cansado de colocar obstáculos para mim mesmo.

Eu não tenho certeza exatamente do que devo fazer a seguir, mas sei que tenho que fazer alguma coisa ou vou ser engolido no vácuo sem fundo do espaço morto que foi esculpido onde meu coração deveria estar.

Então, na noite de quarta-feira, disco os números um de cada vez e então levo o telefone ao ouvido.

Quando ela responde e eu ouço sua voz – ao vivo e não em uma mensagem de voz – pela primeira vez em três anos, eu me obrigo a respirar e digo, todo casual:

— Então, tem uma garota...

Minha mãe, para seu crédito, não perde o ritmo. Ela não fica pegajosa comigo. Não respira pesadamente no bocal, nem começa a chorar ou empurra o telefone para o outro lado da sala.

Não.

Como se ela não tivesse um tumor cerebral terminal, como se nós tivéssemos conversado no dia anterior, como se não houvesse um elefante gigante sentado em cima dela, diz:

— Sempre tem. Qual é o nome dela?

Aimee

— Eu, por exemplo, acho que você deveria ligar para ele.

Eu olho por cima do meu livro e vejo Mara me encarando ansiosamente. Ela desliza para o banquinho ao meu lado e apóia os cotovelos no balcão de granito cinza escuro.

— Ligar para quem? — pergunta nossa mãe. Ela joga duas metades de uma casca de ovo rachada na lata de lixo. Está fazendo um monte de bolinhos de abóbora pela manhã.

— Cole — responde Mara. — Eu acho que ela deveria ligar e dizer que sente falta dele.

Mamãe concorda com a cabeça.

— Ele é um jovem muito atraente.

Eu levanto minhas mãos e abaixo minha cabeça contra o balcão.

— Ugh. Eu não vou ter essa conversa com vocês. De jeito nenhum.

Papai entra na cozinha.

— Do que não estamos falando?

— Não. — Eu encaro minha mãe e minha irmã. — Definitivamente, não.

Ignorando-me, mamãe o atualiza.

— Cole. Mara acha que Aimee deveria procurar o garoto e acertar as coisas.

— Mmm... — Papai acena com a cabeça uma vez e se senta à mesa da cozinha.

— Ugh! — gemo. — Não vamos ter essa conversa.

Mamãe aponta uma colher de pau para mim e diz:

— Lembre-se que a Dra. Bernstein nos disse que a comunicação é a chave.

— Então vamos nos comunicar. Vamos falar de outra coisa. Outra coisa!

Papai fala em voz alta.

— Eu li um artigo na revista Men's Health sobre caiaques e...

Mara o interrompe.

— Eu vi Daniel no campus no outro dia e conversamos sobre a situação.

— Isso faz minha cabeça girar.

— Você o quê?

— Daniel Kearns? — mamãe pergunta enquanto mede meia xícara de óleo vegetal.

— Sim. Se você se lembra corretamente, nós nos conhecemos no ensino médio. — Mara estala a língua e balança a cabeça. — De qualquer forma, Daniel concorda comigo. E nós dois decidimos que se você e Cole não se falarem em breve, teremos que fazer valer de nossa posição e forçar um encontro.

— Você não é minha mãe, Mara — eu digo, enrolando meu cabelo no dedo.

Mara toca as pálpebras.

— Você sabe o que eu quero dizer. Daniel me disse que Cole ainda está com o coração partido.

A testa da mamãe se enrugou, e ela franze a testa.

— Pobre garoto.

— Mãe, não é... — Um barulho alto me interrompe.

— O que...

Você pensaria, pela maneira como os membros da minha família reagem ao som da campainha, que somos coloniais e esta é a véspera da invasão britânica.

Mara grita. Mamãe deixa cair a colher de pau que está segurando.

— O que é isso? — este é o meu pai, verificando o relógio digital acima do fogão, franzindo a testa.

Minha mãe leva a tigela de volta para a ilha central em frente à pia.

— Não responda, Carl.

— Por quê? — eu interrompo, saindo da banquetta do bar mais por instinto do que por curiosidade.

Mamãe passa a colher de pau embaixo da torneira, limpa as mãos no fundo do avental e dá de ombros delicadamente.

— Podem ser ladrões.

— Ladrões tocando a campainha?

— Nunca se sabe.

Papai a ignora e caminha até o vestíbulo comigo em seus calcanhares. A campainha soa novamente.

— Estou indo! — ele grita, tocando a fechadura com a mão esquerda.

— Shhhh! — Mara está se empurrando nas minhas costas.

— Shhhh, *o quê?* Eu não entendo por que estamos tão nervosos. Olho por cima do ombro e vejo Mara e mamãe rastejando atrás de mim, costas contra

costas, ombros curvados para frente como aspas.

— Oh. — Mamãe muda de expressão, e este é o meu primeiro aviso. O suspiro de Mara é o segundo.

Nervos aumentam, meu estômago se revira, arrepios tocam minha pele, eu giro meu pescoço e olho.

Um. Dois. Três. Respirar.

É o Cole.

Eu não consigo acreditar, mas é claro que é o Cole.

Ele realmente está de pé aqui, exatamente diante da minha porta da frente, com seus cabelos louros parecendo mais louros e seus olhos verdes parecendo mais verdes e seu corpo musculoso parecendo mais musculoso do que nunca.

Eu sou hiper consciente de cada respiração, cada vibração de ar que passa no espaço entre nós. Cole move um pouco a boca e sinto um formigamento de resposta abaixo do meu umbigo.

Minha mãe é a primeira a quebrar o feitiço mágico e falar.

— Cole, que bom ver você — diz ela, movendo-se para frente e puxando minha mão enquanto passa.

Suas palavras parecem colocar o resto do clã Spencer em movimento. Papai começa a falar sobre seu novo caiaque (qual é a dele com esse caiaque?), Mara diz alguma coisa sobre as provas do semestre. Mamãe balança a cabeça apropriadamente e alisa muito as suas roupas.

Isso é surreal. Estou quase com medo de piscar os olhos, mas faço isso e minha fé é recompensada pelo fato de que ele simplesmente não... evapora. Ele ainda está de pé aqui, na minha casa, apoiando o peso do corpo em uma perna, as mãos enfiadas nos bolsos, conversando com a minha família como um ser humano normal, mantendo os olhos em mim.

Um pensamento horrível me atinge. Minha mão se encaixa no ninho de rato que é meu cabelo sujo e meus olhos se dirigem para a velha camisa de acampamento que eu encontrei e enfiei por sobre a cabeça depois que cheguei em casa da piscina.

Ótimo.

— Hum.

Todo mundo se vira e olha para mim com expectativa. Eu tento de novo.

— V-vocês se importam se Cole e eu sairmos por um segundo?

Cole

Quanto mais tempo ficamos aqui olhando para a varanda da frente com um vento frágil ao redor dos pés e as estrelas piscando acima, mais a pressão aumenta.

— Como você sabia onde me encontrar? — ela pergunta.

— Daniel me deu seu endereço.

Posso dizer que ela está prestes a me perguntar outra coisa, mas não lhe dou a chance. Eu dirigi até aqui porque tenho algo a dizer e vou dizer.

— Eu quero fazer uma pergunta, mas, primeiro, posso falar por um minuto?

Aimee assente como se estivesse no piloto automático. Ela tem as sobrancelhas juntas e a boca franzida, e eu posso ver que todo o seu corpo está praticamente tremendo. Não tenho certeza se é um bom ou um mau sinal.

Eu respiro e deixo o ar sair devagar.

— Eu liguei para a minha mãe mais cedo — digo.

— Oh. — Ela coloca os braços ao redor de seu corpo. — O que aconteceu?

— Eu não sei — digo a ela honestamente. — Ainda não estamos bem, mas vamos ver. Foi ela que me disse para vir aqui te ver. Ela enfatizou que as garotas gostam de gestos românticos. Eu disse a ela que você não era como a maioria das garotas, o que é verdade. Mas então comecei a pensar que talvez ela tivesse razão.

Eu me lembro do nosso primeiro encontro oficial. Aimee disse que gostava de flores, e eu percebi que provavelmente deveria ter trazido algumas, chocolates, donuts cobertos com bacon ou algo assim. Ah, foda-se. Tudo o que tenho sou eu e vou continuar falando mesmo que isso me mate.

Digo:

— Antes de começar com todo o gesto romântico, preciso dizer que você foi uma idiota quando acabou com tudo.

Ela emite um som, e seus olhos reviram.

— Não me olhe assim — eu digo. — É a verdade, Aimee. Afastar-se de mim foi um péssimo negócio. Não preciso de espaço para descobrir as coisas ou me recompor. Não preciso de tempo, nem de um psiquiatra ou de um

padre. Eu preciso de você. Preciso de você como preciso de ar. E não pense que sou um bastardo dependente que quer te sufocar, porque não é assim. Não é. A verdade é que nós nos tornamos melhores. *Você* me faz melhor. Você me faz querer ser um homem melhor.

Ela olha para baixo e agarra a barra de sua camiseta.

— Cole...

— Não terminei ainda — digo, deslizando minha mão pelo meu cabelo outra vez. — Eu roubei esse discurso de um filme, mas você não sabia disso, não é?

Ela sacode a cabeça e morde o lábio inferior. Porra, esses lábios.

— Viu? Eu conheço você, Aimee Spencer. Eu te conheço por dentro e por fora. E você me conhece. Porra, você está tão impregnada na minha pele que é como se meus sentimentos não pudessem dar um passo sem tropeçar em uma parte de você — eu digo e me aproximo mais dela. Enquanto eu ainda estiver respirando, vou tentar. — Quero estar com você — digo a ela. — E isso pode ser egoísta da minha parte, mas nunca afirmei ser altruísta ou um bom sujeito. Talvez as circunstâncias não sejam perfeitas e talvez não façamos sentido o tempo todo, mas enquanto meu coração estiver batendo, e eu ainda estiver respirando, vou lutar por você. Eu tenho que tentar, porque naquele primeiro dia você não foi a única que caiu.

Respiro fundo, tentando controlar o turbilhão de palavras que se movem através de mim. Concentro meu olhar nela, naquela sarda em sua bochecha.

— Agora eu tenho que te fazer uma pergunta.

— Ok...? — sua voz é suave e instável.

É isso.

Um. Dois. Três. Quatro. Cinco. Seis. Sete. Respirar.

Sem pensamentos.

Sem preocupações.

— Depois de tudo – o bom, o ruim, o intermediário... Se eu te dissesse que te amo, o que você diria?

Aimee

O amor é uma escolha.

Cole está em pé como uma estátua, ainda olhando para mim com intensidade. Sua pergunta reverbera em meus ouvidos. *Se eu te dissesse que te amo...*

— Eu diria que me amar é uma má ideia.

Tudo o que temos são momentos, então não o faço esperar muito, talvez um segundo ou dois.

— E então eu diria a você que eu também te amo — digo a ele. — E eu provavelmente declamaria um soneto ou qualquer outra coisa igualmente extravagante.

Seus olhos se arregalam, e ele adquire uma expressão especial em seu rosto. Deus, eu amo esse olhar.

— Verdade?

Meu encolher de ombros é trivial, como se eu não estivesse me debatendo em uma poça. Cole Everly veio à casa dos meus pais, colocou seu coração na palma da mão e o ofereceu para mim. Eu diria que é uma façanha da natureza que eu ainda consiga me manter de pé.

— Isso é hipotético, certo?

Cole mantém seu olhar fixo no meu enquanto dá outro passo para frente. Agora está tão perto que posso ver meu reflexo brilhar na superfície de seus olhos e sentir o calor saindo de seu corpo.

— Definitivamente hipotético — diz ele, estendendo a mão para tocar a minha. Um por um, ele entrelaça os dedos nos meus, dizendo-me com o seu toque o que ele sente.

— Bem, então... — Eu olho para o meu braço nu. Está coberto de arrepios e tenho certeza de que todo o meu corpo está tremendo como um chihuahua. — Sim, eu faria. Provavelmente Shakespeare. Você sabe, tipo, "devo comparar você com um dia de verão" ou algo assim.

— Shakespeare? — sua voz é tingida de admiração. Ele levanta a outra mão e cuidadosamente afasta meu cabelo do meu rosto.

— Shakespeare — eu confirmo, engolindo em seco.

Nós nos olhamos por um longo tempo, mal nos tocando, sentindo os batimentos cardíacos entre nós e através de nós. Penso sobre essas linhas, aquelas que se enroscam no espaço entre elas, enrolando-se, amarrando-nos juntos. Eu penso no ritmo do coração de Cole e o previsível whoosh de sua respiração quente se movendo pela minha pele. E penso em Jillian batendo na minha caixa torácica para me avisar que ela aprova. *Você ouve esse som?*

— Venha aqui — diz ele enquanto desliza a mão para a parte de trás do meu pescoço, me puxando contra seu corpo.

— Finalm... — Eu não consigo terminar porque Cole está me beijando, me queimando, entregando as palavras com a sua língua. Eu caio sobre ele — bem, eu acho que caio. Certamente não estou mais me sustentando. Registro o braço de Cole com força em volta da minha cintura e a outra mão descendo pela lateral do meu corpo, puxando meu joelho esquerdo para cima. *Oh, Deus. Oh, Deus.* Enquanto ele continua a moldar vorazmente seus lábios aos contornos da minha boca, eu me inclino para trás até que minhas omoplatas estão pressionando a madeira fresca da porta da frente.

— Puta merda.

Eu nem sei qual de nós murmurou.

Respirando forte e rápido, ele se afasta da minha boca e pressiona o rosto contra o meu cabelo.

— Seus pais estão bem atrás dessa porta e, se eu não parar agora, não vou parar nunca mais.

Seu polegar ergue a borda da minha camiseta para traçar a linha da minha espinha. Eu inalo o cheiro dele e é como lembrar as letras de uma música que você esqueceu que sabia.

— Hummm — ele suspira roucamente, espelhando meus pensamentos.
— Cloro. Eu amo o cheiro de cloro.

Cole

Acabei comendo o jantar de Ação de Graças com a família de Aimee. Quando sua mãe percebeu que eu não tinha planos, ela insistiu para que eu ficasse. *No quarto de hóspedes*, seu pai foi rápido em apontar.

E eu não vou mentir. Ação de Graças foi um pouco estranho. Daniel passou para agradecer Aimee por ter ido falar com sua mãe. Então ele ficou para a sobremesa. Foi estranho. Mas era estranho e maravilhoso e todo nosso.

— Você sabe — eu digo, olhando para ela. Estamos na minha caminhonete dirigindo de volta para a casa dela. — Se você continuar olhando para mim assim, você vai me arruinar.

Ficar fora do quarto dela ontem à noite foi um testemunho da minha força de vontade. Cada centímetro do meu corpo estava queimando. Acho que posso ter deixado uma pilha de cinzas na cama do quarto de hóspedes.

— O que você quer dizer?

— Isso — eu digo e aponto com um dedo. — Aí. Essa mordida de lábio. Eu acho que você está ciente de que me deixa louco e está usando isso contra mim. Nós não vamos nem chegar à sua cama.

Aimee pisca inocentemente.

— O que... isso? — ela pergunta, chupando o lábio inferior. — Isso te incomoda?

Eu rosno. Realmente rosno.

Logo antes de nos sentarmos para o jantar de Ação de Graças, puxei Aimee para o corredor e sussurrei em seu ouvido todas as coisas que planejava fazer quando tivesse a chance. Acho que posso até ter lambido o pescoço dela. Não tenho certeza já que as coisas tendem a ficar um pouco nubladas quando estou perto dela.

A boa notícia é que ela não hesitou em anunciar à sua família que íamos voltar para o campus cedo para... "*hm, estudar*". Eu juro que o pai dela pareceu um pouco enjoado e eu realmente não o culpo. As coisas que pretendo fazer com ela esta noite...

— Eu não estou brincando — digo a ela.

E não estou mesmo.

Aimee

Cole está certo. Nós nem sequer chegamos à cama.

Ele está em mim antes que eu possa chutar a porta da frente. Seus dedos agarram a minha cintura, lutando contra o meu zíper, ansiosamente arrancando minha calcinha pelas minhas pernas.

Acho que faço um som quando caímos no chão, mas me distraio com o peso do corpo dele pressionando o meu em todos os lugares certos. Pego a parte de trás de sua camisa e a puxo, pressionando meus dedos na carne da parte inferior das costas.

— Eu preciso... — choramingo. Deus, eu pareço insana, como se estivesse sendo puxada pelas costuras.

Cole me beija, captura minha respiração com a boca me diz que ele também precisa de mim. *Como o ar*, ele me lembra.

Mais tarde, quando conseguimos remover todas as nossas roupas e chegar à minha cama, faço uma pergunta que está incomodando meu cérebro.

— Então, qual foi o filme?

Eu estou de barriga para baixo e ele está ao meu lado, apoiado em dois travesseiros atrás das costas. Ele está segurando minha mão direita na frente de seu corpo, desenhando círculos preguiçosos no vale entre cada dedo.

— O que você quer dizer? — pergunta ele.

— O que você citou para mim mais cedo — eu explico.

Cole se remexe, e o lençol cai de modo que o topo corta uma linha através daquele V entre seus quadris. Meu Deus.

— *Melhor é impossível* — diz ele.

Eu puxo minha mão e começo, logo acima da borda do lençol, a lentamente rastejar meus dedos em seu peito como uma aranha.

— Não vi esse.

Ele rio e assisto minha mão se mover com seu corpo.

— É basicamente sobre um cara com TOC que conhece uma mulher que deixa sua vida completamente de cabeça para baixo.

— Então você acha que é verdade?

Cole sorri e me puxa totalmente para cima dele para que ele possa ver meu rosto.

— O que é verdade?

— É impossível ficar melhor?

Ele pensa sobre isso.

— Honestamente, Aimee? Eu não tenho certeza se meu corpo aguenta muito melhor do que isso — diz ele e leva a boca quente ao meu pescoço. Eu estremeço em resposta.

Desço um pouco mais até que meu rosto esteja nivelado com seu umbigo. Deslizo minha língua sobre sua pele lisa, e ele geme.

— Eu não terminei — sussurro, afastando-me para traçar as palavras em sua coxa. Nossas palavras. *Isto é real*. — Sabe — eu continuo. — Acho que você pode aguentar mais. Você é jovem. É um atleta. Ouvi dizer que os corredores têm grande resistência.

A respiração de Cole está ficando acelerada agora. Ele está lutando para

manter os olhos abertos e treinados em mim.

— Hum — ele consegue. — Por que não tiramos a prova?
Então nós fazemos.



Epilogo

— **O** *Motim dos Corvos*. É um livro sobre diferentes facções de aves em guerra, cada uma com a intenção de assumir o controle do ninho.

Ela enfia o rosto na curva do pescoço dele e ri baixinho. Ele sente a umidade de sua boca contra sua pele e instintivamente inclina sua mandíbula para ela. A voz do piloto vem de cima, e os dois se separam e ficam olhando para onde os comissários de bordo estão fazendo o discurso de segurança na frente da cabine.

Cole se esforça para respirar. Infelizmente, a senhora sentada ao lado dele prescreve a ideia de que o banho completo de perfume é perfeitamente aceitável. Ele arfa, gagueja, olha para a namorada com os olhos arregalados e as narinas abertas.

Ela revira os olhos e espreita por cima do ombro para a mulher mais velha com a calça marrom de sarja e uma blusa com estampas laranja. O avião está cheio. É pouco antes das férias, então ele acha que as pessoas estão fazendo visitas aos entes queridos, indo para casa. *Casa*. É para lá que ele e Aimee estão indo. Para a casa de Nebraska. Lar de seu pai e irmã. De sua mãe. O desconhecido.

Energia nervosa se agita profundamente dentro dele, mas pelo menos ele não está correndo e pelo menos ele tem Aimee. Ele pega a mão dela e a vira para que possa traçar as linhas gravadas na palma da mão dela.

Primeiro eles fazem duas paradas. Uma em Atlanta e outra em Dallas, e não chegarão à sua casa até quase meia-noite, e isso contando que todos os voos sigam no horário. Mas o pai dele está pagando o custo das passagens para os dois, então Cole não vai começar a reclamar sobre o plano de voo

agora. Ele não vai reclamar por ter que passar mais tempo com Aimee, mesmo que isso signifique estar enfiado em um tubo de metal brilhante que vaga pelo céu. De jeito nenhum.

— De volta ao jogo. Eu também tenho *Harry Potter*. — Ele bate na cabeça com a mão livre. — Agora você está me devendo dois.

Aimee deixa seus olhos deslizarem para o topo da cabine do avião e de volta para o rosto de Cole.

— Ok, espertinho. Que tal... *Clube da Puta*.

O motor geme sob eles quando o avião atinge a pista. Ele sente a ligeira pressão dos dedos dela se apertando ao redor dos dele.

— Não, não, não. Isso é um filme.

— Não... foi um livro primeiro.

— Hã.

O olhar em seu rosto só pode ser descrito como presunçoso.

— Então, você não sabe tudo no fim das contas?

Ele procura seus olhos e sorri.

— Aparentemente, não.

— Bem, eu nunca paro de me surpreender — diz ela e se inclina para trás em seu assento. Ela segura a mão dele contra o peito enquanto eles se levantam. — Você sabe, nós poderíamos jogar o jogo com filmes também. Vamos ver... *Couro Envelhecido*, *Algozes e Furiosos*, e... *Procurando o Emo*. Essa é sobre duas garotas que se apaixonam por um cara emo. Elas se unem para encontrá-lo quando ele desaparece e uma improvável amizade se desenvolve.

As covinhas se aprofundam. Ele pode senti-las cortando suas bochechas.

— Podemos ficar nisso para sempre, sabia?

O mundo escapa debaixo deles. Os verdes e marrons são substituídos por um azul tão completo e verdadeiro que quase rouba sua respiração.

Aimee ergue uma sobrancelha para ele e pergunta:

— Isso vai ser um problema?